

Pedro Caldari



**Memória
da
Vila III**

Instituto
Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

Pedro Caldari

Memória da Vila – III

INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE PIRACICABA

Copyright @ 2015 by Pedro Cardari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Caldari, Pedro.

Memória da Vila Rezende III / Pedro Caldari. Piracicaba, SP
: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2015.
222 p.; 21 cm.

ISBN: 978-85-65657-07-5

1. Piracicaba (SP) - História I. Título

CDD 981.61

Índices para catálogo sistemático:

1. Piracicaba (SP) - História

Comissão de Publicação Editorial

*Almir de Souza Maia
Edson Rontani Júnior
João Umberto Nassif
Laura Alves Martirani
Vitor Pires Vencovsky*

Fotos

Acervo IHGP, exceto onde indicado.

Revisão

Beatriz Helena Vicentini

Capa

Genival Cardoso

Editoração Eletrônica

*Audaxia Agência Gráfica
audaxial@gmail.com
(19) 3927-3974*

APRESENTAÇÃO

A Vila, com paixão e intimidade

Vítor Pires Vencovsky

PRESIDENTE DO IHGP – 2012 / 2016

Com muita propriedade, Pedro Caldari apresenta nesse seu terceiro volume de Memória da Vila muitas histórias que caracterizam um dos bairros mais importantes de Piracicaba.

Para muitos, o bairro da Vila Rezende é aquele que fica além do rio Piracicaba, em que o acesso somente é possível com a utilização de pontes. Para o autor, trata-se do bairro mais significativo pela grande contribuição para a história da cidade.

Foi na Vila Rezende que se instalaram os pioneiros que fundaram a cidade de Piracicaba. Mais recentemente, foi nesse bairro que imigrantes, em grande parte italianos como Caldari, iniciaram suas empresas que se transformaram em grandes indústrias de renome nacional e internacional.

Como destaca o autor, o bairro é importante até mesmo no nome, resultado da homenagem ao ilustre Barão de Rezende.

Sem economizar adjetivos, como “terra maravilhosa, parte sagrada de Piracicaba”, o autor registra as qualidades e feitos da Vila Rezende em mais de 70 capítulos, com diálogos e textos de fácil leitura e ricos em informação.

A referência para a elaboração desse livro resulta de sua experiência de vida, em que os registros e fatos foram sendo organizados ao longo do tempo e transformados em histórias coerentes e interessantes. Por ser um bom contador de histórias, a elaboração do livro foi muito facilitada.

Como não poderia deixar de ser, o autor é um grande defensor do bairro Vila Rezende. Essa sua paixão é descrita com conhecimento de causa e transcrita com coração vilarezendino. Seu texto agradável revela sua intimidade com o bairro e seus moradores, resultando numa homenagem às causas e símbolos piracicabanos.

Incansável e com grande dedicação, Pedro Caldari presentearia os piracicabanos com mais uma obra que entra para a história de Piracicaba.

Histórias pessoais, histórias de todos nós

Beatriz Vicentini

A memória sempre nos engana. Impossível nos lembrarmos de algum fato sem nele colocarmos um olhar pessoal, uma emoção. Mas é exatamente na soma dos registros da memória das pessoas comuns que se faz a história das comunidades, que se recuperam pequenas atitudes que, somadas, recontam trajetórias que mudaram famílias, grupos, bairros, cidades.

Histórias pessoais na verdade falam sempre de um tempo, além de remeter às próprias pessoas que as viveram. E é sempre mais fácil às novas gerações entenderem as transformações e as mudanças da sociedade quando explanações são mediadas pelos sonhos e lutas de alguém que conhecem. Afinal, não é muito mais interessante alguém ler sobre a história de avós, tios, ancestrais de quem já ouviram falar ou pelo menos viram antigos retratos amarelados, e com eles entender como o bairro, a cidade, a região era um século atrás? É exatamente isso que faz com que nos interessemos em ler, em ouvir alguns relatos e não outros: o fato de nos identificarmos com as histórias – ah! e se conhecemos ou se já ouvimos falar, se nos sentimos próximos de alguém que as povoa, então fica muito melhor ouvi-las, ler sobre elas, querer mais e mais. Caminhar

pelo passado envolvendo-se em histórias pessoais, detalhadas em risos, lágrimas, decepções, vontades, sonhos, é a melhor maneira de absorver dele o que houve de melhor.

É exatamente isso que a série de livros “**Memória da Vila**”, de Pedro Caldari, têm feito. Agora em seu terceiro volume, escrevendo com a paixão de quem sempre amou cada esquina daquele bairro, cada árvore, cada casa que já nem existe mais, cada bonde que passava, e sabedor de detalhes das famílias que cresciam, de quem morria, quem chegava, quem viajava, Pedro Caldari fala também de costumes, de desenvolvimento econômico, de educação e religiosidade, de esportes e de lazer. Mas de um jeito que nada tem de chato para se ler: aparentemente são apenas histórias pessoais, de alguém já com mais idade que se lembra e que até pode ser chamado de saudosista. Uma leitura mais cuidadosa perceberá nas entrelinhas o conteúdo de quem está deixando a história da Vila Rezende registrada na maneira mais prazerosa que escritores poderiam encontrar para fazê-lo: através de histórias reais, de gente que amou, chorou, se esforçou, muitas vezes chegou onde queria, e outras nem tanto. Gente que, no entanto, foi quem construiu e fez a Vila Rezende ser o que é hoje. Impossível olhá-la, depois de ler mais esse volume – e também os anteriores -, como antes.

Piracicaba, setembro de 2013.

Quase 15 anos depois, o terceiro volume

Em 1990 escrevi, a pedido, uma leve crônica sobre a Vila Rezende, para contar um pouquinho das coisas boas do meu bairro querido. Trinta dias depois, ou melhor, dormindo pouco durante trinta noites seguidas, estava eu com o primeiro volume de um livro que ousei titulá-lo de “Memória da Vila”.

Em 1991, ainda no embalo, complementei-o com o volume dois, recolhendo aquelas que considerava como lembranças remanescentes, afinal, não era eu o único a escrever sobre a Vila Rezende. E o resultado foi um fato inédito: Piracicaba registrou o lançamento simultâneo de dois livros de memória sobre um único bairro.

O tempo passou, deixando-me mais velho, com os cabelos mais brancos e em menor quantidade, com a magreza de sempre e, por certo, com a teimosia acentuada. A lamentar? Sim, pela inexorável perda de amigos e companheiros diletos, que se foram para sempre.

Dizia-me o caro Babico Carmignani: – “Pierim, ocê é vilarezendiño incardido, mesmo! Teimoso feito uma mula! Tá aí de novo...”. – Pois

é... tô resolvido: eis o terceiro volume da Vila! Ofereço-o aos prezados leitores no firme propósito de contribuir para o enriquecimento cultural da minha querida cidade, e bairro em especial, com as lembranças e dados adicionais ao trabalho que iniciei em 1990.

Boa leitura. Tchau!...

O autor



Ponte de Madeira, atual ponte do Mirante.

1

– Não me diga que é o que tô imaginando!... ocê tá pretendendo vortá a escrevê da Vila?!

– Eh, eh, eh... ocê percebeu, é?! Eh, eh, eh...

– Óia, inté que seria bom, mesmo... depois d'ocê, o falecido Dr. Alcides Aldrovandi, nosso grande amigo vilarezendino e querido médico dos pobres, discípulo do maior de todos os tempos, Dr. Samuel de Castro Neves, foi o último a escrever lembrando do bairro, aliás, o único da cidade que guarda identidade própria capaz de rivalizar com a própria história do município todo e que ganha notoriedade de além fronteiras projetando-se através dos seus filhos e dos produtos de seu parque industrial...

- É nesse tal parque, não se esqueça da cana-de-açúcar, ou seja, das usinas de açúcar, de álcool, de aguardente...

–... é, é!... da “pinguinha”, né?

–... do Nelo Sabadin e irmandade, lá das bandas de Godinho, Guamium, Água Santa, Cruz Caiada, Capuava, Santa Olímpia, Tanquinho, Capim Fino...

– Xii, mecê misturô tudo! Vai devagar! Eh, eh, eh... bastô só falá da pinga i dezandô!

– Verdade, é a tar coisa, né?! O escritor é ocê e eu tô metendo o bico onde não devo e nem tenho competência pra tá falando coisa aproveitável... no máximo, posso lembrar algum fato interessante, meio esquecido ou até não conhecido pela comunidade, principalmente mais jovem. Isso me faz citar a importância de seu trabalho e do saudoso amigo médico, de colocar no papel essas lembranças de um passado que nos é tão caro e de fundamental valor à história da cidade e da região, pois sem tal iniciativa, a memória se perde definitivamente, com irreparável prejuízo.

– Pois é... À medida que a velharada vai dependurando a chuteira e entregando o boné, algumas preciosas páginas do passado são levadas pelo vento que sopra em direção do mundo do esquecimento total. Lá, na escuridão da memória popular, a única forma de salvação inexistente às abstrações da mente humana, diferente dos objetos que materializam em si a identidade em relação a algo histórico, a um feito artesanal ou artístico significativo.

– Meu amigo, gostaria de poder ajudar mais nesse seu propósito. Tenho lembranças de pessoas e de acontecimentos que conheci e que vivenciei. Não digo que seja eu o único capaz de testemunhá-las perante você, mas as creio válidas e oportunas.

A conversa entre dois velhos amigos velhos, companheiros de tantas andanças – de outro tanto de participações cotidianas naquela comunidade, a Vila Rezende, não terminava ali, apenas interromper-se-ia para prosseguir mais adiante, assim que se desvencilhassem de seus afazeres pessoais indeclináveis.

– Vejo-te mais tarde. Tchau!

– Tchau, bello! Eh, eh, eh...

2

– Você soube quem morreu?

– Não. Quem?

– O Bartolomeu!

– !?!

– Eh, eh, eh... Só não acrescentei o resto da “pegadinha” em respeito ao leitor destas anotações, mas seria válido só para registrar aqui as brincadeiras, muito em voga naquela nossa época de crianças e até quando já rapazes formados. A molecada vilarezendina, na maioria de famílias italianas, portuguesas, espanholas, caboclas e até africanas - isto mesmo, africanas, descendentes diretos de negros escravos que aqui foram introduzidos para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar, nos engenhos de açúcar batido, precursores das usinas e grandes centrais sucroalcooleiras - tinham esse tipo de brincadeira com o único propósito de provocar gostosas risadas e desencadeamento de uma enorme série de pegadinhas. Nossos amigos “negrinhos” não se importavam com o fato de chamá-los de “pretinhos”, de “crioulos” e nem seus pais serem tratados habitualmente na base de “negrada, pretada, crioulada”. Não havia, portanto, o tal sentimento de discriminação racial capaz de gerar constrangimentos e consequentes conflitos sociais.

– Vivíamos em uma comunidade operária, de trabalhadores braçais, composta por gente pobre em sua maioria, com um nível educacional, ou melhor, com uma escolaridade quase nula, mas com diferentes níveis culturais em função de suas origens, que devem ser levadas em consideração na análise desse núcleo social. Dessa mescla de nacionalidades e de raças vem a propagada miscigenação do povo brasileiro, onde a mestiçagem é uma realidade que comprova a superação das diferenças étnicas e até as resistências políticas, religiosas e também ideológicas. Micro-regionalmente, a nossa Vila propiciava-nos uma convivência não só pacífica mas, principalmente, saudável, solidária e progressista. No entanto, há de se admitir e de se reconhecer, sem sombra de dúvida, a prevalência da nacionalidade italiana sobre as demais em função da sua superioridade numérica na formação e no desenvolvimento populacional do bairro.

– É, a italianada mandava brasa! Eh, eh, eh... a quantidade de filhos impressionava, sendo comum as famílias ultrapassarem a média de além-rio, isto é, da outra parte da cidade dividida pelo rio Piracicaba. Era comum casais terem mais de dez “bambinos”, todos sadios e fortes, que logo cedo iam às ruas ainda de terra que, curiosamente, na Vila eram todas denominadas de “Avenidas” e invariavelmente arborizadas.

Os negros eram poucos e quase todos viviam nas áreas extremas do bairro em moradias modestas, mesmo à época, e seus hábitos beiravam à pobreza franciscana, sem exceção. As famílias brancas operárias não diferiam muito de suas conterrâneas contemporâneas. Sempre é oportuno lembrar que a imigração européia para o Brasil, ao final da escravatura negra, principalmente de italianos, se fizera com a finalidade de substituir a mão de obra, recém-liberta, no trabalho bruto nos cafezais e na atividade açucareira. Os italianos, na agricultura e nos engenhos, seriam os negros de pele branca, nada mais.

Tive e tenho, até hoje, amigos negros, com muito orgulho e enorme satisfação pelos seus exemplos de lealdade, desprendimento e fidelidade. Grandes companheiros.

3

A história da Vila Rezende não está certamente contada ainda, apesar dos livros já lançados e dos inúmeros trabalhos publicados na imprensa piracicabana e nos catálogos e folhetins técnicos difundidos pela iniciativa privada, materiais estes que também se prestam à formação da memória e de uma comunidade. Um companheiro me fizera essa observação: “Pedro, hoje se levantam os fatos históricos de tudo, ou seja, nós encontramos subsídios importantes quão valiosos até em um modesto ‘amontoado’ de livros prestes a ser descartado como ‘inutilidade’ e que, no entanto, se examinado, é de grande valor”.

Quando me propus a escrever sobre a Vila, convidei amigos e conhecidos do bairro e da cidade a colaborarem comigo, mediante o fornecimento de informações, documentos, recortes de jornais e revistas, fotografias, principalmente relacionadas com a vida dessa comunidade que nos é tão cara e de uma importância expressiva na própria história da cidade de Piracicaba. A Vila é o berço da primitiva povoação que se instalou à margem do majestoso rio, na sua várzea direita logo abaixo do magnífico salto que lhe resultaria no próprio nome genuinamente brasileiro – Piracicaba, que na língua indígena significa “onde o peixe chega e pára”. Mais adiante, registramos detalhe explicativo a seu respeito, reportando-nos a trabalho do saudoso Prof. Júlio Soares Diehl.

O rio Piracicaba praticamente abraça boa parte das colinas que constituem o centro do município e se faz privilégio, ou melhor, bênção como valioso manancial e, ao mesmo tempo, um ornamento de exuberante beleza. Não se trata de um rio pequeno, em extensão e volume de água, mas sim de um dos mais belos e ricos rios brasileiros. E tem mais: bem no coração da cidade, o rio é cortado, de uma margem a outra, transversalmente, por uma formação de rochas vulcânicas de milhões de anos, que, à semelhança de degraus disformes, dão ao colossal leito caprichosamente talhado o desnível responsável pela violenta precipitação de grosso caudal carregado com as cores da terra roxa diluída, fazendo-o explodir estrondosamente nas enormes pedras.

Creio oportuna a inclusão nesta página do artigo “Piracicaba, rio e cidade”, que publiquei no Jornal de Piracicaba, em 05/11/2008:

“Professor Júlio Soares Diehl, piracicabano brilhante, proferiu no ano de 1969 uma conferência de profundo significado cultural sobre Piracicaba, sua grande e confessa paixão às virtudes e belezas de sua terra natal. A professora Marly Therezinha Germano Percin, quando presidente do IHGP, resgatou esse trabalho valioso, no qual buscamos subsídios esclarecedores sobre o nome de nossa cidade: PIRACICABA.

O professor Diehl, ao discorrer minuciosamente as incursões habituais feitas ao longo do Córrego Itapeva e do Rio Piracicaba, desde sua meninice, lançou luz à elucidação do nome que, do rio, aplicou-se também na cidade que se fundou às suas margens.

E é nesse trabalho que hoje vamos nos pautar para entender me-

lhor o significado da palavra “piracicaba”, de origem genuinamente indígena brasileira – tupi-guarani – e então usada para designar e denominar o local de rio onde a formação rochosa natural corta seu leito dividindo o curso das águas sob a característica de salto ou de degrau, escada ou de cascata, enfim, de uma barreira natural a forçar a precipitação das águas sobre o colosso de rochas dispostas em sucessivas camadas sobrepostas disformemente. Os índios paiaguás, habitantes da privilegiada região, designaram o nome de PIRACICABA apenas ao salto, como sendo o sítio ‘onde o peixe (PIRÁ) + (CICABA) onde chega e pára’ e, graças aos degraus de pedra, os peixes logram vencer o obstáculo e seguir na subida do rio.

‘Piracicaba, corruptela de PIHÁ – CIQUABO – de degrau em degrau, aos golpes; de PIHÁ – degrau, escada; de CI – partícula distributiva; QUÁ – golpe – e BO – breve, para exprimir o modo de estar; é pronunciado PIHÁ – CI – CA – BO; alusivo a caírem as águas aí, de degrau em degrau, e as quedas espumando’. É errônea, portanto, a tradução ‘onde o peixe chega e acaba’ ou, simplesmente, ‘lugar em que se acaba o peixe’.

Outros dois fatos pouco difundidos: o rio, salto acima, chama-se ‘ATIBAIA’ e, salto abaixo, ganha o nome do salto: ‘PIRACICABA’; outro é sobre a predominância das águas, em volume, sobre as do rio Tietê, o que torna este afluente do rio Piracicaba diferente, portanto, do registrado nas cartas geográficas.

É de extraordinária beleza o minucioso relato do professor Diehl das paragens de seu amado rio e também do riacho (córrego) Itapeva, ambos descritos com a alma do apaixonado conhecedor de suas peculiaridades geográficas e características ambientais, que nelas se deteve não tão somente com os olhos de casual passante, mas sim com a acuidade do admirador cativo.

A cidade, nascida à margem direita, na aprazível várzea da Vila Rezende atual, 17 anos depois de 1º de agosto de 1767, por ordem e vontade do Capitão Povoador Antônio Correia Barbosa, seria mudada para a margem esquerda e delineado o seu desenvolvimento urbano (7 de julho de 1784 a 31 de julho de 1784).

Sentimo-nos felizes toda vez que falamos e que nos falam sobre a nossa terra e a nossa gente, das suas coisas boas e belas, tanto

físicas como abstratas, enriquecedoras e enaltecidas, de grandiosas dimensões, profundidades e sutilezas que só são encontráveis nas raras conjunções dos elementos que a mãe-Natureza generosa e gentilmente nos proporciona. Pena que o homem, com demasiada frequência e extremado abuso, tantos males cause a si e aos seus semelhantes na busca egoísta de insaciáveis satisfações de desejos puramente materiais individuais, esquecendo-se do dever de preservar o meio-ambiente e de priorizar o bem-estar social em harmonia e em paz com sua própria consciência.

E aqui deixamos um convite a você, caro leitor: as páginas do querido JP dará guarida a fatos interessantes da história de Piracicaba de seu conhecimento e que mereçam ser divulgados à comunidade, como esses do dr. Diehl. Há, a propósito, muita curiosidade sobre a lendária figura de Antônio Correia Barbosa, controvertido personagem da criação da cidade, quase que desconhecido pelos piracicabanos. É nossa intenção discorrer sobre ele dentro em breve, neste precioso espaço do JP.”

4

Paiaguás ou Caiapós?

Por muito tempo vários cronistas e historiadores discorreram sobre os primórdios desta região, tendo-a como de importância estratégica às incursões sertão adentro em busca das minas de ouro de Cuiabá e de colonização de um vasto e rico território pela qualidade da terra e diversidade de sua flora bem como da fauna, principalmente com relação ao rio, piscoso e acessível à navegação que se fazia à época por meio de canoas construídas das madeiras que a própria floresta local produzia. Daí atribuir-se aos Paiaguás a condição de habitantes dessa banda, cuja fama de canoeiros tendia a excelência e ao domínio das profundezas do sertão por onde os rios se embrenhavam, muito antes das aventuras protagonizadas pelos valentes bandeirantes paulistas. Em outra vertente, há os Caiapós, numerosos e bravios

brasilíndios que efetuaram enfrentamentos às tropas portuguesas, sem temor ao poderio de suas armas de fogo, causando-lhes pesadas perdas humanas que, para tal contexto, significavam fragorosas derrotas.

Acreditamos na presença das duas nações indígenas nestas paragens, dadas a sua importância logística e as condições ambientais que a região possui até os dias de hoje. Imagine-as, pois, há trezentos e mais anos quando inexisteriam fatores adversos além dos da própria natureza.

– Ocê citava antes os Paiaguás, né?

– Sim, e até por simpatia... Afinal, o espírito de navegantes fluviais, de desbravadores dos sertões, sempre nos cativa mais, enquanto que o belicismo e a animosidade nos causam restrições ou cuidados maiores.

– Mas os Caiapós estariam defendendo o que lhes pertencia, não?!

– Sim, lutavam por algo que lhes era mais caro. Venceram muitas batalhas, mas viriam a ser dizimados a exemplo do que aconteceria por todo o país, provocando verdadeiro genocídio. A população indígena do Brasil, à época do descobrimento, era estimada em cinco milhões de almas e, cinco séculos passados, esse contingente não deve ir além de 10%, ou seja, quinhentos mil índios espalhados por todo o território nacional.

– Bem, com relação ao nosso bairro, a presença do índio deixou vestígios?

– Diz-se que, abaixo do salto, teriam sido encontradas urnas mortuárias, cerâmicas e instrumentos de pedra lascada, que estariam sob a guarda do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, e há citações de áreas consideradas sítios arqueológicos protegidos por leis preservacionistas. Todavia, no sentido histórico, pouco foi feito e, com o passar do tempo, só acumularemos prejuízos históricos e culturais.

– É. Como lhe disse, “memória histórica” não coloca votos nas urnas. Eh, eh, eh...



A navegação pela Companhia Fluvial Paulista teve início em 1873.

5

A historiadora piracicabana Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, filha do ilustre Otávio Teixeira Mendes, dentre seus preciosos trabalhos dedicados às causas da cidade e região, relata o surgimento dos “boias-frias”, no final da década de trinta no século passado, para as colheitas de cana-de-açúcar, algodão e laranja. Para nós, vilarezendinos, esse tipo de mão de obra sazonal teria sido utilizada muito antes, na apanha de café, inclusive com o fim da escravidão negra no Brasil no dia 13 de maio de 1888. A partir de então, os brancos e mestiços, a massa populacional pobre, seriam utilizados pelos senhores proprietários das terras produtivas – diversos tipos de lavouras, pecuária e engenhos de açúcar – dando origem à laboriosa classe de trabalhadores do campo.

– Ao “boia-fria” cabe um lugar de honra nas páginas da história,

tanto social como econômica brasileira, por exemplificar a capacidade de trabalho do homem brasileiro forjada sob as condições mais adversas – sol, chuva, frio, calor, má alimentação e a toda sorte de endemias – e que, com o fruto de seus sacrificados esforços físicos, é um dos pilares que sustentam a agricultura deste país.

– Gente briosa! Valente e forte.

– Apesar de migratória, pois parte dela se desloca de sua terra natal em busca de trabalho temporário, é capaz de se sentir integrada ao seu novo local com a mesma dedicação devotada ao berço querido.

– Graças a isso, temos a miscigenação tão propagada de nosso povo, pois através da união matrimonial, mesmo informal, as novas famílias vão se formando ao longo do tempo, dando novos perfis sociais e culturais.

– Não é à toa que se diz que a mulher brasileira é a mais bonita do mundo, né?!

– Eh, eh, eh... deixa pra lá! Isso é outra estória... A cana-de-açúcar, em Piracicaba, firmar-se-ia como a principal cultura explorada intensamente e de maior valor econômico. Vila Rezende, desde os primórdios da história da cidade, significaria o centro dessa atividade agroindustrial, galgando posições cada vez maiores no cenário nacional.

– Sucroalcooleiro... biodiesel... técnico e científico... meio ambiente, e por aí afora. Há muito a ser escrito sobre cada componente dessa complexa atividade que agora ganha projeção mundial por razões ambientais e econômicas globais.

– É, o mundo finalmente se dá conta de seus erros e da gravidade real da situação, conscientizando-se dos enormes prejuízos que o mau emprego do petróleo e a insana política de exploração dos recursos naturais, na verdade uma desenfreada devastação de florestas, de mananciais e do próprio solo agriculturável, por longo período consecutivo resultará à humanidade, chegando ao triste quadro geral a ser encarado por todos os povos: o planeta Terra pede socorro, urgentemente!

– A bioenergia é o elo que unirá o homem ao futuro do Universo e a poluição, literalmente, o ralo pelo qual escoar-se-à a vida terrena, inexoravelmente.

6

Francisco José da Conceição, Barão de Serra Negra, foi um grande vulto da história de Piracicaba, lançando suas raízes em solo profundo a fim de produzir os melhores frutos de sua respeitável estirpe. No Almanaque 2000, de Cecílio Elias Netto, pág. 93, extraímos “A descendência do Barão”, uma descendência, através de seus 10 filhos, que continuou influenciando por muito tempo nos destinos de Piracicaba. Eram eles:

1. Ana Cândida da Conceição, Baronesa de Rezende, casada com Estevam Ribeiro de Rezende, Barão de Rezende e filho dos falecidos Marqueses de Valença;
2. Dr. João Batista da Rocha Conceição, casado com Maria Nazareth Rocha, filha do Conselheiro Antônio Costa Pinto da Silva, cuja família viria a unir-se à dos Pacheco Chaves;
3. Dr. Francisco Júlio Conceição, casado com Ana Monteiro de Barros, filha de Rodrigo Antônio Monteiro de Barros;
4. Dr. Antônio Augusto da Conceição, casado com Laura Corrêa Conceição;
5. Manoel Ernesto da Conceição, casado com Maria (Baby) Rezende Conceição;
6. José Flávio Conceição, casado com Angelina Silveira Conceição;
7. Júlio Conceição, casado com Mariana Freitas Conceição;
8. Francisca da Conceição Corrêa, casada com Dr. Adolpho Corrêa Dias;
9. Angelina da Conceição Leitão, casada com Dr. Torquato da Silva Leitão;
10. Maria da Conceição Morato, casada com o Dr. Francisco Antônio Almeida Morato.

E no dia 2 de outubro de 1900, na sua fazenda Bom Jardim, em Rio das Pedras, faleceu o Coronel Francisco José da Conceição, Barão de Serra Negra. O comércio cerrou as portas e a bandeira brasileira foi hasteada a meio pau em todas as instituições. A seu pedido expresso, a

uma mortuária deveria ser um caixão modesto de indigente e carregado pelos seus humildes empregados e ex-escravos.

Os irmãos italianos radicados na Vila, Mateo e Caetano Carmignani, que dariam origem à Fábrica de Bebidas Carmignani e à caninha nacionalmente famosa Cavalinho, de Babico (João) Carmignani e descendentes dos referidos irmãos, foram alguns dos representantes da Societá Italiana que, agradecidos, carregaram o caixão do venerado cidadão.

Sogro do Barão de Rezende, este filho do Marquês de Valença teria seu nome perpetuado em uma longa avenida que nasce praticamente nas barrancas do rio Piracicaba, nas terras de seu genro e vai até o rio do outro lado (margem esquerda). De seu desprendimento e profundo respeito pelos pobres e humilhados, patrocinou com recursos próprios obras de caridade e assistenciais – Santa Casa de Misericórdia, Hospício Barão de Serra Negra, Hospital São Lázaro, Matriz de Santo Antônio, Societá Italiana de Mútuo Socorro e um sem número de famílias necessitadas no mais completo anonimato.

Sua vida exemplar, com mostras de gestos largos sempre voltados a favor da comunidade, refletir-se-ia na sociedade piracicabana e a nossa Vila seria influenciada pelas suas ações pessoais e familiares.

7

João Carmignani, professor, industrial, pecuarista, fazendeiro, rotariano...

– Babico, passarinho, vilarezendino, amante de um bom curió, né?!

– Eh, eh, eh... era capaz de empreender horas de viagem com amigos espremidos dentro de um automóvel só para num “discunfortar” suas “negaças”, cuidadosamente separados em suas gaiolas e protegidos por capas de pano de algodão feitas sob medida, que seriam usados para atrair os “nobres” pássaros canoros que habitavam os capões de matas nativas do interior paulista.

– Verdade, ocê falô tudo. Meu tio Eduardo, mais o Oriente Barbeiro (Spolidório), o Bergamin e outros apaixonados pelos curiós, que só ali no quarteirão eram quase uma dezena, seriam capazes de enormes sacrifícios para ter a oportunidade de ver os seus campeões postos à prova no terreno de caça, em “habitat” natural.

O caro amigo Babico, homem forte e jovial, faleceu no dia 24 de fevereiro de 2008, aos 84 anos de idade. Nasceu na Vila Rezende, em 1924, filho de Caetano Carmignani e de Rosa Zílio, ambos pertencentes às genuínas famílias italianas vindas para o Brasil na condição de imigrantes trabalhadores. O casal, além do menino João, teve os filhos Zelinda, Lucila, Albertina, Olga, Carlos, Alcides.

Babico e Dirce se conheceram provavelmente quando ainda crianças, como era comum à época na bucólica Vila, em meio aos parentes de ambos os lados de suas famílias – Bruzantin e Carmignani. A meninada ia lançando seus olhares misturados de amizade e de curiosidade à medida que crescia e se desenvolveria fisicamente, ganhando massa muscular e perfis novos, principalmente as meninas em função dos seios e das curvas de seus corpos.

– É... as italianinhas disputavam o interesse dos “gaviõezinhos”, assim chamados pela comunidade, por lembrarem a ave sempre à espreita de algo apetitoso, e, é claro, a beleza das meninas era um fato notável no bairro.

– Mas não para os moços da “cidade”. Ocê lembra bem, né?!

– Si lembro! I como! Os vilarezendinos não admitiam o namoro de suas “bambinas” pelos jovens de além-rio, pelo menos não pacificamente, e a irmandade se incumbia de aplicar alguns safanões nos mais atrevidos, retirando-os, inclusive, do interior dos bondes elétricos que serviam o bairro como único transporte coletivo.

– E a Dirce e o Babico se casaram. Ambos professores primários. Do feliz enlace matrimonial, nasceram os filhos Carlos, José Airton, Joadir, Denise, Adilson, Dirce, João.

– Joadir e João não se casaram.

– Os outros sim. O Carlos casou-se com a Elizete Aparecida Paulino; o José Airton, com a Fernanda Porreli; a Denise, com o Luciano Verdade; o Adilson, com a Simone Ramalho; a Dirce, com Jaime José Grizotto. E o número de netos passou de uma dezena e deverá ainda aumentar.

– O Babico chegou a dar aulas?

– Não, mas a Dirce sim, durante a vida toda, por vocação e dedicação ao ensino. O Babico assumiu a responsabilidade empresarial da família, acentuada com a morte prematura de seu irmão mais velho, Alcides – Toco – em um acidente automobilístico na antiga estrada de terra que ligava Piracicaba a Botucatu. Além da indústria de bebidas, havia a pecuária, com várias fazendas e milhares de cabeças de gado, da raça zebu, e os carneiros, uma espécie de reserva especial para leite dos apreciadores da famosa “carneirada” preparada de diferentes modos ou formas culinárias.

Sob o seu comando e auxiliado pelas não menos dedicadas irmãs, Lucila e Zelinda, na indústria a marca Cavalinho dividiria o mercado brasileiro de aguardente de cana-de-açúcar, rivalizando-se com a outra famosa Tatuzinho, dirigida pelo seu proprietário, Comendador Humberto D’Abronzio, também da Vila Rezende. As duas, juntas, deveriam atingir oitenta por cento do mercado de pinga, senão mais, até.

– Era pinga pra ninguém botá defeito!

– Nem “batismo”! A pinga da Vila merecia a fama de alto padrão de qualidade do produto, garantida no “fio-de-bigode” de seus donos, que faziam absoluta questão de inspecionar pessoalmente as partidas entregues pelos fabricantes em caminhões-tanque enormes, que atravancavam as avenidas Rui Barbosa, Dona Maria Elisa, Dona Lidia, Manoel Conceição. As aguardentes originadas de engenhos espalhados pelo interior paulista, depois de analisadas em seus laboratórios próprios, recebiam processamentos considerados “segredos”, ou seja, os adequados cuidados especiais que garantiam as tradições das respectivas casas.

– Interessante esse seu modo de expressar: casas, ao invés de empresa, de firma, de sociedade comercial...

– É o costume italiano. É como “vila”, é o sentimentalismo, herança cultural de nossa gente da velha Europa. Não é privilégio dos italianos, não! Nossos vizinhos de continente assim também se expressam, carinhosamente.

Quando nos ocupamos com as lembranças vilarezendinas, a preocupação está no resgate desses fatos cotidianos da comunidade nos séculos 19 e 20, quando ela conservava a tranquilidade e a paz

de um mundo não afetado pela movimentação que estaria prestes a disparar nos quatros cantos do planeta alucinadamente, como se tudo fosse se acabar no dia seguinte. Esta é a impressão que tenho hoje ao contemplar as transformações tecnológicas e sociais presentes em todas as sociedades contemporâneas, até mesmo em países subdesenvolvidos e economicamente pobres. Em quaisquer lugares, hoje o homem se conecta ao correio eletrônico, à telefonia celular, ao incrível universo da internet, palavra esta que nem é considerada como um neologismo tal a intensidade de seu emprego linguístico em todos os idiomas. Até as tribos indígenas, nos sertões brasileiros, se valem dos meios de comunicações computadorizados com espantosa naturalidade e intimidade.

– Xii, meu, eu sabia que ao falar do Babico, ocê desandaria todo! Eh, eh, eh...

João Carmignani foi um grande amigo de um número incontável de pessoas, de todas as idades e condições sociais, não só de Piracicaba. Em sua folha de serviço, no plano sobrenatural, deve ter ocupado um bocado de tempo do velho São Pedro, ao tê-lo que acolher na casa do Pai. Foi rotariano e católico apostólico romano devotado, apoiando e patrocinando as obras materiais e sociais de sua religião e de outras também; afinal, sua generosidade caritativa não distinguia credos e etnias. Encabeçou a família na construção total de um magnífico templo no complexo geriátrico do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, entidade piracicabana que abriga mais de quatrocentos idosos, assistencialmente modelar e em parceria incondicional com a Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, na verdade, a base espiritual que apoia os alicerces da obra e lhe proporciona solidez centenária. O Lar foi fundado em 26 de agosto de 1906 por Pedro Alexandrino de Almeida. Mais adiante, daria substancial contribuição financeira às obras de construção da Igreja Matriz da Imaculada Conceição, e de seu torrão natal emolduraria com o monumental vitral multicolorido o seu altar-mor.

Na vida rotária, sócio fundador do Rotary Club Piracicaba Vila Rezende, assim a sua denominação oficial, pontuaria como ativo membro, participando das atividades de um clube de serviços à comunidade como é preceituado pela organização internacional e muito bem assimilado e transmitido pelo padrinho, o Rotary Piracicaba, o primeiro a ser criado na cidade. Babico e Dirce não se escondiam por trás de suas responsabilidades profissionais e familiares, cumprindo as funções designadas a cada um e, chegada, a sua vez, Babico assumiu a presidência do clube, realizando importantes trabalhos em prol da comunidade vilarezendina.

Babico e Dirce, ao se mudarem para um novo apartamento, no centro da cidade, no recém-construído Edifício Tapajós, não vacilaram: destinaram sua residência, na Avenida Rui Barbosa, esquina com a Travessa Monsenhor Gallo, ao Rotary Vila Rezende. Era um casarão dos mais antigos da Vila, de construção sólida em tijolos de enorme tamanho como eram fabricados à época com o propósito de resistirem ao passar do tempo sem acusá-lo fisicamente. Interessante esse fato: as construções eram feitas quase que na responsabilidade exclusiva dos mestres construtores, espécie de chefe de obras, de pedreiro, de construtor-empreiteiro e, ressaltado-se, de engenheiro civil e de arquiteto. Também se desconhecia o emprego do concreto, do tal cimento armado com todas aquelas ferragens que viriam revolucionar as construções civis no mundo.

– E as obras – casas, edifícios, pontes, muros etc. – nem trinca apresentariam, como ainda podemos constatar ao examinarmos as construções remanescentes.

– Verdade, compadre... ocê dê uma oiada no colégio do antigo Instituto Baronesa de Rezende. A parte não mudada ainda é do tempo de Dona Lydia de Rezende, filha do Barão Rezende. Mas voltemos ao relato: o citado casarão foi cedido graciosamente, e sem condicionamento, ao Rotary Vila Rezende para servir-lhe de sede social e, nas salas maiores, frontais à Avenida Rui Barbosa, à instalação da Biblioteca Pública da Vila Rezende, criada pelo clube e montada com os livros obtidos através

de campanhas e de doações recebidas dos clubes de serviços, tarefa da qual ocupou-se galhardamente o saudoso amigo e rotariano engenheiro ceramista italiano, Sérgio Pucci, então diretor da Cerâmica Dedini Ltda. instalada nas terras da Cruz Caiada às margens da Rodovia Rio Claro-Piracicaba.

– Seria a mesma biblioteca que hoje existe anexa à Creche Ada Dedini Ometto?

– Mesmíssima! Outro vilarezendino de quatro costados, Sebastião Paulo Sêga, ao construir a extraordinária creche, doada integralmente pelo Dr. Dovílio Ometto, em memória de sua esposa e filha de Mário Dedini e de Dona Mariana Corrente, previu a transferência para o novo prédio, a sua “menina do olhos”, a biblioteca, já então sob a tutela da SAVIRE, Sociedade Amigos de Vila Rezende, da qual era presidente e sócio fundador.

– Pôxa, mecê tá afiado nisso, não?

– Eh, eh, eh... sô nascido e criado nesta terra maravilhosa, parte sagrada de Piracicaba!

– Dos índios caiapó ou paiaguá?

– Acreditava serem Paiaguás... no entanto, com o aprofundamento das pesquisas dos historiadores do IHGP, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, entidade jurídica privada, os Caiapós dominavam toda esta extensa região de Piracicaba e de sertão adentro, com notáveis valentia e bravura de guerreiros. Já os Paiaguás notabilizavam-se como hábeis canoeiros, precursores dos desbravadores de nossas terras.

Ao lado de Babico, encontraríamos o não menos respeitabilíssimo cidadão Guerino Trevisan, nome que ultrapassaria as fronteiras vilarezendinas para inscrever-se nas páginas da história de Piracicaba, dos anais da Câmara de Vereadores e do Rotary Club e, por certo, dos históricos de tantas outras instituições da cidade pelas quais passara sempre prestando inestimáveis serviços profissionais e comunitários sem quaisquer remunerações ou vantagens pessoais.

Guerino merece-nos capítulo específico. Aqui o mencionamos como diretor da Caninha Cavalinho, partícipe da administração da Carmignani S/A, empresa com a configuração de um complexo agro-industrial importante para Piracicaba.

Guerino, no dia 23 de novembro de 1974, deixava-nos prematu-

ramente, vítima de acidente automobilístico, junto com sua filha, chocando profundamente a sociedade piracicabana.

A origem da Cavalinho no ramo da pinga é relatada por Zelinda Carmignani ao médico e escritor Alcides Aldrovandi: “A Vila e seu Vilões (a história de um bairro)”, 1991, página 47. Com a morte dos chefes da família, as irmãs mais velhas, Zelinda e Albertina, a conselho de Ângelo Filippini, procuraram o fabricante de aguardente Umberto Aldrovandi, que prontamente se dispôs a fornecer-lhes a pinga necessária para o engarrafamento e só recebê-la após a venda da mesma, já com a marca Cavalinho. Daí para frente, foi total o sucesso das moças vilarezendinas, pioneiras femininas no ramo das aguardentes famosas.

9

– Ouça um pouquinho só! Tá ouvindo?

– Tô. É seu?

– Troquei hoje de manhã. Dei aquele meu que caçamos juntos na Santa Rosa e mais uma gaiola meio velha.

– Onde ocê dependurou a gaiola?

– Na árvore do sapateiro... tá longe do seu.

– Hã ã ã... já ia ficar brabo.

– Escute, escute! Agora ele tá soltando o canto na boa... é, ou não é bom?

– Não captei ainda... hum, hum... melhorou um pouquinho.

– O quê, o quê!? Não me enrole, não!

– Eh, eh, eh... é médio, é médio! O meu é muito, mas muito melhor!

– Tá bobo!

Não me dou conta do número de vezes que falei sobre passarinhos bons de canto, ou de quantas vezes ouvi e discuti esse mesmo assunto, sem nunca me cansar ou de ver esgotado o tema que é uma típica paixão do caipira, nascida sabe-se lá em que ano e em quais cir-

cunståncias. Deve ter centenas de anos só na nossa terra, incorporada aos costumes e à cultura do piracicabano através da prática que os apreciadores dos belos cantos teriam dado início para seu deleite pessoal, muito embora houvesse por todo lado pássaros em quantidade e de inúmeras espécies.

– Atualmente, o cativoiro de aves e de outros animais silvestres é crime ambiental e o IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, não dá tréguas.

– Por muitos anos tive os meus passarinhos cantores, sendo os meus prediletos o papa-capim, o canário da terra, o pintassilgo, o correntino e, em segundo, apenas o curió. Depois, com o falecimento de meu amigo e sogro, Leandro Everaldo, um dos mais entendidos na arte passarinheira, que me fazia seu “sócio” na manutenção da propriedade das avezinhas, resolvi abdicar em definitivo dessa atividade, para alívio do pessoal de casa, obrigado a dividir espaço com as gaiolas e a suportar os respingos de água de banho e as casquinhas esvoaçantes do alpiste.

– O papa-capim não é negaça?! É melhor que o seu!

– Nem pensar, nem pensar!

Bom tempo aquele, melhores ainda os caríssimos amigos e companheiros que, lamentavelmente se foram, tragados pelo inexorável fim de todos nós, deixando vazios permanentes os seus lugares em nosso coração, deles ocupando tão somente as lembranças e estas, para tristeza crescente, também estão esmaecendo-se por culpa do natural enfraquecimento mental. Ônus da idade, por certo, afinal o caminhar da vida leva-nos às perdas físicas e mentais e ao derradeiro desfecho.

– Xii... pare com isso! Meu coração é mole e se ocê continuar com esse papo vou certamente perder o sono nas próximas noites!

A Vila Rezende é a mais antiga parte habitada da cidade, à margem direita do rio Piracicaba, local escolhido pelo Capitão Povoador Antônio Corrêa Barbosa para lançar os alicerces da povoação que lhe fora designado criar nesta região. Cecílio Elias Netto, no Almanaque 2000, refere-se à origem da Vila Rezende à concessão das terras de propriedade do Barão de Rezende, Estevam Ribeiro de Souza Rezende, para nela serem construídas as casas dos colonos imigrantes e dos escravos negros libertos, delineando-se as suas ruas, traçadas ao longo do curso do rio

acima do magnífico salto. Hugo Pedro Carradore, ao ouvir-me comentar a questão, a fim de incluí-la neste volume da Memória da Vila, exclamou um sonoro não!

– Absolutamente não! Piracicaba nasceu na Vila Rezende e não o contrário. Dezessete anos depois de 1767 é que o povoado foi transferido para o outro lado do rio, à margem esquerda, subindo a colina, hoje Rua Moraes Barros, e ali, no alto, ser feito o traçado das ruas em torno da futura matriz da igreja católica.

– Calma, calma... sei muito bem a história toda... inexistente dúvida.

– Hã ã ã, bão!

Evidentemente com a mudança de margem, da direita para o outro lado, os interesses concentrar-se-iam na nova área escolhida para o desenvolvimento da vila preconizada pelas autoridades e não tão obedecidas pelo impetuoso Capitão. Por certo, os primitivos ocupantes do lugar continuariam a utilizá-lo, frequentando-o em função de suas roças e aos hábitos de pesca e caça e pelo trânsito de pessoas e de cargas que se faziam necessárias para acessar-se o interior da enorme capitania.

Gostaríamos realmente de registrar neste modesto ensaio memorialista, os passos dados na direção do progresso dessa rica área urbana e base da economia do município nos séculos seguintes.



Foto interna do teatro Santo Estevam.

10

A santa padroeira da vila de Piracicaba, designada por ordem expressa do governo exercido pelo capitão-general D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, o ilustre Morgado de Mateus, teria sido expressa em suas palavras: “A invocação há de ser de Nossa Senhora dos Prazeres, minha madrinha e a padroeira da minha casa, e a sua imagem há de ser colocada no altar mor...” (Cecílio Elias Netto, Almanaque 2000, pág. 77). O capitão geral da capitania de São Paulo, em 26 de julho de 1770, assim determinava, mas o seu protegido, capitão povoador Antônio Corrêa Barbosa, tinha outros planos e não se importava de esperar algum tempo para fazer valer a sua vontade – a de eleger o próprio santo padroeiro de devoção, Santo Antônio.

Interessante essa questão do apego religioso imperante entre os que detinham em mãos o poder político e também militar. O exercício do

governo apoiava-se no peso das armas das tropas formadas sob o mando da Coroa portuguesa, senhora ainda da colônia brasileira, e as suas articulações se faziam por meio de um emaranhado de relações pessoais, de prestígio ganho de diferentes formas, como se pode imaginar à época. As posições de relevância político-social exigiam permanente estado de atenção aos movimentos às proximidades do centro de poder. Morgado de Mateus foi um governador, como descreve o historiador piracicabano Mário Neme (História da Fundação de Piracicaba, IHGP, 1943, 1974): “... falar desse governador é falar da colônia de Iguatemi e da fundação de Piracicaba. Pode-se dizer que, a rigor, a criação da povoação de Piracicaba se deve exclusivamente ao regime de intenso militarismo inaugurado na Capitania... logo no início de seu governo passou a preocupar-se com um plano militar de grande fôlego, compreendendo a defesa do território e apossamento do vice-reinado Castelhana do sul... deu tudo o que possuía em inteligência, atividade, patriotismo e mesmo imaginação.”

Creio que é sempre oportuno reportarmo-nos ao passado, mesmo repetitivamente. Aliás, isto é característico sintoma do peso da idade sobre os nossos frágeis ombros, ou melhor, do volume de lembranças que, por não encontrar mais espaço na nossa limitada mente, é, salutarmente despejado pelo “ladrão”, este providencial artifício da engenhosidade mecânica comum a todos os depósitos de líquidos.

Mário Neme era piracicabano, nascido às 14 horas do dia 2 de maio de 1912, à Rua Alferes José Caetano nº 112, filho de Abdo Neme e de Misera Miguel. Faleceu em 15 de março de 1973 e, por 32 anos, trabalhou no Jornal “O Estado de São Paulo” tratando de assuntos do interior. Tamanha a sua relação com Júlio de Mesquita Filho que este lhe confiava as provas de seus livros para revisão final. De modesto funcionário da cadeira de Zoologia da ESALQ, ao lado do catedrático Prof. Salvador de Toledo Piza Júnior, onde aprendera a delicada arte de pintura em aquarela aplicada ao desenho científico, galgou o mundo da História, do Jornalismo e da Cultura para nele se firmar fulgorosamente, chegando inclusive ao honroso cargo de diretor do Museu do Ipiranga, hoje Museu Paulista (1960). Teve, ao longo de sua brilhante trajetória, participações ativas e efetivas em incontáveis acontecimentos políticos, sociais e culturais que só enobreceram as tradições piracicabanas no cenário paulista e brasileiro. Essas referências foram extraídas de seu citado livro referencial aos estudos de Piracicaba e

de registros do IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba - ao qual tenho a honra de pertencer e já ter presidido.

Mário Neme não pode deixar de ser citado em quaisquer trabalhos de sentido histórico pela importância que ocupa no rol dos historiadores brasileiros. E é a quem recorremos na busca de subsídios que nos permitam melhor situar a Vila Rezende no contexto do desenvolvimento urbano da cidade e da região limítrofe, esta composta de rica terra roxa, essencialmente produtora de cana-de-açúcar cujos canaviais fazem jus à alusão de “mar-de-cana” infindo, tal a extensão da cultura que avança sobre seguidos municípios paulistas e do vizinho estado paranaense onde vamos encontrar as presenças de agricultores e de usineiros saídos da Água Santa e da Cruz Caiada – famílias Meneghel, Ometto, Foltran, Seghesi e outras que teremos o prazer de enumerar neste volume.

11

Monsenhor José Nardin, capelão do Lar dos Velhinhos por oito anos. Orientou a construção da sua preciosíssima Capela de São José, padroeiro do Lar, norteando o altar-mor, as sugestões das pinturas sacras e suas respectivas sequências. No final de sua vida santificada, voltou à função sacerdotal, residindo na instituição, vindo nela a falecer.

O emérito piracicabano teve por Vila Rezende um amor de verdadeiro filho, prestigiando-a denotadamente, alimentando um vasto círculo de amizades, que compreendia desde o mais humilde até os grandes e poderosos empresários que faziam a grandeza econômica da cidade.

Não poderíamos deixar de incluir nestes nossos modestos registros a figura exponencial do querido monsenhor, reproduzindo a seguir o artigo que lhe dedicamos “in memoriam” no Jornal de Piracicaba.

O arauto da fé evangélica

“A Igreja Católica, e em especial a da Diocese de Piracicaba, no dia 27 último ficou terrenamente mais pobre e o Céu mais enriquecido

com o falecimento do Monsenhor José Nardin, aos 93 anos de idade e aos 70 anos de vida sacerdotal, toda ela dedicada aos pobres e humildes irmãos em Cristo, como era de seu costume ao referir-se aos fiéis em vibrantes pregações evangélicas.

Sim, sem a menor dúvida, tinha ele o dom da oratória, não apenas sacra, isto é, dentro e fora do templo religioso e o sabia usar sabiamente, direcionando-o no sentido do bem e da concórdia; na horizontalidade, fazia-se ouvir no nível das diferentes classes sociais com a facilidade e fluência com que articulava as palavras empregadas nas orações construídas em sua mente brilhante e ágil; na verticalidade, tanto aprofundava-se na prospecção dos fatos e das realidades sociais e vivenciais, como elevava-se na sobrenaturalidade da natureza divina existencialmente defendida pela sua fé inquebrantável na verdade do Evangelho.

Orador brilhante, naturalmente brilhante, senhor absoluto da plateia quando do alto da tribuna ocupava-se de quaisquer temas sociais com a mesma facilidade com que discorreria sobre a religião que tão bem conhecia graças aos profundos estudos teológicos que jamais deixara de lado um dia sequer, mesmo quando a saúde física o constringia implacavelmente. Lembro-me, com clareza e despertada atenção, de suas vibrantes aulas de civismo em que se transformavam os discursos que proferia nas comemorações do Dia do Trabalho, memoráveis 1º de Maio, que tinham por palco as dependências do Restaurante Papini, na nossa doce Vila Rezende, na qualidade de Orador Oficial da Banda União Operária. Sim, o Monsenhor José Nardin, mesmo vigário de paróquias fora de Piracicaba, no dia do festivo aniversário de sua querida Banda, comparecia e cumpria o seu papel estatutário. E era aguardado com ansiedade e profundo carinho por todos aqueles que se reuniam no Papini para ouvi-lo e aplaudi-lo, embevecidamente.

Piracicabano, filho de João Nardin e de Carmelina Franco, e irmão de Maria do Carmo, Antônio, Oswaldo, Eugênio, Hélio, Cecília, Therezinha e Raul.

Monsenhor, dotado de vasta cultura religiosa e dono de vasto conhecimento nas mais diversificadas áreas das atividades humanas, era capaz de ministrar verdadeiras aulas que só a versatilidade intelectual aprofundada por uma inteligência ímpar possibilita realizar no linguajar acessível tanto ao erudito como ao popular ouvinte.

Pastor, na acepção do termo evangélico. O arauto da fé e da verdade contida na mensagem de Cristo.

Administrador, vigário das paróquias da Arquidiocese de Campinas e da Diocese de Piracicaba – Imaculado Coração de Maria, Senhor Bom Jesus do Monte, São Pedro, Senhor Bom Jesus, Nossa Senhora do Carmo, São Benedito, Santa Cruz e São Dimas, Mosteiro das Carmelitas Descalças e, por último, Capela de São José do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, onde residiu nos últimos anos de sua vida.

Monsenhor Nardin foi agraciado com inúmeros títulos e honorarias públicas e de méritos e reconhecimentos por relevantes serviços prestados. O Vaticano, no papado de Pio XII, outorgou-lhe o honroso título de “Monsenhor Camareiro Secreto do Papa”, entregue no ano de 1953, ainda na Arquidiocese de Campinas.

Discreto, extremamente humilde e comedido nas palavras fora do púlpito e da tribuna, prudente nos artigos e trabalhos de sua lavra, deixou-nos um legado que hoje já pertence à história da Igreja Católica Apostólica Romana, da cidade de Piracicaba, inspirador por todo o sempre não tão somente dos cristãos católicos, dos religiosos seculares, mas sim de todos os piracicabanos e brasileiros que aspiram a paz e amam os seus semelhantes.

Não deixa um vazio atrás de si, pela sublime razão que norteou a sua existência terrena: fé, inquebrantável fé, na Verdade do Evangelho. O vazio de seu desaparecido corpo físico está preenchido pela imagem imorredoura do homem que soubera ser Pastor e ser Filho de Deus.

Monsenhor José Nardin, saudades!”

12

Personalidades vilarezendinas precisam ser enumeradas e, merecidamente, enaltecidas para terem os seus nomes fixados para sempre na memória dos cidadãos que aqui moram, nativos e adotivos.

– Eh, eh, eh... bairrista! Vive “puxando a brasa pra sua sardinha”! Tá certo ocê, é assim que deve ser!

– Sem essa de “bairrismo”, ô meu! Sou avesso a tal exagero, principalmente quando há certa animosidade em torno do tema.

– Mas no fundo mesmo, ocê esconde uma certa tendência ao protecionismo, ou não?! Eu concordaria consigo, afinal, diante dos nomes citados - justiça seja-lhes feita - são realmente grandes vultos históricos desta província, galgando inclusive, posições de destaque no cenário nacional, como, por exemplo, Barão de Rezende e Mário Dedini. É a realidade. Devemos cultuar a maioria desses honrados cidadãos, conscientes de que uma comunidade sem memória não existirá no futuro, desaparecendo fatalmente. Passado, presente, futuro, estes são os pilares da sociedade humana.

Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende, filho do Marquês de Valença e genro do Barão de Serra Negra, recebeu o título de nobreza em 1887 por ato do Imperador D. Pedro II e, em 1859, herdou a Fazenda São Pedro, vasta propriedade, hoje ocupada pela Vila Rezende. Vamos enumerar alguns de seus feitos.

“Em 18 de novembro de 1881 chegaram as máquinas destinadas ao Engenho Central e junto o engenheiro francês Dr. André Patureaux, que iria montar mais tarde o Engenho Central de Vila Rafard. O Engenho Central, com capacidade de 9.000 sacas de açúcar anuais, na safra de 1898 atingiu o total de 40.000 sacas pelo segundo ano consecutivo, devendo chegar a 100.000 sacas graças aos novos equipamentos, já então sob a propriedade da Sociétè Sucreries Brèsiliennes – de capital francês.” Essas informações retiramos do “Almanaque Piracicaba, para o ano de 1900”, de Manoel de Camargo, editado em 1899, o qual não nos explica a cronologia dos fatos relacionados ao Barão de Rezende. Tudo indica que ele se viu obrigado a vender a companhia em 1895 a fim de saldar suas dívidas de financiamento; daí então a prevalência da sociedade francesa, cujas unidades açucareiras se faziam operantes em Rafard, Porto Feliz, Rezende e Campos, conglomerado expressivo e que, no final do século XX, também sucumbiria empresarialmente.

Fundou a Companhia Niágara Paulista, com as terras das fazendas São Pedro, Santa Lídia e São Luiz no total de 500 alqueires. O Engenho Central, como Sociétè Sucreries tinha 1435 alqueires, 3 locomotivas, 30 quilômetros de estradas de ferro próprias e mais 60 em comum com a Cia. Sorocabana (total de 14 léguas), 80 vagões de cana-de-açúcar,

300 operários no engenho e 400 famílias nas lavouras, calculando-se um total de 3500 empregados diretos. No município de Piracicaba, no final do século XIX havia cerca de 80 engenhos grandes e pequenos, com uma produção de 350 mil arrobas de açúcar da melhor qualidade. (Fonte: Almanaque Piracicaba 1900 e 2000).

Em 1871 construiu o Teatro Santo Estevão, reformado em 1890, e nesse ano o Mirante, frente ao formoso salto de Piracicaba – obras essas todas demolidas pela Prefeitura Municipal de Piracicaba. Em 1875, inaugurou-se a “Ponte Nova”, construída pelos irmãos Rebouças, e que serviu durante décadas como única a ligar a Vila Rezende e a “cidade”. Iniciativa do Barão, a construção se deu por força do seu trabalho de convencimento da opinião pública e de administração pessoal da obra. Ele também promoveria a vinda da primeira linha férrea – a Ituana – em 1887; em 1878 criou a Companhia de Navegação a Vapor Piracicaba a Tietê; construiria a sua residência na esquina das ruas Alferes José Caetano e São José, a qual, antes da virada do século, por ato de generosidade do nobre casal, seria destinada à criação do Collegio Esperança. A escola se constituiria em obra grandiosa de ensino integrado – infantil, preliminar, secundário e especial – que, além das ciências ministradas à época, ensinava também desenho a craion, trabalhos de agulha (bordados etc.), música (canto e piano) e línguas (inglês, alemão e italiano). O palacete foi posteriormente doado pelo Barão para servir de sede da Prefeitura Municipal de Piracicaba, e esta, mais uma vez, anos depois, absurdamente, o demoliria, estando até hoje a sua área entregue a um estacionamento de veículos. Lamentavelmente, foram perdas de preciosos bens históricos.

Em 16 de maio de 1902, o luto adentraria no seio da família Rezende, com a morte do dileto varão Luis, em plena lua-de-mel, vítima de tuberculose. O acontecimento abalaria profundamente sua sensível irmã Lydia, levando-a a dedicar-se à construção do primeiro hospital-sanatório da América do Sul, com total apoio de seu pai, o Barão. As famílias Conceição e Rezende já participavam da criação do Hospício dos Alienados.

O Sanatório São Luiz foi inaugurado em 1911, numa área de 24.200 m², com capacidade para trinta leitos com todos os pré-requisitos médico-hospitalares disponíveis à época internacionalmente. Funcionando até o ano de 1921, viria a conferir a Dona Lydia, no 7º Congresso Internacional

da Tuberculose de Roma, em 1912, a Medalha de Prata de Higiene Social, e seguidas distinções honoríficas e sociais paulistas e brasileiras.

Em 1904, Lydia e o pai iniciaram a construção da Igreja da Imaculada Conceição, cujo projeto arquitetônico e responsabilidade pelas obras de edificação foram assumidos pelo renomado arquiteto Ramos de Azevedo. A matriz foi inaugurada em 1908, um ano antes da morte do Barão (19/08/1908), o último de Piracicaba. As filhas, Francisca e Lydia, dariam continuidade à tradição da nobre família perante a sociedade piracicabana.

13

Lydia de Rezende simbolizou a mulher piracicabana, como personalidade de vulto na sociedade, e tal conceito representa algo extremamente extraordinário para uma época na qual a figura da mulher no mundo, exageradamente machista, tinha o significado de mero objeto à disposição do homem para fins domésticos múltiplos, como serviçal, sexual, procriação e até decoração-ostentação social. A mão de obra feminina ia para o campo, como lavradora braçal e submetida às duras condições de trabalho semiescravo.

Lydia era inteligente e culta, graciosa e bela, educada esmeradamente, dominando vários idiomas e com trânsito familiar nos meios da nobreza e da intelectualidade paulistana, pertencendo como sócia honorária aos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará; de Ciências e Letras de Campinas, e a outras tantas instituições científicas e culturais. E ela, abatida pela morte do querido irmão Luis e, depois, a do Barão, inclinou-se mais e mais à benemerência. Nutriu um imenso apego à sua Vila Rezende, vivenciando-a intensamente como amiga e companheira de seu dinâmico pai, cujas atividades iam desde fazendeiro, agricultor, agroindustrial a de atuante homem público – foi deputado provincial por cinco legislaturas, deputado geral quando o Duque de Caxias presidiu o ministério, vereador por inúmeros mandatos e por longo tempo provedor da Santa Casa de Misericórdia (fundada pelo seu sogro Barão de Serra Negra).

Extraímos esses preciosos registros do Almanaque 2000 de Cecílio Elias Netto – “Memorial de Piracicaba, Século XX”, obra grandiosa que deve figurar nas estantes de cada família piracicabana para bem cultivar a memória de seus cidadãos dignos e ilustres.

E o Instituto Baronesa de Rezende?

Precisamos ocuparmo-nos dele, afinal é uma obra cuja grandiosidade vem continuamente crescendo através dos anos, sempre a cumprir com o papel para o qual fora idealizado.

– Eh, eh, eh... ocê também estudou lá?

– Infelizmente, não... a gente vivia mais solto pelas ruas. E o tal colégio, das irmãs franciscanas, era mais pras meninas, né!?

Foi inaugurado em 11 de junho de 1922, ali no seu atual endereço, só o número deve ter mudado... era nº 39. Madre Joana Batista e as irmãs Adolfina e Edmunda chegaram na Vila em 13 de março de 1922.

A respeito do Baronesa, a reconhecida professora e historiadora Marly Therezinha Germano Percin, em seu livro “O Instituto Baronesa de Rezende de Piracicaba, 1922-1993”, descreveu-a como grande defensora da monarquia e dos ideais que avivara nas suas viagens à Europa e em sua vida de estudos. Conheceu os trabalhos educacionais desenvolvidos na França, Suíça, Áustria, Bélgica, Alemanha, principalmente das religiosas da Congregação das Escolas Cristãs da Ordem Terceira de São Francisco de Graz, austríaca. Logo concluiu pela sua instalação na Vila Rezende, com o nome de Escola de Educação Doméstica e Agrícola das Irmãs Franciscanas de Graz, providenciando-lhe o terreno, a edificação, o mobiliário e os recursos financeiros para o funcionamento. Admirável o desprendimento da família Rezende a fim de prover a sua terra e a sua gente daquelas condições que desejava para si própria, muito acima, portanto, do nível médio da população local. No caso da Vila, os habitantes eram trabalhadores assalariados, quase sem educação escolar, e imigrantes europeus pobres.

Dona Lydia faleceu em 24 de junho de 1933, no dia de São João.

A historiadora Marly Therezinha Germano Percin imortalizou-a no livro “O Instituto Baronesa de Rezende, 1922-1993” e a Avenida da Igreja Matriz, que construíra, honra o seu nome, assim como a avenida paralela, de grande trânsito de veículos, o de sua irmã, Francisca.

A respeito da nomeação de ruas e logradouros públicos, a edili-

dade piracicabana peca com frequência, ao conceder tais distinções sem o devido cuidado e respeito, principalmente quando os vultos escolhidos não são da cidade e sequer significam-lhe algo relevante historicamente, e pior ainda, quando sobre eles ainda não há um entendimento social de consenso. A vereança deveria se instruir primeiro para não cair no ridículo e, prioritariamente, dar às áreas públicas as nomeações que evidenciem os cidadãos dignos de sua terra e, de preferência, de seus próprios bairros.

O monumento erigido a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, circundado por uma fonte, no centro do jardim construído na antiga quadra residencial do Dr. Kok, Holger Jensen, engenheiro dinamarquês vindo para administrar o Engenho Central dos franceses, foi inaugurado juntamente com o Seminário Diocesano pelo bispo D. Ernesto de Paula em 1954, e construído onde existira a residência do vigário Monsenhor Jerônimo Gallo, ao lado da qual havia amplo terreno com inúmeras árvores e palmeiras imperiais centenárias e com espaço de terra batida suficiente para servir-nos de campo de futebol e, nas datas religiosas, de local para as barracas próprias para festas e quermesses bem características da paróquia.

O monumento comemorativo do Primeiro Centenário da Proclamação da Independência do Brasil foi erigido e inaugurado por Dona Lydia no dia 7 de setembro de 1922, em suas terras, hoje um prolongamento da Vila e subdenominado de Jardim Monumento, chegando às barrancas do rio Piracicaba. Nesse ano era o novo vigário da Vila o Padre Jerônimo Gallo.

A Baronesa de Rezende chamava-se Anna Cândida da Conceição, filha dos Barões de Serra Negra e Estevan era filho dos Marqueses de Valença. Casaram-se em 16 de outubro de 1865, aqui em Piracicaba. Os filhos, Estevan e Luiz faleceram muito jovens; Francisca casou-se com o Dr. Américo Brasiliense Filho e Lydia não se casou. Ela e a mãe, ao saberem de uma parenta viúva em Portugal, em 1918 buscaram-na junto com o filho para viverem aqui. Dona Vitalina Arêas Vitier, por mais de 30 anos, viveu como dama de companhia da baronesa, e seu filho, Mário Arêas Vitier, seria educado por Dona Lydia, tornando-se administrador das fazendas e dos negócios da família, formando-se em Agronomia.

– Você está se referindo ao “Mário da Baronesa”?

– Ele mesmo! Você o conheceu?!

– Eh, eh, eh... e quem não o conheceu?!? Estimadíssimo cidadão, perfeito cavalheiro! Manteve, ao longo de sua vida, a honorabilidade do nome da família do Barão e da Baronesa de Rezende e o povo lhe devotava tal respeito, muito justo. O Dr. Alcides Aldrovandi confessou-se surpreendido com o falecimento do Mário, pois pretendia entrevistá-lo para seu livro, que já mencionamos. Eu, igualmente, perdi a oportunidade do registro de importante testemunho de uma fase significativa da nossa comunidade. É o caso do Monsenhor Jerônimo Gallo, que dirigiu a paróquia Imaculada Conceição durante décadas, principalmente nos anos da Segunda Guerra Mundial, em clima de hostilidade às colônias italianas e alemãs. Seu antecessor foi o Padre Julião Caravello, italiano e musicista apaixonado de vários instrumentos e que desde logo organizou uma bem preparada orquestra de jovens vilarezendinos – 1922.

14

Domingos Furlan veio da Itália para a Água Santa, comprando a Fazenda Santo Antônio-Guamium, Cruz Caiada, Chácara Dedini, com divisa a Godinhos. Casou-se com Santa Furlanetta, tendo os seguintes filhos: Frederico (nasceu na Itália), que se casou com Maria (8 filhos) e Tereza Oriani (5 filhos); Pedro, casado com Eugênia Perón (11 filhos); Ângelo (meu avô materno), que se casou com Tereza Gallina (16 filhos) e que comprou as terras na Santa Lidia; Henrique, que se casou com Maria Rosino (3 filhos); Sílvio, que se casou com Maria Trevisan (8 filhos); Domingos, que se casou com Carmela Mainardi (6 filhos); Raquel, que se casou com Ângelo Maçon (6 filhos). Na fazenda Santo Antônio, Domingos tinha engenho de pinga, cuja manutenção mecânica era prestada pelos irmãos Armando Cesare e Mário Dedini, engenho substituído por moinho de fubá movido a água (monjolo), cuja manutenção era prestada por Mário Dedini. Os sítios desmembrados da fazenda de Domingos viriam a ser comprados por Mário Dedini, formando a Chácara Dedini,

que hoje é de propriedade de Dona Otília Furlan Dedini (ex-mulher de Mário).

– Pôxa! Que mistura danada, sô!

– Pois é, pois é. De “patrão” passou a ser “empregado”, como bem definiu o amigo Dr. Alcides Aldrovandi, em seu livro, nosso guia às consultas.

– Essa preciosa obra deve vir a ser reeditada, para figurar nas estantes vilarezendinas.

– Sem dúvida. Vamos cuidar disso.

– Meu nono Ângelo, conhecido Andoin, tinha enorme prazer em me contar a história da família, enaltecendo sempre os fatos daquela época cheia de encantos, de dificuldades e de sonhos... e de parentes!

– E quantos! Só ele tivera dezesseis filhos, superando todos os irmãos. Lá no sítio era uma beleza de se ver, tudo bem arrumado e cuidado. Casa grande, circundada por ampla varanda e escadarias largas, bem característica de casa-sede de fazenda, com árvores frutíferas próximas, como as frondosas mangueiras de várias espécies, todas produtoras de saborosos frutos, além das agradabilíssimas sombras e dos emaranhados galhos que nos convidavam às estrepolias infantis. E lá estávamos nós, subindo e descendo pelos troncos e galhos que pendiam em direção ao solo, vergados com o peso das mangas.

– A criançada de sítio tinha as suas formas peculiares de diversão, diferentes das da cidade, não é?!

– Mais ou menos, até pouco naqueles anos, pois a Vila Rezende confundia-se com a zona rural e as ruas, quase todas de terra, frequentemente eram tomadas pelas boiadas que vinham pela ponte do Mirante (Rebouças) a caminho do Matadouro Municipal e, como veículos normais, o trânsito de carrinhos, carroças, charretes superava o de veículos motorizados. Inclusive os animais de montaria se faziam presentes e era muito comum vê-los de rédeas amarradas nas árvores à beira da calçada.

– No Papini?

– E também diante de tantos outros botequins e armazéns que haviam por ali... Eh, eh, eh...

Nos dois volumes anteriores, falei sobre meus avós, tios e primos. E se ainda volto a mencioná-los, para aborrecimento do leitor, se deve ao

fato de ser essa a forma carinhosa dos vilarezendinos envolverem a família em suas reminiscências. Não deve ser singular que tal manifestação de apego pessoal se repita nas comunidades provincianas, amiúde.

Mas a Vila é sempre Vila! Cada dia fico mais empolgado com o projeto de um novo volume, que já toma corpo graças aos subsídios que logrei obter nesses últimos dias do ano, e espero concluí-lo a contento, ou seja, assim que tenha ampliado o rol de personalidade que construíram a história do bairro.

Alcides Aldrovandi retratou-a no período de 1920 a 1948, de acordo com a sua extraordinária memória e constatações que fizera enquanto escrevia com raro saber e riqueza de detalhes. Pena que não o tenhamos mais dentre nós, assim como a inexorabilidade do tempo também se encarregou em privar-nos da companhia de queridos amigos partícipes dessa vivência social comunitária. Infelizmente, por falta de registro, fatos relevantes foram se perdendo pelo caminho feito folhas secas levadas pelo vento e pelas águas da chuva. Ao colocar-se diante de fortes imagens de um passado não tão distante, o escritor alcança o paradoxo, isto é, tem a satisfação da imagem amiga e é-nos cruel revelá-la extinta fisicamente, certificando-nos da realidade insofismável.

É fiel a si mesmo, essa é a sua responsabilidade. Vejo-o como cronista diligente que, a bem da preservação conjuntural dos fatos abstém-se do protagonismo e se firma como repórter imparcial.

Mais precisamente, um cronista, ao descrever o dia a dia da comunidade sob a ótica de um acurado observador capaz de adicionar os condimentos necessários sem alterar a autenticidade dos fatos.

Isso mesmo é o que diria eu. Ele registrou o nome primitivo da Avenida Mário Dedini, da Avenida Salaz... “no seu primeiro quarteirão, a partir da Rui Barbosa... família Badialli...”, e não mencionou a moradora ao lado - a viúva Dona Carolina Bottene Caldari, com toda a filharada: Antônia, Rissieri, Irma, Cezira, Irene, Olinda, Eduardo, Gentil Alfredo e três falecidos ainda pequeninos. O marido Pedro, homem bastante forte segundo as testemunhas, italiano trabalhador como os patrícios, desaparecera aos quarenta e quatro anos de idade, vítima de uma úlcera no estômago supurada, mal terrível à época de poucos recursos médicos.

– Seu “nono”, não é?!

– De quem herdei o nome. Pois bem, nessa casa foi onde eu nasci, no dia 5 de setembro de 1938.

– Ué, não foi no dia 6?

– Eh, eh, eh... em registro, dia 6; pela minha mãe dia 5. Em documentos posteriores, tive outras datas anotadas, como se fosse uma brincadeira proposital a me perseguir. Aquela minha primeira morada viria a ser demolida para dar espaço à caldeiraria da Oficina Dedini, mais propriamente à seção do Sr. José Vizziolli.

– Isso quer dizer que você nasceu na Dedini?!

– Literalmente, sim! Eis mais uma singularidade a me perseguir, dentre outras pitorescas. Essa questão das datas de nascimento se liga ao fato das pessoas não se preocuparem com o registro de nascimento, em especial as que moravam na zona rural e os partos serem quase todos feitos pelas mãos de parteiras e nas casas das parturientes. A medida de ordem legal e obrigatória ficava para a ocasião da vinda à cidade, do pai ou de um familiar ou amigo. No meu caso, embora já morasse na Vila, o meu registro foi providenciado por um futuro tio, Calil Martins, noivo da irmã de meu pai, Olinda. Assim, muito comum as divergências de datas e até de nomes, daí a explicação de grafias diferentes entre membros de uma mesma família – Caldari, Cardaro, Caldaro, Caldare e por aí fora.

Imagine-se então, o que aconteceu na imensidão do país! Mesmo nos dias de hoje, há casos absurdos de falta de registro de nascimento de milhares de crianças.

A título de curiosidade: a Avenida Rui Barbosa chamava-se Avenida Areão; a Avenida Dona Santina, Avenida Bimboca; a atual Ponte Irmãos Rebouças denominava-se Ponte Nova e Ponte do Mirante e por muito tempo foi a única a unir a cidade. Antes, as pontes de madeira situavam-se abaixo do salto e ao lado da Casa do Povoador, sendo esta, na verdade, a casa do cobrador de pedágio pelo uso da travessia do rio e ela, em 1929, chegou a ser de propriedade do engenheiro Dr. Holger Jensen Kok e só em 1967 passou a ser reconhecida oficialmente como símbolo da cidade. O casarão da fazenda Santa Rosa, enorme, com 38 cômodos era a residência do administrador - Jerônimo Cesta foi um deles.



Antigo Mirante sobre o rio Piracicaba.

15

A tônica das famílias vilarezendinas era a prole respeitável, sendo comum os casais terem 10 ou mais filhos. Eu, do lado materno, foram dezesseis, e do lado paterno, só doze; para me aproximar da antiga regra alegamo-nos com os seis maravilhosos filhos – Adriana Helena, Vera Lúcia, Cristina Aparecida, Pedro Júnior, Juliana e Mariana. Evidentemente, em função das mudanças sociais, as famílias passaram a restringir o número de filhos a fim de poderem oferecer-lhes as condições de vida exigidas pela sociedade moderna, muito mais rigorosa sob todos os aspectos.

As amizades, os inter-relacionamentos cotidianos das pessoas desde os de ordem profissional como das demais atividades comunitárias, não só aproximavam como contribuía às uniões mais estreitas e íntimas que culminavam sempre em enlacs matrimoniais. A comprova-

ção se constata nos entrelaçamentos das famílias típicas da Vila, desde o início da ocupação dessa rica faixa de terra. A Avenida Rui Barbosa nasceu com o nome de Areão e foi preparada pelas mãos de Lourenço Ducatti (casado com Domingas Nicoletti). Imagino o cenário da ocasião:

– Lourenço, gostaria que o senhor me fizesse um pequeno trabalho.

– Sim, senhor barão... discurpe, senhora baronesa! Buongiorno! Saluti a tutti quanti!

– Eh, eh, eh... si, si, Lourenço... tome um cafezinho... tá feito agora, próprio para o senhor.

– Eh, eh, eh... não agrada muito questo quá! Senão, não sai mais daqui!

– Nô, nô, senhor barão, bizonho lavorare!

Eram amigos, acima de tudo... o Barão de Rezende, sua esposa e o robusto italiano, imigrante ávido por trabalho que sabia existir na sua nova pátria. Ouvidas as instruções e trocadas as ideias de boa prática, o terreno virgem daria lugar à larga avenida principal do futuro bairro e, na sequência, às demais, delineando um traçado urbano que perdura até hoje. A Avenida Barão de Serra Negra, prolongando-se dos dois lados da Ponte do Mirante, mais as avenidas Conceição, Dona Francisca, Dona Lidia, Maria Elisa seriam o arruamento básico da Vila Rezende. Com a construção da Igreja Matriz e do Instituto Baronesa de Rezende, a feição do bairro ganhava beleza, grandiosidade e importância, atraindo não só as atenções como também o interesse da sociedade piracicabana, até tornar-se o seu principal polo econômico.

Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende. Não devemos nos cansar de citá-lo, sempre, afinal a Vila e a cidade devem ao nobre cidadão favores imensuráveis, coisa que infelizmente não mais ocorre aqui e alhures, inexistindo semelhante desprendimento e tamanha dedicação às causas públicas e humanitárias. As ações provinham dele, da esposa, das filhas e eram associadas aos princípios e objetivos também praticados pelo seu sogro, Francisco José da Conceição, o Barão de Serra Negra, que falecera em Rio das Pedras no dia 2 de outubro de 1900. Nota-se, portanto, a importante questão familiar, tão enraizada nesta nossa cidade de Piracicaba.

Com o devido respeito e a mais profunda admiração que sempre devotei ao ilustre vilarezendino ferrenho e não menos amante fervoroso da Noiva da Colina, cidade natal, que muito eficazmente contribuíra para projetá-la no cenário da Medicina brasileira e, como todos nós sabemos, na literatura piracicabana, ocupa lugar de imorredouro destaque – Dr. Alcides Aldrovandi – e como melhor forma que me é dada neste momento de homenageá-lo, faço parte integrante do terceiro volume do “Memórias da Vila” a reprodução do Capítulo XXIV de sua obra “A Vila e Seus Vilões”, 1991, edição da Prefeitura Municipal de Piracicaba, páginas 129 a 133:

“Iremos agora voltar a um passado bem remoto. Vamos lembrar de fatos acontecidos, ainda no final do império, que se relacionam com a Vila Rezende. Penso que poucas pessoas conhecem o porquê de certos nomes dados às Avenidas do bairro e mesmo do seu próprio nome. Então vejamos.

O Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 19 de Agosto de 1840. Filho dos Marqueses de Valença que lhe deram uma primorosa educação. Formou-se na Academia de Direito de São Paulo em 10 de Dezembro de 1863. Seu padrinho de batismo foi D. Pedro II.

Casou-se em Piracicaba em 16 de Outubro de 1865, com a distinta piracicabana Anna Cândida da Conceição, filha dos Barões de Serra Negra.

O Marquês de Valença, anteriormente (1855), já havia comprado uma faixa de terra que corresponde nos dias de hoje ao Mirante e Engenho Central. Em 1856 falece em São Paulo o Marquês de Valença e Estevam Ribeiro de Souza Rezende recebe como herança a Fazenda São Pedro que se estendia do Mirante e muito além do Engenho Central.

No ano de 1868, Estevam Ribeiro de Souza Rezende é nomeado delegado de polícia de Piracicaba. Depois sucedem-se vários eventos importantes: em 1871, lançamento da pedra fundamental do Teatro Santo Estevão; em 1875, no dia 15 de maio a inauguração da ‘Ponte Nova’ planejada e construída pelo Dr. Estevam com a colaboração do Dr. João Theodoro Xavier; em 1877 inaugurada a primeira linha férrea de Piracicaba, ramal da Ituana, em 12 de Fevereiro; 15 de Julho de 1877 visita dos Condes D’Eu e real comitiva; 1878 a Família Imperial visita a cidade viajando pela

Ituana; em 1878 Dr. Estevam funda a Companhia de Navegações a vapor entre os rios Piracicaba e Tietê; 1881, Dr. Estevam funda a 'Empresa do Engenho Central', que entra oficialmente em funcionamento em 1883; 1886 Dr. Estevam vende a Cia de Navegação à Ituana; 1887 o Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende recebe o título de Barão de Rezende.

Mesmo depois de Barão de Rezende, essa personalidade, ativa e empreendedora, continua na luta pelo progresso. Torna-se proprietário exclusivo do Engenho Central, em 1888. Em 1890 contesta a demolição do Teatro Santo Estevão, prontificando-se a reformá-lo às suas expensas, permanecendo em atividades cerca de sessenta anos mais. Em 1891, desfazendo-se a primitiva sociedade do Engenho Central, funda nova companhia, a 'Niágara Paulista'.

Em 1895, o terreno junto ao salto, onde o Barão de Rezende construía um 'belvedere', é desapropriado pela Prefeitura, o que o Barão recebeu sem reclamar. Sua resposta foi: 'Piracicaba não pode ter um egoísta nem exigente nesse ponto; que fiquem as coisas como estão'. Há muito já havia entregue ao público esse belo recanto.

O Barão de Rezende em 1898 torna-se Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Os dois filhos varões do Barão de Rezende morreram prematuramente. Foram Estevam e Luiz. Mas ficaram para mitigar seus sofrimentos dos últimos dias de sua vida, a esposa - a Baronesa - e duas filhas queridas - Dona Francisca, esposa do ilustre facultativo, Dr. Américo Brasiliense Filho, e Dona Lydia, que nunca se casou, para permanecer em companhia de seus amados pais.

Os últimos anos de vida do Barão de Rezende foram de sofrimento e dor, por causa de uma pertinaz enfermidade.

Entretanto, sua diletta filha Dona Lydia de Rezende continuou suas obras de benemerências e benfeitorias públicas. Assim, em 1901, querendo honrar a memória de seu amado irmão Dr. Luiz de Rezende, construiu magnífico Sanatório São Luiz, o primeiro no gênero no Brasil, para tratamento de tuberculose, verdadeiro flagelo naqueles tempos.

Após construir o belo Sanatório, Dona Lydia de Rezende, em 1904, lança pedra fundamental da Igreja Imaculada Conceição de Vila Rezende que por volta de 1908 foi concluída.

Em 12 de agosto de 1909, contando com 69 anos de idade, faleceu em Piracicaba, em sua chácara denominada São Pedro, o ilustre Barão de Rezende. Seus restos mortais estão sepultados no Cemitério Municipal, hoje Cemitério da Saudade, travessa D, sepultura nº 1087.

Prosseguindo em seu trabalho de dotar a Vila, que homenageava o nome e título nobiliárquico do seu querido pai, Dona Lydia fez construir o Instituto Baronesa de Rezende, que foi inaugurado em 1922. Esta instituição, que veio preencher uma lacuna no ensino, principalmente das crianças e moços da Vila Rezende, foi assim denominada como preito a sua estimada e inesquecível mãe.

Anos depois, sempre prestigiando a terra que tanto amou, Dona Lydia de Souza Rezende ofereceu uma coroa de ouro à imagem venerável da Imaculada Conceição.

Incansável, Dona Lydia fez construir em terras de sua propriedade, hoje ocupadas pelo bairro Jardim Monumento, um marco comemorativo do centenário da Independência do Brasil. A inauguração do monumento deu-se no dia 7 de setembro de 1922, com grandiosas festividades. O Monumento, que muitos piracicabanos desconhecem, não o é dos vilarezendinos. Quando aluno do Grupo Escolar de Vila Rezende, muitas comemorações de 7 de Setembro eram realizadas a seus pés. Tínhamos que percorrer campos com mato ralo e ultrapassar muitas cercas de arame farpado. Hoje, com a cidade chegando até ele, pode-se admirá-lo facilmente.

Devemos destacar que Dona Lydia de Souza Rezende, a grande dama que tanto fez pela sua Vila Rezende, teve uma pessoa de mérito irrefutável que a acompanhou na administração das propriedades deixadas pelo Barão. Estou me referindo a Mário Arêas Witier, que ficou conhecido carinhosamente por ‘Mário da Baronesa’.

Mário Arêas Witier foi criado e educado pela Baronesa e Dona Lydia. Pessoa de fino trato, amigo bondoso e de todos querido, por muitos anos administrou as fazendas, imóveis e negócios dos herdeiros do Barão de Rezende. Era formado em Agronomia.

Pena que não pudemos entrevistá-lo, pois faleceu há pouco, depois de pertinaz enfermidade. Na certa teria muita coisa interessante para nos relatar.

Também é de nosso conhecimento que a Baronesa teve, por cer-

to tempo, um administrador da Chácara São Pedro, o Sr. Luiz Chieus, sogro do nosso tão conhecido Atílio Zulin.

Um outro colaborador de Dona Lydia foi o Sr. Joaquim Paes, muito conhecido de todos, pois posteriormente foi o administrador do Cemitério da Saudade.

Uma data muito triste para os vilarezendinos foi 24-06-1933, quando a grande dama, Dona Lydia Souza de Rezende, expirou.

Deixou seu nome indelevelmente escrito na história piracicabana”.

Para elucidar a origem do Sr. Mário Arêas Witier, passamos a relatar algo mais. Em 1918 a Baronesa de Rezende, já viúva e enferma, soube da existência de uma sua parente, Dona Vitalina Arêas Vitier, também viúva, que morava em Portugal com seu Mário. Mandou buscá-la para ser sua dama de companhia. Dona Vitalina conviveu mais de 30 anos, juntamente com seu filho, com a família do Barão.



Bodas de Angelo e Teresa Furlan: trisavós de Pedro Caldari.

Nota do Autor:

O Dr. Alcides Aldrovandi, que me distinguiu com sua amizade, destinou toda a receita da venda desse seu livro ao Centrocâncer da Vila Rezende, entidade por mim presidida. Entregou-me pessoalmente um cheque de sua conta bancária, no total da edição, pagando, inclusive, os exemplares que destinara para seus familiares, amigos e demais pessoas e instituições. Eis, portanto, o testemunho da bondade e da caridade cristã tão singulares do saudoso médico e dileto filho de Vila Rezende.

No dia 26 de novembro de 1958, oficializava-se a fundação de uma sociedade civil com finalidades estritamente de defesa dos interesses sociais de uma comunidade muito expressiva dentro do contexto piracicabano, pela singularidade social-econômica e dimensão geográfica. A instituição nascia sob os auspícios de fortes convicções humanísticas e de sensibilidade cristãs herdadas de uma civilização européia milenar e berço do catolicismo, por conseguinte, continha fartas idéias para serem postas em prática, no aguardo de um suporte legal e organizacional.

João Vendemiatti, filho de italianos, era comerciante, proprietário de armazém de secos e molhados situado na Avenida Rui Barbosa ao lado de outro armazém idêntico ao seu, porém mais antigo, pertencente aos irmãos Mazzonetto, estes, italianos natos e veteranos da Primeira Guerra Mundial. Já comentamos esse fato curioso de se ter inúmeros estabelecimentos quase iguais em um trecho urbano até pequeno e de que todos eles coexistiam pacificamente, cada qual a desenvolver os seus negócios a contento. A Rui Barbosa desde então representaria a área comercial da Vila e as casas residenciais dos proprietários eram as mesmas de suas respectivas lojas. Assim, muito comum o hábito dos fregueses procurarem-nas a quaisquer horas do dia ou da noite, certos de serem atendidos e sem temor algum, tanto do comprador como do vendedor, quanto à fiscalização das autoridades pertinentes.

João e família moravam nos fundos do armazém. Seus filhos, nossos amigos de infância, companheiros, portanto, das estrepolias diárias após as aulas no Grupo Escolar “José Romão”. Homem de preparo, como se dizia à época, décadas de 30 e 40 do século passado, tinha tendências à política e, como bom católico também, como todos da redondeza, sentia certa afeição ao movimento integralista liderado pelo ídolo nacional Plínio Salgado, em franca evidência nos anos de 1935-1939, vésperas do fatídico 30 de setembro de 1939 quando Adolf Hitler invade a Polônia, estopim da II Guerra Mundial. Mais tarde, com a entrada do Brasil no conflito, os italianos radicados na Vila Rezende sentiriam na pele as retaliações inevitáveis. No entretanto, as hostilidades aqui no bairro seriam amenizadas pelo calor humano de uma sociedade miscigenada ou tropicalizada.

A SAVIRE – Sociedade Amigos da Vila Rezende comemorou o seu Jubileu de Ouro festivamente. João Vendemiatti presidiu-a no primeiro ano de vida, ao lado de seletos grupo de diretores, que enumeramos para honrar-lhes a memória embora, felizmente, muitos deles estejam bem vivos e atuantes. São eles: Renan Cantarelli, Anita Sêga, Guerino Trevisan, Reynardo Alleoni, Ana D’Abronzo, Oswaldo Paulillo, Sebastião Paulo Sêga, Cláudio Dezuó, José Sidney Ferraz, Waldomiro Scarpari, José Roberto Caldari, Raul Carraro, Tarcísio Ângelo Mascarim, Irineu Oliveira Diniz, Remo Nivaldo Papini, Jacira Sbravatti Rizzollo e Padre (Monsenhor) Jorge Simão Miguel.

– Metade da Vila, né?!

– Eh, eh, eh... pois é! A outra metade ajudava a primeira, com palpites e reivindicações, sem esquecer daqueles que eram apenas curiosos.

– Gente boa, gente boa... na hora de arregaçar as mangas, lá estariam todos unidos, prontos a contribuir serviçalmente. Dinheiro? Poucos o tinham à disposição. Agora, força física fazia jus às origens de italianos e de caboclos.

– O Vendemiatti, assim como o Augusto Costa, português puro, aspirava a criação dessa instituição, batalhando diretamente em uma verdadeira doutrinação de seus amigos e conhecidos, buscando convencê-los da importância de tê-la legalmente registrada, com personalidade jurídica e habilitada perante o Ministério da Fazenda, conforme o aconselhamento jurídico-contábil. Aliás, dentre os membros da diretoria, havia competentes profissionais nessas áreas administrativas.

A Irmã Maria Aparecida Sêga, religiosa da Ordem Franciscana, viria a responsabilizar-se pela parte delicadíssima da obra assistencial, em função da clientela - crianças acolhidas pela creche-berçário e respectivas mães, essencialmente pobres e humildes da populosa Vila Rezende. Já nessa época, a Vila configurava-se como um conglomerado de novos bairros, todos situados na margem direita do rio Piracicaba. Do lado esquerdo da Matriz Imaculada Conceição e do Colégio Baronesa de Rezende, as avenidas foram se projetando, até alcançarem os limites do velho Engenho Central - hoje desativado e tombado pelos Patrimônios Históricos de Piracicaba e do Estado de São Paulo, em processo de incorporação ao patrimônio municipal e convergindo-se à formação de um complexo cultural projetado e controlado pela Prefeitura Municipal

- e as barrancas do rio, originando o desdobramento da Vila nos bairros Nova Piracicaba, Monumento, Nhô Quim, São Luiz e Bimboca, que se localizam ao fundo da Matriz, como referência geográfica, até se limitarem também ao rio, pois do outro lado, da margem esquerda adiante, a expansão urbana pertence a que chamamos de “cidade”.

Do outro lado direito da Matriz, até o final da Avenida Rui Barbosa, é a parte velha da Vila; no prolongamento dessa Avenida encontra-se o monumental Centro Empresarial Mário Dedini, ex-sede administrativa do Grupo Dedini, e, mais adiante, o Shopping Center Piracicaba, que faz fundo ao rio e às pontes, a primeira construída pelo prefeito Luciano Guidotti e a segunda pelo prefeito Barjas Negri.

– Termine de citar a SAVIRE, senão ocê se perde como da outra vez!

– Ocê é chato, não!? Até me esqueci do quê tava falando! Num me interrompa! O livro é meu i eu faço o que quiser.

– Ora, ora, tá legal... depois não venha pedir-me ajuda e opinião. Revisão, então, nem pensar!

– Eh, eh, eh... tá cum medo que não fale d’ôcê, né?! Eh, eh, eh...

A SAVIRE nasceu, cresceu, enobreceu e consolidou-se como instituição. Primeiro, como Creche e Berçário Ada Dedini Ometto, com 700 m² de edificações tecnicamente adequadas à finalidade-título, para 100 crianças; segundo, com áreas adicionais, para instalar a Biblioteca Pública da Vila Rezende – aquela fundada pelo Rotary Club – e, a seguir, criar as seguintes obras assistenciais: AA – Alcoólicos Anônimos; ALANON – Auxílio a Familiares do AA; NA – Narcóticos Anônimos; NARANON – Auxílio a Familiares de NA. Área total da entidade: 4480 m².

– E o Paulo Sêga?

– Após o Vendemiatti, e sempre ao lado do Augusto Costa e do seletto grupo de prestativos cidadãos, cujos porta-vozes – tinham de fato, vozeirões invejáveis! – Euclides Ferrúcio Rizzollo, pai da menina Rosângela, a Ro, que se tornaria grande musicista, educadora e batalhadora política, casando-se com o engenheiro Edgar Camolese; e o comerciante, relojoeiro Waldomiro Scarpari que, ao optar pela Vila, abdicaria da sua origem “citadina” para assumir o papel de ferrenho pugnador do nosso bairro, e assim apoiado incondicionalmente, o Paulim faria da SAVIRE a sua razão de ser, cuidando pessoalmente de suas mínimas necessidades funcionais.

Vila Rezende, 2009. Século XXI. Terceiro Milênio. Adentramo-nos até na “nova reforma” da Língua Portuguesa, com a introdução de regras e normas que passam a vigorar nos países que falam e escrevem Português. Sinceramente, me aborreço com essas reformas todas, muito embora justificadas e até necessárias. No entanto, se é para simplificar o idioma, por que não se fazer uma reforma total, única e definitiva? Acabam-se de vez com os acentos todos! Preservem-se tão somente os sinais de pontuação gráfica, ou seja: aspas, parênteses, interrogação, exclamação, ponto final, vírgula, reticências, traço de separação, eliminando-se todos os demais, a exemplo do que ocorre com a língua inglesa. E fim de papo! É, ou não é verdade?!?

Bem verdade! O Brasil, novamente, submete-se à vontade de interesses menores em prejuízo de seus quase duzentos milhões de cidadãos, preocupando-se com uma minoria estrangeira, a título de “unificação” linguística! E nós vamos assim inutilizar todo o acervo bibliotecário, tornando-o graficamente obsoleto, fora todo o “estoque” existente nas livrarias do país.

Absurdo! Mil vezes absurdo!

– Eu protesto! Quero que seja consignado em ata! Não concordo, absolutamente!

Era o nosso estimado amigo, Euclides Ferrúcio Rizzollo, mais uma vez, a fazer-se ouvir com veemência, em uma das reuniões das tantas entidades a que pertencia na condição de membro atuante, participativo, sempre demonstrando entusiasmo e real interesse às respectivas causas sociais.

O “Cridão” Rizzollo é atualmente a pessoa que melhor representa a memória histórica da Vila Rezende dada a sua extraordinária vivência na comunidade além de possuir privilegiada mente, invejada cultura e inesgotável simpatia.

– Meu amigo! Do “peito”!

– Iguar c’oeu, num crédito!... nós inté vizinhos era! Eh, eh, eh...

– I nós namorara na mesma época e moçada amiga de infância!

– I casamo quase ao mesmo tempo! O Padre Jorge fez nossos casamentos, na antiga Matriz da Imaculada...

– Que foi derrubada insanamente! Eu protesto, veementemente! Que seja consignado em ata!

– Carma, carma Cridê! Agora não adianta mais nada... depois que a vaca foi pro brejo, fechá a porteira é bobage! Eh, eh, eh...

De fato, a demolição de importantes prédios de valor histórico para Piracicaba é uma realidade cruel: Teatro Santo Estevão, Igreja Matriz da Imaculada Conceição da Vila Rezende, Hotel Central, Estação da Sorocabana Barão de Rezende, também na Vila, e outras tantas edificações centenárias – representando incalculável perda para o patrimônio memorialista nacional. Engenho Central e o Instituto Baronesa de Rezende, são poucos os prédios antigos tombados pelo CODEPAC, Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba, órgão subordinado à Prefeitura Municipal, o que para nós não deveria sê-lo, por conflito de interesses, e sim constituir-se em entidade independente e autônoma.

Os velhos casarões da Vila já inexistem. Em seus espaços ergueram-se outros prédios ou deram espaço para estacionamentos comerciais. Os ainda remanescentes, como acontece com quase todos de Piracicaba, nas ruas centrais, estão arquitetonicamente alterados e escondidos sob fachadas artificiais em consequência de chamadas publicitárias comerciais, horrorosamente.

Poluição visual, literalmente! Admirável a corajosa decisão do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, que determinou o fim de tal abuso na Capital, enfrentando as poderosas empresas de propaganda e publicidade.

Piracicaba, infelizmente, está sob o domínio dessa máquina de fazer dinheiro, explorada por pessoas que não respeitam nada, inclusive invadindo áreas de preservação ambiental e de atração turística.

Mas o lamentável, mesmo, é o descaso das autoridades municipais, que é crônico e de longa data. O Teatro Santo Estevão, e a própria residência de quem o construiu e impedira a primeira tentativa de demoli-lo, procedendo à sua reforma com dinheiro do próprio bolso, o Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende, (que doou-a ao município e foi por décadas a sede da Prefeitura Municipal) viria a ser absurdamente demolida por um prefeito muito festejado como empreendedor.

– E no seu lugar nada se fez! Tá lá, um terrenão enfeiado por um estacionamento de veículos ridículo. A Igreja de São Benedito, ao seu lado, por muito pouco escapou de igual destino. Agora está tombada e tutelada.

– Ocê num acha que os atuais incentivos fiscais às pessoas físicas e jurídicas deveriam ser facilitados para quem realmente empregasse recursos na preservação do patrimônio histórico da cidade? Hoje, há uma tremenda burocracia a dificultar tudo, que inibe e desestimula, principalmente nessa área tão árida de recursos financeiros.

– Eh, eh, eh... há poucos “Cridões” nesse meio! Ah, vilarezen-dinos.

Bem, o amigo Euclides Ferrúccio Rizzollo é nativo da Vila Re-zende, pertencente a uma família que se entrelaça com todas aquelas tradicionais da parte mais bela e romântica de Piracicaba, reduto europeu, sem dúvida.

Avenida Salaz... Ferrúccio Rizzollo e Amália Busatto, professora. Filhos: Ângelo, Virgínio e Luiz. Ângelo, pai do Cridão, casou-se com Rosa Cármio; filhos: Euclides, Sérgio, Antônio, Flávio e Angelina. Euclides casou-se com Jacira Sbravatti; filhas: Rosangela e Mariângela.

O Sr. Ângelo integrou a primeira Orquestra da Vila, em 1920; tocava bandolim sob a regência do Padre Julião Caravello (italiano) e, como bom católico, assumiu a responsabilidade da construção da Capela São Luiz na longínqua Bimboca, em meio a um então descampado cheio de mato ralo e de poucas árvores, atualmente o populoso bairro São Luiz.

– Pedro, ocê é capaz de lembrar o nome da sua primeira professora?

– Craro! Nome e sobrenome! Elza Wohlgemuth! Grupo Escolar “José Romão”, 1º ano do curso primário, em 1945... aulas das 7h30 às 12 horas!

– E o do diretor?

– Eh, eh, eh... Leontino Ferreira de Albuquerque!

– Tá rindo porque?

– Dos “cascudos” que recebíamos de ambos, pelas marotices que fazíamos, principalmente na época de safra da cana-de-açúcar! Eh, eh, eh...

1767 – Fundação de Piracicaba – margem direita do rio, abaixo do salto. Capela de Nossa Senhora dos Prazeres.

Mudança da vila à margem esquerda; demarcação do rossio; Capela de Santo Antônio. Rapto de Nossa Senhora dos Prazeres pelos anjos, invencionice do Capitão Povoador Antônio Corrêa Barbosa. Pároco: Frei Tomé de Jesus (já Freguesia).

1ª missa celebrada na povoação (sem data): Padre Ângelo Paes de Almeida, ituano (1734-1794).

10/08/1822 – Piracicaba passa à categoria de vila e muda de nome para Vila Nova da Constituição. Vigário: Padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. Líderes políticos: Capitão Domingos Soares de Barros e Dr. Nicolau Pereira de Campos. População: 3.712, incluídos os escravos do distrito (Piracicaba, Santa Bárbara, Limeira, Rio Claro e Pirassununga) e da área urbana, ao todo, 7.000 habitantes.

24/04/1856 – elevação à categoria de cidade, lei provincial.

11/03/1877 – Dr. Prudente de Moraes propõe e é aprovada indicação para retomada do nome de “Piracicaba” à cidade, sancionada pela Assembléia Provincial – lei nº 21 de 13/04/1877.

1855 – Marquês de Valença adquire a fazenda São Pedro – faixa de terra da margem direita do rio Piracicaba, toda a Vila; 1856 é herdada por Estevam de Souza Rezende.

16/10/1865 – casam-se Estevam Ribeiro de Souza Rezende e Anna Cândida da Conceição, filha do Barão de Serra Negra, futuros Barão e Baronesa de Rezende.

1875 – inauguração da “Ponte Nova”, planejada conjuntamente por Dr. Estevam e Dr. João Theodoro Xavier e construída por Dr. Estevam. Feita em madeira pelo mestre de obras Antônio Garcia Bueno e só substituída após 20 anos por estrutura metálica. A primeira ponte, toda de madeira, ficava abaixo do salto – Rua dos Pescadores e próxima à casa de Cláudio Severino Luiz Teixeira. Em 1863 foi construída uma nova – Rua Direita – sob direção de João Morato de Carvalho, sendo muito afetada pelas enchentes, exigindo urgência às obras – iniciou-se em 1872 e obras duraram dois anos a um custo de 86.000\$000 (média de 3000\$000

por pilar, com material extraído da margem direita do rio). Nessa ocasião, Antônio Almeida Leite Ribeiro construiria a Rua Luiz de Queiroz.

1810 – elevação a Freguesia.

1816 – representação ao Conde de Palma, capitão-general – Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, vigário, e Domingos Soares de Barros, capitão-comandante, atestam: “... ao norte, Campos de Araraquara (massapé roxo, o marne, o mais próprio à cana-de-açúcar)... mais de 2000 almas... 14 engenhos de açúcar novos, 4 de aguardente e se dispondo a ter mais 12... 22 fazendas de criar...”.

1698 – Pedro de Moraes Cavalcanti requereu uma sesmaria abrangendo uma e outra banda do rio, ficando-lhe o salto no meio e alegando na sua petição “que iria povoá-la com toda a sua família”.

1718 – Paschoal Moreira Cabral descobre as minas de Cuiabá. Índios Payaguás são citados como nação feroz e guerreira que habitava as margens do rio Jaguaré e estendia-se aos sertões do Mato Grosso e Goiás. Os caiapós são também citados.

1725 - monção de 300 homens foi trucidada pelos índios, sobrevivendo apenas dois brancos e três negros (Paiaguás).

1733 – os Paiaguás renunciaram ao domínio da região, à força. Expedição armada organizada pelo capitão general Antônio Luiz de Távora, Conde de Serzedas, e comandada pelo sorocabano Gabriel Antunes Maciel incorporando sertanejos e posseiros de Piracicaba chefiados por Manoel Corrêa Arzão.

Pelos registros de documentos que datam a anos anteriores a 1767, nos damos conta da movimentação de pessoas pela região, decorrentes dos interesses coloniais, políticos e econômicos, além, evidentemente, de estabelecer rotas seguras de interiorização territorial e de domínio das terras reconhecidamente ricas. Conhecia-se, portanto, a região de Piracicaba muito antes da fundação oficial do povoado, reivindicada por meio de petições.

Se em 1855 o Marquês de Valença adquiriu as terras da Vila Rezende, na forma de fazenda não desbravada, há entre essa data e a da fundação da cidade um período de 88 anos, calendário sem nenhum registro de atividade urbana ou rural, ou seja, nada havia nessa área além de mata, animais silvestres e, provavelmente, algum indígena remanescente ou habitante desgarrado – mestiço ou escravo fugido, ou ainda, “desocupados, vadios e fora-da-lei”. É esse espaço de tempo que nos intriga, por

desconhecê-lo. Provavelmente não signifique algo de interesse e essa terra tenha permanecido virgem, ou então, uma espécie de reserva natural convidativa à caça e de provimento de produtos da natureza.

– Você pode muito bem imaginar a beleza dessa parte da povoação, com toda a exuberante mata...

– Com a passarinhada em continuada algazarra a pulular de galho em galho, de uma árvore à outra, cantando alegremente!

– Ah, que coisa maravilhosa, não?!

– Eh, eh, eh... os papa-capim, curiós!...

1730 – Piracicaba–Cuiabá – expedição a cargo do Ouvidor Dr. Antônio A. Lanhes Peixoto, com 100 homens armados e mais os remeiros, com cerca de 80 arrobas de ouro vindos de Cuiabá para São Paulo, transitando por Piracicaba, enfrenta os índios paiaguás-caiapós - 800 índios em 80 canoas. Saldo da batalha travada nos pântanos da embocadura do Jaguari: 400 índios mortos, 17 sobreviventes brancos, salvos a nado. Dentre os mortos, o próprio Ouvidor Lanhes.

1733 – Manoel Corrêa Arzão, filho de Antônio Rodrigues Arzão e bisneto de Camílio Arzão, reporta-se, em 28 de março, ao Conde de Serzedas: “Piracicaba, ...”. Antônio Rodrigues Arzão residira nas proximidades do salto de Piracicaba e forneceu informações a Bartholomeu Bueno de Siqueira (morto pelos paiaguás em Canandó, no rio Paraguai) e a Carlos Pedroso da Silveira sobre os sertões que percorrera, habilitando-os ao transporte de ouro das minas de Minas Gerais, passando por Piracicaba. J. S. Mello, Almanak de Piracicaba, 1900, páginas 97 a 119.

Agosto de 1877: Senador Manoel de Moraes Barros “Piracicaba, Estado Presente” (Almanak Litterario de S. Paulo, anno de 1878): “O município confina ao norte com Brotas, Rio Claro e Limeira... e ao poente Botucatu... quase toda de terras roxas... léguas e léguas... vegetação esplêndida e luxuriante... muito produtivas... Piracicaba será o celeiro da vizinhança... produção de açúcar orça em 50 mil arrobas ou 750.000 quilos em 25 engenhos grandes e muitos pequenos... matriculados na coletoria da cidade 5339 escravos, terceiro da província – Campinas, 13412 e Bananal, 8141...”

29/09/1875 – falece José Romão Leite Prestes, natural de São Paulo, que veio à Piracicaba em 1845 como mestre-régio, aposentado em 1867, abrindo escola particular bem sucedida, formando excelentes profissionais administradores.

19

Da relação de “Contribuintes Municipais”, publicada no Almanaque de Piracicaba, 1900, página 189 e seguintes, extraímos os nomes de pessoas e de empresas estabelecidas na Vila Rezende, comprobatórios de suas atividades no bairro:

Ricardo Bertini, Alfaiataria
Justino Septimo & C., fabricante, cal, Corumbataí
Francisco Masso, fábrica de cerveja, Tanquinho
Cristiano Mathiesen, lavrador
Sucrerie Piracicaba
Valentini Ducate
João Elias Nina, loja de fazenda e armarinhos
Sandolfo Forte & C, marcenaria
Ferdinando Possolone, mascate
Jorge Zacharias, mascate
Ângelo Massoneto, restaurante
Frederico Bertolini, restaurante
Patrian Domingos, restaurante e venda e armazém
Gaspar Piatti, restaurante
Antônio Farracheiro, sapataria
Cesário Porta, sapataria
Augusto Wegner, selaria e arreios
Ângelo Giovanetti, venda e armazém
Ângelo Mazzonetto, venda e armazém
Antônio Monteiro, venda e armazém
Bueno & C., Charqueada, venda e armazém
Carmine Lupinacci, venda e armazém, estrada de S. Pedro
Eduardo Noselli, Tanquinho, venda e armazém
Emílio Barreta, venda e armazém

Fernando Bertocci, Tanquinho, venda e armazém
Furlani Giuseppe & Dalprate, Charqueada, venda e armazém
Jacyntho Volpate, Tanquinho, venda e armazém
Jorge Pedreiro, Tanquinho, venda e armazém
José Limonge, venda e armazém
Lourenço Ducatti, venda e armazém
Luiz Negri, Sta Lúcia, venda e armazém
Luiz Noselli, Tanquinho, armazém
Luiz Sutta, Estrada do Meio, armazém
Luigi Malosso, Guamium, armazém
Manoel Pinto de Magalhães, Costa Pinto, armazém
Miguel Mantovan, armazém
Morselli Riccheti, armazém
Paulo Guaraldo, armazém
Pedro Ernesto Leite, Tanquinho, armazém
Pedro Pedretti, armazém
Gaspar Piatto, armazém
Narciso Scanavaca, armazém
Souza & C., Estrada de S. Pedro, armazém
Ventura Ferrari, armazém
Giuseppe Zambelli, Tanquinho, armazém.

No mencionado Almanaque de 1900, referência à pesquisa que procedemos, há, a partir da página 259, relato sobre as ruas de Piracicaba e, apesar de algumas outras citações existirem na obra, não é relacionada uma rua sequer da Vila Rezende. Estranha tal atitude, já naquela época, há mais de um século. Entende-se, portanto, a razão das rivalidades bairristicas no século findo, embora nós não as tenhamos compartilhado na acepção do termo. Na página 268 do citado, em “Chácaras”, encontramos referência à propriedade do “Dr. João Conceição, Barão de Rezende...” – cremos-nos diante de um erro, e se tratar de Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende, pois logo a seguir, ela é

assim descrita: “...A primeira destas tem 850 alqueires e está plantada de frutas de toda a qualidade.”

Não nos brindou com informação urbana alguma, lamentavelmente, nesse belo trabalho informativo e elucidador. A propósito, no Almanaque Piracicaba, 2000, do amigo e companheiro Cecílio Elias Netto, deparamo-nos com semelhante lacuna em relação à Vila Rezende, que também lamentamos profundamente. O trabalho de pesquisa é exaustivo e demanda-nos tempo, além de custos financeiros pessoais. Mas isso tudo pode ser superado e compensado pela satisfação de chegar-se a resultados que irão beneficiar as gerações futuras. Triste mesmo é quando a obtenção de dados que procuramos não mais podem ser encontrados pela absoluta falta de registros e pelos desaparecimentos das últimas testemunhas de uma determinada época e de uma comunidade. Bem, vamos ao trabalho enquanto temos a oportunidade de fazê-lo!

Ainda a respeito do Engenho Central, ao passar às mãos da Société Anonyme Sucrerie Brésiliennes, produzia 100.000 sacas anualmente de açúcares cristal, redondo e mascavinho de melhor qualidade. Denota-se a tendência açucareira dos agricultores, muito embora a demanda por algodão, despertada pela tecelagem criada por Luiz de Queiroz, oferecesse bom preço e o café também fosse promissor. Falava-se pouco sobre a vida urbana da Vila Rezende, provavelmente por estar voltada à agricultura intensiva, expandindo-a na direção de Limeira, Rio Claro, São Pedro, no rastro da terra roxa inteiramente virgem e no esplendor da fertilidade.

– Água Santa, Guamium, Santa Lídia, Cruz Caiada...

– E adjacências! Eh, eh, eh...

A título de curiosidade: Almanaque 1900, pág. 171, encontra-se:

“Longevidade”

Lê-se no livro do tombo de nossa matriz, o seguinte:

“João. Aos 4 de setembro de 1829 faleceu João Leme, de idade de cento e oitenta anos, casado com Anna Maria, do que fiz assento. a) Padre Manoel José de França”.

Nota: Padre Manoel foi vigário em Piracicaba de 1816 a 1849.



Rio Piracicaba, ao fundo o Engenho Central.

20

É a terceira empreitada que me disponho executar com o objetivo de escrever sobre a Vila Rezende com isenção de pensamento, ou seja, com a melhor das intenções e preocupado em não faltar com a verdade e a veracidade dos fatos.

– Verdade e veracidade?!? Não lhe parece estranho isso?!?

– Verdade, meu caro amigo, significa aqui o registro da informação obtida ou a visualização do acontecido sem distorção alguma, conservando-lhe a originalidade ou singularidade.

– E a veracidade?

– Para mim, significa algo mais, além da verdade. Seria o aprofundar-se na tarefa do relato escrito a que nos propomos elaborar na condição de historiador, cotejando os fatos antes de dá-los como verdadeiros e dignos de fé.

– ?!? Bem, tá, tá! Continue.

E pela terceira vez, embora haja uma distância de vários anos entre as suas respectivos datas, deparo-me com dificuldades semelhantes: pouca informação disponível e uma inexplicável resistência das pessoas em fornecê-las – fotografias, documentos, objetos pessoais comuns e de nenhum comprometimento ou confidencialidade, depoimentos ou testemunhos pessoais –, enfim, pura cooperação.

– Mas você não tem insistido na afirmação de que a Vila é um exemplo de comunidade solidária, de laços afetivos fortes e por aí afora?!

– Pois é! Como explicar-se, então?! Justamente eu, vilarezendo, com dificuldades pra continuar no resgate da “memória” da Vila! Gostaria de contribuir significativamente com subsídios capazes de esclarecer-nos o desenvolvimento socioeconômico desse bairro nos seus primeiros anos.

Da seção “Efemérides Piracicabanas” do Almanaque 1900 – pinçamos as citações que se relacionariam a esta coletânea, pelo menos a título de “curiosidade”:

23/01/1871 – “Foi colocada a primeira pedra do Teatro Santo Estevão, no mesmo lugar que existia o outro”. Ambas as iniciativas se devem ao Barão de Rezende.

11/01/1875 – “Faz experiência de máquinas o vapor Explorador, destinado ao reconhecimento do rio Piracicaba”. Também empreendimento do Barão de Rezende.

13/02/1888 – “O vapor Visconde de Itu desce pela primeira vez o rio Piracicaba com destino a Lençóis”.

02/02/1893 – “Inauguração do repucho que ao jardim público ofereceu Júlio Conceição”. Tio de Lydia de Rezende, que assim prestigiou-a.

17/02/1898 – “Chega de visita à colônia italiana o respectivo ministro acreditado junto ao governo brasileiro, Conde Pedro Antonelli”.

22/03/1886 – “Passa o primeiro trem sobre a ponte construída pela Ituana a par da outra de trânsito público”.

01/03/1894 – “Faz-se a eleição para presidente da República a qual recae sobre Dr. Prudente de Moraes, primeiro cidadão civil que ocupou o elevado cargo”.

10/03/1896 – “Falece no Hotel Metrópole, no Rio, o Dr. Américo Brasiliense”.

24/04/1878 – “Publica-se a lei que restitue a esta cidade o seu antigo nome de Piracicaba”.

27/04/1893 – “Chega o Dr. Américo Brasiliense que vem assistir o consórcio do seu filho do mesmo nome com a filha do Barão de Rezende”. - Francisca de Rezende, irmã de Lydia.

29/05/1875 – “É concluída a ponte nova sobre o Piracicaba”.

11/06/1898 – “Dá-se o óbito de Luiz Vicente de Souza Queiroz, um dos homens a quem Piracicaba mais deve”. Ainda é cedo para tecermos o seu elogio, o que pretendemos fazer, D.V., em biografia especial no próximo ano.

11/07/1877 – “Chegam os Condes D’Eu que se retiram a 17”.

25/07/1877 – “Foi sepultada no Rio, D. Elisa Mafalda, filha do Barão de Rezende”.

26/08/1868 – “É nomeado delegado de polícia o Dr. Estevam de Rezende”.

29/09/1875 – “Foi sepultado o professor José Romão Leite Prestes”.

22/09/1878 – “Aqui chegam SS. Majestades que se retiram no dia 24. Hospedaram-se com o Barão de Rezende”. D. Pedro II foi padrinho de batismo do Barão.

06/09/1893 – “Inaugura-se a iluminação pela eletricidade. Fiat luz!”. Obra de Luiz de Queiroz, recebendo no dia seguinte grande manifestação popular.

16/10/1864 – “Casa-se o dr. Estevam de Rezende”. Sua esposa? – Anna Cândida, filha do Barão de Serra Negra.

11/10/1876 – “Em Itu falece o Barão de Piracicaba”.

02/10/1880 – “Vem de mudança o Barão de Valença”.

09/10/1888 – “Falece a Baronesa de Serra Negra”.

02/10/1892 – “Casa-se o Dr. Francisco Morato com uma filha do Barão de Rezende”.

18/11/1881 – “Chegam os primeiros volumes de maquinismo para o Engenho Central”.

12/11/1883 – “Chegam os Condes D’Eu que se retiram no dia seguinte”. Hóspedes do Barão de Rezende.

20/11/1885 – “Chegam Ss. Mm. os Imperadores do Brasil”.

15/11/1894 – “Assume a presidência da República o Dr. Prudente de Moraes”.

10/12/1871 – “Sepulta-se o Alferes José Caetano Rosa, o benemérito arruador de Piracicaba”.

17/12/1873 – “Lançam o vaporzinho Explorador, destinado a fazer o reconhecimento do rio Piracicaba”.

05/12/1873 – “Grande conflito entre italianos e brasileiros, do qual saíram baleados dois destes”.

05/12/1891 – “Falece em Paris o senhor D. Pedro II, ex-imperador do Brasil”.

“Ararituaba – Porto Feliz” – 1792 a 1795 – “... uma lavoura lucrativa e vantajosa na capitania de São Paulo, a cultura da cana-de-açúcar, e o sucesso dessa cultura nas terras roxas de Porto Feliz, fez com que essa qualidade fosse buscada pelos agricultores de cana na criação de novas fazendas...”. Concessão de sesmarias com facilidade nos anos de 1795 através do Capitão-General e confirmadas pelo Rei em Lisboa. Em todos os relatos sobre os primórdios de Piracicaba, nos confrontamos com as afirmações que atestam a excelência da terra roxa da região e alta qualidade da cana-de-açúcar por ela produzida, muito superior as de outras regiões do País. A vocação açucareira é, portanto, assim explicada e acreditamos que a tradição será mantida por muito tempo ainda tal a importância dos problemas energéticos que afetam o mundo.

21

Olívio Nazareno Alleoni é médico piracicabano, filho de José Santo Alleoni e de Antonieta Busatto, e irmão de José Rossini e Maria Ruth. Neto de Giovanni Busatto e Mariantonia Renna e de João Alleoni e Margarida Arrighi.

O exercício da medicina em si, já evidencia uma predisposição ao serviço humanitário, pois a carreira dessa nobre profissão é pontilhada por contínua abdicação de outras ambições comuns às demais atividades

profissionais, absolutamente normais e legítimas, sem dúvida, mas não implícitas nos discípulos de Hipócrates.

Olívio, homem forte e altivo, de estatura alta e avantajada, denuncia a origem de seus avós – italiana – e faz questão de ressaltá-la em seus escritos, que são muitos e sobejamente apreciados – “Uma fresta para o passado”, “Primeiro Centenário do Lar dos Velhinhos de Piracicaba”, “Teatro Municipal Dr. Losso Netto, Três Décadas de Cultura”, “Cururu em Piracicaba” –, outro lado do ilustre facultativo, que tomou gosto pelos trabalhos de pesquisa memorialística e de preservação da história de Piracicaba, integrando de modo ativo o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e de outras inúmeras instituições congêneres.

É no seu livro “Uma fresta para o passado”, o primeiro editado, que encontramos excelentes informações elucidativas dos primórdios de Vila Rezende, séculos XIX e XX, e, paralelamente, exaustiva pesquisa sobre a imigração italiana e sua convergência às terras piracicabanas, fornecendo-nos números estatísticos e farto relato das primeiras atividades exercidas pelas famílias italianas, motivadas, em princípio, pela necessidade de substituição da mão de obra escrava negra por outra igualmente de baixo custo e, secundariamente, por decorrência das dificuldades que eram impingidas às populações pobres européias por uma série de fatores políticos e socioeconômicos. O fato é que o italiano foi “tangido” para cá, a bordo de navios que já haviam anteriormente transportado os escravos negros africanos, de maneira deprimente. As “baixas” durante a travessia do Atlântico eram grandes e pouco sensibilizavam as autoridades brasileiras e italianas; aliás, nada a estranhar-se, tal a forma como se procurava a vinda desses pobres cidadãos, não tão-somente da Itália como também de outros países. Nas naus de Cabral havia “bandidos e degredados”... nas primeiras ocupações das terras próximas ao salto de Piracicaba, “presença de vadios, bandidos e degredados de Itú...”. E assim vamos registrando imigrantes, emigrantes e migrantes na formação populacional brasileira. Piracicaba e restante do país assinalam em seu passado esse estigma social, que também ocorreu em boa parte do mundo no início das colonizações territoriais desbravadoras, ou seja, empreendimentos de difícil execução, de riscos até desconhecidos e de resultados duvidosos.

O negro para cá fora trazido desde o início da nova colônia e foi

mantido como escravo por mais de três séculos, e a ele o Brasil deve inestimável tributo de gratidão, assim como deve aos indígenas primitivos, donos destas terras todas, pesada pena diante da atrocidade praticada que dizimou nações inteiras, absurdamente. Foram mortos aos milhões e, mesmo hoje, com todos os avanços sociais e legais, há enormes erros no trato da questão com prejuízos aos brasilíndios.

De 1861 a 1985, a entrada de italianos no país, como imigrantes, foi de 1.433.265 de um total geral de 25.393.205 pessoas, ou 5,7%, que saíram em definitivo da Itália. Para Piracicaba especificamente, segundo Alleoni, até 1900, teriam vindo no máximo 5.000 pessoas, ou 0,5%.

Mas Piracicaba, na virada do século XIX, teria cerca de 14.000 habitantes urbanos e 20.000 no total geral, tida então como a terceira cidade do interior de São Paulo, abaixo apenas de Campinas e Sorocaba (quarta, se considerada também Santos). Se verdadeiros esses números estatísticos, a proporção de italianos no município passaria a ser muito expressiva, na ordem de 25%. Na abolição da escravatura, havia em Piracicaba coisa de 5.000 escravos, terceira cidade de São Paulo, logo abaixo de Campinas e Bananal.

Coincidência ou não, deparamos com uma triste igualdade = negros escravos e imigrantes italianos!

Ora, se um quarto da população piracicabana era italiana no início do século XX, com a entrada de mais de 600.000 entre 1900 a 1985 no Brasil, se mantidos os mesmos índices anteriores, a colônia alcançaria números respeitáveis no cenário local levando-se em boa conta a alta taxa de natalidade que suas famílias registravam, orgulhosamente diga-se.

Alleoni nos brindou com os esclarecimentos que buscavamos, ao levantar a “Planta da Cidade de Piracicaba e Subúrbios com a Rede de Encanamentos da Empresa Hidráulica”, de 1º de setembro de 1902, assinada pelo Engenheiro Amilcare Cantadori (por certo, um italiano!).

– Eh, eh, eh... buona gente, buona gente!. Nesse documento técnico verifica-se o arruamento delineado para a Vila Rezende, com a denominação das avenidas, das estradas, pontes e propriedades.

– E quais seriam?

– O Barão de Rezende recebeu de herança, de seu pai, Barão de Valença, que também se chamava Estevam, a fazenda São Pedro. Casou-se e se estabeleceu em Piracicaba, aqui exercendo suas atividades pro-

fissionais, familiares e públicas, todas bastante intensas quão produtivas, principalmente as de caráter público-benemerentes.

O traçado urbano da Vila Rezende, a partir da Ponte “Nova”, a projeção desta em linha reta recebeu o nome de Avenida Barão de Serra Negra e, paralelas a ela, acima da ponte, os nomes de Manoel Conceição, Dr. João Theodoro, Dr. Eulálio, Morato e Conceição; à direita da ponte e sentido rio acima, a Avenida Areão (hoje Avenida Rui Barbosa) indo bifurcar-se adiante nas estradas de São Pedro, do Meio, Rio Claro-Limeira; entre as Avenidas Areão e Conceição, vindo da ponte, a Estrada de Ferro Ituana completa a dita planta mencionada.

A Vila Rezende, por muito tempo após a mudança da povoação para a margem esquerda do rio, configurou-se como área agrícola desassistida das atenções da administração municipal. Com a presença dos imigrantes italianos, a cidade em si começaria a mudar, não só por sua influência sócio-cultural, mas também, por sentir a presença do imigrante de outras nacionalidades e os efeitos decorrentes do fim da escravatura e do início da era republicana no país, os rompimentos, portanto, de fortes elos de uma velha amarra que nos prendia às políticas coloniais.

Os barões e coronéis que aqui sediavam as bases de seus poderes pessoais, apesar de serem de inspiração monarquista, felizmente, após a fase primária da nossa história local, nutriram ideais elevados, patrióticos e humanitários, com fortes sentimentos religiosos. Graças a essa soma de valores, Piracicaba despontar-se-ia no horizonte do desenvolvimento econômico-social brasileiro.

– E a Vila, afinal? Ocê tá patinando, ô meu! Blábláblá etc. e tal, e nada!

– Eh, eh, eh... quer comprar um terreninho num loteamento pra lá de bão? É do Barão?

– !?!

– É pra moradia, pra chácara, pra pequeno sítio, este pra plantá cana, feijão, milho, algodão...

– E na beira do rio? Tem também?

– Eh, eh, eh... lá vem ocê querendo fazê rancho de pescaria, sô!

De fato, as terras do Barão de Rezende viriam a ser loteadas ao longo das avenidas previamente delineadas para o novo bairro piracicabano. Estava desencadeado o processo que viria representar expressivo

pólo econômico do município, projetando-o mundialmente. As edificações multiplicar-se-iam em residências, empresas comerciais, instalações industriais e, notavelmente, em escolas e faculdades de alto nível. No segmento industrial, além do sucroalcooleiro, outras diversificariam a gama de produtos destinados aos mercados internos e externos.

A forte presença italiana na indústria da Vila Rezende: Dedini, D’Abronzo, Gobbin, Santin, Stolf, Capellari, Cavallari, Vello, Carmignani, Gianetti, Ducatti, Alleoni, Sabadin, Ometto, Ricciardi, Braiã, Ferraciú, Negri, Caldari, Furlan, Camatari, Camolesi, Mazzonetto, Pelegrini, Ferrazzo, Galvani, Trevisan, Contarini, Carraro, Petta Valler, Balestiero, Schievano, Pizelli, Pescarin, Perissinotto, Mantoni, Brunelli, Filipini, Scarpari, Aldrovandi e certamente outros nomes ilustres que merecem se incorporar a esse rol de empreendedores cidadãos ítalo-brasileiros.

22

Família Giannetti, 1932. Os precursores Atilio e Francisco (Frank), italianos, dos Estados Unidos transferiram-se para cá e logo os demais da grande irmandade fixar-se-iam em Piracicaba, dando início a uma variada gama de empreendimentos de interesse da cidade e região.

Benedito (Bene), Umberto, Aristides, Paulo, assumiriam rapidamente a cidadania adotiva piracicabana – vilarezendina e, por consequência, a nacionalidade brasileira, abdicando da velha pátria.

– Má como?!? Tá mezzo matto?! Itália mia!

– Eh, eh, eh... mezzo-a-mezzo, no?! Vila Rezende é quasi la stezza!

Transporte coletivo, passageiros e de carga. Fábrica de vassouras. Restaurantes. Jornais e Revistas. Hotelaria.

Primeiro e de maior grandeza, foi o de viagem – transportes de cargas e de passageiros por via rodoviária –, cobrindo um vazio de longa data, só temporizado pelo transporte ferroviário cheio de falhas e extremamente demorado devido aos traçados das vias férreas e ao próprio maquinário disponível.

– São Paulo e adjacências... gradativamente. Piracicaba – Tupi – Nova Odessa – Santa Bárbara D’Oeste – Campinas – Jundiá – São Paulo e vice-versa... o mesmo trajeto da ferrovia porém, por estrada de rodagem... de terra!

– Isso mesmo! Chão de terra, literalmente. Poeira e barro pra ninguém botá defeito. Quando chovia - e como chovia! - a única certeza que se tinha era o da hora e do dia da partida e o resto ficava na mão da sorte, ou seja, se tivéssemos sorte na conjunção de vários fatores, a empreitada chegaria a bom termo.

Expresso Piracicabano de Transporte Ltda. e Viação Piracicabana Ltda., duas empresas formadas pelos irmãos Giannetti, viriam suprir a demanda de dois serviços essenciais para Piracicaba e região. Parte dessa respeitável família fixara-se na Vila e o restante só não residia no reduto da italianada, passando ali boa parte de seu tempo.

O Benedito e o Umberto casaram-se com Yolanda e Nair, respectivamente, e foram morar em duas casas que construíram uma ao lado da outra, exatamente iguais, na Avenida Monsenhor Manoel Conceição, esquina da Avenida Dona Francisca, fundo, portanto, da casa paroquial e da matriz, ambas posteriormente demolidas para darem lugar ao Seminário Diocesano e a nova matriz. Defronte as suas casas, construíram o galpão para instalarem a Fábrica de Vassouras Elefante, que funcionou por muitos anos até ser fechada e o prédio vir a ser adaptado para uma indústria mecânica – Auto-Pira S/A – especializada na produção de peças destinadas à indústria automobilística recém-implantada no país. A Vila Rezende, com os irmãos Giannetti, ao lado dos irmãos Checcolli e outros empresários piracicabanos – Holland, Cury, Furlan, Braião –, se fazia presente na era do automobilismo nacional gerando novos empregos e promissora fonte de receita para o município.

O Expresso Piracicabano viria a constituir uma respeitável frota de veículos de transportes, leve e pesado, trazendo para cá as matérias-primas industriais e toda sorte de mercadorias manufaturadas, e levando para fora os produtos piracicabanos – agrícolas e industriais – em larga escala, principalmente açúcar, álcool, aguardente e máquinas e equipamentos industriais fabricados pelas Oficinas Dedini e suas associadas.

Tivemos o prazer de testemunhar parte dessas atividades empresariais e de assim conhecer os irmãos que acabamos de citar, mais

particularmente Benedicto - Bene - e Umberto - Berto - por morarem na Vila e seus filhos virem a ser nossos amigos de infância, companheiros, portanto, de um sem número de memoráveis brincadeiras, divertimento e de experiências no cotidiano. Os meninos - Waldyr e Benedicto, filhos de Bene e Yolanda, e Humberto e Francisco, filhos de Berto e Nair. O Waldyr casar-se-ia com Cláudia, filha do Dovelio Ometto e de Adda Dedini, ingressando na diretoria da M. Dedini S/A, vindo a ser meu companheiro de trabalho por muitos anos, razão pela qual compartilharíamos de maior amizade e de muitos negócios conjuntos nos períodos áureos do Proálcool e do Proaçúcar, programas sucroalcooleiros bem sucedidos e que ainda hoje têm significados econômicos de importância para o país e para Piracicaba, obviamente.

Os outros irmãos residiriam na “cidade”, como já dissemos, mas todos frequentavam a Vila com uma assiduidade admirável, principalmente nos festejos paroquiais, como bons católicos.

A Viação Piracicabana Ltda. começou com uma modesta frota de automóveis, americanos, pois eram os existentes no país, para o transporte de passageiros que demandavam a cidade de São Paulo para negócios e outros interesses pessoais. Devagarinho, foi se desenvolvendo, adquirindo novos veículos - peruas com maior número de lugares - até chegar aos ônibus, capazes de proporcionar mais conforto, segurança e maior número de passageiros, além de abreviarem o tempo de viagem entre Piracicaba e São Paulo, com as paradas intermediárias a fim de atender as cidades compreendidas no trajeto. Já ampliava o seu serviço, indo até Santos numa ponta e, na outra, até São Pedro, ligando dois pontos turísticos por excelência.

– Simples, não?!

– Eh, eh, eh... é verdade! Depois que “botaram o ovo em pé” tudo parece fácil!

– Verdade, sô! As estradas eram de terra e os recursos escassos. Durante décadas batalhou-se junto aos sucessivos governadores para construção de novas estradas – rodovias de fato! – com traçados melhores e dentro das técnicas criadas pela engenharia moderna. A demora foi extremamente grande e os prejuízos para Piracicaba e toda a região, incalculáveis, representados nos atrasos socioeconômico sofridos nesse espaço de tempo.

Não tínhamos representatividade política; logo, pouquíssima expressão no contexto estadual. No final da monarquia e princípio da era republicana, Piracicaba desfrutava de maior prestígio no cenário nacional, politicamente entrando em franco declínio por várias gerações, até o seu reingresso no seletivo grupo de cidades administradas por políticos de mentalidade renovada e arejada. Sofremos pois os efeitos de um domínio econômico contestável, que manteve as fronteiras do município fechadas e sem dar oportunidades para novos empreendimentos industriais, ou seja, sem a possibilidade de novos aportes de investidores externos e fora do segmento sucroalcooleiro, coisa que não aconteceu nas cidades vizinhas como Campinas, Sorocaba, Jundiaí e até nas nossas ex-dependentes Santa Bárbara D'Oeste e Americana.

– Você não tá radicalizando, não?! Olha lá!

– Pois é! Mior pará, né?!? Eh, eh, eh...

23

Citamos os nomes de famílias que implantaram indústrias na Vila Rezende, de origem italiana, segundo a nossa lembrança, apenas. Há, por certo, muitas famílias, principalmente nas últimas décadas, em função do salto da atividade sucroalcooleira regional. Os vilarezendinos despontaram na fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias de açúcar, álcool e aguardente, conservando essa tradição mesmo quando as crises econômicas afetaram seriamente o setor, causando-lhe pesados danos financeiros.

O grupo Dedini, dos pioneiros irmãos Mário e Armando Cesare Dedini, desempenharia importante papel no desenvolvimento sucroalcooleiro nacional e continua presentemente a contribuir de modo expressivo no prosseguimento do setor. Há, também, outras nacionalidades a engrossar a lista de industriais: Martins, Stockmann, Costa, o próprio Barão de Rezende, Mahn, Conceição, Fagundes e, como pessoa

jurídica, a Socièté de Sucreries Brésiliennes que assumira a propriedade do antigo Engenho Central.

Ainda como agente das atividades econômicas, independentemente de porte, temos de considerar os comerciantes - atacadistas e varejistas -, os agricultores, os aguardenteiros e os chacareiros, estes responsáveis pela produção de hortaliças, verduras, frutas, ovos e aves de abate – galinhas, frangos, patos, marrecos, perus -, e, obviamente, os fornecedores de leite de vaca e de cabras, habitualmente consumidos pela comunidade.

Sesmarias, terras devolutas, grandes áreas territoriais virgens, de puro sertão, com as belíssimas matas nativas cortadas por rios e riachos de águas cristalinas e povoadas por rica fauna. A presença dos índios paiaguás e caiapós, como habitantes nativos e senhores absolutos antes do descobrimento pelos portugueses. Esse era o quadro em três dimensões da região às primeiras horas do desembarque da missão chefiada pelo Capitão Antônio Corrêa Barbosa na margem direita do rio Piracicaba. Nos anos seguintes, a configuração territorial ia assumindo novos perfis, dando lugar a arruamentos, às edificações, às fazendas e glebas menores voltadas à agricultura e à pecuária, ainda acanhadas e quase de subsistência, porém com perspectivas a um futuro promissor em função de importantes fatores – qualidade da terra, água abundante, objetivos políticos e militares e, também, às ambições pessoais que sempre existem em qualquer lugar do mundo.

– Mas até naquela época?

– Eh, eh, eh... e como! Inclusive intrigas e abuso de poder exacerbado, não faltando a violência física.

Com o loteamento, as construções civis originariam o florescimento do ramo profissional-empresarial a fim de se atender à nova demanda, e os italianos, com alguma experiência no velho continente, seriam imediatamente engajados, promissoramente. Olarias, serrarias, marcenarias e carpintarias, lojas de ferragens e de materiais elétrico e hidráulico, além das provedoras de areia, cal, saibro, cimento (se é que se empregava tal material!), prosperariam e incentivariam a abertura de novas casas de comércio e oficinas artesanais, ou seja, oficinas com muito poucas máquinas e intenso emprego de mão de obra.

Mestres construtores civis – João Coletto, Cesário Simioni e Afonso Simioni, Ermete Fabretti, Mário Coletto, são alguns dos obreiros que edificaram o populoso bairro. Armando Biscotin, italiano, sobre o qual fa-

lei nos livros anteriores (I e II), integrou esse seletivo grupo representativo de famílias inteiras com a profissão. Os imigrantes provinham de várias camadas da sociedade. Embora fossem, por força das circunstâncias, pessoas empobrecidas, cada qual dispunha de certas aptidões e experiências profissionais, mesmo aqueles que tinham “terra debaixo das unhas” como sinais permanentes. E aqui se fixando, pouco a pouco, as antigas práticas voltariam a ser exercidas e incentivadas pelas carências do “novo mundo”.

Barbeiros, Sapateiros, Armeiros, Pedreiros, Mecânicos, Comerciantes, Alfaiates, Eletrecistas, Músicos, Pintores, Artesãos, Fotógrafos, Professores, Agricultores, Pecuaristas, e tantas outras profissões com “P” maiúsculo.

– Pessoa competente, né?!

– Dos “bão”! Mas também vieram alguns com graves defeitos “de fabricação”.

– Eh, eh, eh... com conserto ou sem remédio?!

– Boa parte seria aproveitada, após devidos reparos, e uma pequena parcela se perderia definitivamente. Os boletins policiais registraram tristes ocorrências criminais, inclusive de mortes violentas.

– Foi o tributo cobrado pelo processo de colonização. A Vila Rezen-
de, no contexto histórico piracicabano, viria a despontar a partir do início do século XX, com o povoamento dessa parte da cidade e através da venda de lotes de terreno ao longo da Avenida Areão, a principal, e das adjacentes.

24

Luiza Stolf Stipp nasceu em 28 de outubro de 1903, na Avenida Rui Barbosa nº 44, filha de José Stolf e de Maria Leonardelli, e irmã de Fidélis, Carolina e Alcides, casando-se em 23 de fevereiro de 1922 com o Euclides Schalch Stipp. Faleceu em 19/11/1982. Seus filhos: Iraides, Yedda, Nivaldo, Yaned Paulina e José. José Stipp Netto e familiares, com muito carinho, coletaram as crônicas escritas pela Dona Luiza no período de 1980 a 1990, publicadas no Jornal de Pi-

racicaba, presenteando-nos com o livro “Ah! Se os Velhos Tempos Voltassem...” (Grafite, Impressões e Publicações, 1987).

Nessa obra prima da literatura vilarezendina, Luiza simplesmente passeia pela sua querida Piracicaba, fixando-se com mais lirismo na Vila que tanto amou e onde tanto viveu intensas quão sinceras amizades e, claro, seus sonhos e suas realidades terrenas.

Quarenta e cinco crônicas foram selecionadas e registradas em 184 páginas deliciosas. São, na verdade, retratos fiéis de uma época que tem por cenário a Vila Rezende e, por protagonistas, o povo todo que construiu a grandeza e o esplendor dessa parte da cidade tão rica de valores humanos, que se edificou sobre pilares solidamente fincados no melhor terreno e sob os auspícios dos sentimentos de profunda religiosidade cristã.

Tive o privilégio de conhecer a amiga Luiza e de dividir com ela as páginas do Jornal de Piracicaba, com nossas crônicas vizinhas, cada qual a tratar de um assunto de interesse comunitário.

O cronista é o precursor da história, sem o qual a tarefa do historiador estaria enormemente dificultada e a apuração dos fatos não disporia de nenhuma sutileza maior e acurada quando de seus relatos. Luiza Stipp passou para o papel as impressões e interpretações apreendidas pelo seu espírito e, também, tudo aquilo que de bom via estar acontecendo em torno de pessoas amigas e conhecidas de uma coletividade a qual pertencia e do contexto maior que representava a própria cidade.

Não poderia evidentemente, apropriar-me de seus textos, mas sim recomendá-los à leitura como sendo essenciais ao estudo aprofundado da história da Vila Rezende. Leitura obrigatória, também, se faz do livro “Rancharia e Outras Estórias”, do médico Alcides Aldrovandi, 1993, Gráfica Modelo (esgotado infelizmente, com desejo de vê-lo reeditado), pois é simplesmente delicioso e nos faz rir pela comicidade natural do piracicabano caipira, ao mesmo tempo que testemunha os usos e costumes de nosso povo.

A Vila não desmereceu a tradição de Piracicaba em relação aos seus filhos: de gerar jornalistas, escritores, historiadores, professores, artistas plásticos, musicistas, cientistas, profissionais liberais de todas as áreas mais atuantes e, obviamente, trabalhadores que fazem mover as atividades econômicas do município, tornando-o expressivo e exemplar nacionalmente, como por exemplo, a sua participação no meganegócio sucroalcooleiro e do equacionamento do biodiesel.



Chegada do automóvel à Vila Rezende

25

Curiosidades

- A família real visitou duas vezes a cidade de Piracicaba, hóspede do afilhado de batismo de D. Pedro II, o Barão de Rezende.
- As mudas de palmeira imperial, introduzida no Brasil pelo rei de Portugal, D. João VI, foram trazidas para Piracicaba pelo Imperador D. Pedro II.
- A princesa Izabel e seu esposo – Conde D’Eu – estiveram na Vila Rezende, sempre como hóspedes da família do Barão de Rezende.
- Mário Dedini era caldeireiro de profissão e aprendeu a fabricar açúcar com Ricardo Lourencini, na Usina Santa Bárbara, onde nasceu Vidal Florindo Lourencini, vindo a ser renomado técnico sucroalcooleiro e inventor de máquinas e equipamentos para esse setor –

ponte rolante para descarga de cana-de-açúcar. Morou na Vila Rezende e por muitos anos trabalhou nas empresas de Mário Dedini.

- Prof. Ivo Ducatti foi um dos vilarezendinos precursores do jornalismo do bairro. Por certo tempo, fomentou a proposta de denominar a Vila de “Cidade Rezende”, logo despontando numerosos protestos dos tradicionais moradores e filhos da comunidade, que demoveram-no da idéia.
- Em 1925, a escritora dinamarquesa Lys Salskov Iversen, autora do livro “Brasilien Som Jeg SAA”, morou na Vila Rezende, na Avenida Barão de Valença, e escreveu a respeito da Vila e da cidade de Piracicaba, que informou ter então 25000 habitantes. Fez referência à população pobre e trabalhadora vilarezendina, sua tradição católica e do grande respeito pela Baronesa de Rezende, reverenciando-a quando conduzida “na velha e pesada carruagem com o fiel cocheiro negro de cartola, rumo à missa de domingo na Igreja Matriz”. (Almanaque de Piracicaba, 1955, páginas 111, 112 – exemplar que pertenceu ao Monsenhor Cecílio Cury, doado ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba).
- Ainda do “Almanaque 1955“, página 110, extraímos interessante receita, de autoria não identificada, sobre as utilidades práticas do “vinagre” (específico preparado de mesa muito apreciado) que julgamos útil para todos:
 - “- Para limpar bem esponjas engorduradas, nada melhor que uma solução forte de água e vinagre.
 - Manchas de suor nas vestimentas: faz-se uma ‘boneca de pano’ embebendo-a em vinagre branco e com ela esfregar as partes afetadas.
 - Tinta de escrever ressecada: basta umas gotas de vinagre branco para dissolvê-la rapidamente.
 - Graxa para calçados endurecidos: basta um pouco de vinagre branco para devolver-lhe a textura.”
- 1791 – Morre o Capitão Povoador Antônio Corrêa Barbosa.
- 1770 – Foi nomeado capelão do povoado de Nossa Senhora dos

Prazeres, o Padre Ângelo Pais de Almeida, natural de Itu (1734-1794), vindo a pé de Itu para celebrar, em altar móvel, missa nos domingos e dias santificados, quando então assistia aos enfermos, ouvia confissões e realizava batizados e casamentos e, não raro, ia rio abaixo a fim de catequizar os índios.

- Junho de 1804 a Agosto de 1816 – Foi vigário em Piracicaba o Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, natural de Itu, fundador do Engenho Monte Alegre e um dos mais ricos proprietários de terra da época.
- Foi o fundador de Rio das Pedras, Manoel Morato do Canto, descendente direto de Amador Bueno da Ribeira e de Tibiriçá, casado com Rita Bueno de Carvalho. A filha, Rita Morato de Carvalho, casar-se-ia com Antônio José da Conceição, sendo um de seus filhos o Barão de Serra Negra.
- Dona Lydia: Lydia Sophia de Souza Rezende – Dedé - nasceu em 1869 e faleceu em 24 de junho de 1933.
- Grupo Escolar de Vila Rezende – depois “José Romão”.
- O cocheiro-condutor do coche particular da baronesa foi o Sr. Rafael Emídio de Campos.
- Em 1917 foi fundada a Sociedade Auxiliadora da Paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Vila Rezende.
- 27/02/1922 - partem de Fribourg, Suíça, as irmãs franciscanas Madre Joana Batista Minks (austríaca), Geralda Urschler, Adolfinna Lubetz, Fortunata Stradner, Edmunda Baier e Locádia Scheucher e, a bordo do maior transatlântico da época, “Capitão Polônio”, chegam ao porto de Santos em 07/03/1922. Em 13/03/1922, pela Companhia Ituana de Estradas de Ferro, na estação da Vila Rezende, Madre Joana Batista, Adolfinna e Edmunda são recepcionadas por Dona Lydia, o pároco Cônego Jeronymo Gallo, autoridades e grande massa popular. As outras viriam em seguida, após breve aprendizado da língua e dos costumes.
- 11 de junho de 1922 - inaugurava-se a Escola de Economia Doméstica e Agrícola, já batizada “Instituto Baronesa de Rezende”, situada

na Avenida Barão de Serra Negra nº 39. O Jornal de Piracicaba, ao dia seguinte, noticiava: “À sessão inaugural, que se revestiu de extraordinário brilhantismo, compareceu elevado número de exmas. famílias daquele pitoresco arrabalde e desta cidade”. A historiadora Marly T. G. Percin enumera em seu livro todas as personalidades presentes, incluídos religiosos, professores, médicos, políticos, empresários e representantes da enorme colônia italiana. (Instituto Baronesa de Rezende de Piracicaba, 1993, Ed. Shekinah).

- Jargões do Padre Jorge: “Como é bom ser bom.” “Carta de São Paulo aos Coríntios.” (Ele é torcedor ferrenho do Corinthians). “Vão se multiplicando que eu vou batizando.” Por ser um vigário muito popular e estimado, são-lhe atribuídos inúmeros outros. Em 1º de agosto de 1993 recebeu o título de “Cidadão Piracicabano” na Câmara de Vereadores.
- José Stipp, imigrante alemão, foi um dos primeiros contemplados com as terras sorteadas. Veio a Piracicaba em 1828, dando início à colônia alemã.
- O Sanatório São Luiz, inaugurado em 1926, funcionou apenas quatro anos, sendo desativado em 1930, apesar de ter recebido os mais elevados elogios dos órgãos médicos e científicos, inclusive da Europa. Quais teriam sido as causas de seu fechamento? A construção, os mobiliários, os equipamentos e a operação da unidade foram custeados pela família do Barão de Rezende.
- Em 1980 foi construído o monumental edifício Mário Dedini, na Avenida Limeira, de 8 pavimentos, com 4500 m², destinado à administração central do Grupo Dedini, mais tarde transformando em centro empresarial.
- Em 1984, a Codistil-Dedini inaugurou a primeira fábrica de sua concepção tecnológica, com a marca “Metax”, pioneira na produção de gás metano combustível de múltiplo emprego, a partir da vinhaça (resíduo das destilarias de álcool), permitindo também a redução de volume e economia de transporte para aplicação no solo como fertilizante. Frotas de veículos ingressaram na era do biogás.
- A década de 1980 seria desencadeadora de importantes inova-

ções tecnológicas encabeçadas pela Codistil-Dedini, na área sucroalcooleira, como o processo “Biostil” em parceria com a Alfa-Laval, gigante sueca, de fermentação e destilação contínua e aproveitamento de gás carbônico. Na década primeira do século XXI, a Dedini inaugurava sua planta industrial com processo “Dedini Hidrólise Rápida” de produção de álcool a partir de palha e bagaço de cana-de-açúcar (Usina São Luiz - Pirassununga), idéia defendida com muita convicção por Dovílio Ometto.

26

Curiosidades

Thomas Mann – escritor alemão, autor de “A Montanha Mágica”, obra prima da literatura, teve um tio morador em Piracicaba, Paulo Bruhns, e este ligar-se-ia a J. Luiz Brunhs, que se fixara aqui em 1873 para desenvolver a navegação fluvial.

– 24 de maio de 1873 iniciou a viagem do pequeno vapor de seis cavalos “Explorador” – empreendimento da família Souza Queiroz, senador do império F. A. de Souza Queiroz. Retornaria a Hamburgo anos depois, com duas filhas, deixando em Piracicaba os filhos homens.

A navegação do Piracicaba foi objeto do interesse empresarial de dois homens de grande visão econômica, muito além de suas respectivas épocas: Barão de Rezende e Luiz Vicente de Souza Queiroz. Se ambos vivessem no período mais recente de nossa história, ao lado de Mário Dedini, de João Bottene, de Luciano Guidotti, de Dovílio Ometto, Piracicaba certamente estaria em lugar mais alto no rol das cidades brasileiras desenvolvidas em todos os sentidos.

– Ué, e a Vila?!?

– A Vila?! nisso tudo?! Eh, eh, eh... tudo isso aconteceu às margens de Piracicaba! A sua navegação – transporte de cargas e de passageiros – não progredira como fora idealizada por questões difíceis de serem

equacionadas na época, como por exemplo, a construção de barragens e eclusas, a compra de embarcações e outros equipamentos de apoio.

– Mesmo assim, pessoal valente e arrojado!

Augusto Perissinotto, caldeireiro, profissão apreendida com mestres italianos, tinha sua oficina na Avenida Rui Barbosa, esquina com a Avenida Dr. Morato, onde também residia com a numerosa família. Fabricava, com a ajuda dos filhos Waldomiro, Américo e Alcides, e alguns empregados, alambiques de cobre – tipos cebola, alegria e caldeira – para produção de pinga (aguardente) e outros objetos e peças para indústrias em cobre e ferro. Em 1943, Waldomiro associar-se-ia com Mário Dedini, fundando a Codistil, Construtora de Destilarias Dedini Ltda., mudando a oficina para a Avenida Dona Francisca, 215.

Vigários – Párocos da Vila Rezende

19/01/1914 – Cônego Carlos Cerqueira

17/02/1914 – Cônego Julião P.V. Figueira

1916 – Padre Serapio Gio

1917 – Padre João Milita e Padre Antônio Caravela

1921 – 1951 – Monsenhor Jerônimo Gallo

1951 – 1959 – Cônego Romário Pazzionotto

1957 – Monsenhor Luiz Gonzaga Giuliani

1958 – Coadjutor – Monsenhor Jorge Simão Miguel

1959 – Vigário Auxiliar – Monsenhor Jorge Simão Miguel

1960 – Pároco – Monsenhor Jorge Simão Miguel

26/02/2007 – Monsenhor Jorge Simão Miguel é elevado a Pároco Emérito e o Monsenhor Orivaldo Casini a Pároco. Monsenhor Cecílio Cury por muitos anos atuou diariamente nos mistérios da Matriz com um dos seus coadjutores.

1954 – **Seminário Diocesano** é solenemente inaugurado pelo Bispo D. Ernesto de Paula, dando início aos cursos para formação de padres. Anos depois, o Seminário seria transferido para novas instalações no bairro Nova Suíça e, na área desocupada, viriam a funcionar a Escola Técnica de Comércio Imaculada Conceição e a Faculdade de Ciências Sociais, ambas diocesanas.

Piracicaba

“A povoação de Piracicaba foi fundada oficialmente em primeiro de agosto de 1767, à margem direita do rio Piracicaba, onde já se achavam estabelecidos com ranchos e roçados, hortas e pomares, numerosos pescadores e sertanejos”. Leandro Guerrini, em seus preciosos estudos, assim se expressava; da mesma forma, todas as pesquisas sobre a nossa origem nos afirmam isso: éramos habitados nas proximidades do salto em função dos atrativos que a mãe natureza tão generosamente nos contempla.

– Imagine ocê como seria naquela época! As riquezas naturais e as belezas da região toda deveriam exercer extraordinário fascínio, suficiente para convencer os nômades a aqui permanecerem por algum tempo e, a seguir, deitarem raízes no promissor recanto.

– Eh, eh, eh... quanta coisa boa deveria existir por essas bandas! Peixes, nem se fale!

Instalada a povoação, mesmo contando com as ótimas condições da localidade e do interesse político em estabelecer o novo núcleo colonizador, o seu desenvolvimento seria lento dadas as dificuldades que existiam nos sertões e, sabidamente, da própria precariedade da jovem colônia portuguesa que se ressentia da falta de todos os fatores que devem ser conjugados para se promover o crescimento de um sistema econômico recém-criado, ou melhor dizendo-se, às vésperas de ser realmente independente.

– Independente? Ocê deve estar equivocado, não? O ano citado é de 1767, século XVIII. D. Pedro I só daria o “grito” em 1822!

– Eh, eh, eh... tá certo! Mais de meio século precisava decorrer para nos separarmos de Portugal. Daí então a nossa dificuldade toda, isto é, daqueles homens empenhados na formação do povoado que melhor atendesse as necessidades da província de São Paulo.

Vencidos os primeiros obstáculos e consolidadas as propostas predominantes da comunidade, os resultados materializam-se sob a forma de novas categorias na classificação política urbana, até chegar-se a de cidade, já com todas as benfeitorias e serviços.

Em 1774, as plantações eram só de feijão, arroz e algodão e, certamente, de alguma coisa nativa, conhecida dos índios do lugar. Roças de milho, úteis por serem comestíveis mesmo verde e depois ótimo alimento humano e animal, viriam a ser, portanto, cultura básica da pequena comunidade.

O Brasil, país continente, de clima tropical e, sem dúvida, uma dádiva divina permanentemente diferenciado do restante do planeta, por ser pouco ou quase nada castigado pelas adversidades da mãe natureza – vulcões, terremotos, furacões, tempestades intensas de neve e invernos extremamente rigorosos, grandes desertos áridos e inabitáveis – nasceu para o mundo sob a égide da agricultura e assim, por certo, haverá de continuar de modo crescente e com reais ganhos econômicos como sendo, de fato e de direito, o “celeiro do mundo”. A demanda de alimentos para os seres humanos e também para os animais irracionais, bem como de matérias-primas agrícolas, deverá atingir cifras extraordinárias, e os países, na maioria absoluta, enfrentarão dificuldades enormes internamente, impelindo-os às importações, dos citados produtos. Aí então, o Brasil despontar-se-á como potência agrícola por excelência, fazendo jus ao velho jargão de “celeiro do mundo”.

Piracicaba, também nascera agrícola e, ao adentrar o século XIX, a sua vocação açucareira despontar-se-ia para nunca mais abandoná-la. Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, historiadora piracicabana, nascida em 8 de julho de 1910, filha de Dr. Octávio Teixeira Mendes e de Leonina Marques, na sua obra “Piracicaba no Século XIX”, IHGP – 2003, oferece uma profunda análise do nosso processo de desenvolvimento urbano e econômico-social. Em 1818, meio século após a fundação, o município contava (já na categoria de Vila – Vila Nova da Constituição) com 32 engenhos com 676 escravos negros; em 1822, 52 engenhos e 1.108 escravos; em 1828, 75 engenhos e, em 1838, seriam 78 engenhos com uma produção de 115.609 arrobas de açúcar contra 4.699 arrobas de café, e uma população total de 10.291 habitantes. Éramos já incluídos no “quadrilátero açucareiro” do planalto paulista (Daniel Pedro Müller, Recenseamento 1836); milho, algodão, café, mandioca são os principais produtos das fazendas e sítios, com grande número de escravos negros, e o arroz e o feijão também aparecem junto com “alguma criação (porcos, galinhas e gado bovino)”. Em 1854, a Câmara Municipal apontava ao Governo Provincial os três produtos que mais prosperaram na Vila: açúcar, café e chá...

– Chá?!

– Sim, chá! E outros produtos também encontraríamos, ao longo do tempo, como fumo, mandioca, aguardente...

– Pinga? Não, isso só muito mais tarde.

Acreditamos piamente na redenção da agricultura e na justa remuneração do homem do campo – o agricultor, não o “coronel latifundiário”, figura caricata do interior do país, que soubera explorar para si toda uma estrutura sócio-econômica, obtendo vantagens nem sempre licitas e justas, obviamente. Da mesma forma, a velha figura do senhor-de-engenho (às vezes incorporadas as duas em uma !), ao invés de irradiar o progresso e o desenvolvimento para todo o sistema, através da distribuição de renda, capitalizou para si próprio a riqueza gerada pela cana-de-açúcar, obstando portanto, o livre desenvolvimento da economia nacional.

– E a Vila Rezende com isso tudo?!

– Tem muito a ver, como berço da cidade e como pólo das atividades agroindustriais que, no princípio, estava representada pelas mais ricas terras das fazendas, sítios e chácaras, e dos engenhos e usinas de açúcar, álcool e aguardente...

– Tá falado e dito!, Eh, eh, eh...

28

– Caipiras. Caipira dentre caipiras, assim os vilarezendinos eram tratados pelos moradores d’otra banda do rio, tidos, portanto, como os “capiiau” di verdade... Eh, eh, eh... os “subiotada” feito bugre guinoranti.

– Ocê lembra quando os “capiiau” descia do trem na Estação Barão de Rezende, nas manhãs de domingo, e vinham pela Avenida Rui Barbosa, em bando, todos de mãos dadas pra num si perderem e iam pra missa das nove horas, na velha Matriz da Imaculada?

– Si lembro! Uma festa pra nós, inté casamento a gente via, c’os noivos, padrinhos i cunvidados, em cortejo a pé, rumando pra igreja i

depois o mundaréu de gente vortando pra i festejar no Papini... a noiva toda de branco e o noivo na estica toda, uma belezaira. Eh, eh, eh...

A colônia italiana e os demais imigrantes, a proximidade com a população rural dessa parte da cidade, acrescentada ainda a grande parcela dos seus moradores que não tinha o desejável aprimoramento educacional - o ensino, público e privado, estava abaixo do nível das grandes cidades -, resultavam na miscelânea que se identificava no termo genérico “caipira”, com vocabulário e fonética mutilados ou massacrados, e com o sotaque característico que viria a ser uma marca registrada não apenas de Piracicaba mas da região interiorana e referência cultural pelos seus usos e costumes.

Nas comunidades caipiras ou acaipiradas há muita coisa a ser levada em consideração antes de se emitirem opiniões de valor a seu respeito, como, por exemplo, seus níveis culturais. Hoje, século XXI, a realidade é outra, e a educação está mais acessível e disponível à sociedade, apesar da existência de fatores e de outros efeitos negativos que estão a afetar o tecido social. Cidades situadas no eixo da cultura da cana-de-açúcar, por sinal vastíssimo território paulista e que avança até o norte do estado paranaense, são enquadradas como tipicamente caipiras pela mídia sem demérito algum, mas sim como uma singularidade regional, nada diferente, portanto, de outras regiões que também incorporam sotaques e costumes próprios; em todos esses regionalismos não há a mínima quebra da unidade do idioma pátrio.

– Pois é, né?! Voltemos ao tema principal - o da “origem urbana” da Vila, afinal o “primitivo”, da fundação da cidade, estamos todos em consenso com as versões predominantes e de comprovação documental acreditada, recentemente enriquecida com a obra do amigo Frei Sermo Dorizotto, “Os Primórdios de Piracicaba”, IHGP, 2008.

E à informação histórica fomos, mais uma vez, nos prover com os conhecimentos da Profa. Dra. Marly T. G. Perecin, IHGP, no seu livro “O Instituto Baronesa de Rezende”, 1993, no qual reúne o de melhor que se tem sobre a família do fundador da Vila Rezende.

O empresário Estevam Ribeiro de Souza Rezende, depois de fundar o Engenho Central; de construir a ponte acima do Salto e que perdura até os dias de hoje, cumprindo o seu papel viário de máxima importância para a cidade de Piracicaba (é a de maior tráfego de veículos e de pessoa, mesmo com a existência das inúmeras novas pontes construí-

das sobre o rio Piracicaba); de promover a vinda da Companhia Ituana de Estradas de Ferro (a Sorocabana); de fundar a Companhia Niágara (engenho de açúcar); da criação da Companhia de Navegação Fluvial; de militar intensamente na política piracicabana como vereador dinâmico e empreendedor; de desenvolver a benemerência e a caridade como verdadeiro sacerdócio, viria a também iniciar o mercado imobiliário na cidade.

O loteamento das terras do Barão, como diz a Profa. Marly, “a certidão de nascimento da Vila Rezende”, firmou-se sobre a planta elaborada por Amílcar Cantadori em 1902. O projeto contemplava treze avenidas por sete avenidas no trecho entre o leito do rio Piracicaba e as terras restantes da chácara São Pedro, com aproximadamente setenta quadras de várias dimensões, mas com razoável uniformidade. A Avenida Areão servira de referencial por já existir e ser importante para acesso às estradas que serviam à zona rural e de ligação às cidades de Limeira, Rio Claro e São Pedro. Essas avenidas receberam nomes designados pelo Barão, mantidos até hoje. A Areão, da Sucrerie recebia cerca de 250 casas de quatro cômodos para abrigar a colônia de seus empregados e, assim delineada, outras moradias e casas de comércio foram construídas para finalmente consolidar o novo bairro.

O vereador Samuel de Castro Neves, em 1918, pleiteou e obteve da municipalidade: mudança do nome da Avenida Areão para Rui Barbosa e colocação de sarjetas nela e nas principais - Dona Francisca, Lídia, Maria Elisa e Manoel Conceição - estendendo-lhes também a iluminação pública e demais benfeitorias. O calçamento, em paralelepípedos, só aconteceria anos depois, quando o venerável médico, Dr. Samuel exerceria o cargo de prefeito municipal.

29

Curiosidades

- **Estanque** denominava-se o pedágio cobrado para a passagem pela ponte sobre o rio Piracicaba (que ficava abaixo do salto);

Manuel Dias Ribeiro (1823), carpinteiro e seu construtor, obteve o direito de receber o imposto de passagem por quatro anos.

- **Em 1830 a Vila Rezende** perdia boa parte de sua extensão territorial com o desmembramento de Rio Claro e de Limeira (esta com o nome de Nossa Senhora das Dores de Tatuíbi).
- **Assembléia Provincial**, em 11/04/1855, pela Lei nº 18, criou os cargos de Prefeito e Sub-Prefeito Municipal.
- **Francisco José Machado** foi empossado em 1835 primeiro prefeito de Vila Nova da Constituição (Piracicaba), assumindo o cargo em 07/01/1836.
- **Dona Maria Paes de Barros**, autora de “No Tempo de Dantes”, neta do fazendeiro Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Barros, relata suas viagens às fazendas do interior paulista – Jundiáí, Campinas, Piracicaba – no século XIX. Faz referência aos engenhos de açúcar e às terras da Vila.
- **O historiador Afonso de E. Taunay**, em “Relatos Monçoeiros” – Biblioteca Histórica Paulista, 1954 “Índios ribeirinhos do percurso monçoeiro – paiaguás, guaicurús, caiapós, bororós”, registra a presença dessas nações nos sertões de vasta região a qual nos integramos pelas vias fluviais. Em 1726, Gervásio Leite Rebelo relata que os caiapós ocupavam a margem direita do Paraná e eram os piores gentios daqueles sertões. Já o Conde de Azambuja dizia que os mais perigosos eram os paiaguás com seus arcos e flechas e pequenas lanças, sendo mais terríveis nos rios que em terra por serem exímios canoieiros. Os guaicurús habitavam as margens do Taquary desde o Iguatemy. Em 1788 os paiaguás estavam quase aniquilados pelos guaicurús.
- **Padre Jerônimo Gallo**, imigrante italiano, chega em Vila Rezende, como vigário, no ano de 1921.



Hospital Santa Casa de Misericórdia.

30

José Paterniani, casado foi com Almerinda De Vita, tendo os filhos Ernesto e Atílio. Ernesto casou-se com Yaned Stipp, tendo uma prole numerosa, bem ao gosto da velha italianada. Estudou no Grupo Escolar de Vila Rezende, aluno do Prof. Jarbas de Oliveira Jóas. Esse grupo viria a ser o “José Romão”, no qual eu também aprenderia as primeiras letras, a exemplo da maioria dos vilarezendinos uma vez que o Instituto Baronesa de Rezende, na época, cuidava da educação feminina. Aluno brilhante, enveredaria pela área da agronomia genética na gloriosa ESALQ, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, para ali permanecer definitivamente, alçando a cátedra e a diretoria do Instituto de Genética, além de carreira voltada principalmente à produção de milho e na contínua conquista de diplomas, títulos e láureas conferidas pelas diversas instituições e governos, inclusive de outros países. É membro da FAO, das Nações Unidas – ONU. É, também, orquidiófilo apaixonado.

– Verdade, ocê lembrou bem! Inté os amigos do Rotary, brincando, chamavam-nos de “Emilho” Paterniani! Eh, eh, eh...

– E ele, aparentando uma “brabeza”, que nunca tivera, dava sua bronca, com um risinho no canto da boca... o Ernesto, além de sua invejável qualificação científica – ele é um dos expoentes como cientista piracicabano – é dono de uma vastíssima cultura geral e do dom da oratória, aprimorada pela técnica didática que adquirira. Isso tudo lhe valeria a carreira adicional de conferencista e de palestrante dos mais apreciados e requisitados, não lhe faltando outra rara qualidade que é, sem dúvida singular, a de bem humoradas construções de frases de efeito para o encanto de suas platéias.

– Ô puxa-saco, sô! Bem demonstra que é da Vila!

– I ocê, qué o quê? Hã?!? O home é bão pra mais de metro! Eh, eh, eh... rotariano, foi governador de distrito e membro atuante dessa instituição, com bons serviços e realizações quando seu presidente.

O José e o irmão Benevenuto eram donos do Posto São Cristóvão, com oficina mecânica de veículos ao fundo, em grande galpão, talvez a primeira do bairro. Distribuía gasolina da marca Esso, a mais famosa, e os derivados do petróleo – querosene e óleo diesel.

Quando menino e iniciado no trabalho de escritório, na Codistil, dos Srs. Waldomiro Perissinotto, Lázaro Pinto Sampaio, Mário Dedini e familiares, eu ia mensalmente pagar as duplicatas que a firma devia ao posto, portando a importância já certa em dinheiro. O Sr. José me acolhia respeitosamente, sempre de boné à cabeça, do tipo de tecido típico de italiano, fazendo-me sentar diante de sua escrivaninha, enquanto carimbava no verso das duplicatas o seu carimbo de “Recebi” sobre os selos federais exigidos pela lei comercial vigente. Era um ritual meticuloso: apanhava os títulos, conferia-os com os seus apontamentos, aplicava-lhes as estampilhas salivadas com a língua, ordenadas pelo respectivo valor sendo a última, à direita, os “selos da educação e saúde” representando a taxa destinada ao Ministério da Educação e Saúde – o “CPMF” da época – e aí os inutilizava com o carimbo de “Recebi” e com a sua assinatura e data (cada selo era também datado à tinta nesse ato). Um rito de fato, que exigia tempo e cuidado.

– E ocê ali, sentadinho, só olhando!

Assinadas e datadas, estava feita a quitação dos débitos. A importância total era conferida e ... acontecia o esperado momento:

– Toma pr’ocê ... é pr’ocê tomá um refresquinho! E dava-me algumas moedas, suficientes para comprar no Papini um generoso pedaço de pão-de-ló de dona Gigetta e um copo de refresco a base de xarope de groselha ou tamarindo e água fresca do rio Piracicaba.

A família Paterniani, no final da Avenida Rui Barbosa, quase esquina, ou melhor, quase na curva com a Avenida Conceição, morava ao lado da oficina e posto, inclusive o Prof. Ernesto e esposa e filhos que mudar-se-iam para a cidade após o falecimento do casal José e Almerinda.

Eu entrei no primeiro ano do Grupo Escolar “José Romão” em janeiro de 1946, aos sete anos de idade; aos nove anos fui compulsoriamente empregado nas oficinas da Codistil, mais precisamente na seção de almoarifado a fim de “não ficar solto na rua” sem fazer nada, ou melhor, para deixar de fazer coisas que o pai e a mãe não nos permitiam – traquinagens nas ruas e na enorme área livre que dispúnhamos à beira do rio, livre de ocupação pois na verdade pertencia ao Engenho Central, que ia desde os seus portões diante do salto até as suas fazendas Santa Rosa e São José, tendo, de um lado, a margem direita do rio Piracicaba e, de outro, as linhas férreas do Engenho e da Sorocabana – e assim ir logo a acostumar-me com a obrigação de exercer um trabalho remunerado.

Entre os sete e oito anos, fui atraído pelas habilidades e amabilidades do sapateiro, da família Busatto, que tinha a tradicional sapataria e oficina de consertos e de confecção de calçados – sapato, sapatão, bota, chinelo, sandália – cujo artesão nessa época era o moço José, deficiente de uma das pernas. A criançada acercava-se de sua banca sem receio, para ouvir-lhe as bem-humoradas “prosas” e encantar-se com o trabalho manual que ia dando forma ao calçado. Forma de madeira, faquetas de corte afiadíssimo (que nos eram proibidas de pegar!), tachinhas e pregos de vários tamanhos e formatos, inclusive uns de madeira especiais (que nos intrigavam!), colas e fortes linhas impregnadas de sebo e cera e algo mais, sem falar dos martelos e dos alicates e turquesas, das lixas e dos cacos de vidro utilizados para raspagens de solados. Imagine-se, pois, a molecada diante dessa parafernália toda?

– Coisa de louco! Acrescentem-se as mantas de couro curtido e ainda brutas, amontoadas na pequena oficina, e que, abertas, nos davam o formato do animal abatido.

– Nós nos encarapitávamos nessas pilhas, em meio a sapatos que iriam ainda ser consertados e aos retalhos de couro a serem descartados.

– O papo de seu José nos divertia... amenidades, futebol e os “causos” que iam desde os de aventura fabulosas até os de assombrações.

– Eh, eh, eh... pois é... na sala da loja, ao lado, ficavam os armários envidraçados com as prateleiras de calçados à venda e o grande balcão de madeira com vitrine frontal que expunha os vários modelos disponíveis. Ali, além da Dona Antonieta Busatto, já com certa idade, havia uma empregadinha negra, cujo nome não recordo, trazida pela Profa. Joana Busatto, lá da região de Araçatuba, a qual, danada de inteligente e de vivacidade, aprendera a falar e a escrever o idioma japonês com a colônia de imigrantes.

– Mais um atrativo para nós! Ela, brincalhona e bastante jovem, tornou-se logo mais uma companheira da turma.

– Aprendemos bom número de palavras e de pequenas frases japonesas, o suficiente para gostosas brincadeiras e gargalhadas!

– Seus malandros sem-vergonhas!

– Eh, eh, eh... e aconteceu que, aos oito anos de idade, atrevi-me a solicitar o emprego de “balconista vendedor-de-sapatos” à dona Antonieta, que me admitiu imediatamente. Claro que o vínculo empregatício durou só dois ou três dias e o aprendizado linguístico também se extinguiu. Um ano depois, estaria eu, no período da tarde, sentado ao lado de uma velha bigorna com um martelo de bola de caldeireiro e uma lata cheia de pregos usados e tortos...

– !?!? Pra quê?

– Eh, eh, eh... oficina de italianos, pregos velhos viravam novos! A meninada recuperava-os e, doloridamente, pretejavam as unhas dos dedos com as marteladas mal direcionadas!

– Eh, eh, eh, ah, velha Vila!

31

Ainda nessa questão do trabalho desempenhado por menor de idade, abaixo inclusive dos catorze anos, como mencionamos, a prática era comum e salutar, dadas as condições então vigentes, de família com

numerosos filhos menores de idade, de pouquíssimas escolas disponíveis e quase nenhuma do tipo profissionalizante, só mais tarde criadas e institucionalizadas. Comunidades como a Vila Rezende viam-se obrigadas a buscar na indústria, no comércio, no artesanato, nas residências e na própria agricultura o emprego da meninada a fim de vê-la formada profissionalmente. As escolas de contabilidade e de professorado primário não estavam acessíveis a todos por razões financeiras. À Vila, principalmente, dada a sua origem operária, tanto urbana como rural.

Eu, portanto, como a maioria de meus amigos e conhecidos contemporâneos, ingressaria no mercado de trabalho de calças curtas e pés descalços, com anos de infância suprimidos pelas necessidades circunstanciais e conjunturais. Felizmente nos demos bem, com raros casos negativos de desvios sociais. A educação propriamente viria depois e suplementada na fase mais adulta; no meu caso só cursaria a faculdade casado e com filhos. Mas nada há a lamentar-me e sou grato pelo aprendizado que meus caros mestres me proporcionaram nas bancadas de sapateiro, de endireitador de pregos, de mesa de escriturário e de algo mais. As gorjetas e simbólicas gratificações, inexpressivas em valor monetário, foram extraordinariamente incentivadoras por se fazerem acompanhadas de palavras amáveis e de bom aconselhamento.

– Olha, esse trocado é pelo seu trabalho, meu filho... continue assim, e estude, viu!? Estudar sempre!

– Obrigado, Sr. José!

E esse “obrigado” seria repetido um sem número de vezes, ano após ano e continua a ser repetido um sem número de vezes, ano após ano no silêncio que antecede o sono reparador.

Somos, portanto, defensores do trabalho para o menor de idade, como instrumento profissionalizante, desde que, obviamente, não comprometa o seu estudo escolar. Há como compartilhar as duas coisas, principalmente quando o menor corre o risco de permanecer ocioso e nas ruas da cidade, à mercê das drogas e da bandidagem.

– É, o trabalho num mata ninguém, né?!

– Absolutamente! Salva as pessoas de muita coisa ruim e até da morte.

Com os tais trocadinhos ganhos de gorjeta, sobrava algum para nos dar o prazer da “matinê” no Cine São José, nas tardes de domingo. Por falar em cinema, o Sr. Américo Zampieri “afirmou a existência do primeiro cinema da Vila, que funcionou na Rui Barbosa, no interior do depósito

de pinga dos Mazzonetto, aos sábados, domingos e feriados, e que nos intervalos a tela tinha a necessidade de ser molhada (!?) e os assistentes saíam para beber alguma coisa no bar vizinho” - texto este constante no livro do Dr. Alcides Aldrovandi, “A Vila e seus vilões”. Deveria ser um cinema mudo por contar com quinteto musical e depois só gramofone.

– Coisa de lôco, né?! Eu me recordo do cineminha no Salão Paroquial da Igreja Matriz, primitivo, com um projetor de 8 milímetros, mudo, cuja lâmpada superaquecia e precisava ser desligada durante a projeção para não incendiar tudo. Depois, veio o de 16 milímetros, pouco melhor, mas também mudo e com os mesmos problemas de aquecimento, mas já podia exibir os mesmos filmes antes exibidos pelo cinema do Clube Atlético Piracicabano, recém-instalado na sua sede social, na Barão de Serra Negra, a coisa de 60 metros, diante da praça e ao lado da Matriz. O salão paroquial, com cerca de 300 metros quadrados, rústico barracão de alvenaria com vitrôs basculantes comuns, uma porta larga frontal e uma comum na lateral ao lado da igreja, não oferecia conforto algum: as cadeiras de madeira eram do tipo mais barato e que se encontravam em quase todos os botequins dos bairros e também nas casas das famílias simples. O salão servia para os múltiplos usos da paróquia – catequese, reuniões das irmandades religiosas, palestras e, claro, para as festas em determinadas datas comemorativas, inclusive para alguns almoços da Banda União Operária no dia do seu aniversário de fundação, 1º de maio.

Com o cinema funcionando no Clube Atlético, sucessivamente reformado e melhorado para tal fim social, com poltronas fixas e almofadadas e assentos móveis (elevação e recuo), tela grande e adequada, maquinário de 35 milímetros e automático, dispensando as paradas para troca de rolos, mais o benefício de ventiladores potentes nas laterais da ampla sala, decretou-se o fim do cineminha da Matriz. Guardamos dele gratas recordações, como o início do namoro, as afirmações de amizades e a iniciação do apreço ao cinema como entretenimento e difusor da cultura e da arte.

A Vila Rezende, de fato, só viria a ter salas de cinema como estabelecimentos voltados ao público em geral, comercialmente, ao se instalar o Shopping Piracicaba, ao lado do rio, local que para nós, que ali brincávamos, tem o nome de “poção”, cuja margem era uma área de várzea alagável na época de chuva e que viria a ser saneada através dos entulhos de construções e de expurgos da fundição de aço da Dedini. Com o passar dos

anos, as únicas salas de cinema de Piracicaba seriam essas do Shopping, desaparecendo todas as demais, inclusive as de clubes recreativos privados.

– E o Francisco Lagreca?

– Vilarezendino... poeta consagrado e cantor dos serões musicais que acontenciam no Papini, quando o grupo de amigos ia além da degustação do bom vinho e da deliciosa comida da Gigetta, exibindo-se em interpretações musicais afinadas. Lagreca nos brindou com magníficas obras poéticas, como a “Oração ao Salto” e “Monte Alegre”, dentre as tantas de sua lavra. Nasceu em 11 de março de 1883, bacharelado-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1906, sendo também autor de inúmeros livros, monografias, e o livro “Alma Nova”, adotado pelo ensino primário do Estado de São Paulo. Morreu em 22 de agosto de 1944, aos 61 anos, com larga folha de serviços prestados à literatura, à educação e à sua terra, que tanto amou e honrou.

32

Creio que a história da formação da Vila Rezende como núcleo urbano de Piracicaba esteja esclarecido de modo razoável, fazendo-se jus atribuir-lhe o nome honrado e digno de Rezende, um dos vultos históricos de primeira grandeza não apenas desta cidade, mas também do país. E por levar o sobrenome, a homenagem estende-se a toda a ilustre família, que soube acompanhar o patriarca nas realizações sociais comunitárias de grande alcance e duração. Esposa, filhos, genros deitaram raízes profundas no solo piracicabano e suas obras produziram generosos frutos, cujas sementes, até hoje, continuam a germinar novas plantas tão necessárias para o crescimento de nossa sociedade.

Depois do Barão de Rezende, o grande vulto que se destaca no cenário vilarezendino é, sem dúvida, o de Mário Dedini, italiano de nascimento, de sua pequenina Lendinara, e piracicabano de corpo e alma, amante confesso da Vila, na qual viveu a maior parte de sua existência terrena.

– !?! Ele não morou na cidade, ali na Rua Santo Antônio?!

– Morou, mas como ocê sabe, a pessoa passa a maior parte de seu

tempo no local de trabalho e, no caso do “seu” Mário, a oficina vinha em primeiro lugar na ordem das coisas.

– É verdade! Lá pela manhãzinha, estava ele no batente, firme ao lado dos empregados, trabalhando arduamente todos os dias.

– O cidadão Mário Dedini foi distinguido com um sem número de homenagens de parte de pessoas, de instituições e organismos, como o Vaticano e os governos brasileiro e paulista.

– Comendador, Grande Oficial da Ordem do Mérito do Brasil, medalhas de mérito de diversas ordens dentre tantas.

– Ufa! Ainda bem que todas essas comendas estão registradas nos anais das Empresas Dedini e nas publicações que se fizeram sobre a vida e obra do admirado empresário.

– O monumento que a cidade de Piracicaba erigiu em sua memória, originalmente na Praça José Bonifácio, depois objeto de uma deplorada atitude de um prefeito municipal, que removeu todos os monumentos existentes na praça central, sem justificativa plausível e com o total repúdio da sociedade piracicabana, teve finalmente a sua reereção definitiva na Praça da Imaculada Conceição, na Vila Rezende, com a face voltada para a Igreja Matriz que ele, Mário Dedini, construiu.

– Que fato lamentável esse, não?!? Não conheço semelhante atitude em outra parte, salvo quando da queda de governos ditatoriais cruéis e odiosos, quando o povo, sob forte comoção social, resolveu por abaixo os repudiados símbolos. A recolocação do monumento obedeceu a opinião da família Dedini, entendendo ser a Vila Rezende a segunda terra natal do homenageado e o centro de sua atividade empresarial.

– E no reduto da italianada, não?! Tutti buona gente, num é vero?!

Em 1954, o bispo católico D. Ernesto de Paula inaugura o Seminário Diocesano, ao lado da Igreja Matriz da Imaculada Conceição, colocando a Vila Rezende na condição de sede de uma instituição formadora de sacerdotes diocesanos, atraindo, portanto, numerosos jovens com vocação à vida religiosa. Por consequência, congregaria o corpo de professores e demais atividades suplementares, com reflexos na vida da vizinha paróquia, que passou a ter presença cotidiana de padres até então desconhecidos para o povo do bairro, beneficiando-se enormemente.

Monsenhor Jorge Simão Miguel. Ao assumir a função de vigário da paróquia da Vila, era ainda padre, recém-formado, cidadão de Capiva-

ri e proveniente de numerosa família libanesa radicada na nossa vizinha territorial. Padre Jorge, assim foi apresentado à comunidade e assim passou a ser conhecido e a ser chamado popularmente.

– Você conheceu o novo vigário?

– Já... é o Padre Jorge, né?! Eh, eh, eh... ele é corinthiano!

– Maledeto! Vamo cabá c’um a raça do maledeto!

– Cabá nada! Vamo dá uma goleada no timeco dele e fazê ele comê pulenta! Isso sim!

Estava feito o início de uma longa e duradoura relação paroquial, tendo de um lado a figura respeitabilíssima do sacerdote católico e, de outro, uma comunidade católica apostólica romana habituada à prática da religião como manda a tradição italiana. E o “batismo” consumara-se na forma de tratamento simples e carinhoso de “padre” que, traduzido, significa “pai”.

Ao Monsenhor Jorge Simão Miguel devemos dedicar algumas páginas especiais, difíceis de serem escritas, na intenção de sintetizar-se em pequeno espaço uma folha tão extensa de serviços prestados à Vila Rezende e a toda a sociedade piracicabana. Essa tarefa só seria completa sob a forma de livro, tal a quantidade de fatores significativos a serem enumerados.

Para nossa alegria, Padre Jorge prossegue ativo na sua Igreja Matriz da Vila Rezende, como vigário emérito e coadjuvante, residindo ao lado do Instituto Baronesa de Rezende, na casa paroquial.

33

Contabilistas, técnicos em contabilidade, contadores, auditores. Discípulos aplicados de Luca Paccioli, o inventor da “lei das partidas dobradas”, de “tudo que entra deve” e de “tudo que sai tem haver”, estabelecendo a igualdade entre o Ativo e o Passivo no Balanço Patrimonial em função dessa lei fundamental.

– Incrível, não?! O mundo civilizado seria regido por essa lei contábil tão simples e ao mesmo tempo tão imutável, perfeita para o registro, o controle e a apuração dos resultados das atividades econômicas

de quaisquer sistemas, privados e públicos, desde as mais pequeninas empresas ou sociedades até as maiores organizações multinacionais.

– A contabilidade é uma ciência incrível e da maior importância para o homem. Sem ela, seria o caos! Ninguém se entenderia e o escambo, a única solução para o comércio.

– Você imaginou?! Todo mundo na base do troca-troca? Eh, eh, eh... meia dúzia de pontas de flechas por uma dúzia de espigas de milho!

– Eh, eh, eh... estaríamos ainda de tanga e cocar de penas de aves na cabeça... i óia lá, hein!?

Vila Rezende gerava verdadeira escola de notáveis contabilistas. Pedro Zalunardo Zanin e Adolpho Carvalho, em 12 de outubro de 1913, aniversário da descoberta da América, fundaram a Escola de Comércio “Cristóvão Colombo”, na antiga Rua do Comércio, hoje Governador Pedro de Toledo, mudando-se depois para a Praça José Bonifácio, onde permaneceu até ser extinta, infelizmente. Eu, nela me formei em 1956, aos 17 anos de idade, junto com meu amigo de infância Tarcísio Ângelo Mascarim, grande companheiro e colega de trabalho por mais de meio século, lá na Dedini.

Pois bem. A lista é grande e por certo não estará completada só na base da memória. Também não é nosso objetivo a catalogação dessa respeitabilíssima classe de profissionais, mas sim registrar o quão importante foi a formação de contabilistas para o desenvolvimento econômico da Vila Rezende e de Piracicaba. Vimos, nas páginas anteriores, que na década quarenta, que para a História é um passado muito recente, de uma relação de seis empresas de maior porte de Piracicaba, quatro delas eram da Vila Rezende, ou seja, 67%. Se incluída as menores todas, esse índice era mais alto ainda.

– Você é bairrista mesmo, não?!

– Realidade, meu caro! A margem direita do Piracicaba concentraria os empreendimentos econômicos da cidade naturalmente, sem quaisquer influências políticas ou sociais. Pura ordem natural das coisas.

– Não seria devido à italianada, não?!

Lázaro Pinto Sampaio, Guerino Trevisan, Manoel Lopes Alarcon, Lourenzo (Tito) Ducatti, Egídio Mauro, Cláudio Dezuó, Euclides Ferruccio Rizzollo, Tarcísio Ângelo Mascarim, Reynardo Alleoni, Francisco Salmeron, José Ítalo Ceron, Giordano Boscolo, Antônio Badialli, Sebastião Paulo Sêga, os Marconatto – Antônio, Arthur, Luiz Carlos e o mais velho dos irmãos João Fernando -, os Bouchardet – Petrônio, Newton

Petrônio, Adilson Roberto, Joanin, Sérgio e José Roberto Caldari, Elídio Galvani, Aderbal, Aristides e José Galvani, Flávio Rizzolo, Irineu de Oliveira Diniz, Valentin Valler, João Zílio Filho, Maria e Anita Alves Feo, Filomena Fioravante, Miguel Torniciello, Manoel Urbano Magagnatto, Domingos José Aldrovandi, Francisco Germano, Euthymio Mendes de Almeida. José Corrente, René Papini Trombani, Jayme Grizotto, Aristides Giusti, Atílio Costa, Caetano Rípolli, Oscar Assis, Natalin Bertinatto, Ignácio de Oliveira Gusmão, João Batista do Amaral, Nelson de Andrade Fogaça, Antônio Galvani, Vallee Dejardins, Djalma Célio e Benito Cardinalli, Pietro Baroni, Irineu Matarazzo, Francisco Mazzonetto, Sônia Maria Matarazzo, Alcides Gobbo, Vanderley Braidotti, Marina Beccari, José Biscalchin, José Furlan, Waldemar Gallina, Paulo Afonso Dall'Ara, Ítalo Dall'Ara, Antônio Cardinalli Filho, Oriente Fécchio, Roldão Ruffini, Jurandir Ricobello. Como disse-lhe, esses são os profissionais contábeis que levantei sem esgotar a galeria que projeta a Vila nessa atividade.

– E você sabia que o engenheiro francês Jean Joseph Morlet, fundador da Morlet S/A, uma das pioneiras (1936) fabricantes de destilarias de álcool e de aguardente no Brasil, morou na Vila Rezende? Sua esposa era Dona Victória, e sua filha Janeth casar-se-ia com o agrônomo Caio Paes de Barros, que viria a dar continuidade à empresa até a sua incorporação à Codistil, Construtora de Destilarias Dedini Ltda, do grupo Dedini (1960).

– Detinha as patentes da Fives-Lylle, da França, e era associada da poderosa Bardella S/A de São Paulo; sua tecnologia empregava a glicerina como corpo desidrante do álcool retificado (94,6° G.L.), chegando ao álcool anidro (99,9° G.L.) em condições de ser misturado à gasolina até o índice de 25%.

– Pôxa, como ocê sabe isso?!

– Eh, eh, eh, macaco veio, ô! Nasci nesse meio! Fui ajudante datilógrafo do Prof. Dr. Jayme Rocha de Almeida, da ESALQ e diretor de seu Instituto Zimotécnico, que hoje leva o nome do ilustre cientista, um dos maiores defensores da indústria sucroalcooleira.

– Minha nossa! Num é à toa que Piracicaba é o berço nacional do álcool carburante automotivo!

– Eh, eh, eh... o Dr. Jayme dedicou-se ferranhamente nisso tudo... álcoois, aguardente, fermentações alcoólicas, desenvolvimento de tecnologias agroindustriais, como por exemplo, o emprego do vinhoto ou vinha-

ça, o terrível restilo que tantos peixes dizimou neste País, diretamente no solo como um dos mais eficientes fertilizantes, restaurador inclusive das propriedades químicas das terras cultivadas com a cana-de-açúcar.

– Empregado in natura?

– Claro! Sem restrição alguma! Puro fertilizante líquido, contendo os resíduos do caldo de cana fermentado destilado e a água empregada no processo. Nada se perdendo nesse ciclo produtivo.

– “O berro do boi”?!?

– Isso mesmo! Estava equacionado o velho problema ambiental e ao mesmo tempo aumentada a rentabilidade do setor, substancialmente, dando início à nova era canavieira no Brasil. Definitivamente punha-se fim ao despejo da vinhaça no leito dos rios, prática essa criminosa e tremendamente absurda, como é também a queima da cana-de-açúcar, que ainda persiste apesar da unânime condenação pelas autoridades da saúde e pelos próprios órgãos agrícolas – a queima dos canaviais, para fins de colheita, destrói a palha (celulose aproveitável economicamente), as propriedades químicas do solo e, inclusive a fauna e a fauna silvestres.

– “Fim-da-picada”! Absurdos procedimentos! Enormes prejuízos à saúde pública, à integridade física dos infelizes bóias-frias e à própria natureza!

– Até quando o governo federal vai permanecer conivente a tal crime ambiental?!?

A Vila Rezende saiu à luta, como sempre fizera. Afinal, como centro sucroalcooleiro do País, não poderia omitir-se, ainda mais quando a questão é de bom senso e de fundamental valor econômico, além de seus aspectos sanitários e sociais.

Em 1946 a Codistil construiu a sua primeira destilaria de álcool anidro completa na Usina da Barra S/A, em Barra Bonita, do grupo Ometto.

34

Personalidades marcantes, bem acima da média de seus contemporâneos e conterrâneos, assim nos referimos ao enumerar um seletor

grupo de grandes cidadãos vilarezendinos. Nas primeiras páginas deste modesto trabalho, registramos destacadas protagonistas da história local, sem esgotá-las, entretanto, e por certo não iremos dar por completa essa tarefa por falha da memória ou de dados disponíveis.

– Ué, ocê não tá sendo contraditório, não? Se são destaques, os dados são disponíveis ou não?

– Quis dizer-lhe que, dentre essas personalidades de relevância moral e social, há aquelas que optaram pelo anonimato em suas ações de benemerência e de caridade cristã por decisão de foro íntimo, ou seja, por não desejarem que a sua esquerda soubesse o que a sua direita fazia, entendeu?!?

– Hã ã ã!...

Dovilio Ometto.

Eu o conheci logo nos primeiros dias de minha iniciação no trabalho de office boy – mensageiro – nas oficinas da Codistil, uma das firmas fundadas por Mário Dedini, seu sogro e chefe. Como dissera, comecei trabalhando na nobre função de “endireitar pregos usados” e, aprovado por assiduidade e bom comportamento – no trabalho e na escola –, fui promovido a mensageiro e auxiliar aprendiz de escritório.

– Brilhante! Só ocê mesmo!

– Eu e o meu companheiro e amigo de infância, Tarcísio Ângelo Mascarim, lá na Oficina Dedini, bem próximo daquele que viria a ser seu chefe por mais de meio século de vida profissional.

– Ufa! Iguar a mecê?!?

– Eh, eh, eh... no nosso tempo, a gente casava c’o emprego! Era pra vida toda, “indissolúvel”!

Pois bem. Uma das tarefas diárias, no mínimo duas vezes ao dia, cumpria-me levar e apanhar a correspondência no Correio, que ficava próximo da Dedini, e também levar e apanhar a correspondência interna entre empresas associadas, diretamente às pessoas destinatárias e emisoras – era o “leva e traz” vigente e eficiente. E lá estava eu entregando os envelopes ao próprio Mário Dedini, Nino – Narciso - Gobbin, Lázaro Pinto Sampaio, Tito - Lourenço Ducatti, sendo acolhido respeitosamente e despachado com um religioso agradecimento pelo serviço.

– E não havia nenhuma brincadeira?

– Claro!... quando a ocasião permitia, né?! O Dr. Dovílio, sim ele era Dr., com tese defendida e tudo mais como engenheiro agrônomo formado

pela ESALQ, tinha a sua sala à frente da sala de “seu” Mário, e ao lado de “seu” Leopoldo. As salas permaneciam sempre com suas portas abertas, por hábito, mesmo quando da presença de clientes, de fornecedores e de visitas. Creio que esse costume tenha advindo do próprio “seu” Mário, mas na Co-distil também era esse o hábito, com o Sr. Waldomiro Perissinotto.

Dovílio Ometto, filho de Pedro Ometto, casou-se com Adda Dedini, filha de Mário Dedini. Os compadres Pedro e Mário viram suas amizades coroadas pela feliz união matrimonial de seus filhos, nada mais tão festejado acontecimento entre as famílias italianas, principalmente.

– Dá pra imaginá a festança! Vinho e cerveja, macorronadas de todo tipo, assados e mais assados!

– Num fartô doce, né?! Eh, eh, eh... grande festança... o padre deve ter sido o vigário da Vila Rezende, Monsenhor Jerônimo Gallo, oficiando o enlace na velha igreja matriz da Imaculada Conceição. Desse casamento nasceram os filhos Mário, Cláudia e Juliana.

Empresário na acepção do termo, imprimiu a sua marca pessoal na condução do Grupo Dedini, cuja presidência assumiria após a morte de seu sogro Mário e a curta gestão de seu cunhado Armando, que preferiu atuar como membro do Conselho de Administração do grupo, órgão de apoio da Diretoria Executiva e normalmente ocupado pelos acionistas para as funções corporativas normativas. Criou inúmeras empresas que iriam diversificar as atividades produtivas do complexo industrial, mantida, porém, a predominância dos objetivos sucroalcooleiro que assegurar-lhe-iam o primeiro lugar no mercado nacional e de grande destaque no exterior. O Brasil muito deve ao ilustre filho pelos seus feitos nas áreas sucroalcooleira, de metalurgia e agrícola, pois o Dovílio Ometto estava sempre um passo adiante no desenvolvimento de novas tecnologias e nas iniciativas de âmbito social.

– É dele as propostas do uso integral da cana-de-açúcar, da biomassa, da hidrólise, da hidrogenia, da...

– Também! Do açúcar de cana líquido – glicose –, das colhedei-ras de cana mais eficientes a partir do modelo australiano, que era licenciado pela Dedini e de outros tantos produtos industriais.

– Defendeu o emprego associado de tecnologias estrangeiras, através de licenciamentos e de parcerias empresariais como, por exemplo, suas associações com grandes multinacionais japonesas, alemãs e italianas, não é?!

– Extraordinárias associações para o país! Os suecos, ingleses e

franceses também figuraram nesses empreendimentos bem sucedidos. O Brasil avançou especialmente por força desses acordos tecnológicos, sem despende um tostão sequer, é bom salientar-se!

A exemplo de seu pai e de seu sogro, as obras sociais - filantrópicas, culturais, beneméritas - tiveram sua especial atenção e carinho nos momentos que se faziam necessárias as contribuições financeiras e materiais para levar a bom termo os seus propósitos institucionais. E, mais uma vez, frisamos: boa parte permanecia no mais absoluto anonimato. Repetiam-se os atos habituais de Barão de Rezende, de Barão de Serra Negra, de José Pinto de Almeida, de Lydia de Rezende, de Mário Dedini, de Pedro Ometto e de muita gente mais!

– Grandes homens! Admiráveis mulheres!

– Grandes piracicabanos!

Dovílio nasceu em 14/07/1918, filho de Pedro Ometto e Narcisa Chessini, ainda na Água Santa, neto dos pioneiros Antônio e Caterina que, em 1906, compraram os primeiros seis alqueires de terra roxa da Fazenda Água Santa, marco do império do açúcar paulista sob o domínio de italianos e seus descendentes piracicabanos, os Ometto, Brunelli, Zanin, Franceschi, Foltran, Meneghel, Furlan, Pavan. O Sr. Pedro, com a expansão de sua usinas de açúcar e de álcool por todo o Estado de São Paulo, deteria o merecido título de “rei do açúcar”, evidentemente simbólico e que em nada afetar-lhe-ia a personalidade de homem simples, de respeito e honradez, de cidadania e patriotismo, de generosidade e caridade cristã, passadas de pai para filhos, de geração para geração sucessivamente, sem desvios ou quebra de conduta significativa. Até as uniões matrimoniais se mantinham indissolúveis e, como já dissemos, as proles eram numerosas. Dentre os seus irmãos, Orlando seguiria os passos do pai na fabricação de açúcar e de álcool e, claro, de produtos da cana-de-açúcar, com as duas maiores usinas do mundo – Usina Dabarra, em Barra Bonita, e Usina São Martinho, em Martinho Prado, ambas na região de Ribeirão Preto-Jaú, das quais o Dovílio era acionista, até que, chegado um certo momento, decidira aplicar todas as suas participações acionárias nas empresas Dedini, compondo-se para tanto, em comum acordo com o irmão Orlando.

– Interessante essa sua explanação. E a tal Fazenda Bodoquena?

– Ufa! A maior fazenda do mundo, em pleno pantanal matogrossense! Tão grande que poderia superar o tamanho de alguns países europeus. Dividia a propriedade societariamente, com o irmão. De um lado,

o grupo Dedini, e de outro, o grupo Ometto, incorporando atividades agrícolas e pastoris em grande escala. O rebanho bovino era o maior do mundo, com milhares e milhares de cabeças de bois das melhores raças, com uma infraestrutura fantástica - linhas férreas e aeroportos, inclusive. O empreendimento acabou ficando nas mãos exclusivas do “seu” Orlando, dentro de um consenso empresarial notável, como era de se esperar entre irmãos dotados de qualidades natas raras.

– O Dr. Dovilio tinha um carinho especial pela Usina São Luiz, de Pirassununga, não?!

– Tinha, realmente. Era a sua “menina dos olhos”! Assim como foi a Siderúrgica Dedini e, por último, a Codistil, na qual viria a falecer, para tristeza de todos nós, em 29/08/2007, passando em definitivo para as páginas da história, não apenas de Vila Rezende e de Piracicaba, mas também de São Paulo e do Brasil.

– É, de fato, há muito a ser revelado e relatado sobre a vida e obra do Dr. Dovílio Ometto!

– Boa parte – da generosidade e caridade – permanecerá no anonimato.

Em 1947, foi eleito vereador, integrando a Câmara Municipal de Piracicaba, ao lado de uma elite de intelectuais e empresários, uma das mais ilustres já formada, lembrando a época da monarquia e princípio da República, quando tínhamos como representantes no legislativo o que melhor havia na sociedade.

– E quanto aos esportes?

– Um entusiasta! Bola–ao-cesto – basquetebol –, defendendo os clubes de Piracicaba e incentivando-os decididamente; tênis de campo, praticando-o durante a vida toda. Não fumava e não bebia, salvo em reuniões sociais, e de modo moderado. Todas as modalidades esportivas recebiam o seu apoio pessoal e patrocínio financeiro, o que fazia também em relação à educação e cultura.

– Pierim, num exagera, viu?!

– Não, Dr. Dovilio... eu tomo cuidado!



Construção dos trilhos do bonde, 1906.

35

O Grupo Escolar da Vila Rezende, mais tarde “José Romão”, onde eu e meus amigos contemporâneos faríamos o curso primário na década de quarenta do século vinte, foi construído pelo Engenho Central, então administrado pelo engenheiro dinamarquês Holger Jansen Kok, estimado e respeitado pela comunidade como o popular Dr. Kok, participante ativo na vida do bairro. O prédio, na Avenida Dona Maria Elisa, integra um harmonioso conjunto de residências de estilo eclético - todo ele tombado pelo Patrimônio Histórico de Piracicaba - de tijolos a vista, destinadas às moradias dos dirigentes da importante usina de açúcar e álcool francesa.

O grupo escolar era um edifício quadrado, com apenas quatro salas de aula laterais entre dois corredores que ladeavam as salas de apoio da unidade – sala da diretoria, sala dos professores, biblioteca. Os corredores ligavam as portas de entradas às portas de saída para o pátio do recreio coberto, tendo ao fundo os sanitários feminino e masculino e, dos dois la-

dos do prédio, áreas livres descobertas e circundadas por muro de tijolos, onde a criançada se divertia nos intervalos livres. Na face frontal, no recuo do prédio, o pequeno jardim em volta de quatro palmeiras imperiais, provavelmente plantadas das mudas trazidas por D. Pedro II e presenteadas ao seu afilhado de batismo e amigo Barão de Rezende. Fechava a frente um gradil de ferro, com dois portões gradeados assimétricos. Um belo prédio, bastante sólido, porém, de dimensão muito aquém às necessidades do bairro, passado curto espaço de tempo. Data de 1914/15.

O filho de Dr. Kok, Einar, nasceu aqui e foi secretário da Indústria de São Paulo, no governo Franco Montoro, e muito influente nos meios empresariais da capital, onde residia.

O Clube Atlético Piracicabano foi fundado em 8 de fevereiro de 1914 com o nome Associação Atlética Sucrêrie; o campo de futebol ficava em um terreno de propriedade do Dr. Kok que, ao mesmo tempo, era o seu presidente de honra, o alugava ao clube e não perdoava a dívida. Em 1941, Lázaro Pinto Sampaio liderou a campanha comunitária de captação de fundos para comprar o campo e, em 5 de agosto de 1941, a viúva assinou a escritura pública cujo desconto concedido no preço asseguraria a homenagem da nomeação do estádio em memória do Dr. Kok. Sobre o Atlético é preciso abrimos um capítulo longo e com importantes citações.

Do “Almanaque Piracicaba 2000” pinçamos outro fato notável da Vila: Agostinha Belber Pastor, filha de imigrantes espanhóis radicados em 1897 na nascente Santa Terezinha (Corumbataí) tornar-se-ia a atriz Lyson Gaster, iniciando uma longa e brilhante carreira no teatro brasileiro, chegando a ter sua própria companhia teatral em 1924, percorrendo o país de ponta a ponta.

De seu primeiro casamento nasceram dois filhos piracicabanos, casando-se depois com o também artista Alfredo Viviani, criando a Companhia de Comédia Lyson Gaster. Exibiu-se em Piracicaba, no Theatro Santo Estevão por diversas ocasiões. A notável artista, admirada e bem sucedida internacionalmente, fazia questão de dizer-se piracicabana (do Corumbataí, é claro).

Colcha de retalhos, assim assemelha-se o nosso trabalho de coleta de dados para reconstituir os fatos cotidianos da comunidade vilarezen-dina. Ao citar o Dr. Kok vem à tona algumas de suas tantas participações no dia a dia do bairro e do restante da cidade. A importância da empresa

francesa no cenário local era muito grande e quaisquer que fossem as atividades sociais empreendidas, elas passavam necessariamente quase que a depender do apoio material que dela emanava. Um século depois, semelhante influência ver-se-ia repetir com relação às empresas Dedini e agora, já no século XXI, embora meio pulverizada, as grandes empresas locais são chamadas a participar com suas contribuições financeiras.

– Isso é bom ou não?!

– É bom e é ruim, também! Infelizmente uma coisa acaba prejudicando a outra e os efeitos negativos sempre prevalecem, até anulando os resultados.

– !?!?Oê tá se parecendo cada dia mais com aquele “home que achava tudo ruim” que escrevia no Jornal de Piracicaba, no século passado.

– Euuu?!? Tá lôco, é?!... estou ponderando sobre a questão da responsabilidade do poder público no encaminhamento das necessidades sociais da cidade, principalmente as relacionadas à educação, saúde, esporte e lazer, culturais. O povo não deve ficar a mercê de influências puramente econômicas.

– Prefeitura, vereadores, judiciário são instituições competentes e pertinentes à condução das questões sociais. A iniciativa privada normalmente assume atribuições sociais básicas quando os poderes públicos se mostram ineficientes ou inoperantes. Mas vamos deixar essa discussão de lado.

– É melhor, mesmo. O que nos interessa é a história da Vila...

36

Henrique Christian Mathiessen, homem alto e forte, era um dos donos da Usina Capuava, empreendimento agroindustrial dinamarquês em terras piracicabananas, situado no bairro Tanquinho - entre Cruz Caída, Guamium, Água Santa, Capim Fino, ou seja, essa região fabulosa que tanto gerou de mega empresários sucroalcooleiros. A Capuava, nascida no século XIX, viria a ser um laboratório de pesquisa e, a seguir, uma pioneira produtora de gás carbônico e de levedura seca - fermento para

a indústria panificadora e de uso doméstico também, tudo a partir da cana-de-açúcar, isso em 1931.

Mathiessen, em 1920, iniciou o processo de mecanização agrícola na região e dedicar-se-ia a implementar a tecnologia agrícola, imprimindo o avanço técnico em suas lavouras, com sucesso. Na produção de aguardente, sua atenção voltou-se à fermentação do caldo de cana e ao uso de leveduras de melhores cepas, obtendo resultados mais satisfatórios. Logo estaria utilizando dornas de fermentação fechadas a fim de captar o gás carbono desprendido no processo. Assim, a Capuava acrescentava mais um elemento na sua cadeia produtiva.

Leif Schumacker, dinamarquês, bebeu da água do rio Piracicaba e aqui ficou definitivamente, casando-se com a piracicabana Lidia Colletti. Assumiu a direção da Capuava e administrou-a eficientemente até aposentar-se por tempo de serviço. O amigo Leif foi sócio fundador do Rotary Club Piracicaba Vila Rezende, participando ativamente no funcionamento dessa instituição de serviços à comunidade.

Em 1948 a Capuava empregava 450 pessoas e as Oficinas Dardini, 615. Numa lista de 6, ocupavam o sexto e quarto lugares respectivamente. O Engenho Central era o segundo, com 2012 empregados; a Usina Costa Pinto, 500. As quatro empresas eram da Vila Rezende.

37

Os empreendimentos imobiliários iniciados pelo Barão de Rezende, no raiar do século XX, seriam expressivos no seu último quartel, quando novos bairros seriam abertos a fim de atender as necessidades habitacionais de Piracicaba, dessa vez, por coincidência, com os loteamentos das terras do desativado Engenho Central, do empresário Adolpho da Silva Gordo, descendente de Boava Gordo, piracicabano, da época do Império.

Com a construção do Hospital dos Fornecedores de Cana “Domingos José Aldrovandi”, em 1965, pela Associação de Fornecedores de Piracicaba, de porte significativo e que na atual primeira década do século

XXI assume as funções de grande centro médico-hospitalar no país, a Vila Rezende expandiria desenfreadamente, com o Nhô Quim, o Jardim Monumento, a Nova Piracicaba, as Terras do Engenho, o São Luiz, o Algodoal, a Fátima, a Primavera, o Mário Dedini, o São Jorge, até chegar a Santa Terezinha (Corumbataí), “tão distante” e literalmente área rural de Piracicaba.

Os lotes de terrenos postos a venda logo seriam adquiridos para imediata construção de moradias e de estabelecimentos comerciais e, mesmo nos sofisticados loteamentos Nova Piracicaba e Terras do Engenho, considerados mais nobres pelo valor dos terrenos e das pré-condições contratuais de venda, disciplinando as construções em estritamente residenciais. Hoje quase inexistem áreas não construídas. O salto populacional, por conseguinte, foi impressionante, e no sentido horizontal. Pouco a pouco, o centro da Vila também ostentaria os seus arranhacéus, comerciais e residenciais, e o perfil de seus habitantes evoluiria, perdendo parte da identidade italiana e europeia para aproximar-se ao restante da cidade, agora sob a influência das correntes migratórias e emigratórias. São preços que se pagam para os surtos de progresso e de desenvolvimento sócio-econômico.

A cana-de-açúcar teve o seu cultivo mais intensivo na região da Vila Rezende, dada a excelência da enorme faixa de terra roxa, da melhor qualidade. A riqueza do solo viria a propiciar a riqueza de seus donos, através de safras generosas, vindo a refletir os efeitos benéficos na urbanização da cidade e na consolidação de um comércio sólido e diversificado e na ampliação das atividades liberais, como, por exemplo, médicas, odontológicas, hospitalares, artes plásticas e outras modalidades artesanais. Enfim, o florescimento da agricultura e da indústria age sobre as cidades como fator de desenvolvimento e de conceituação sócio-econômica.

Os bairros de Santa Terezinha (Corumbataí) e Ártemis cresceram tanto que hoje, como ocorrera com a própria Vila, possuem os seus perímetros urbanos ampliados e com denominações que os identificam como novos bairros, alguns sob a nomenclatura moderna de “condomínios” - loteamentos fechados e providos de todas as benfeitorias de natureza pública, porém, administradas pelos proprietários. Do lado da margem esquerda do rio Piracicaba operou-se o mesmo fenômeno, encurtando os espaços que nos separam das cidades vizinhas.

As avenidas Juscelino Kubitschek, Rui Barbosa e Dona Francisca e todas as suas transversais formam o principal centro de comércio

da Vila, existindo ainda outros corredores comerciais em artérias consideradas principais dos bairros acima citados, dividindo espaço com as residências, tal qual ocorre nas demais cidades brasileiras e é objeto de citação nos estudos sociológicos como fenômeno comum e mundial.

38

Vendedor igual pode ser, melhor não! Eu, pelo menos não conheci ninguém capaz de superá-lo, tal a capacidade de convencimento que tinha naturalmente, como virtude nata, além de associá-la a um profundo domínio técnico das máquinas e equipamentos que vendia.

– E de valores altos, não?

– Tanto à época como seriam hoje, afinal, máquinas de elevado porte costumam ser caras pelo volume de materiais que empregam como também pela tecnologia envolvida. Moendas, caldeiras, vácuos, cristalizadores, secadores, turbinas centrífugas e turbinas geradoras de energia a vapor, e toda a parafernália que lhes é adicionada para se construir usinas açucareiras, destilarias de álcool e de aguardente, refinarias de açúcar.

– Sucroalcooleira, né?!

– Sim, mas a partir da década de setenta, a Dedini diversificaria a sua produção - Codistil, Mause, Siderúrgica - para ingressar nas áreas de mineração, química, petroquímica, siderurgia, farmacêutica, fertilizantes e de energia alternativa via turbinas a vapor de grande porte com tecnologia alemã.

– E esse gigante das vendas, quem seria?

– Eh, eh, eh... como coisa que ocê não sabia?!

Leopoldo Dedini, filho de Armando Cesare Dedini, sobrinho dileto de seu Mário, que por certo via no menino a imagem saudosa do irmão e sócio desaparecido tão prematuramente. Nasceu em 06/09/1919 e bem jovem, ao lado dos primos, daria os primeiros passos no interior da Oficina Dedini, literalmente. Iria caminhar de uma ponta a outra

durante o meio século seguinte, aprendendo com o tio e com os velhos empregados das seções fabris todas as peculiaridades da variada linha de produção e da qualidade tradicional das máquinas e equipamentos que levavam a marca inconfundível da “MD”.

Em pouco tempo liderava o corpo técnico de vendas da empresa. Sob suas ordens, toda uma estrutura técnico-comercial articulava-se diligentemente para atuar no mercado brasileiro e também no exterior, cobrindo os países das Américas e Caribe e, a seguir, parte da África. Vertiginosa carreira de executivo perspicaz, inteligente e de rara capacidade negocial.

Por boa parte de sua vida a Vila Rezende foi o centro de tudo para si – família, trabalho, amigos, lazer e entretenimento. Lá no Papini, restaurante e jogo de bocce, com a boa comida de dona Gigetta e a cervejinha geladíssima que só o “seu” Ernesto sabia servir, em copos de fino cristal, limpíssimos. Lá todos os empresários da indústria e do comércio, autoridades e intelectuais marcavam presença, disputando o espaço que se tornava pequeno para acolhê-los às tardes, ao final de expediente, e aos sábados e domingos.

– “Seu” Mário Dedini comparecia, acompanhado do amigo e compadre Pedro Ometto... seus filhos e sobrinhos, inclusive o Leopoldo.

– Recordo-me de um episódio interessante, acontecido no ano de maior demanda de máquinas e equipamentos para atender o aumento de consumo de açúcar e álcool mundial. A Dedini estava atrasando as entregas desses materiais, e um tradicional cliente, grande usineiro, dirigiu-se à Dedini disposto a cancelar a encomenda devido ao atraso. O “seu” Leopoldo atendeu o freguês e amigo reclamante... depois de algumas horas de conversa, tava tudo resolvido.

– Então, pai, o senhor cancelou as moendas?!?

– Nô, nô, caro mio... o Leopoldo me convenceu que devia trocar a moenda por outra maior e novas caldeiras e barracões de cana...

Leopoldo Dedini, por deliberação de consenso entre sócios, concentraria suas ações em uma só das empresas da corporação, assumindo assim o controle total da Mause S/A, fabricante de máquinas e equipamentos acessórios às usinas de açúcar e álcool, sediada no outro lado do rio, separando-se, portanto, das demais do grupo, consolidando-se definitivamente como uma das mais bem conceituadas indústrias mecâni-

cas finas do país, com tecnologias de ponta.

Faleceu no dia 06/04/1976 e o comando passou às mãos de seu filho Roberto, também vilarezendino nato, bem preparado para o exercício da importante função administrativa. Atualmente, além de solidificá-la, está construindo instalações novas de modo a transferir todo o complexo para a Unileste, zona industrial de Piracicaba às margens da Rodovia Luiz de Queiroz, que liga a cidade a São Paulo.

39

Assim como a Mause passou de Leopoldo para Roberto, a NG passou de Nino para João Marcos. A Dedini, de Mário passou para Dovílio Ometto, e deste para Juliana, filha mais nova, que ocuparia a presidência do Grupo por poucos meses apenas, vindo a falecer prematuramente, sucedendo-a o filho Juliano Dedini Duarte, este filho de Pedro Duarte, meu companheiro e amigo que, infelizmente, também morreria precocemente, de acidente automobilístico quando se dirigia ao trabalho. Na direção da MD, Metalúrgica, outro amigo de infância, Waldyr Antônio Giannetti, nascido na Vila Rezende, casado com a outra filha de Dovílio e Adda, Cláudia, sendo seu vice-presidente ao lado do conchudo Pedro e que, por vários anos seguidos, ocuparia o honroso e importante cargo de presidente da ABDIB, Associação Brasileira de Indústria de Base, tendo nessa ocasião participado direta e ativamente na criação e implantação do Proálcool, Programa Nacional do Álcool, como um dos homens de confiança e simpatia pessoal do ilustre presidente da República, General Ernesto Geisel.

Como se pode depreender, a Dedini teve e tem muito a haver com o desenvolvimento do modelo brasileiro de energia automotiva alternativa, da indústria sucroalcooleira e do biocombustível, desde os primeiros momentos e nas diferentes fases dos respectivos processos tecnológicos e das produções de equipamentos.

A vanguarda brasileira nessa busca de soluções energéticas lim-

pas e renováveis deve ser creditada ao empresariado e aos cientistas piracicabanos, capitaneados pelos vilarezendinos.

A Usina Modelo, como sociedade anônima, teve por acionista a família Dedini, liderada pelo “seu” Mário e mais os seus amigos Antônio Mazzone, Ângelo Fillipini, Alcides Brunelli e irmandade, e, como contador, o Antôninho Nardin, genro de Ernesto e Giggeta Papi- ni. Foi montada no bairro da Cruz Caiada e nas terras da Chácara De- dini, “pequena” gleba de terra roxa com quase seiscentos alqueires, da melhor qualidade para o cultivo da cana-de-açúcar. Funcionou durante décadas até vir a ser absorvida pela usina vizinha, a Santo Antônio, bem próxima dali, nos bairros de Recreio e Água Santa, pertencente a família Brunelli.

– Bem no coração da melhor área açucareira, né?!

– No berço dos maiores usineiros do Brasil!

– E mecê responde com exclamação e tudo. Eh, eh, eh...

– Mais adiante existia a Usina Tamandupá, a Usina Capuava e, do outro lado, a Costa Pinto e São Francisco do Quilombo. Já próximas a Limeira, as usinas Iracema, Boa Vista e Tabajara, e mais os engenhos de pinga do Sabadin, Bassinello, Henrique C. Mathiensen, Boaretto e alguns mais que escapam da memória.

– Eh, eh, eh... é que ocê falô de pinga!

– Pois é! Imagine ocê que, em 1818, Piracicaba tinha nada menos que trinta e dois engenhos de açúcar.

– Poxa, ocê falô d’um mundaréu de gente, i num mencionô o Leopordinho!

– O Léo?! Craro, já falei!

– Nada!

– Barbaridade! Justo de meu compadre e velho companheiro de trabalho! Devemos ter dado várias voltas ao mundo em viagens a serviço da empresa, fora as horas de estreito convívio diário, dando um duro danado, na mesma sala, sua ou minha, e, na maioria das vezes, na sala de seu irmão e nosso chefe.

– Nino?!?

– Único irmão, né?! Os Gobbin, homens, apenas o Leopoldo e o Nino, a irmã caçula Rosina, e o Leo, que nasceu na Itália e veio para o Brasil ainda bebê. Eu costumava dizer-lhe, em tom de brincadeira,

que ele era um falso italiano, pois nunca conhecera a sua terra natal e sequer falava o idioma pátrio, no entanto tinha passaporte italiano atualizado, isto é, renovado como cidadão adulto, mantendo a nacionalidade. Nino nacionalizara-se brasileiro e fazia questão de citá-la com extremado orgulho.

Tínhamos quase a mesma idade e formamo-nos igualmente em Ciências Econômicas. Muito cedo, também, ingressaria na Dedini, na função de aprendiz de desenho técnico e, a seguir, indo de uma seção a outra para bem assimilar os princípios e as diferentes etapas de produção do Grupo. A prevalência dos conhecimentos administrativos levariam-no a especializar-se nessa área sem envolver-se com vendas ou com fabricação propriamente.

– Era fanático com relação ao trabalho?

– Tal e qual o irmão! E palmeirense fanático! Gostava imensamente de futebol, conhecendo-o bem. E quando as seleções brasileira e italiana se enfrentavam, pendia a favor do Brasil com real sinceridade. As nossas salas eram uma defronte a outra e compartilhávamos da mesma secretária, isso durante décadas, sem o mínimo problema. Infelizmente o caro amigo partira para a longa viagem, deixando atrás de si uma imensa saudade! Leopoldo Gobbin, meu amigo e compadre... casou-se com Martha, tendo os filhos Eduardo e Sandro.

– Você tem andado pelas ruas da Vila, ultimamente?

– Tenho sim, por que?

– Qual sua impressão?

– Me parece normal, como o restante da cidade.

– Pois para mim, tá tudo mudado! Nem as pessoas, nas ruas, conheço mais!

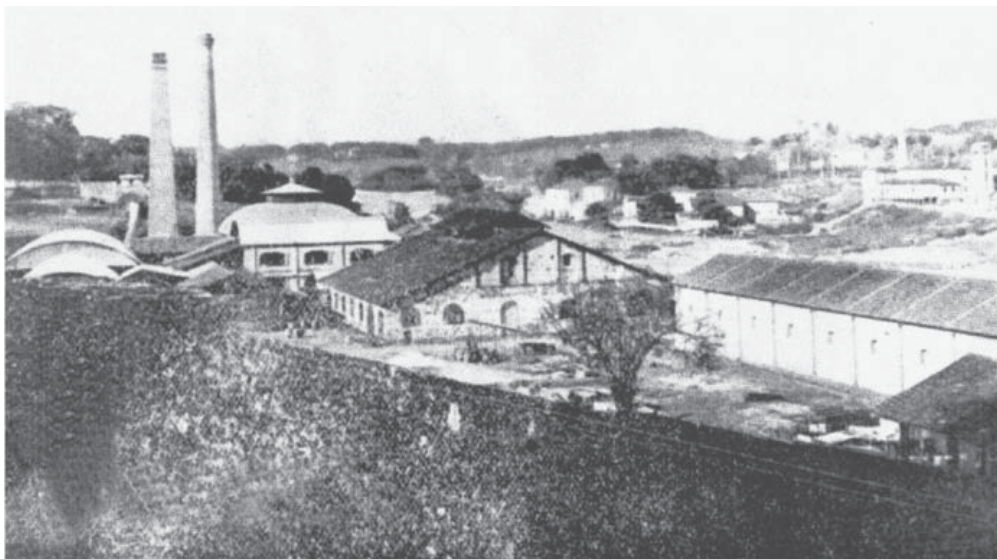
– Pudera! As de nosso tempo, meu caro, estão escasseando-se, inexoravelmente.

– É, é, de fato...

– Olha o amendoim, torrãozinho! Pé de moleque, paçoca, amendoim sem casca, salgadinho!

– Tá ouvindo?!?

– Não, não ouço nada... tchau, que o sol tá bravo!



Engenho Central.

40

Mário e Mariana conheceram-se em Santa Bárbara D'Oeste. Mário por oito anos morou na casa de Genebra e José (Bépe) Corrente, e a jovem era irmã de Genebra. Encantaram-se e Mariana viria a ser a primeira esposa de Mário e mãe de seus únicos filhos: Armando, Adda e Nida Dedini.

Em 1920, a Oficina José Sbravatti, fabricante de carroças, na Avenida Saláz esquina com a Avenida Santo Estevam, era comprada pelo jovem imigrante italiano, passando a dirigi-la o seu irmão Armando Cesare Dedini, enquanto Mário concluía o trabalho na Usina Santa Bárbara. Veio para Piracicaba, de trole, trazido pelo seu cunhado Bépe, passando a morar na Avenida Conceição, nela falecendo Mariana, vítima de febre tifóide.

Casamentos: Armando Cesare Dedini com Stella Biondo; Mário com Mariana Corrente, Ottília Furlan e Ignês Seghesi; Nida com Arnaldo Ricciardi; Adda com Dovílio Ometto; Armando com Norma Dresselt.

Armando, o caçula, vilarezendino ferrenho, ao longo de sua vida daria vivas mostras desse seu amor pelo bairro natal. Tinha amigos por toda parte, porém não iguais aos da Vila, com quem compartilhara a infância e a juventude, nas mesmas bandas da margem direita do rio percorridas palmo a palmo por todos nós, criançada pobre e operária, vinte e quatro horas por dia. Do rio, nem se fala!

– Eh, eh, eh... nadar pelados no “poção” e no córrego do Engenho Central, né?

– Por toda a margem direita do nosso majestoso Piracicaba!

– Apanhar cascudos nas pedras acima do salto e do próprio salto em louco desafio às fortes correntezas do rio!

– Eh, eh, eh... pegar os mandís com as mãos!

– Tenho as marcas de seus ferrões até hoje nas mãos... i como doía! Malditos! Essa era uma das “artes” dos meninos e jovens adolescentes, que faziam da pesca sem instrumentos, usando tão somente as mãos, objeto de brincadeiras e de aventuras sem temer as perigosas águas do valente rio.

– E os peixes apanhados?

– Comíamos, ora! E também eram dados aos vizinhos e familiares pobres, ou melhor, mais pobres que nós mesmos!

Armando cresceu forte e saudável, vigorosamente forte como bom filho de italianos, atlético e com pendores futebolísticos acentuados, na posição de zagueiro, bem adequada ao seu vigor físico.

Jogou no Clube Atlético Piracicabano, como zagueiro titular, por mérito, isso quando regressou de sua estada nos Estados Unidos de onde traria a jovem para aqui casar-se como mandam os costumes e as tradições italianas: Norma Dresselt, mãe de seu filho dileto Mário (Malo) Dresselt Dedini.

– O Atlético, como clube esportivo e recreativo, recebeu forte apoio do Armandinho, não?

– Fortíssimo! E sob todos os aspectos, principalmente financeiro. Foi nessa época que construíra a nova sede social na Avenida Barão de Serra Negra, defronte a Praça Imaculada Conceição, com amplos salões de festa e sessões de cinema, canchas de bocce, jogos de ping-pong e carreado, bar e lanchonetes, secretarias e salas de diretoria e de administração; o campo de futebol recebeu grandes melhorias, inclusive torres de iluminação para jogos noturnos e novos alambrados e arquibancadas nas duas

laterais, com portões e bilheterias na entrada pela Avenida Dona Lúcia.

– Outra paixão do Armando: pescaria. Notabilizou-se, mais como esportista nato que seria durante a vida toda. Pantanal do Mato Grosso do Sul, Coxim, rio Piracicaba, nas bandas do Itapiru, vizinhança do Nauti Club de Piracicaba (empreendimento de Luiz Guidotti, que teve em seu filho José Luiz Guidotti um seguidor e que, por sua vez, se tornara o maior esportista navegante do rio Piracicaba ao fazer o percurso, por várias vezes, de Piracicaba até a Bacia do Prata, escrevendo vários livros dessas suas aventuras fluviais).

– Tinha barcos e ranchos, não?!

– Imagine-os, só! Eram para si e para os amigos. Gostava também de música, ao som de violão, de pequenos conjuntos musicais que fazem da seresta o encanto caipira. Memoráveis encontros que se prolongavam noite afora, alegres e na mais absoluta harmonia e descontração. Durante tantos anos seguidos, não se soubera jamais de quaisquer ocorrências que arranhassem o brilho dessas reuniões e pescarias.

– E profissionalmente?

– O “seu” Mário procurou deixar para o seu filho Armando a direção do grupo de empresas que construiu arduamente, isso mesmo, construiu, tijolo a tijolo, durante meio século de intenso trabalho. Tivera, evidentemente, o auxílio valioso de sobrinhos de sangue, genros e valentes colaboradores – seus empregados de confiança –, mas, no fundo do coração, desejava passar a batuta ao “bambino”, cumprindo a tradição, como bom italiano que era, de recolher-se a um merecido descanso, dividindo-o entre a velha pátria e a Vila que acolheu e o agasalhou como filho. Enviou o menino às melhores escolas e aos cuidados de mestres práticos das oficinas e, finalmente, ao país considerado o grande forjador de notáveis administradores empresariais, os Estados Unidos da América.

– E então?! Deu certo?

– Decorrido o tempo esperado, voltou, pronto, sim, mas para casar-se com uma jovem americana, Norma, bonita, loira e de uma simpatia que encantava a todos, integrando-se imediatamente nas comunidades da Vila e da cidade. Armandinho assumiu o casamento e, a seguir, a presidência do Grupo Dedini, no lugar do pai. Pouco tempo depois, por decisão sua, transmitiu o honroso cargo ao cunhado, Dovílio Ometto, conservando as atribuições de acionista e de diretor das empresas asso-

ciadas e, até o final de sua vida, de membro permanente dos Conselhos de Administração, órgão máximo da organização.

O cidadão e o empresário; o cidadão e o atleta; o cidadão e o povo. Armandinho qualificou-se como o homem que se manteve apoiado sobre esse tripé durante toda a vida e, por certo, como um dos poucos homens de projeção social e econômica que não tivera um único desafeto. O seu lado bom não permitia que o lado mau existisse, e os seus grandes gestos de caridade cristã, herdada dos pais, jamais virão a lume tal a grandiosidade de seu coração e do desprendimento que o movia em todos os sentidos.

Lembro-me do querido amigo e chefe profissional em diferentes situações e ocasiões, desde as mais corriqueiras como as mais íntimas e sérias administrativamente, como, por exemplo, nas horas seguidas de intermináveis reuniões de diretorias e de conselhos de acionistas, em ambientes tensos e de muita concentração, principalmente para mim, que a elas comparecia na condição de diretor e de técnico em finanças e contabilidade.

– Pierim, esse papo num tem fim?!... e, bem humorado, acrescentava algo engraçado a respeito do cunhado e presidente das reuniões administrativas. Ouvia atentamente as discussões todas e apreciava intervir nos momentos que os assuntos envolviam questões empregatícias e de interação com a comunidade, principalmente quanto ao atendimento dos frequentes pleitos de apoio financeiro ou material. Nessas horas manifestava-se com entusiasmo, sempre simpático aos seus amigos operários e amigos da comunidade com quem mantinha laços estreitos de relacionamento pessoal. Interessante esse detalhe: contato com o público piracicabano, mesmo nos piores momentos da vida nacional – décadas de 60 e 70 –, com as ameaças de terroristas e de sequestradores, os dirigentes da Dedini e os membros da família não alteraram absolutamente as suas rotinas diárias e sequer tiveram necessidade de proteção/segurança pessoal.

A ética não me permite relatos empresariais. No entanto, posso afirmar categoricamente que, de parte da alta administração, a dos acionistas, a linha de conduta operacional se mantinha fiel aos princípios cultuados pelo fundador, Mário Dedini, principalmente nas horas de maior dificuldade ou de mais profunda adversidade. O lado humano sempre prevalecera nas horas das decisões e o sacrifício de empregos só era assumido após esgotadas todas as demais alternativas, sendo as últimas delas o desfazer-se do patrimônio pessoal familiar a fim de se honrar as folhas de pagamentos e as obrigações sociais.

A morte de Armando repercutiu nas empresas da família, na Vila Rezende, na sociedade piracicabana, no círculo empresarial e, claro, no seio de seu lar. Partiu repentinamente, como quem empreende uma viagem corriqueira.

– Foi no dia 7 de agosto de 1927 o seu nascimento, na Vila Rezende e, no dia 16 de abril de 1987, o falecimento. Nesse dia, as máquinas pararam e a sirene soou fora do horário habitual, tomando todos de surpresa e, ao mesmo tempo, levando-os a uma preocupada indagação...

– !?!

– O “seu” Armandinho morreu! O filho de “seu” Mário!...

41

Bem, falamos do industrial Armando Dedini, um dos ilustres cidadãos vilarezendinos, singular Capitão da Indústria, título que não queria ostentar pela modéstia e por temperamento. No entanto, para o historiador, a qualificação lhe faz justiça pelo conjunto das realizações que empreendeu no grupo empresarial.

Da Vila, na mesma linha de dirigentes empresariais, temos mais personalidades que conquistaram tal título: Dovílio Ometto, Leopoldo Dedini, Narciso (Nino) Gobbin, Mário Mantoni, Walter Antônio Stolf, Lázaro Pinto Sampaio, Waldomiro Perissinotto, Pedro Ometto, Orlando Ometto, João (Babico) Carmignani, Humberto D’Abronzo, Américo Perissinotto, Virgílio Lopes Fagundes e, como pioneiro e precursor de todos, o inolvidável Estevam Ribeiro de Souza Rezende, o Barão de Rezende.

– Isso só da Vila, sem falarmos do pessoal da banda esquerda do rio Piracicaba.

– E você está sendo severo nessa sua nomeação de personalidade!

– Claro! Ou melhor, tô só criterioso, né?!

– Eh, eh, eh... nada de politicagem, de farta distribuição de diplomas e de medalhas como tem ocorrido ultimamente, por conta dos vereadores locais. Mas atenhamo-nos ao nosso assunto: é impressionante

o número de grandes líderes nascidos ou domiciliados no bairro, que se projetaram no mundo dos negócios expressivamente, geradores de riquezas e de importantes contribuições para o desenvolvimento econômico e social do país, e, em especial, na atividade sucroalcooleira.

– Você observou bem... atrelados aos nomes desses líderes, encontraremos nomes também significativos, de proprietários de empresas menores, as ditas “satélites”, que foram criadas e mantidas em funcionamento como apoiadoras ou de suportes às principais e de maior porte operacional.

– Grandes comerciantes e prestadores de serviços, por exemplo. O Valentim Valler, de tradicional família vilarezendina, tão bem descrita pelo Dr. Alcides Aldrovandi, transferiria os seus negócios para o ramo sucroalcooleiro, com fazendas e indústria de aguardente e álcool na cidade de Itaí, SP, com sucesso notável.

– Isso mesmo... filhos, netos, bisnetos, dariam continuidade aos negócios e, em inúmeros exemplos conhecidos, ingressariam em novos ramos empresariais.

– Vila Rezende, Água Santa, Cruz Caiada e adjacências, celeiros de Capitães da Indústria do Estado de São Paulo!

Mário Mantoni é um dos ex-empregados das Oficinas Dedini, onde aprendera o ofício e por ser também um homem empreendedor, surgida a oportunidade, soubera aproveitá-la e alçou voo próprio. Claro que iniciou a trabalhar ainda menino e se interessara pela atraente arte da fundição de ferro e de outros metais como o bronze, o alumínio, o cobre e os aços empregados na fabricação de rolos de moendas, de engrenagens, mancais, castelos de moendas, enfim, de toda a grande série de fundidos necessários às máquinas, equipamentos e acessórios industriais.

– O Mário, quer dizer então, se tornou um fundidor?

– E muito mais! Aprendeu tudo sobre moendas, redutores de velocidade, bombas e motobombas, válvulas e registros, como reformá-las e como produzi-las novas, inclusive como desenvolver novos modelos e em crescentes dimensões!

– Menino esperto! Eh, eh, eh... bem ao gosto de seu xará e patrão!

– Aí você começa a entender e a avaliar a grandeza de “seu” Mário Dedini... não tolhia as iniciativas de seus empregados e colaboradores e chegava até a incentivá-los quando manifestavam o desejo de ter os seus próprios negócios.

– E o Mário Mantoni tornar-se-ia um industrial de primeira grandeza, edificando a Mantoni S/A na Avenida Rio Claro, antiga estrada que liga Piracicaba a Rio Claro, polo, portanto, metalúrgico e siderúrgico da cidade e no coração da Vila. De pequena para grande empresa seria só uma questão de alguns anos e logo estaria atuando em uma faixa da área de atividade da própria Dedini, de moendas, fundidos e caldeiraria de aço carbono para usinas de açúcar e álcool, e, mais recentemente, para uma gama maior de indústria pela necessidade de se diversificar e de se tornar mais rentável e competitiva. Isso leva-o a buscar novas áreas para instalar os novos galpões e adequar-se às exigências ambientais e sanitárias, indo localizar-se na rodovia que nos liga a Charqueada, nas proximidades da Usina Costa Pinto.

Mário sempre foi amante do esporte e de seu querido Clube Atlético Piracicabano - time de futebol que tinha por principal rival o E.C. XV de Piracicaba.

– Arqui-inimigo, diga-se! Foi seu diretor por muitos anos até presidi-lo e empreender enorme esforço para colocá-lo na Primeira Divisão Profissional do Estado de São Paulo, só não atingindo a Divisão Especial, como o XV de Novembro, por muito pouco.

– Nesse tempo ou a seguir, ambicionou a vida pública como político, sem conseguir eleger-se prefeito municipal. Mas firmou-se como líder industrial, assumindo a direção local da CIESP-FIESP - Confederação e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, ocasião que, por sua eficiência e competência, não só pôs Piracicaba em destaque nas referidas entidades de classe como conseguiria a construção do monumental complexo CAT-SESI, Centro de Aprendizado Educacional e Técnico Profissionalizante do Serviço Social da Indústria, com área de 70.000 m² e 35.000 m² só de construções, uma verdadeira maravilha em termos de ensino integrado (desde creches até primeiro e segundo grau e profissionalizante) e de esportes e lazer, tudo voltado aos trabalhadores da indústria de Piracicaba.

– É onde, onde???

– Na Vila! Tem serviços médicos e odontológicos, bibliotecas, teatro e cinema, conjunto aquático de fazer inveja a quaisquer clubes recreativos sociais da cidade.

– Foi inaugurado solene e festivamente em 1995, e, por decisão da Presidência e do Conselho de Administração da CIESP, o CAT-Piracicaba recebeu o nome de Mário Mantoni, por mérito e justiça!

– Amém! Padre Jorge Simão Miguel assim finalizou a bênção da magnífica obra social.

Em meus volumes anteriores discorri sobre fatos pitorescos e engraçados do caro amigo, decorrentes de seu jeito simples de ser, no falar e nas atitudes corriqueiras, e também de seu modo despachado de decisão. São, no meu entender, virtudes que o engrandecem, principalmente quando se empolga na defesa de nossa querida Vila.

– Pedro, ocê precisa descê o pau nessa negada da cidade... onde já se viu tratá nós assim! Escreva duro e pode assiná no meu nome!

– Escrevo Mário... escrevo, eh, eh, eh...

42

Nona Carolina, como todas as suas vizinhas, amigas e mulheres da própria família, nas horas consideradas livres, reunidas à beira da calçada em cadeiras dispostas em círculo ou semicírculo, ou nas salas de suas casa, tricotam, confeccionando algum tipo de vestimenta. Tricô e crochê, ou bordados, estes bastantes delicados quão coloridos e de rara beleza plástica, como se pinturas fossem ao invés de aplicações de linhas coloridas em milhares de pontos e contrapontos.

A nona, as filhas e as noras, e, logo logo, as netas também. Minha mãe entrava nessa roda, rotineiramente. Na verdade, o passatempo se transformava em puro trabalho útil e, não raro, se tornando uma espécie de renda familiar subsidiária ou complementar.

– Em resumo: uma graninha extra para as despesas da casa, né?!

– Sim, e em alguns casos, até de modo substancial, pois a qualidade dos trabalhos artesanais era de cair o queixo!

– Eram-lhes desfavoráveis o fato de quase todas as famílias da comunidade produzirem os seus próprios trabalhos artesanais e a população da cidade ser ainda pequena. Do lado da minha nona Theresa, o que diferia, a seu favor, era o número de filhos – 16 ao todo.

– Brincadeira, sô! Ou melhor, o nono não brincava em serviço! Eh, eh, eh...

As famílias, em especial as italianas ou originárias de, costumavam ser numerosas, e ninguém se preocupava com essa questão de controle de natalidade. E essa história de que naquela época tudo era fácil e abundante, é uma grande inverdade, pois as dificuldades tinham proporções maiores que as de hoje em todos os sentidos, especialmente no tocante à tecnologia, fazendo com que os problemas de saúde, educação, comunicação, transportes e habitação se agigantassem.

– Só na saúde, as pessoas morriam absurdamente de enfermidades ou males hoje corriqueiramente sanados de imediato.

– Tuberculose, por exemplo... o Barão de Rezende e seu filho Luiz... o presidente Prudente de Moraes... e um sem número de pessoas, jovens ainda, por falta de recursos e de conhecimentos médicos-cirúrgicos... Piracicaba, por muito tempo, possuía apenas a Santa Casa de Misericórdia e uma comunidade médica relativamente pequena.

– Aceita um cafezinho?

A jovem, gentilmente ofereceu-nos a tradicional bebida, servida em um conjunto de café em porcelana branca decorada com delicados desenhos coloridos, certamente orgulho da família. O líquido, fumegante, exala o doce aroma do cafezinho recém-coado

– Humm, ah! hummm...

– Está bom?! Fui eu que fiz, indaga e explica-se a menina-moça.

– Bom?!? Já pode mecê casá! Eh, eh, eh... tá uma delícia! Eh, eh, eh, meninada sacudida i bunita, cumpadre!...

Assim se expressam as pessoas, costumeiramente, em relação às meninas, preparadas que eram desde bem cedo pelas famílias para logo se casarem e constituírem suas próprias famílias. Em cada lar, sob o mando do “chefe-da-casa”- patriarcal - as moças eram preparadas para a execução de todas as tarefas habitualmente de responsabilidade da mulher – cama, mesa e cozinha–, ou seja, tinham que bem cumprir o papel de esposa em relação ao marido e com absoluta fidelidade, gerando e criando quantos filhos fossem concebidos; dominar a arte de forno e fogão, salgados e doces sem esquecer do item “panificação”; conhecer o suficiente de corte e costura para as necessidades triviais da casa em matéria de roupas de uso diário além de saber lavar e passar e de manter a casa em ordem.

– As moças passavam por um aprendizado sério em suas famílias, não?

– E os rapazes, também, no sentido de serem capazes de prover a nova família do necessário e suficiente através de seu trabalho, e terem o propósito de adquirir sua moradia própria.

– Ah, com relação às recém-casadas, em seus “dotes” deveriam incluir a parcela de conhecimento sobre a medicina caseira, ou seja, as tradicionais receitas que eram passadas de geração para geração do uso de ervas medicinais e de “simpatias e benzimentos” principalmente, tão necessárias às crianças para cura de quebranto de amor e de inveja e ódio, lombriga de vontade e de sustos, além de outras tantas indisposições cotidianas.

– As benzedeadas, né?!

– E benzedeiros também! Ora, ora, os homens sabiam de benzimentos, de simpatias e de certas massagens e terapias, como o “seu” Sílvio D’Abronzó, o “seu” Iko (Frederico) Furlan, só para citar dois deles, mas evidentemente as mulheres eram mais numerosas e de maior prestígio, não só na Vila Rezende como também na cidade.

– Dona Carolina, do Ignácio, Martins, Madalena Matarazzo...

Credence popular? Ignorância do povo? Cidade pobre e atrasada? Influência italiana? Ou dos negros africanos? Pouco nos importa atribuir a esse ou a aquele fator sócio-cultural, pois não estamos reclamando de nada, e esta expressão “tá pronta pra casá” é tão velha como “andar pra frente” e de unânime consenso. É ou não é?

Eh, eh, eh... nona Carolina casou-se aos quinze anos... eu, aos 21 anos...

43

– Buon giorno, buon giorno! Bamo, bamo, bamo lavorare!

– Si, si, tio! tô indo!

Tio e sobrinho, ou melhor, sobrinhos, deveriam caminhar a passos largos e rápidos para, em minutos, dar a volta por todo o interior das seções da oficina e de suas laterais externas onde estariam as peças recém-chegadas para reparações e reformas. No percurso diário, religiosamente, havia

tempo especial para ligeiros papos com chefes e velhos companheiros de trabalho, inclusive a fim de ouvir suas eventuais solicitações pessoais.

– Xii, isso não me cheiraria nada bem! Imagine só, hoje em dia...

– Seria a mesmíssima coisa! Tudo decorre das boas relações que são preestabelecidas e cultivadas seguidamente. A proximidade patrão-empregado é que foi alterada com o passar do tempo.

– Sindicatos, politicalhas, empresários espertalhões etc. e tal...

– Tal e qual! No curto espaço de meio século, de hoje para trás, as mudanças se fizeram sentir, lamentavelmente.

– Mas não totalmente, né?! Há também exemplos positivos, engrandecedores.

– Sim, sim... na própria Dedini e em quase todas as demais de Piracicaba, graças às lideranças natas dos saudosos “seu” Mário e “seu” Dovílio...

– Bem, de “seu” Armandinho havia a supremacia da amizade fraterna...

Nino, filho de sua irmã diletta, Palmira, veio da Itália ainda adolescente, com os pais e o irmão Leopoldo com poucos meses de idade, trazidos para Piracicaba pelo tio que, como manda a tradição e o sentimento no coração do italiano, desejou reunir em torno de si toda a família, estendendo-lhe o braço protetor do bom chefe.

Narciso herdaria as principais qualidades do dinâmico tio – liderança, criatividade, capacidade e disposição ao trabalho duro e perseverante, insaciável sede de continuadas conquistas através do trabalho pessoal – e a obsessão pelo trabalho. Seu primo, Leopoldo, filho de Armando Cesare, não ficava-lhe nada a dever, desenvolvendo também as mesmas qualidades de líder. Assim, ambos iriam se desenvolver como importantes peças na condução das Oficinas Dedini.

Nino aprenderia desenho técnico e um pouco de teoria contábil, acentuando-se na área de projeto técnico e mecânico, o suficiente para logo ingressar na difícil arte de elaboração de projetos, de cálculos técnicos e de elaboração de propostas técnico-comerciais que a empresa obrigatoriamente tinha de apresentar aos seus clientes - as usinas de açúcar. Nessa época, a Dedini não estava ainda no setor alcooleiro e nem aguardenteiro, salvo nos segmentos da preparação e esmagamento da cana-de-açúcar e da geração de vapor e suas respectivas caldeirarias.

Estava formado o trio polivalente de apoio ao tio e sogro: Nino, Leopoldo e Dovílio; um pouco mais além, o menino Armandinho, engatinhava. As décadas dariam-lhes outros adjetivos, habilitando-os às responsabilidades maiores e também às decisões próprias na condução de seus negócios societários e familiares.

Nino casou-se com Lygia do Amaral e seus filhos são João Marcos e Flávia. Nasceu em 08/01/1925 na cidade italiana de Lendinara e faleceu em 03/07/2007 aqui, em Piracicaba.

Da M. Dedini S/A Metalúrgica, após ocupar diferentes cargos e funções por mais de quarenta anos consecutivos, assumiu a presidência da Codistil S/A, Construtora de Destilaria Dedini, dando início a um novo ciclo de importantes realizações no Grupo Dedini, este sob a presidência de Dovílio Ometto. A sintonia entre esses dois gigantes da indústria nacional afirmou-se mais e mais, até o ano de 1998, quando a longa sociedade se desfaria por questões operacionais societárias, fato absolutamente comum no mundo empresarial após o decurso de sucessivas gerações nas estruturas familiares.

Nino estabelecer-se-ia com a sua empresa, denominada NG Ltda., especializando-se no ramo de geração de energia - turbinas a vapor de alta eficiência - com tecnologia de ponta e, também, na produção de máquinas e equipamentos para a área sucroalcooleira. A empresa ocupou as antigas instalações que deram origem às empresas Dedini, na avenida que leva o nome de seu pioneiro, na Vila Rezende, e com complementação fabril no bairro Capim Fino, ao lado da Codistil, na Cruz Caiada.

O ilustre empresário dedicou-se à filantropia, à benemerência, com especial predileção à infância, provendo a sua Vila de várias creches e de um centro de estudo e de prevenção ao câncer ginecológico e de pele, que funcionou por dezessete anos consecutivos até vir a ser absorvido por uma instituição hospitalar – centro que tive o privilégio de coordenar a criação, construção e funcionamento até o encerramento de suas atividades. Como seu tio, as obras assistenciais de Piracicaba tinham nele o benfeitor emérito quase sempre sob o manto do anonimato do verdadeiro cristão.

– Você conheceu-o bem, não é?

– Por cinquenta e dois anos de vida profissional...

– Só?!?

– ... e comunitária. Viajamos muito, juntos, ele como meu chefe

e patrão. No entanto, nessas ocasiões as diferenças inexistiam para dar lugar ao companheirismo, aceitando as brincadeiras com bom humor. Gostava de voar, apoiando o uso do avião próprio da empresa, sobre o qual dedicava rigoroso controle e manutenção. Tive o privilégio de testemunhar a sua tremenda capacidade de trabalho e acurada capacidade de vendedor, que ia desde peças de reposição até fábricas completas tipo “chave-na-mão”, portanto, de vultosas somas de dinheiro.

– Uma característica pessoal?

– Sistemático uso de régua de cálculo, esse instrumento de escalas logarítmicas móveis, largamente utilizadas pelos engenheiros calculistas, quando ainda inexistiam as máquinas de calcular e muito menos os atuais computadores pessoais.

– Tinha outra?

– Grande anotador... tomava nota de tudo! Em sua mesa havia blocos grandes de papel sem pautas e agenda-calendário, dessas que se usa para agendar reuniões e visitas, compromissos etc. e tal.

– Não confiava na memória!

– Eh, eh, eh... aí é que mecê cai do cavalo! O home tinha uma memória incrível. Conseguia buscar em seus famosos blocos as anotações sobre negócios e acordos feitos há vários anos, com uma precisão espantosa. Quando discutíamos complicadas tabelas de preços e dados estatísticos importantes para nós, o “seu” Nino aceitava desafios e dificilmente errava... e lá estavam os velhos cadernos com suas anotações geralmente feitas a lápis preto e com os devidos destaques assinalados.

– Poxa, ele era terrível!

– Eh, eh, eh... eu me lembrava muito bem! Ele só queria mostrar com a sua letra aquilo que combinara!

Dessa forma, os negócios e as combinações eram habitualmente feitas no dia a dia. Só muito mais tarde, com a entrada de novos clientes, não tradicionais no ramo, que a elaboração de contratos formais, discutidos e redigidos por advogados viria a ser observada, não se aplicando, porém, nos negócios com velhos “companheiros”, como “seu” Nino costumava tratar tais amigos e clientes.

– Você falou bem: amigos e clientes, como mandava a tradição italiana.

– É véro! Eh, eh, eh...

Jairo Ararituaba Filho foi gerente do primeiro banco comercial a estabelecer-se na Vila Rezende, já na fase, digamos, “moderna”, quando os negócios no populoso bairro industrial confirmavam a sua pujança extraordinária e de ser o encabeçador da economia piracicabana.

– Foi o Banco Moreira Salles S/A?

– Isso mesmo, e instalou-se no espaço que ocupava a loja de vendas da Oficina Martins, Wolney e Lico, de implementos agrícolas, que hoje é a Drogavila, farmácia do Zezinho da Farmácia, o popular José Arantes de Carvalho...

– Pelé?!?

– Pêra aí, ô meu! Aquele é o “seu” Edson! e do Nascimento!

– Ah, bão! Só fartava o Pelé sê também da Vila!

– É da Vila, sim!... da Vila Belmiro! Pois o tal espaço é bem no meio do quarteirão na Avenida Rui Barbosa, o mesmo em que eu morei na infância e adolescência, e residência da família Martins, citada anteriormente. Depois, o banco seria mudado para o prédio da esquina da Travessa Dr. Morato, local anteriormente ocupado pelo armazém de secos e molhados dos irmãos Lívio e Gláuco Ferraciú e pelo Bazar Santos, dos amigos Mário e Mercedes dos Santos.

– O Jairo, nessa artura, deitava e rolava no pedaço, não?!?

– Imagine só! De saída abocanhou as maiores contas bancárias de Piracicaba, de uma só vez, passando a ser invejado pelos demais colegas da cidade.

– Só rivalizavam-no o Banco do Brasil e o Banco do Estado de São Paulo, por serem bancos oficiais e veículos dos financiamentos governamentais.

– O Jairo foi, conseqüentemente, o escolhido para presidente do Rotary Club de Piracicaba Vila Rezende, clube de serviços à comunidade de caráter mundial, o segundo a ser criado na cidade em 20 de março de 1967.

– Você foi presidente do Rotary Vila?

– Duas vezes, com muito orgulho... só não fui sócio fundador. O nosso bairro deve-lhe muito, pois ao congregar as principais lideran-

ças profissionais e empresariais da Vila, o clube exercia uma influência muito grande nos meios sociais e políticos locais, apesar de ser apolítico e de uma neutralidade ideológica-filosófica extremada. Mas liderança é liderança, sempre!

Renan Cantarelli viria a ser o segundo gerente do referido banco, trazendo consigo um novo impulso e, coincidentemente, propostas de trabalho à comunidade de outro clube de serviços, o Lions Club de Piracicaba. Só tinha um defeito aos olhos de vilarezendinos: era quinzista ferrenho!

– “Quinzista” no coração da torcida “atleticana”?!

– Ué, e o Padre Jorge, num é um corinthiano no reduto dos palmeirenses?!?

– Eh, eh, eh... tudo não passa de mera rivalidade inofensiva, mais na base de provocação entre amigos. O Renan foi um esportista que não sabia esconder ou conter a sua paixão pelo XV de Novembro, em especial às equipes de basquete, masculino e feminino, que tiveram seus períodos áureos no esporte nacional. A Vila Rezende, nos anos seguintes, de ponta a ponta da Rui Barbosa, recebia as agências das Caixas Econômica Estadual e Federal e de grandes bancos nacionais, numa clara demonstração do potencial econômico e financeiro dessa parte de Piracicaba.

Josef Feigl, austríaco de Viena, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, não tão logo assim, mas quando o Brasil permitiu a entrada de novos imigrantes, chegou a Piracicaba para trabalhar nas Oficinas Dedini, juntando-se ao grupo de outros técnicos e engenheiros que aqui estavam - alemães, franceses, poloneses e italianos. Loiro, olhos azuis, moço, magricelo, um “branquela”, portanto, logo recebeu o apelido de “Zé Alemão” e todos nós, os moradores da Avenida Rui Barbosa, ao vê-lo passar a pé pela calçada, tínhamos a impressão de ver nele a figura de um de nossos amigos, o Marinho Coletto, filho de “seu” João Coletto.

– A semelhança era bárbara! Só desaparecia quando o Zé Alemão começava a falar, com seu pouquíssimo vocabulário em português e carregadíssimo sotaque alemão.

– Hoje ele tem um vocabulário farto, porém o sotaque continua, e a troca de “o” pelo “a”, invertendo o feminino pelo masculino e vice-versa, uma característica inconfundível.

– E divertida, né! Eh, eh, eh... mudou-se para o Brasil e exclusivamente em Piracicaba, com a esposa Elfried e sogra, indo morar nas proximidades da oficina.

Seus dotes de desenhista técnico e capacidade de projetista de instalações fabris colocaram-no em destaque na já grande e respeitável seção técnica da empresa, prestes a ganhar o status de seção de engenharia.

– Ah, o Zezinho, como nos contava nas horas vagas, quando, no recrudescimento do conflito mundial, foi recrutado e ingressou na Força Aérea Alemã, depois foi feito prisioneiro dos ingleses e enviado como tal às minas de carvão até vir a ser libertado no armistício.

Com a entrada da Codistil de corpo e alma no ramo alcooleiro, ao absorver o acervo patrimonial - máquinas, tecnologia e estoques de materiais - da concorrente de São Paulo de nome Codiq S/A, o Zezinho foi transferido para nova empresa da Dedini - fundada em 08/11/1943 - para assumir a chefia de sua Seção Técnica e de Engenharia. Na área da fábrica, produção, vindo junto com o acervo da Codiq, tomava as rédeas o experiente caldeireiro, técnico destilador, montador e mestre de oficina, Américo Perissinotto, irmão do Waldomiro Perissinotto, sócio fundador da novel empresa concorrente da outra experiente fabricante piracicabana Morlet S/A, dirigida por Jean Josef Morlet, francês e engenheiro, que, diga-se, morou com a família por muito tempo na Vila Rezende.

– Bem, ocê precisa encurtar a história, senão...

– Tá, tá certo. O Feigl, décadas depois, unir-se-ia a Américo Perissinotto e Odemir Prado, este ex-chefe de desenho e engenharia da Morlet S/A, para juntos formarem a empresa Conger S/A, em Piracicaba, como francos concorrentes da Codistil-Dedini.

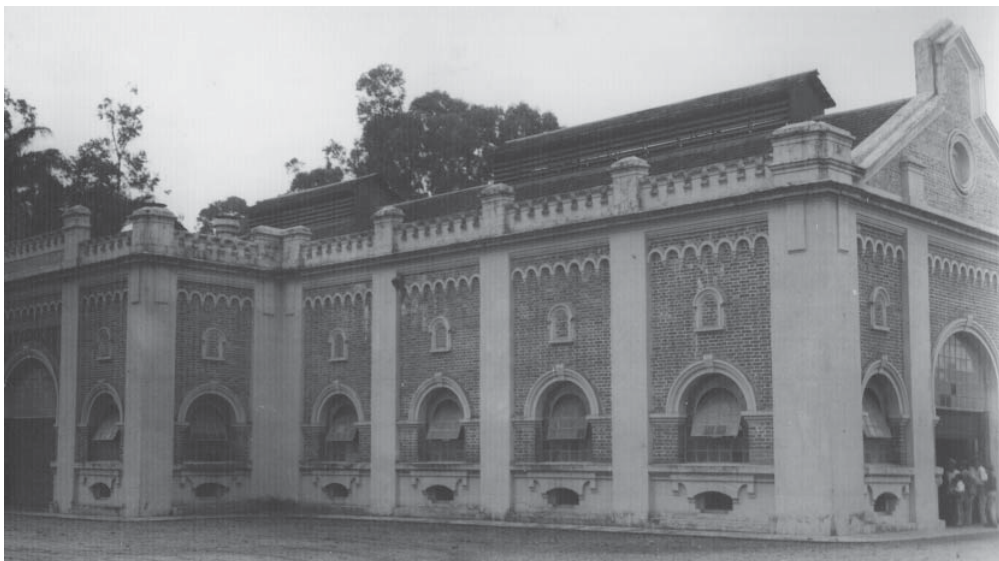
– Poxa, ocê tá por dentro, não?!

– O Zé e a esposa, são meus compadres... tive o privilégio de ser padrinho de batismo de seu filho Gerardh, ao lado de dona Anna, mãe de dona Elfried... a sua filha chama-se Brigith.

– Xiii... ocê num tem jeito!

– O Odemir Prado foi meu colega de turma na Unimep, Faculdade de Ciências Econômicas, turma de 1967... o Américo...

– Chega!



Matadouro Municipal, no atual bairro do Algodão.

45

Jaime Lacerda de Almeida é um nome de referência internacional na área sucroalcooleira que se liga intimamente à Vila Rezende, profissional e sentimentalmente. Primeiro pelos anos de trabalho nesse privilegiado território - Santa Terezinha (Corumbataí) -, e segundo pelo largo círculo de amizades que cultivou durante a sua estada aqui. O amigo Jaime faleceu em 2008.

Engenheiro químico, natural do Recife, Pernambuco, certamente tendo nas mãos um gomo de cana-de-açúcar enquanto se amamentava por nascer nesse meio açucareiro, casou-se com Consuelo, moça bonita, mineira e filha de usineiros, e, por ingressar no IAA, Instituto do Açúcar e do Alcool, seguindo os passos de seu pai, literalmente viria beber da água do rio Piracicaba ao assumir a Destilaria Desidratadora “Dr. Gileno de Carli”, do IAA, instalada em Santa Terezinha, uma central

receptora de aguardente e álcool retificado industrial e reprocessadora para obtenção do álcool anidro (desidratado).

Jaime tinha fartos e sólidos conhecimentos em química e experiência na técnica da destilação, além de ser inteligente e versátil. Não demoraria a alçar voo e a cair no alçapão que a Dedini lhe armara... veio para os domínios da Codistil-Morlet, posicionando-se em paralelo com Waldomiro e Américo Perissinotto, Josef Feigl e Caio Paes de Barros, formando um seletivo grupo de experts em álcoois e aguardente. O seu brilho próprio ampliar-se-ia, penetrando fundo nas ainda escuras áreas que a tecnologia da destilação apenas Tateava... e o salto se deu! Em pouco tempo Piracicaba detinha o que de melhor a indústria podia ofertar no ramo de destilarias e de equipamentos periféricos, habilitando-a, inclusive, à produção de unidades voltadas às indústrias químicas e petroquímicas.

Estávamos abrindo as portas à tão cobiçada diversificação industrial. As melhores cabeças pensantes estavam reunidas sob um único teto e capitaneadas por empresários realmente capazes e responsáveis.

As destilarias multiplicaram-se e atingiram dimensões gigantescas, cujas capacidades unitárias diárias causavam espanto nos principais centros industriais da Europa e das Américas.

Surgiu a Sucral Ltda, uma pioneira na área de projetos e assessoria técnica empresarial no mundo sucroalcooleiro do Brasil, congregando empresários, engenheiros e técnicos, societariamente, com escritórios e sede na Praça José Bonifácio; a seguir fundou-se a Butilamil Ltda, em Santa Terezinha, indústria química, a preencher a oferta de inúmeros produtos químicos derivados demandados pelo mercado brasileiro.

Mais uma vez comprovava-se a vocação da Dedini de originar e de desenvolver novos empresários e empresas periféricas, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico e social de Piracicaba.

Nessa mesma época, o Sr. Lino Morganti busca a Codistil, enquanto seu irmão Hélio, profundo técnico açucareiro, ambos engenheiros e filhos de Pedro Morganti, patriarca fundador da Refinadora Paulista S/A, vai colaborar com a M. Dedini S/A, fabricante de usinas de açúcar. Os irmãos, anos antes, haviam fundado a primeira fábrica papel a partir da celulose de bagaço de cana-de-açúcar, ao lado da Usina Monte Alegre, aqui em Piracicaba.

– Pôxa, como ocê enrola, não? Sintetize, ô meu!

– O Dr. Lino era, seguramente, a maior autoridade técnica na fabricação de papel no e do Brasil, assim considerado pela indústria dos Estados Unidos, da qual era representante e correspondente. E, por seu intermédio, atuamos como fabricantes de máquinas para produção de celulose, exportando-as para vários países sob licença para uso de patente.

A fábrica de Monte Alegre é hoje de propriedade do Grupo Votorantin, integrando o seu complexo no setor de celulose e papel.

A Dedini planejou, e insistiu muito, na instalação de uma fábrica na cidade de Maceió, Alagoas, a fim de melhor atender as necessidades da indústria sucroalcooleira do Nordeste e do Norte e até do exterior. No entanto, os esforços seriam em vão, ficando apenas em termos de escritórios comerciais e entreposto de peças de reposição de pequeno porte. Empenhou-se junto a Sudene, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – incentivos fiscais do imposto de renda –, sendo sistematicamente barrada pela ação política dos empresários locais. Só muito tempo depois, a Codistil logrou instalar-se com fábrica em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, ao lado do Recife, valendo-se de artifícios legais incontestáveis. Mais tarde ainda, instalar-se-ia também em Manaus, Amazônia, tornando realidade os sonhos de Mário Dedini.

46

Evidentemente, as cidades não foram feitas para se transformarem em “museus a céu aberto” e, com o avançar dos anos, elas tendem às adaptações que suas comunidades necessitam para bem viver os seus respectivos momentos.

– Ocê quer dizer, então, que devemos concordar com as demolições e mutilações das construções urbanas?

– Não, não concordo, porém, reconheço a necessidade de se abrir espaço para avenidas, praças, centros comerciais como esses shoppings e também áreas de estacionamentos. E reprovo a pura e simples degradação que se faz à memória histórica de uma cidade, ao destruir prédios

e edificações com singulares características arquitetônicas ou de significado histórico especial. Isso se refere também às fachadas das casas de comércio, que passaram a ostentar absurdos painéis publicitários, verdadeiras aberrações visuais que agridem os olhos de qualquer um ao invés de deixarem à mostra a imagem original dos prédios.

A propósito da Vila, quando citei seus contabilistas, deixei de lado os amigos Berticos, ambos da Dedini: Alberto Pinto da Fonseca Filho, primogênito (depois de várias irmãs) de “seu” Berto Barbeiro que, por ser um pouco mais velho, não integrava a nossa turminha – seu irmão Antônio (Tuna) era um dos nossos! – e, como regra, deixou as ruas cedinho para trabalhar duro e assim auxiliar a família; o segundo, companheiro Alberto (Bertico) Bassinello militou antes na Usina Costa Pinto, junto com os pais e irmãos, até virem morar na Vila Rezende – Bertico ingressou na M. Dedini Metalúrgica, na contabilidade geral, e, ainda hoje, embora aposentado, presta seus valiosos serviços à empresa.

– Aos acionistas!

– Sim, sim! Foi o “braço direito” do Armandinho, que o tinha como secretário especial e grande amigo, para todas as obras. O “seu” Bassinello, para os mais novos nas empresas Dedini, sempre mereceu um respeito especial, principalmente pelos seus conhecimentos profissionais e pela experiência que acumulara, sendo um especialista em assuntos societários.

– Sociedades anônimas, documentações, atas e outros “bichos”, era com ele mesmo! Procurações, ações, registros, balanços patrimoniais, editais, atas e aquela parafernália de livros e de arquivos, coisa de “loco” antes do advento do computador, que aboliu os livros manuscritos e aqueles monstregos datilografados e copiados por processos de água, tinta gelatinosa e prensas manuais.

– Pobre Bertico, né?! Eh, eh, eh...

Ficam aqui os dois registros e as homenagens que ambos merecem, ao lado dos nomes citados.

– Você viu a nova ponte lá no Lar dos Velhinhos?

– Ué, fizeram ponte lá no Asilo?!?

– Ê ê ê! ... tá me gozando, é?!

– Eh, eh, eh... vi, sim, a segunda belíssima ponte construída pelo prefeito Barjas Negri, ao lado da primeira, obra do também prefeito Luciano Guidotti, ao lado do Shopping Piracicaba, que o povo logo deno-

minou de “Ponte do Lar dos Velhinhos”, instituição da maior benemerência – centenária – muito bem instalada na margem esquerda do rio.

– Magnífica obra, aliás, o amigo Barjas Negri, prefeito reeleito com esmagadora votação – coisa de 82 ou 85%, dos votos – está “pau-a-pau” com Luciano em termos de realizações de obras públicas, incluídas as pontes sobre o rio Piracicaba.

– Etâ, prefeito bão, sô!

– Quar dele?!?

– Ambos os dois, né!

– Eh, eh, eh... o Barjas é meu amigo e companheiro da Dedini, onde trabalhou por muitos anos, quando ainda estudava.

– Na diretoria de Exportação, não é? Com o saudoso Dr. Jean Jacques Metral, engenheiro francês que veio para o Brasil a serviço da Socièté Sucrèrie Brésiliennes, profundo conhecedor de açúcar e de álcool, de ponta a ponta.

– Pois é... o Barjas doutorou-se em Economia, com a tese sobre as Indústrias Dedini no cenário sucroalcooleiro do Brasil...

– Verdade?!?

– ... e como tal, assumiu o magistério na Unimep, Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Economia e, a seguir, enveredaria na vida pública nacional, chegando a Secretário Executivo do Ministério da Saúde, a Ministro Interino, e a Ministro de Estado da Saúde, sucedendo o ilustre José Serra, ex-Governador do Estado de São Paulo.

– Pôxa! O home é dos bão, mesmo!

– Com estreita ligação com a Vila Rezende, por inúmeras e fortes razões, inclusive com a Dedini.

É, mais um que militou na “doce carreira” da cana-de-açúcar...

47

Corporação Musical “União Operária” foi fundada em 1º de maio de 1906, é nesse dia mundial comemorativo do Trabalho, data de

grande significado para a humanidade, que só fica abaixo dos dias de Natal e de Ano Novo, e, em alguns países, de determinadas efemérides de caráter nacional máximo. O fato é que a nossa Banda Operária nasceu com o nome de Corporação Musical “Lyra Piracicabana” e, em 1º de maio de 1907, sem explicações ou esclarecimentos, o nome de Corporação Musical União Operária é “comunicado” pelo seu Secretário em nota publicada no Jornal de Piracicaba. E a regência da banda? Assumiu-a o maestro Antônio Mombuca, vindo de Capivari.

Se a própria banda era pobre, como o próprio nome a estigmatizava, pode-se imaginar a pobreza de informações registradas em livros de atas e outros documentos. Os dados de suas décadas iniciais de vida são resultantes de relatos verbais escassos, indicando-nos uma época de dificuldades vencidas a base de dedicação pessoal de músicos e de poucos dirigentes, que contribuíram com seu tempo e certa ajuda financeira. O livro “O Passar da Banda -1906-2006”, da pesquisadora Livia Carvalho Paulillo (IHGP), traz um retrospecto da centenária corporação que, por afinidade à colônia italiana de Piracicaba e por ter sido por mais de meio século protegida e tutelada pelo benemérito industrial Mário Dedini, assimilou a identidade vilarezendina quase que por inteiro. Atividades, dirigentes, se concentram nas mãos de vilarezendinos; sede social, por mero acaso, está na cidade, na Rua Santo Antônio. Quase todos os seus presidentes de diretoria foram da Vila Rezende, inclusive João Coletto Filho, em 2009. Eu mesmo, por muitos anos seguidos, exerci o cargo de diretor tesoureiro, e meu primo José Roberto Caldari, presidente. Em 1961, no dia da renúncia do presidente Jânio da Silva Quadros, chegávamos na cidade do Rio de Janeiro com todos os músicos para uma audição na Rádio Nacional, no programa Lira de Xocotó, do famoso apresentador Almirante e passamos o maior aperto devido ao uniforme da banda ser muito semelhante ao fardamento da polícia carioca, envolvida em intensos conflitos com os estudantes, sindicalistas e partidários políticos no centro da cidade. Foi um corre-corre danado e nós, caipiras, morríamos de medo.

– Eh, eh, eh... imaginô?! A veiarada com os instrumentos todos, correndo pela Cinelândia com a estudantada atrás com pau e pedras nas mãos!

Terminada a audição, tomamos rapidinho o caminho de volta,

desconjurando a experiência na Cidade Maravilhosa, e nos certificamos ter testemunhado um episódio da História, que iria mudar o rumo do País.

A banda aproxima-se da Vila e a Vila Rezende a considera como sendo sua, institucionalmente, assim calorosamente defendida pelo seu Orador Oficial, Monsenhor Antônio Nardin, a cada almoço comemorativo de aniversário, os memoráveis 1ºs de maio, desde a época do Restaurante Papini. No entanto, não nos opomos absolutamente a compartilhá-la com Piracicaba toda, pelos seus valores artístico, cultural e histórico.

Por falar em música e arte, há de se registrar mais um dos feitos marcantes do Instituto Baronesa de Rezende: a fundação, em janeiro de 1957, do Conservatório Dramático e Musical de Piracicaba, destacando-se os nomes de professores como Rosany M. de Barros Jorge, Shirley Perissinotto, Irmã Maria Clara Sampaio (diretora do Instituto), Irmã Cécilda de Moraes, Irmã Cecília de Moraes, Neuza Mainardi, Irmã Regina Maria Aparecida Beltrame, Irmã Reginalda Welt (austríaca).

– Valiosíssimos serviços prestados à música!

– Ainda no campo das artes, o nosso bairro também tem presença significativa nas artes plásticas. A Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba, em 23 de junho de 2000 promoveu no Engenho Central uma belíssima exposição – “A Vila mostra seus talentos” – com as obras de nada menos que quarenta e quatro artista nascidos ou residentes nesse pedaço encantado da cidade.

– Você tem os nomes desse pessoal?

– Craro! Você deve relacionar a turma... que é só uma parte dos artistas, pois ficaram muitos de fora, inclusive os já falecidos .

Participaram dessa mostra:

Agenor Rosário Cavallari

Arjuna Perin

Benedita Ana Sêga

Cilene Borzino S. Frias

Ciro de Oliveira e Silva

Clemência Pizzigatti

Evani Loureiro Fujiwara

Francisco Roberto Cavallari

Grácia M. Nepomuceno

Ives Cláudio da Silva Bueno
João Carlos Teixeira
Josmar Di Giaimo
Jussara Marquesine Neves
Laura G. Pezzoto
Leila L. Barbosa Moda
Marcelo Augusti
Marcelo B. Araújo
Marco Antônio Cavallari
Marcos Rogério Sabadin
Maria Cândida
Maria Valéria Tejada
Mariana Gabriela Cavallari
Marilda dos Santos Cavallari
Marlene T.I. Galvani
Marli S. Foschine
Nelson de Souza Rodrigues
Miguel A. Sanches
Osvair Perón
Paula Vieira Ligo
Pedro Caldari
Romac Poppin
Raphael Ramiro Júnior
Renata Buselli Pereira
Rita de Cássia M. Gozetto
Shirley Perissinotto
Solange Pacheco Rossano
Sônia B. Sakai
Sylvia H. R. Furlan
Tarcísio Barros Lorena
Telma Sueli S. Silveira
Teresa L. Peres Simioni
Thiago Galvani
Thiago Richter
Yara Hilst

– Xiii! Ah, datas, datas!...

– Tá chiando de quê?! Ou melhor, de quê ocê num chia?

– Datas, sempre as famigeradas datas! Principalmente nos dados pesquisados, onde mais a coisa pega é nas datas... nascimento, morte, casamento, os momentos em que os fatos ocorrem... as matérias pesquisadas, na maioria, omitem-nas ou, então, são imprecisas e até conflitantes.

– Barão de Rezende chamava-se Estevam Ribeiro de Souza Rezende, filho de Estevam de Souza Rezende, Marquês de Valença. Nasceu em 1840 e faleceu em 12 de agosto de 1909. Casou-se com Anna Cândida da Conceição, filha do Barão de Serra Negra, em 16/10/1865. A baronesa faleceu em 1940 na Vila Rezende.

Foram seus filhos:

Maria Elisa, falecida em tenra idade.

Luiz de Souza Rezende, médico, faleceu em 1902.

Estevam Ribeiro de Souza Rezende Filho, agricultor, chegou a senador, faleceu em 1904.

Lydia Sophia de Souza Rezende, Dedé, solteira, faleceu em 1933.

Francisca, Chiquinha, casou-se com o médico Dr. Américo Brasileiro de Almeida Filho, e residiu em São Paulo.

O Barão foi vereador em Piracicaba até 1907 e membro do Legislativo da Província de São Paulo. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, São Paulo, da atual USP.

– Mesmo assim não estão completas as informações, sempre por causa das datas! Desisto...

Em 1932 ocorreria o episódio de maior significado cívico brasileiro, cuja data é comemorada pelo povo paulista no dia 9 de julho, feriado estadual, dedicado à memória dos heróis da Revolução Constitucionalista de 1932, quando o mais rico e populoso estado do país se rebelou contra o governo de Getúlio Vargas, em defesa da Constituição.

Piracicaba respondeu de imediato à convocação de brasileiros constitucionalistas, descontentes com as medidas tomadas pelo governo federal, principalmente por violar a Constituição. Os primeiros 600

voluntários partiram em 16 de julho e, em 24 de julho, seguiam mais 200 voluntários. Ennes da Silveira Mello, em 15 de agosto de 1932, em Queluz, foi o primeiro piracicabano a morrer em combate.

Os vilarezendinos combatentes: Major Cláudio Mendes Barbosa; Nair Barbosa, enfermeira; Alexandre Petta, morto em combate; Algenor Martins, Pedro Silveiro, Benevenuto Cândido Cassonato, Miguel Pampolini, Sylvio C. Campassi, Borga (...).

A família Aldrovandi se entranhou profundamente na história da Vila Rezende e o Dr. Alcides nos legou registros de enorme valor para os estudos sociológicos dessa parte preciosa de Piracicaba. Devo obrigatoriamente citar aqui os nomes provenientes de um dos mais tradicionais e conceituados troncos de imigrantes italianos radicados nesta privilegiada cidade.

De Mantova, norte da Itália: passagem por Descalvado, vindo a Piracicaba, Rua Alferes José Caetano e logo iriam para um sítio na Estrada do Meio, a três quilômetros da Vila Rezende que ia só até a Avenida Conceição, e assim mesmo, quase toda descampada, com poucas casas e ruas inteiramente de terra, isso na fase inicial de urbanização... Umberto e Christina e os filhos: Mariângela, Olívia (Vivi), Domingos José, Palmyra (Naná), Humberto, Nair, Alcides, Elza, Rodney e Zildéia, dez ao todo.

Domingos e Maria Aldrovandi. Embarcaram em Gênova, no navio Borgonha, em uma dura viagem de trinta dias, desconfortável e marcada por sofrimentos e expectativas mil, tendo por certo apenas o futuro de trabalho pesado na lavoura. O imigrante italiano, na passagem do século XIX para o XX, veio para o Brasil na condição de trabalhador braçal e sem regalia alguma.

No meu livro anterior mencionei erradamente o nome do primeiro médico a instalar-se na Vila. Segundo o Dr. Alcides Aldrovandi, a ordem cronológica é a seguinte: Dr. Godofredo Bulhões de Carvalho, 1914, na Avenida Rui Barbosa, esquina da Travessa Dr. Eulálio; Dr. Paulo Elejalde, na Avenida Dona Francisca nº 26; Dr. Epaminondas de Moraes Martins 1926, como primeiro diretor clínico do Sanatório São Luiz para tuberculosos; Dr. Ziliah de Moraes Martins, filho do Dr. Epaminondas, foi também médico dos empregados da Dedini, e dos empregados do Engenho Central, o Dr. Manoel Viana; Dr. Rosário Spotto Sobrinho,

1940, na Avenida Dona Francisca e esquina da Avenida Dr. Morato. Ao adentrar na década de cinquenta, o número de médicos na cidade evoluiu bastante e a Vila Rezende registraria o ingresso na nobre profissão de seus filhos, como o renomado Dr. Alcides Aldrovandi e mais Erotides Vendemiatti, Athaulpa de Mello Ferraciú, e também Cláudio Mahn, Weber Reynolds Caselatto, Noedyr Groppo Stolf, Antônio Amauri Groppo, e também outros igualmente ilustres.

O aumento significativo de profissionais da área da saúde é um forte indicador da evolução sócio-econômica de uma comunidade, tal a cultura que predomina nos países pobres de não se cuidar responsabilmente pelo bem-estar do povo, pois que, saúde e educação, não propiciam votos nas eleições e, politicamente, ou melhor, politicamente, o estado de ignorância do povo é o caldo ideal à cultura do “dividir para dominar”. Então o fato de se destacar tal evolução assistencialmente, ao lado de outros serviços também liberais, é-nos motivo de grata satisfação por vermos quebrado o círculo vicioso das mazelas sociais.

49

O Colégio Comercial “Imaculada Conceição”, escola criada pela Diocese de Piracicaba, por iniciativa do bispo D. Aniger Francisco Maria Melillo, com os cursos ginásial - comercial e técnico comercial, teve sua Aula Inaugural Oficial no dia 17 de março de 1964 proferida pelo contador Lázaro Pinto Sampaio sob o tema “Noções de Contabilidade”. O ilustre conferencista, empresário de sucesso, presidente da Câmara de Vereadores de Piracicaba, enalteceu o gesto do emérito pastor e o louvável concurso do contador Guerino Trevisan como diretor do novo estabelecimento e também da participação do Prof. Ivo Ducatti como seu primeiro secretário. As solenidades iniciaram-se com a celebração da missa em ação de graças na Capela do Colégio pelo vigário da Vila Rezende, Padre Jorge Simão Miguel.

Em 1979, encerrou as atividades, ocorrendo o mesmo com a

mais antiga e tradicional, Escola Técnica de Comércio “Cristóvão Colombo”, em 1983.

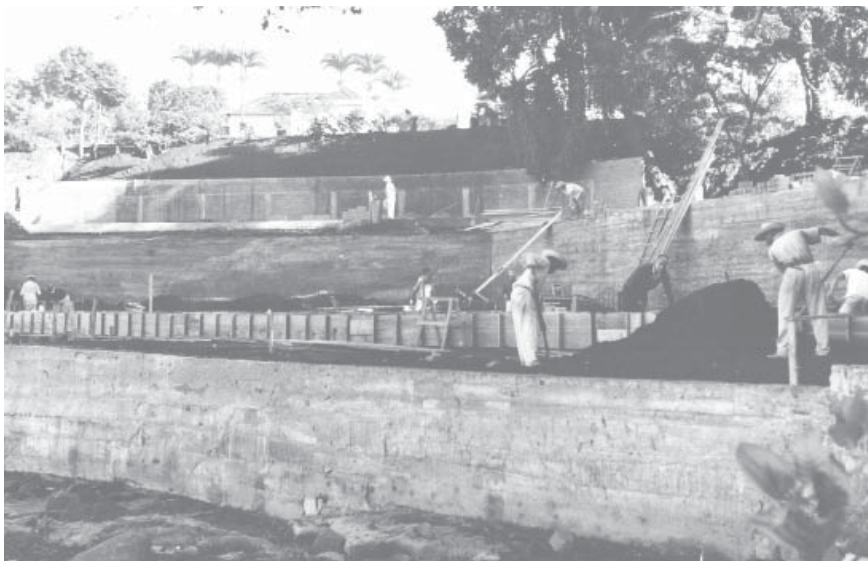
Quando nos ufanamos do passado histórico de nossa terra, em especial daquela comunidade que nos viu nascer, é muito justo que a propaguemos aos quatro ventos no sentido de se dar a conhecer os fatos positivos que justificam tal orgulho. Pois bem, o Barão de Rezende, personalidade maior da Vila, e Luiz de Queiroz, o expoente do lado esquerdo da cidade, ambos com os seus feitos em prol de Piracicaba em primeiríssimo plano na ordem de grandeza social, têm aumentadas as suas estaturas ao sabermos que descendem de um mesmo tronco familiar.

O notável escritor e historiador, Samuel Pfromm Netto, nosso conterrâneo e generoso ao incluir-nos no rol de sua amizade tão disputada, no livro “Piracicaba de outros tempos” nos brinda com o fruto das pesquisas que realiza de hábito, como, por exemplo, sobre os Queiroz. Resultado: Piracicaba (e a Vila) recebe as benéficas influências dos descendentes do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Macedo e Queiroz, nascido em 1746, que, além de militar, foi fazendeiro agricultor, proprietário de quinze fábricas de açúcar na capitania de São Paulo.

O Brigadeiro casou-se em 1797 com Dona Genebra de Barros Leite, neta de Fernão Pais e Capitão mor Salvador Jorge Velho, gerando vários filhos; Ilidia Mafalda se casou com Dr. Estevam Ribeiro de Rezende, Marquês de Valença e pai do Barão de Rezende; o filho Vicente de Souza Queiroz, Barão de Limeira, se casou com a prima, Dona Francisca de Paula Souza, gerando Luiz Vicente de Souza Queiroz que viria a ser o criador da renomada Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, a ESALQ. Edmar José Kiehl, professor emérito da ESALQ nos fala do grande vulto em seu trabalho “Vida e Obra de Luiz de Queiroz”, IHGP, Revista nº 15.

– Poxa! Como estamos envolvidos com os grandes personagens da História do Brasil, não?

– Pois é, é isso que a nossa moçada precisa conhecer sobre Piracicaba e Vila Rezende! Os grandes empreendedores, homens de trabalho, que edificaram este país, não surgiram por acaso e também não se foram sem deixar-nos seguidores de seus vigorosos passos.



Vista do primeiro Mirante, em 1958.

50

O Parque Barão de Rezende, área ajardinada e provida de um pitoresco coreto central circundado por dezenas de árvores frondosas, certamente nativas e outras provenientes de mudas trazidas pelo Barão e Luiz de Queiroz. Situava-se na primeira quadra entre as ruas do Vergueiro, Luiz de Queiroz e Campos Salles, e foi fruto de árduo pleito do alemão André Sachs, no final do século XIX. Mais tarde, seria reduzido para meia quadra e, na década de sessenta, destruído para nele se construir um horrendo prédio de má concepção arquitetônica (não se prestou ao fim proposto – hospital - e acabou sendo um hotel de categoria precária).

Franciso de Paula Ramos de Azevedo nasceu em São Paulo em 8 de dezembro de 1851 e faleceu em 12 de junho de 1928. Engenheiro – arquiteto pela Universidade de Gante, Bélgica, 1878, com extensa lista

de obras de sua autoria e execução, dentro das quais inclue-se a Igreja Matriz Imaculada Conceição, infelizmente demolida sem a mínima razão ou justificativa.

O “Mirante do Salto” foi construído pelo Barão de Rezende em 1906, como um belvedere, com aspectos do neoclássico e tinha três níveis, com escadarias que chegavam à beira do rio, prestando-se à apreciação da bela vista do salto e das corredeiras do Rio Piracicaba. Também incluiu-se dentre as obras do Barão que foram demolidas absurdamente.

O Hospital Sanatório São Luiz, para tuberculosos, situou-se na Avenida Barão de Serra Negra, no seu final, hoje ocupado pelo Hospital dos Fomecedores de Cana, por coincidência. O seu fechamento se deveu à suspensão da verba do governo Getúlio Vargas, em 1930. A sua demolição ocorreu quando das obras de alargamento da Avenida.

O Grupo Escolar “José Romão”, ex-Vila Rezende, em 21 de abril de 1932 recebeu a denominação em homenagem ao Prof. José Romão Leite Prestes, primeiro professor público de Piracicaba. (Marcelo Cachioni, “Arquitetura eclética na cidade de Piracicaba”, IHGP).

As Ilhas dos Amores, pequenas porções de terra que resistem valentemente à força das águas durante séculos, na verdade um único resquício de solo pedregoso sulcado por canais que dividem-no em quatro partes, que nos escritos constam como sendo duas ilhas, no quilômetro 118, ficam exatamente sob a ponte do Mirante – Irmãos Rebouças – e se estendem até o salto na direção do atual Museu da Água “Francisco Salgot Castillon”. Nessas ilhas há ainda poucas árvores e arbustos nativos, além do capinzal que visceja graças à generosa água do rio.

O local, pela piscosidade do rio Piracicaba, serviu como posto de pescadores e, nas noites quentes da maior parte do ano, de encontro de casais para o prazer da carne, daí o seu nome “Ilha dos Amores”. Fico a imaginar nos primórdios da história da região, com a presença dos índios paiaguás, em grande número à época, quando sequer os primeiros portugueses daqui tivessem conhecimento. O rio, o salto, a floresta nativa, os habitantes senhores absolutos dessa imensidão toda... ah, que maravilhoso teria sido isso!

Piracicaba primitiva, de 1693 com Pedro Moraes Cavalcanti,

depois o ituano Felipe Cardoso com a sesmaria a esboçar a colonização atraindo posseiros, sertanejos e sesmeiros, mais os ditos vadios e desocupados, e a seguir Luiz Pedroso de Barros, 1722 a 1748 – e o surgimento no cenário político de D. Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, governador da Capitania de São Paulo, culminando com a designação do também ituano Antônio Corrêa Barbosa para a função de Capitão Povoador para fundar o novo povoado em 1º de agosto de 1767, à margem direita do majestoso rio.

Mas, para nós, meninos da Rui Barbosa, ainda de chão de terra e de linha de bonde elétrico assentada sobre dormentes de madeira de lei em leito de pedregulhos de vários tamanhos, nosso paiol de munição inesgotável aos bодоques carregados no bolso da calça curta ou então dependurados no pescoço, a ilha, verdadeiramente ilha de nossos domínios, era aquela faixa de terra coberta de árvores e de capinzal, que existe até hoje, que vai da ponte do Mirante até o ponto de captação de água no “poço”, em paralelo à margem direita do rio e o canal artificial feito pelo Engenho Central para levar a água necessária à usina. Essa sim era “a nossa ilha”, na qual tínhamos os balanços de cipós, os trampolins para os mergulhos no canal, as supostas casas de árvores e esconderijos mil. Do outro lado da ilha, o leito do próprio rio Piracicaba, cujo trecho é bastante raso devido à formação rochosa fazendo com que as águas rolem com certa velocidade e produzam aquele som tão característico de um rio em movimento constante. Nesse trecho, devido às pedras, os cascudos atraíam pescadores - e a nós próprios - que podiam ser apanhados com as mãos desnudas embora sujeitas a levar as doloridas ferroadas dos mandis.

– Xii... papo de pescadô!

– Mentira uma óva! Ocê é que tinha medo de adentrar no rio!
Eh, eh, eh...

– Medo?!? Quem tinha medo? Nós?! Até de noite, naquela escuridão toda, nós corria por aquelas bandas feito doidos, sem nunca si machucá, nem nada!

– Bons tempos, bons tempos!

A Vila, ou melhor, as vilas com seus nomes próprios, espalhados pelo mundo, cada qual exprimindo-se como verdadeiros mundos encerrados dentro de seus respectivos territórios, embora inseridos em contextos urbanos de expressão maior, ou seja, de centros urbanos de grandes dimensões, como por exemplo Vila Isabel, Vila Mariana, Vila Rezende, sem falarmos de tantas outras mais, famosas, principalmente na velha Itália sentimentalista, isto mesmo, de tocante sentimento de apego e carinho.

O vilarezendino ama esse seu pedacinho de terra que hoje nos resta, após os tantos e seguidos desmembramentos havidos, que lhe reduziram o tamanho, seja por criação de novos municípios, seja por pura e simples abertura de novos bairros ou, então, mais simples ainda, pela nomenclatura atualizada adotada pela administração municipal.

Piracicaba, originalmente, tinha um imenso território à margem direita do rio, “campos de Araraquara”, até os inevitáveis desmembramentos necessários à criação das novas “vilas”, tais como Limeira, Araraquara, São Carlos, Rio Claro, São Pedro, Araras, Leme, Pirassununga, enfim, todas as cidades compreendidas entre a atual Piracicaba até as margens do rio Grande, divisa de Minas Gerais e Mato Grosso inclusive. As delimitações territoriais seriam consequência das expansões do uso das terras e da maior presença de colonos na rica região, acelerando o processo de desenvolvimento econômico e social do Estado de São Paulo. Se perdemos áreas nobres à margem direita do rio, também à esquerda o fenômeno se repetiria. E não somos contrários absolutamente aos desmembramentos havidos, pelo simples fato de serem benéficos ao país, em todos os sentidos.

O abate de animais para o consumo humano, a fim de atender o abastecimento da população urbana, das ditas carnes verdes, foi, no final do século XIX, objeto de polêmica na cidade de Piracicaba, por envolver interesses públicos municipais e privados da comunidade, estes preocupados também com os aspectos da saúde e da higiene, afinal, à época, eram ambas precárias. Depois de idas e vindas que

consumiram dezenas de anos e várias mudanças de locais, debates camarários e leis municipais específicas, e mais andanças por gabinetes de políticos e de engenheiros, reuniões e mais reuniões para debates e negociações em torno da área escolhida e de valores a serem pagos ao proprietário desapropriado, definiu-se o necessário à construção do Matadouro Municipal de Piracicaba em uma área de dois alqueires junto do ribeirão Guamium, na fazenda Algodoal, de propriedade do Dr. João Baptista da Rocha Conceição, filho do Barão de Serra Negra e cunhado do Barão de Rezende. O engenheiro Dr. Otávio Teixeira Mendes respondia pela sua idealização e execução do projeto, e, do lado da municipalidade, tínhamos o prefeito Fernando Febeliano da Costa, Capitão Antônio Corrêa Ferraz, vice-prefeito, dr. Paulo de Moraes Barros e coronel João Alves Corrêa de Toledo, presidente da Câmara. A pedra fundamental foi assentada em 30 de agosto de 1912, às 17 horas. A bênção eclesiástica contou com o Cônego Manoel Francisco Rosa, relatando em ata, o histórico acontecimento, os senhores Coronel Cherubim Febeliano e Arthur Vaz. (Marly Perecin, A síntese urbana, 1822 a 1930 - IHGP). A inauguração deu-se em 29/11/1913 e o funcionamento normal em 8 de janeiro de 1914, sendo desativado em 1973.

Próximo ao Zoológico Municipal, na Rodovia Rio Claro-Piracicaba, instalou-se a Estação Experimental de Cana-de-açúcar “José Vizioli”, da Secretaria Estadual de Agricultura, destinada ao estudo e desenvolvimento de variedades de cana, muito bem sucedida e adequada à região canavieira. Vizioli foi prefeito de Piracicaba em 1941 e participou das experiências pioneiras do emprego do álcool combustível automotivo juntamente com o italiano João Bottene, da Mause.

Olhar as estrelas, todo mundo olha, desde que o mundo é mundo e a gente fica boquiaberto ao dar-mo-nos conta da imensidão infinita do Universo, da sua beleza e do mistério que ele encerra, mesmo com todo o avanço da astronomia em termos de conquistas tecnológicas e científicas, com os poderosos telescópios criados pelas indústrias óticas e eletrônicas e com as sondas siderais lançadas ao espaço através dos foguetes. Mesmo com tudo isso, de novo e moderno, acrescentou-se pouco ao conhecimento acumulado pelas civilizações que nos antecederam. Assombram-nos as suas conquistas e as suas realizações terrenas a partir

de teorias formuladas pelas mentes de verdadeiros gênios, calçados, por muitas vezes, pelas suas privilegiadas imaginações.

Não vamos nos prender na enumeração de feitos desses mestres, pois não estão dentro do nosso presente objetivo, mas sim o registro da construção e operacionalização do observatório astronômico no seio da Vila Rezende.

– Êta pessoal sacudido, ô meu! Tinha que ser na Vila! Eh, eh, eh...

– O Observatório Municipal de Piracicaba foi construído no quilômetro 5 da Rodovia SP-127, em frente ao Zoológico Municipal e é operado pela Associação de Astronomia de Piracicaba, em colaboração com a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, ESALQ.

52

Durante décadas, por ocasião do Natal, as empresas da Vila Rezende, as maiores da cidade, mantiveram a tradição de encerrar o ano de trabalho com um grande almoço ou jantar festivo com a presença de todos os seus empregados e respectivas famílias. Além dos comes e bebes, elas contemplava-os com presentes às crianças e mimos especiais às famílias, como cestas natalinas e eletrodomésticos sorteados aleatoriamente. Muito antes da instituição do décimo terceiro salário, obrigatório, a gratificação ou bônus em dinheiro era feita a título de liberalidade e de instrumento de incentivo ao trabalhador e o mérito individual também entrava no cômputo da remuneração extraordinária – assiduidade, pontualidade, produtividade e, acreditem: o fator criatividade! As empresas Dedini estavam à frente da legislação trabalhista vigente, e tal política propiciara-lhes bons resultados nas relações sociais internas e nos ótimos lucros operacionais, coisa que só seria mudada anos após os ditos avanços trabalhista reivindicados por sindicalistas de “carteirinha”, ou seja, os profissionais defensores de trabalhadores categorizados.

Mário Dedini instituiu a homenagem aos “Pioneiros da Dedini”, a ser comemorado a cada cinco anos, com o objetivo de premiar os em-

pregados que atingissem vinte anos de trabalho ininterruptos nas suas empresas e subsequentemente, ao atingirem 30, 35 e mais anos, sempre com o múltiplo de 5 anos. Os homenageados recebiam, nos 25 anos, um relógio de pulso de ouro e uma importância em dinheiro significativa, e, a cada 5 anos adicionados, medalha de ouro alusiva e também a referida importância monetária. Outros avanços sociais antecipar-se-iam às legislações, colocando o singular patrão no rol dos vanguardeiros natos, como por exemplo, o cooperativismo, a assistência médico-hospitalar-farmacêutica familiar, de livre escolha do empregado (dentro e fora da cidade), comunicação social (jornal interno), bolsas de estudo, seguros pessoais (de vida e de patrimônio).

Hoje, há a Fundação Mário Dedini, como entidade jurídica, para fins sociais e culturais, em operação.

Depois do sucesso do Restaurante Papini, cuja fama ultrapassava as fronteiras do município, outros se firmariam na preferência dos apreciadores da boa culinária vilarezendina, como o Restaurante Grizotto, de Dona Matilde e Elpídio Grizotto; o Restaurante Galhardo, da família Galhardo, que tinha anexa uma pensão-dormitório, e, em 1º de agosto de 1962, com a reforma do Mirante, inaugurou-se o Restaurante Mirante, construído pela municipalidade bem às margens do rio e com vistas ao salto e ao belo panorama que se descortina daquele ponto. A concessão dada a Rondino Pires Neto, de Santos, foi adquirida em 1964 pelos Srs. Oswaldo Fernandes (famoso goleiro do São Paulo F.C. e do XV de Piracicaba), Henrique Cunha e Olavo Ferreira e, em 1968, mais Antônio Benites e Anísio Mendes. Em 1984, aos irmãos Carlos, Arioaldo e Agostinho Benites. O local ficou nacionalmente conhecido pelo prato típico do “pintado na brasa”.

53

Ermor Zambello era filho de Vitório, casado com Umbelina Romani, e tornar-se-ia engenheiro agrônomo pela ESALQ, abraçando essa

nobre profissão. Tínhamos grau de parentesco em decorrência da minha nona Carolina, que por ser Botenne e Oriani, nos entrelaçava duplamente, pois os Caldari também se uniam aos Oriani.

– Uma loucura, não?!

– Eh, eh, eh... coisas de italianos e próprias da Vila! Cada casal com uma montanha de filhos e as famílias se misturando através dos casamentos de moços e rapazes bastante jovens, independentemente de suas condições sociais. Era o costume e se davam bem, pois as uniões eram duradouras, com pouquíssimas separações ou rompimentos. Bem, mas voltemos ao amigo Ermor. Homem robusto e forte, de físico e de temperamento, principalmente quando teimava na defesa de certa posição que julgava certa e necessária. Quando nos confrontávamos, era “fogo na certa”, entre dois turrões de filigrana itálica. O empate amainava as partes empolgadas e ambos se sentiam satisfeitos, mas ...

– Ocê vai vê! Espere só!...

Engenheiro agrônomo... seu filho, também Ermor, é agrônomo; rotariano convicto e por vocação aos serviços voltados à comunidade, membro da Loja Maçônica de dedicação máxima. Lembro-me de uma ocasião, quando da direção da principal Loja de Piracicaba, ao pedir-me para confeccionar-lhe um livreto interno com os nomes, endereços e dados individuais de seus pares, a exemplo daquele que fazíamos no Rotary Club Vila Rezende, ao confiar-me as suas sigilosas anotações catalográficas: – “Pedro, cuidado com este material todo! Não deixe escapar nada, ouviu?!”... – Eh, eh, eh... num esquentada, Ermor! Eu só vou dar alguns exemplares pro pessoal da paróquia! Eh, eh, eh... – “Eu mato ocê!”...

E o meu amigo e primo certamente não dormira aquela noite, arrependido de seu pedido... Dias depois, abraçava-me satisfeito e feliz: – “Pedro, todo o mundo me elogiou! Beleza de trabalho! Mas diga-me de verdade: ocê não distribuiu nenhum desses livretos, né?!” – Que nada!... só uma meia dúzia! Eh, eh, eh... – “Maledeto!”... Não lhe desmenti tal brincadeira, nunca.

Foi Presidente do Rotary da Vila, das Entidades Civis de Piracicaba, do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo, da Loja Maçônica Piracicaba, na qual atingiu as funções máximas, com relevantes serviços prestados à causa e à comunidade (só não os explicito

melhor por não pertencer à maçonaria e por não desejar adentrar em seara alheia, indevidamente). No Cristóvão, em época difícil e de poucos recursos, construiu uma belíssima sede própria bem no centro da cidade, na Rua Governador Pedro de Toledo, esquina com Rua Prudente de Moraes, que até hoje é uma ornamental obra arquitetônica e parte do complexo social da citada agremiação. Integrou, ainda, inúmeras diretorias de instituições assistenciais e de benemerência, emprestando-lhes o seu prestígio pessoal e reconhecida capacidade realizadora.

– Você se lembra quando permaneciam sentados à mesa, findas as reuniões do Rotary, o Ermor, o Babico Carmignani, o Ernesto Pateriani, o Sérgio Pucci, o Guerino Trevisan, o José Roberto Caldari, ocê, o Albertinho Sachs, e o assunto era a Vila?!?

– Mamma mia!... e mais o Walter Stolf, o Zé Gorga, o Synemar Cervellini... no fim, as reuniões não tinham fim!

Realmente o Rotary significou muito à vida comunitária da Vila e, ao sair de seu território, fisicamente, com a unificação da sede social na Avenida Luciano Guidotti, do outro lado da cidade, como havíamos preconizado, o clube perdeu a sua identidade com o bairro, fato esse que também era objeto de advertência do Rotary Internacional - territorialidade e representatividade comunitária. Gradativamente, o “corte transversal da comunidade” iria perdendo a real expressão normativa da filosofia difundida por Paul Harris e o clube; também por outras razões de ordem natural e inexorável, acusaria os efeitos negativos internamente.

– É, meu amigo, isso tudo não aconteceu só com o Vila, não! Todos os demais clubes de serviço passam pelo mesmo problema, que se estende às instituições com finalidades comunitárias.

54

Meus vizinhos nos primeiros anos de casado, na Avenida Barão de Valença, no quarteirão do Ginásio Estadual “Jerônimo Gallo”, en-

tão recém- inaugurado e primeira escola pública de segundo grau da Vila Rezende, foram o casal Alduino Zocca e Yolanda Penteado Zocca. Nossas respectivas casas, a dele na esquina da Avenida João Theodoro, foram construídas lado a lado no terreno loteado por Mário Dedini, duas quadras todas, nas quais (juntas) existia um campo de futebol sem gramado algum, chão de terra batida mesmo, salvo em poucos metros quadrados onde sobrevivia um resquício de grama nativa. No restante, um terrão áspero brabo que, sob sol tórrido, ralava e fritava a sola dos pés e arrancava a pele do corpo nas quedas comuns de disputas de bola.

A Dedini permutou com a Prefeitura de Piracicaba a abertura da avenida cortando essas duas quadras e mais o terreno para a construção do dito ginásio, com o fechamento da mesma avenida entre as Avenidas Salaz (depois Mário Dedini) e a Dr. Morato, o que lhe permitiu unir os galpões de sua oficina, nos quais funcionavam as secções de mecânica e caldeiraria.

Bem, o Alduino era filho do Humberto Zocca e de Angelina Gaiato e a Yolanda, filha de João Duarte Penteado e de Tereza Dalpícolo, como se pode deduzir, de uma mistura de italianos com portugueses que dava gosto de ver. Alduino fazia jus ao pai: dois homenzarrões fortes como touros.

– I num é que eles lidavam com touros!

– Touros, vacas bois, burros, cavalos, porcos, carneiros... êta pesoar sacudido, sô! Eh, eh, eh...

– Seus filhos? Vou enumerá-los: Euvaldo, casado com Dijanira Maria da Silva, tendo os filhos Evandro e Mateus; Edison, casado com Cleide Mateus Pereira; Euclides, com os filhos Adriana e Rodrigo; Edival (Piau), solteiro. O Euvaldo, como bom empreendedor, seria bem sucedido com a abertura da empresa ABIL, abrangendo várias atividades comerciais e assistenciais e de prestação de serviços; seus irmãos também militariam no comércio enquanto o Edison abraçaria a carreira de contabilista com escritório conceituado.

– Mas ocê deu a entender que o Alduino gostava mesmo de lidar com bois, não é?

– Ele, seu pai, e a parentada toda... era comum vê-los todos tomando conta da calçada, nos finais de tarde e nas manhãs de domingo,

proseando animadamente, tendo por principal assunto os bois e porcos, e, de lambuja, das suas montarias. Todos eram homens fortíssimos, de pele queimada pelo sol forte e intenso, tendo nas testas as marcas do chapéu, de boiadeiro, evidentemente. À semelhança da família Zílio, a robustez física não advinha só dos genes, tendo como causa o trabalho duro que desempenham cotidianamente.

– Boiadeiros?

– E algo mais... criadores de gado... abatedores de gado... homens capazes de literalmente agarrar o boi à unha!

– Por outro lado, socialmente, pacíficos e amantes de longos bate-papos no linguajar solto do bom caipira, de homem da roça, do boiadeiro valente quão destemido. Era uma gostosura ouvi-los discorrer sobre suas tarefas, que envolviam animais e fazendas, e das suas verdadeiras peripécias para conduzir a boiada, sendo coisa corriqueira a lida com bois bravos e perigosos. Para esses homens, no entanto, era motivo para risadas e de desafio aos ouvintes, seguindo-se o conto de infundáveis “causos”.

– Nesses “causos” havia algum exagero?

– Um pouco, talvez, quando as andanças se aprofundavam pelas bandas do sertão... aí, a valentia aumentava, mas não comprometia.

– É natural, isso acontece sempre, e acaba dando mais sabor aos relatos. E a criançada? Tá tudo quieto?!?...

– Cride! Divar!... Vardo!... Onde tão ocêis?!... êta mulecada danada!... a cinta vai cantá, ah se vai!... Criiide!...

– Pedro, ocê reclamou alguma coisa da vidraça?! Olha lá, hein! Não quero que os meninos apanhem por causa de vidro quebrado!

Os meninos da dona Yolanda não tinham a exclusividade da quebra de vidros da janela de minha casa, não! Os Varellas, a turminha toda que morava no trecho – Barbosa, Santin, Magagnatto, Gomes. As quebravam com as bolas chutadas com força e, também, com alguma pedra perdida, saída de seus bodoques. Hoje, depois de tantos anos, aqueles meninos peladeiros da rua, que contribuíram à manutenção de uma das características tradicionais dos “meninos da Vila”, se fizeram homens, pais de família e bem sucedidos profissionais. Orlando Barbosa de Godoy, agrônomo pela ESALQ, faleceu precocemente; Luiz Carlos Varella, médico ortopedista; Sidnei Magagnatto, administrador de em-

presas e alto executivo da Dedini; os Zocca, já citamos; o Luiz Gomes, engenheiro, também na Dedini, e assim adiante.

– E as vidraças?

– Ficaram por conta daquelas que ajudei a quebrar nas andanças pela Vila.

– Eh, eh, eh... tô vendo no seu bolso um bodoque! É, ou não é?!?

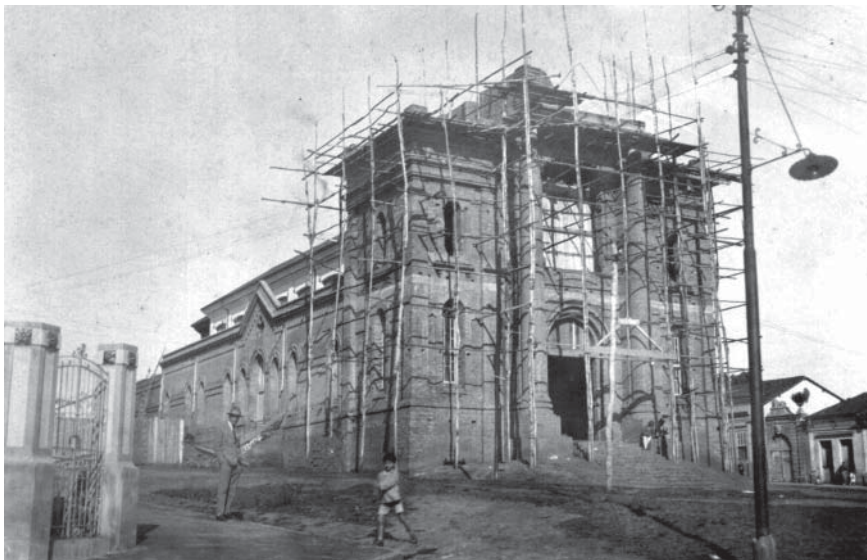
– É pro meu netinho mais novo! O Felipe! É de forquilha de goiabeira e borracha de câmara de pneu... Eh, eh, eh...

– Ah, que saudade! Pera aí! Tô escuitando um papacapim negaça!...

E lá se foram eles, atrás do canto da avezinha, uma das preferidas dos passarinhos do bairro e objeto de estimação inegociável, salvo se a oferta fosse por demais de tentadora. Os olhos atentos iriam percorrer pelos galhos e folhagem das árvores próximas em busca do cantor, como dois meninos cheios de curiosidade.

– Óia lá, óia lá! Ú ú ú... voou!

– Ocê viu nada! Ele continua lá!...



Construção do Teatro Santo Estevam.



Igreja Imaculada Conceição. Projetada e construída por Ramos de Azevedo, doada pelo Barão de Rezende.

55

– Meninos, olhem bem para depois atravessar a rua! E dos dois lados, ouviram?! Prestem atenção!

Diligentemente, assim se expressaria a mãe, sempre, não descuidando um momento sequer, pois a Rui Barbosa, naquele quarteirão, quase na metade exata da longa avenida, a primeira da Vila, cuja denominação original era Areião, nome esse estranho se considerarmos o seu solo, de pura terra roxa. Mas a sua linguagem não seria assim, como a escrevemos acima, e sim:

– “Criançada! Óia direito pros lados e num corra! Dá a mão pro outro e num disgrude! Óia dua vez i num corra! Iscuitô?!?”

– Carma, mãe! I num vô dá mão! Sô home!...

– Dá mão, sim! Home, home, nem meia dúzia d’oceis faz um home! Hi, hi, hi...”

A rua era leito de terra e o movimento se limitava a pouquíssimos veículos motorizados, além do bonde elétrico que por ela circulava a cada trinta minutos, pontualmente, pois a concessionária do serviço, companhia inglesa, honrava tal tradição européia de observância de horário e de qualidade de seus serviços. O serviço de bondes, enquanto perdurou nas mãos dela, foi impecável. Ora, diante de tão pequeno tráfego, haveria razão para tal cuidado? Bem, os meninos, naquele momento, tinham só sete anos, e estavam indo pela primeira vez para o grupo escolar.

– Tava explicado, então! No entanto, já dominavam as ruas do bairro, sem quaisquer problemas.

Revedo meus livros anteriores, constatei que esse meu jeito de escrever é de fato “incardido” e deve encher o saco de muita gente. Pior é que só piora, ano após ano.

– É, ocê percebeu é?!? Tava na hora, né?! Vê se escreve um pouco melhor, pra fazer jus ao preço que vai custar esse seu “livreco”! Eh, eh, eh...

De fato, preocupo-me com duas coisas: qualidade do escrito e de quanto é caro o livro no Brasil. O escritor é vítima desse processo da indústria livreira, que domina o mercado e não dá espaço ao escritor na difícil distribuição do livro senão sob as suas condições comerciais. E no Brasil, infelizmente, não há como romper essa estrutura abusiva de exploração intelectual.

– Ocê vai ou não publicar esse terceiro volume?

– Vou de qualquer maneira, custe o que custar! Tá decidido, e pronto... palavra de vilarezendino!

Geraldo Bertini, o Gera, é da minha idade e sempre nos rivalizamos fisicamente, cada qual procurando demonstrar que não era tão magricela como o pessoal falava. Mas não tinha jeito, bastava um pé-de-vento mais forte e lá íamos nós em busca de ponto de apoio! Segura, meu! Eu !?!? quê nada! Tô firme! Firme como vara de bambu! Eh, eh, eh...

Da família de alfaiates e donos de loja de tecidos e armarinhos, só ele permaneceu no negócio de tecidos e armarinhos, pois de confecção de roupas masculinas ele não entende nada e a profissão desapareceu da Vila Rezende. Os Bertini, Romano e José, foram os últimos alfaiates da tradicional loja, e os seus filhos, moços e moças, formaram-se todos professores, engenheiro agrônomo e contabilista e só o Gera é remanes-

cente dos velhos lojistas da Rui Barbosa. Os estabelecimentos comerciais atuais, desse corredor comercial de Piracicaba, são de propriedade de gente nova no bairro e estão ainda por absorver as irradiações que emanam do solo e, por certo, nos próximos cinquenta anos, teremos neles os continuadores dos comerciantes vilarezendinos. Quanto aos Bertinis, os filhos do Geraldo estão tomando o gosto pelo negócio ao lado do pai, para alegria nossa.

René Lagreca nasceu e sempre viveu na Vila, onde se firmou como empresário na área de serviços de limpeza e manutenção de grandes ambientes privados – indústrias, escritórios, grandes lojas –, conseguindo, consolidar-se no ramo pioneiro na cidade, tendo também trabalhado longos anos na Dedini. Casou-se com a engenheira agrônoma Heloisa, filha de Leontina Mauro e Glauco Ferracciú.

– É o dono da Limpadora Rezende?

– O próprio! Ele se inclui dentre aquela molecada que me quebrava as vidraças de casa, junto com o irmão e os terríveis companheiros da João Teodoro e Barão de Valença! Êta rapaziada dos cambaus, sô! O René é rotariano da Vila, entusiasta, com grande folha de serviços prestados à comunidade. Sempre me apoiou, incondicionalmente, nas entidades assistenciais, colocando os seus empregados à disposição, sem quaisquer ônus. Sua irmã, Benigna, moça muito bonita, casou-se com o Edson V. Rossin, neto da irmã de Mário Dedini, Dona Clementina.

– Viu só, como as famílias se entrelaçavam na Vila?

– Coisa de loco! Aliás, nada a se estranhar, pois ao pesquisarmos a genealogia paulista verificamos o mesmo fenômeno, por sinal, muito positivo. Aqui em Piracicaba, sentimos seus benefícios e efeitos. Só nos últimos decênios, com a vinda de novos grupos empresariais de porte, é que se intensificou a fixação de outros ramos distintos de famílias, inclusive de países asiáticos.

– E os Decicos? Não fundaram uma fábrica de aquecedores solares lá na Unileste?

– O Quinha e o seu irmão Afonso, ou seja, os manos José e Afonso, este engenheiro agrônomo, conjugaria seu conhecimentos científicos aos dotes mecânicos do sócio e o resultado foi expressar-se na TECSOL, Engenharia Solar Ltda.

– E na linha de empresários industriais não devemos nos esque-

cer do Alcides Gobbo e de seu cunhado Reynaldo Costa, que fundaram a Painco S/A, em Rio das Pedras, nossa vizinha, no ramo metalúrgico, fabricante de máquinas e equipamentos industriais.

– O Tite é, como ocê disse, casado com a Profa. Hilda, filha de Augusto Costa, tradicional família portuguesa radicada na Vila Rezende, residente na Avenida Barão de Serra Negra esquina com a Avenida Rui Barbosa, mais conhecida no meu tempo de menino como sendo a “esquina do Issa e da Dona Amélia” Issa Antônio, árabe legítimo, para nós logo um “turco” - ou então, da “virada do bonde”, cem metros acima da “ponte nova”.

– A amiga Hilda, com sua escola de datilografia, profissionalizou, por certo, milhares de jovens, preparando-os para o trabalho de escritórios da cidade. Saber datilografia, naquela época, equivaleria hoje ao conhecimento profissional no uso do computador.

A vilarezendina Hilda, ao lado do esposo e também do pai, encontraria uma excepcional vocação às causas beneméritas assistenciais, mais especificamente às pessoas deficientes físicas mentais – síndrome de Down –, fundando e presidindo a APAE, Associação de Pais e Amigos de Excepcionais de Piracicaba, obra que se tornaria modelar e objeto de orgulho e de referência no nosso meio assistencial. Extraordinário trabalho de amor ao próximo que merece ser enaltecido, sempre. A entidade, além de congregiar as famílias dos deficientes, construiu sua sede própria com toda uma estrutura assistencial médica, terapêutica e educacional, com oficinas artesanais, salas de aula e de entretenimento, refeitórios e serviço de transporte especial, representando um alto investimento financeiro e, evidentemente, de formação de uma mão de obra técnica até então inexistente na cidade.

– O Tite foi um extraordinário jogador da equipe de futebol atleticana amadora, rival da equipe quinzista, e foi contemporâneo do vilarezendino atleticano “Cuica”.

– !?! Cuica?

– Eh, eh, eh... José Altafini Filho, campeão mundial da Copa de 1958, na Suécia, meu colega do Grupo Escolar “José Romão”, e nosso companheiro de traquinagens, chamado simplesmente de “Cuica”, craque da Sociedade Esportiva Palmeiras – a famosa Palestra Itália... quer mais?!?

– Do Palmeiras foi pro futebol italiano, jogando inclusive na Azurra, Seleção Italiana, como descendente italiano e por ter direito à dupla nacionalidade. Ficou definitivamente na Itália, tornando-se um bem sucedido empresário.

– E a Vila marcou presença na Copa do Mundo, fazendo parte da primeira equipe brasileira campeã!

– Mas o XV de Novembro deu aos piracicabanos da “cidade” o seu também campeão do mundo, com o noivacolinese Nilton De Sordi... e ele, ao lado de Mazzola (Altafini), desfilariam no alto do Carro de Bombeiros pelas ruas de Piracicaba, para a alegria geral.

56

Aos setenta anos de idade, o corpo físico acusa os efeitos do tempo, que vai deixando-nos suas marcas, umas visíveis, outras não, mas são todas sensíveis e de importância pessoal. Agora mesmo, ao buscar subsídios nas fotografias acumuladas nos álbuns de família, fui tocado, ou melhor dizendo, toquei-me na intimidade da mente ao regredir no tempo por força das imagens retratadas e desisti da busca, para não chorar, não de tristeza, mas de uma imensa saudade. Então, voltei-me às páginas deste manuscrito a fim de alinhavá-las mais um pouco enquanto as lembranças ainda perduram, resistindo às ameaças do esquecimento, e ciente de que, ao manusear tão ricas recordações, precisamos nos munir de um maior controle das emoções.

Coisa de idoso? Engraçado, eu nunca me considerei velho, ou seja, na condição de pessoa em idade avançada, privada de uma parte de suas capacidades de ser humano adulto normal. Senti-me, sim, com um pouco menos cabelos e estes, mais embranquiçados a cada ano; algum volume extra na barriga, porém, não tão acentuado ao ponto de ser notado pelas demais pessoas, talvez por ser magro e de estatura mediana. Óculos, sempre os usei, desde os vinte e poucos anos, devido a uma leve, mas incômoda miopia.

– Como está você?! Sempre enxuto, né?! Poxa, eu te invejo, rapaz!

– Bem, felizmente. A magreza é de ruindade!

– Para onde ocê vai? Pra que a pressa?

– Vou trabalhar, pois tenho uma porção de coisa me aguardando e as horas são poucas, senão ocê já viu, né?!

– Mas é Semana Santa! Pra Vila é um período de muito respeito, não é mesmo? O católico costuma obedecer aos preceitos da Igreja com devoção e recato, participando das celebrações no templo e nas procissões pelas ruas do bairro, com a banda da União Operária a executar músicas apropriadas, posicionando-se no final do cortejo em seu uniforme de gala e instrumentos reluzentes, como manda o figurino.

– De fato, na Vila Rezende, o pároco prima pelo conservadorismo dessa tradição do povo católico. O Monsenhor Jorge Simão Miguel, agora substituído pelo também Monsenhor Orivaldo Casini (quando menino foi coroinha do Padre Jorge!) imprimiu a conservação dos costumes dos vigários antecessores, inclusive no uso diário da velha batina da Ordem a que pertence, não aderindo ao traje de cidadão comum.

– Mas isso me cheira a mofo, ocê não acha?

– Não... acho que ele está certo! O sacerdote, a religiosa, precisam se identificar no meio do povo, através de seus hábitos seculares, exatamente para demonstrarem que se encontram presentes no nosso dia a dia, assim como eu tenho a mesma opinião quanto aos policiais corporativos – militares fardados – que devem circular pelas ruas em seus uniformes completos, para que a população sinta a sua presença.

– É, pensando bem, dou-lhe razão! E vai haver a “malhação do Judas”, com pau de sebo e tudo mais, nesse Sábado de Aleluia?!? A Vila sempre ergueu, não um, mas vários, por diversos pontos do bairro, próximos aos templos, com os Judas no alto dos mastros, representados por bonecos vestidos com roupas velhas e tendo pelos corpos, presos, prêmios sob a forma de garrafas de bebidas, pacotes de balas, chocolate, bolachas, vidros de perfume e outras utilidades mais, e claro, papel-moeda mesmo, como atrativo adicional. O pau de sebo, como o nome explica, é um tronco de árvore descascado, para se tornar liso e, para acentuar o grau de dificuldade, é todo besuntado por sucessivas camadas de gordura animal (sebo) e de outros produtos deslizantes.

– Mas então a coisa é braba!? Como é possível subir nesse troço?

– Eh, eh, eh... aí é que está a graça! A rapaziada se diverte e contagia a assistência, por horas seguidas, até que, no final, depois de uma lambuzeira geral, logra-se atingir o boneco e se faz a “derrubada do Judas” que, uma vez no chão, é “malhado” e destruído por completo.

– E o mastro?

– É também posto abaixo, em outro momento, para não se ferir ninguém.

– Ah, bão!...

Bem, o tal “conservadorismo religioso”, quanto à Semana Santa e outros dias santificados do calendário católico, deixou em parte o rigor de outrora face às transformações sociais decorrentes das imposições econômicas que ocorrem por todo o planeta, como por exemplo, as necessidades operacionais das empresas, a globalização do comércio, a legislação trabalhista e a otimização dos resultados dos capitais investidos. Hoje, século XXI, trabalha-se diferentemente na maioria das atividades em função do encarecimento da mão de obra, influenciando no calendário das festividades e das comemorações religiosas e cívicas.

– É verdade! Até os desfiles escolares e corporativos, nas principais datas cívicas do país, desapareceram! Na Vila, tínhamos o “José Romão” e o “Monsenhor Gallo” com as suas fanfarras e banda marcial, respectivamente, garbosas e treinadíssimas, disputando acirradamente com as suas rivais da cidade.

Ambas deixaram de existir!...

57

Samuel Pfromm Netto conta-nos em “Piracicaba de outros tempos”, que foram dele e também meus, pela proximidade etária, embora seja eu pouco mais novo, momentos sagrados da meninice no século XX. Dele, lá pela redondeza do Largo do São Benedito; meu, cá na beirada direita do rio Piracicaba. Por esses e muita coisa mais

que nos tocam profundamente na alma de apaixonados piracicabanos, atrevo-me a fazê-lo parte da comunidade vilarezendina. Assim, reverentemente, nós vamos lambuzados de caldos saborosos, tanto de mangas maduríssimas apanhadas na hora, dos galhos pendentes das mangueiras carregadas de frutos e também vergados pelo peso de seus anos de vida, e de cana-de-açúcar, a tão gostosa garapa escorrida da moendinha manual de três rolos de ferro fundido moldados e montados pelo mestre Pedro Segatto, mais artista da madeira de lei do que ninguém em seu nobre mister modelista. E lá nos vimos, ele e eu, de rostos e mãos melados, deliciosamente melados, com filetes dos açucarados caldos a escorrer pelas mãos, braços, pescoços e, claro, pelas camisas marcadas também pela terra roxa inconfundível, como manda a confraria dos moleques noivacolinenses.

– I num é que ocê mi convenceu que o Pfromm é vilarezendino?

– Eh, eh, eh... nós si cunhece, né!

De fato, certa vez, há muitos anos, ao ler o romance “Os meninos da rua Paula”, seu autor incluiu-me na sua trama e lá me senti de corpo e alma, junto com o grupo de pequenos personagens, tais as semelhanças de ambiente e de comportamentos retratados com notável precisão. Tínhamos as mesmíssimas sensações e sentimentos, bem como nos alimentávamos de parecidas expectativas de vida, embora pertencentes a dois continentes bem distantes e períodos também distintos.

Nós, meninos vilarezendinos, tínhamos épocas definidas de bolinha de gude, de pião, de pipas ou, melhor, de papagaios, de figurinhas de futebol e de disputa no bafo, de jogo de bete, de esconde-esconde e de morto, de queimada, de pular corda, de salto à distância e de altura, de cabo-de-guerra, de amarelinha e de passar anel, de bobinho e de cabra-cega, de pular cavalinho, de caça ao içá ou tanajura, de caçar passarinhos de canto e de comer (as rolinhas que nos deliciavam, fritas em frigideira e quase torradas, coisa de se lamber os dedos, ah!), de puxar cana dos vagões dos trens do Engenho Central, quando então, além de chupá-las descascadas a dente, eram esmagadas pela moendinha virada no muque. Nas ditas caçadas, havia os alçapões, arapucas e gaiolas que nós próprios fabricávamos, como os bодоques (estilingues); já nas pescarias, muníamos-nos só das mãos quando buscávamos os cascudos nas

tocas, e de varas de bambu com linhadas de simples barbante para os mandis, lambaris, piavas e outros pequenos peixes que eram abundantes sempre, pois as águas do Piracicaba e do Corumbataí não acusavam a atual poluição, extremamente insana quão danosa à saúde humana e mortal ao meio ambiente. Nos jogos e folguedos há aqueles que permitiam a presença e a participação das meninas, é claro, pois nunca as desprezávamos, principalmente quando ingressávamos na puberdade.

– E o futebolzinho?

– Eh, eh, eh... tá bobo, é?!? Pras peladas de rua não havia época e nem horário... bastava uma simples bola de pano, feita com meia velha descartada pelas mães e irmãs, e lá íamo-nos todos pro meio da rua, indiferentes ao trânsito de veículos que porventura surgisse. Bolas mesmo, de capotão e de borracha, não tínhamos. Mas não precisávamos delas, pois as de meia, feitas esmeradamente e com a experiência adquirida, satisfaziam-nos.

– Vai, vai, Samuel! Passa a bola, passa! Isso!... é gol! é gooolll!... Viva! Ocê vai deixá di sê quinzista prá torcê pro Atrético, viu!?!

– Eh, eh, eh... eu hein?!, nem morto!

“Os meninos da Avenida Rui Barbosa”... assim como os do Largo de São Benedito, da Rua do Porto, do Largo Santa Cruz e das centenas de milhares de ruas e de recantos públicos espalhados pelo mundo todo, se não são iguais em tudo, muito se assemelham, felizmente, nessa doce fase da vida do ser humano.

– E as meninas, também!

O mundo mudou... as sociedades evoluíram... os usos e costumes dos povos sofreram mutações... as cidades, quase todas, cresceram significativamente... os sistemas de vida das populações tiveram de se adaptar às novas condições impostas pelo crescimento populacional e urbano... vieram as transformações políticas, econômicas e até religiosas... as fronteiras territoriais tiveram seus desenhos refeitos por razões que nos abstermos de enumerar e de comentar... as distâncias geográficas foram encurtadas pelas tecnologias mecânicas nos meios de transportes, e de espaço pelos veículos de comunicação... enfim, o planeta Terra configura-se diferentemente aos olhos do menino do século XXI àquele que era visto pelo garoto dos séculos XIX e XX, historicamente bem próximos na contagem do tempo de existência da humanidade.

– Pedro, meus antepassados andaram pelas ruas da Vila Rezende... eu, também!

– Eu sei, eu sei... o Capitão Povoador, também! Eh, eh, eh... todo mundo quer ser da Vila! Ocê viu naquela fotografia, o Luciano querendo explicar pro Mário que a nova ponte ia encurtar a distância pra oficina dele?!

Pois é!, seguindo em frente, iria estar na estrada que nos liga a Santa Bárbara, rumo a São Paulo...

58

Da família Papini, só o Remo Nivaldo prosseguiria no comércio da Vila Rezende e nenhum sucederia o Ernesto e Gigetta no ramo de restaurantes. Filho de Alfredo, o sobrinho continuou com o armazém do pai, na Avenida Barão de Serra Negra, em frente à Praça Imaculada Conceição, até aposentar-se, encerrando o seu comércio.

Os Caldari, Ernesto e Mariquinha, também encerrariam as atividades de seu bar e mercearia, que ficava na Avenida Rui Barbosa, bem em frente ao restaurante do Papini. O meu tio Gentil Alfredo faleceu precocemente e assim desapareceria a Farmácia Rezende, sendo hoje o seu local ocupado pela loja Bertini, vizinha à agência do Banco do Brasil S/A, na Rui Barbosa, cujo terreno era ocupado pela casa de minha nona Carolina, na qual vivi a minha infância e adolescência. Assim, minha família deixava de fazer parte do comércio na Vila Rezende. Dezenas de outras famílias não figurariam mais no rol de comerciantes e de industriais vilarezendinos na entrada do século XXI, infelizmente, tragados que foram para o passado por várias razões não adentradas por este nosso trabalho, assim como os novos, recentemente ingressados no comércio e na indústria do importante bairro não fazem parte dele, devendo integrar os estudos dos futuros historiadores piracicabanos.

O Clube Atlético Piracicabano foi fundado em 8 de fevereiro

de 1914, tinha o nome de A. A. Sucrèrie e como presidente de honra o dinamarquês, engenheiro Dr. Holger Jensen Kok, dono do terreno do campo de futebol. A primeira diretoria foi formada por Antônio Petta, Ângelo Fillipini, Romano Bertini e Fioravante Cenedese. A primeira equipe de jogadores inscritos foi formada por João Bacchin, Mário Pavan, João Bassi, Martin Petta, Júlio Maia, Benedito Amaral, Benigno Lagreca, Fioravante Cenedese, Domingos Bacchin, Ângelo Sêga, Francisco Sápia e Ângelo Fillipini. O E.C. XV de Novembro, de Piracicaba, seu arqui-inimigo, nasceu em 15 de novembro de 1913, da fusão de duas agremiações (Vergueirense e 12 de Outubro), idealizado pelos irmãos Leandro e Américo Guerrini. Seu primeiro presidente foi o Capitão Carlos Wingeter.

Bondes elétricos. Quando os citamos, como sendo ingleses, leia-se o correto: canadenses, mais exato, sob a responsabilidade da empresa Britannica South Brazil Electric Co, em 16 de janeiro de 1916; Paulo de Moraes Barros foi o seu principal introdutor e a bênção dos veículos coube ao venerável Cônego Manoel Francisco Rosa; a idéia de extinção do eficiente quão ecológico serviço, infelizmente, partiu do vereador Lázaro Pinto Sampaio (1964) e ocorreu em 1969, no governo do prefeito Cássio Paschoal Padovani. Para a Vila Rezende, o bonde elétrico representou o sinal da modernidade urbana e, ao mesmo tempo, de democratização dos serviços públicos essenciais, ao servir ricos e pobres indiscriminadamente, sendo “chique” viajar no elegante coletivo de cor amarela com bancos de madeira e balaústres reluzentes e seguros (nunca se soube de um único que tenha se quebrado, muito embora muitas cabeças tenham se ferido nos postes de luz elétrica ao longo dos trajetos das linhas), e as pessoas de posses e de projeção social sentavam-se lado a lado com as menos favorecidas sem constrangimento algum.

Muito tempo antes das entidades empresariais classistas inovarem com os seus projetos “incubadores” de empresas e/ou de projetos, na Vila Rezende tais idéias funcionavam na prática, de modo empírico, mas concretamente, como relatamos nas páginas anteriores, quando os empregados das suas principais empresas, por força de seus valores e capacidades técnicas pessoais, abriam as suas próprias empresas e quase sempre com o apoio de seus ex-patrões – prestígio e ajuda financeira

mesmo –, originando as tais atividades satélites. Como costumamos “ouvir e dizer”, plagiando a antiga lei da Física, “neste mundo nada se destrói e se cria, tudo se transforma e se copia”. É semelhante à outra verdade: “em matéria de safadeza não há mais nada a ser inventado ou criado, apenas a roupagem é que muda”. De fato, não nos surpreendemos diante de ocorrências ilícitas ou imorais, mesmo daquelas rotuladas de inimagináveis, pois, trocadas em miúdos, são idênticas as de um passado próximo ou distante, diferindo tão somente junto aos instrumentos de que se valem para se concretizarem em prejuízo da sociedade.

Quero aqui, ao me referir às safadezas, dizer que na Vila e nas famílias vilarezendinas também se registraram fatos desagradáveis quão recriminadores, comuns a toda e qualquer comunidade, lamentavelmente. Os italianos e seus descendentes brasileiros não estavam isentos de imperfeições sociais ou morais. Ocorreram crimes sim, pequenos, graves e até hediondos, e certas falcatuas de ordem econômica. Não os citamos por razões óbvias e por não serem objeto de nosso trabalho. Mas nos cumpre reconhecê-los como realidades dessa bucólica comunidade.

A Mefsa é uma empresa tipicamente vilarezendina, fundada pelo moço João Otávio de Mello Ferraciú, filho de Lívio e Juracy de Mello Ferraciú, falecido em pleno vigor físico e no auge de sua brilhante carreira industrial. Desapareceu repentinamente, para tristeza de sua exemplar família e de grande número de amigos que soubera cultivar na breve mas profícua estada terrena. O coração, que tanta bondade transbordara especialmente sob a forma de caridade cristã, o levou para a eternidade.

Na lista de “satélites” sucroalcooleiras, adicionamos: Motocana S/A, com as carregadeiras de cana, carrocerias para transporte de cana e implementos agrícolas; Hima S/A, com igual linha de produtos; Lavromec S/A, implementos agrícolas, carregadeiras e colhedoras (corte mecanizado) de cana de alta eficiência; Calmescri Ltda, caldeiraria, montagens industriais e acessórios para usinas de açúcar; Mefsa Ltda, com fundição e usinagem de rolos e de camisas de moendas de cana-de-açúcar e fabricação de acessórios industriais; Vello Montagens Industriais, de Antônio Vello, de montagens de usinas de açúcar e de destilaria de

aguardente e álcool e um bom número de microempresários individuais sempre como prestadores de serviços e de usinagens de peças para usinas de açúcar.

59

A FOP, Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba, foi criada em 1955, através da Lei 2956, na verdade recriada, pois a primitiva nascera por obra do dentista Dr. Jorge Augusto da Silveira, em 18 de novembro de 1914 nas dependências do Theatro Santo Estevão, com a presença da elite piracicabana universitária a dar-lhe apoio e a necessária força política para funcionar. A reunião foi presidida por Dr. Torquato da Silva Leitão e secretariada pelos Drs. Oscarlino Dias e Otávio Teixeira Mendes, contando também com o entusiasmo do Dr. João Sampaio, genro de Prudente José de Moraes Barros. A novel faculdade instalou-se na Rua Piracicaba, no prédio da Sociedade Operária, formando a sua primeira turma de dentistas em 1916. Em 1919, mudou-se para a casa que pertencia a Prudente de Moraes (hoje o Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes).

– Mas isso tudo pra quê!?! Seu livro não é sobre a Vila!?!

– Calma, calminha! Eu tô chegando lá! Ô impaciente, sô! Essa faculdade acabou fechando em 1935, abalando profundamente o seu idealizador. Em 1955, foi criada a faculdade isolada, com o antigo nome que citamos e, em 31/01/1967, foi incorporada à UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, com o nome de FOP, Faculdade de Odontologia de Piracicaba.

– Tá enrolando, inda! ô homê, meu!

– Em 21 de abril de 1977, finalmente - agora ocê vai entender a minha arenga toda! - o complexo arquitetônico modelar, composto de um conjunto de instalações moderníssimas – prédios e equipamentos – fixou-se na Avenida Limeira nº 901, em um terreno de 64.000 m² e com 17.562 m² de área construída.

– Ah, entendi... é na Vila Rezende, né?! Eh, eh, eh...

Foi a primeira faculdade a instalar-se na Vila, e ela, nos anos seguintes, tornar-se-ia escola de renome internacional com as ofertas de cursos de graduação, pós-graduação; mestrado e doutorado, especializações, atualizações, de extensão universitária e de nível técnico-profissionalizante na área odontológica.

– Essa sua afobação troca a bola de tudo!... as Leis 1524, 1555 e 1556, no governo Luciano Guidotti, de 1967 e 1968, instituíram a Fundação Municipal de Ensino, sediando-a na Vila Rezende, em terreno de dez alqueires, na Avenida Monsenhor Martinho Salgot Sors (era tio do prefeito e deputado Francisco Salgot Castilon), vizinho à FOP. O professor Hugo de Almeida Leme (ex-Ministro de Estado da Agricultura e ex-Diretor da ESALQ) foi seu primeiro presidente e instalador do curso de Engenharia Civil, ao qual seriam adicionados os de Engenharia Mecânica, Ambiental, Ciências da Computação, Informática e de Administração e, importante, o Colégio Técnico Industrial, profissionalizante.

– Como afirmamos anteriormente, o prefeito Luciano Guidotti fez muito por Piracicaba e a juventude atual deve-lhe um tributo de eterna gratidão pelas oportunidades educacionais que lhe são oferecidas graças as suas iniciativas visionárias, pois ele, como homem público e empresário notável, não tivera a oportunidade de aprimorar a sua educação a nível universitário.

– Mas ele, como seus pares, contemporâneos, foram personalidades singulares, privilegiados por dotes natos, daí a nossa multiplicada admiração e respeito.

– Falou e disse! Esses dados todos, resumidos, estão detalhados no Almanaque 2000, do amigo Cecílio Elias Netto.

– Então eu vou me intrometer na conversa d’oceis dois, pois esqueceram-se de mais uma faculdade que se instalou na Vila Rezende.

– !?!

– A Faculdade de Serviço Social, fundada em 1963 por D. Aniger Maria Melilo, Bispo Diocesano de Piracicaba, ao lado da Matriz da Imaculada Conceição. Sua primeira diretora foi a Irmã Nair Dondeli. Depois, transferiu-se para a iniciativa privada leiga, com o nome de Faculdades Integradas Maria Imaculada. Encerrou suas atividades em 2012, quando formou sua última turma.



Instituto Baroneza de Rezende, fundado em 1922.

60

A pergunta é velha e tem sido feita por bom número de pessoas diferentes e ao longo do tempo, e as respostas teriam diversas versões, cada qual com a expressão de verdade por se calçarem em pesquisas e em raciocínios bastante lógicos: excluídos os índios, quais foram os primeiros habitantes brancos de Piracicaba? E quem teria sido o primeiro cidadão piracicabano aqui nascido?

– Bem, sem divagações, antes mesmo de primeiro de agosto de 1767, na margem direita do rio, logo abaixo do salto, existia um pequeno agrupamento de posseiros morando no local precariamente, vivendo de um roçado insignificante e de caça e pesca, ambas fartas pela riqueza natural do sítio. Esses teriam adquirida a tal “naturalidade adotiva” ou “cidadania” uma vez fundada a povoação, juntamente com o próprio Capitão Povoador Antônio Corrêa Barbosa e respectivos agregados e auxiliares militares.

– E todos estavam e continuariam no território da Vila Rezende.

– Sim, e sob a proteção da santa padroeira, Nossa Senhora dos Prazeres, até o ano de 1784, apesar da manifesta contrariedade do indisciplinado Capitão Povoador, que teimava em eleger como padroeiro da comunidade o seu santo de devoção – Santo Antônio.

No dia 29 de julho de 1774, já na condição de Freguesia, o vigário Padre João Manuel da Silva fez o primeiro batizado, assim relatado no artigo do historiador e folclorista prof. Hugo Pedro Carradore (Jornal “A Província”):

“Livro que ade servir para assento de Baptismo de brancos e Libertos:

– Antonio – aos vinte e nove dias do mez de julho de mil settecentos e settenta e quatro annos, na Igreja desta nova freguezia de Piracicaba, baptizei e puz os Santos Óleos a Antonio, innocente, filho do Diretor Antonio Corrêa Barboza e sua mulher Anna Lar da Silva. Forão padrinhos o Cap. Joaquim Fernandes da Costa, viúvo, e Anna Novaes de Magalhães cazada com Tte. Francisco Xavier de Azevedo, por procuração, que me apresentaram Antonio Coelho da Silva e Izabel Barboza da Silva cazada com José Flores de Moraes, todos desta freguezia, excepto os padrinhos que são da villa de Itu, de que fiz este assento e assigney. O Vig. O João Manuel da Silva”.

Eis, portanto, o primeiro cidadão piracicabano nascido na Vila Rezende, oficialmente registrado por uma autoridade religiosa aqui habilitada para tanto.

– Você vê alguma dúvida nisso?

– Absolutamente. A questão inicial, do povoamento, esclareceu-se, bem como da mudança posterior do local a ser urbanizada a vila, da margem direita à margem esquerda do rio. A troca de patronato religioso foi pura obra, ou melhor, pura manobra arquitetada e executada pelo irreverente Capitão Barbosa, que de bobo não tinha nada, pois inventou uma mirabolante história de rapto da imagem da santa por quatro anjos em uma canoa, sendo levada rio abaixo, abalando assim o povo ainda crédulo e fácil de ser enganado.

– A credence popular permitia tais articulações e o impetuoso Capitão Povoador ia vencendo os seus opositores e desafetos, principalmente os religiosos, apesar das suas influências junto à população e autoridades governamentais.

No Bicentenário de Piracicaba, erigiu-se um marco, junto à Casa do Povoador para assinalar a fundação de Piracicaba, e, em 01/08/1967, foi inaugurado com um discurso do Prof. Joaquim do Marco, um dos ba-

luartes da educação e cultura de Piracicaba. Posteriormente, no governo de José Machado, foi erigido outro, no local verdadeiro da fundação do povoado, na margem direita, no antigo Engenho Central. O bloco de pedra bruta assenta-se sobre o solo sagrado de Piracicaba.

O Prof. Guilherme Vitti pesquisou profundamente a história das primeiras pontes sobre o rio Piracicaba e fez publicar o seu valioso trabalho nas páginas do Jornal de Piracicaba nos dias 12, 19, 24 e 26 de junho de 1963 (Acervo do IHGP).

61

Estevam Ribeiro de Rezende nasceu em 20 de julho de 1777 em Rio das Mortes, Minas Gerais e, como latifundiário, era proprietário das terras que viriam a se constituir na atual Vila Rezende. Recebeu o título nobiliárquico de Barão e depois de Marquês de Valença. Foi pai do Barão de Rezende, que herdou as referidas terra.

– Ocê num tá repetindo muito, não? Aliás, esse papo todo desse seu bairreco já passou dos limites! Ocê tá é mais inventando coisa!

– Parado aí! Primeiro lugar: não são “coisas”; segundo: repetir, às vezes, é necessário. E finalmente: a Vila é rica em tudo e ainda nos dará um prefeito municipal que resgatar-lhe-á o seu real papel no cenário econômico e social piracicabano. Durante esses 241 anos de história, tivemos tão somente alguns vereadores e secretários municipais, homens públicos que engrandeceram os seus respectivos cargos e em uma época que tais funções não eram remuneradas sequer.

– E o Engenho Central?

– Das construções originais, do tempo do Barão, só restaria o barracão das primeiras moendas, esse que é próximo da entrada e pouco abaixo do prédio da antiga administração, que abriga hoje a Secretaria da Ação Cultural. As demais, embora também velhas e que necessitam ser restauradas, pertencem já à fase de usina de açúcar e álcool da extinta Sociétè Sucrerie. Todo esse complexo de edificações está tombado

pelo Patrimônio Histórico e o município processou a sua desapropriação oficial.

– A proposta é de se fazer dele um centro cultural amplo, de múltipla destinação, isto é, de distintas finalidades culturais associadas ao turismo e lazer?

– Sim, e com justa razão! Toda aquela enorme área, com prédios industriais e administrativos sólidos e que representam o remanescente de uma arquitetura impar, espaços livres e outros arborizados com espécies da mata nativa, está situada bem à margem do rio Piracicaba hoje sob a proteção da lei ambiental, de preservação e de defesa, não pode absolutamente sofrer qualquer destino senão àquele de incorporação ao patrimônio histórico nacional.

– Então a Prefeitura também está infringindo a lei?!? Ao proceder obras ali significará crime ambiental, inclusive.

– Não, não seria bem isso. O que se propõe é exatamente a preservação de todo aquele complexo, e é o que está sendo feito, gradativamente, devido aos cuidados e ao alto custo do investimento total.

Realmente, a propriedade que por último pertenceu aos herdeiros legais do grupo Silva Gordo, desapropriada no governo do prefeito José Machado, é objeto de múltiplo uso por parte das secretarias municipais e entidades credenciadas para tal, estando ali instaladas uma unidade da Polícia Ambiental, a Secretaria de Ação Cultural com os seus vários órgãos e departamentos, a qual, muito eficientemente, vem desenvolvendo a realização de extenso programa de atividades sócio culturais, e a coordenação da execução de obras de adaptação dos espaços nas áreas construídas.

Eventos realizados nas dependências do Engenho Central: feiras, exposições agroindustriais, artesanais e de artes plásticas; comemorações cívicas especiais e inúmeras programações da ativa Secretaria Municipal.

– Ocê tá esquecendo do Salão de Humor...

– Xii... é mesmo! i também da Festa das Nações!

O Salão Internacional de Humor de Piracicaba está entrando na sua quadragésima edição anual consecutiva, de absoluto sucesso, tal a sua repercussão no mundo do humorismo, hoje incorporado pela mídia dos cinco continentes. Nascido em Piracicaba por iniciativa de um grupo de intelectuais piracicabanos, encabeçados pelo Cerinha, Antônio Roberto Cera, e mais o grupo de artistas de Piracicaba que integravam-no.

Basicamente, a idéia nasceu com o artista consagrado Ermelindo Nardin e o bancário e jornalista Cerinha, e, em 1971, na redação do (extinto) jornal “O Diário”. A partir de então, o projeto tomou corpo e receberia apoio dos sucessivos prefeitos municipais, entrando definitivamente no calendário anual das atividades culturais oficiais do município. Somam-se a algumas dezenas de milhares as obras de humoristas – cartunistas, do mundo inteiro, participantes do concorrido salão, que é aberto na comemoração do aniversário de fundação da cidade e, claro, toma conta do amplo galpão da antiga usina de açúcar.

– É uma beleza de acontecimento! São milhares de visitantes, todos os anos, vindo do Brasil todo e também do exterior, atraídos pelos trabalhos rigorosamente selecionados e premiados por um júri da maior expressão nacional.

– E os principais trabalhos integram um excelente catálogo, ricamente impresso a cores, disputadíssimo, que leva, inclusive, as chancelas da Prefeitura Municipal de Piracicaba, do IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba- e do Governo do Estado de São Paulo e da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

– A Festa das Nações é outro acontecimento de grande porte que integra o calendário anual oficial do município e que, por mais uma notável coincidência, originou-se por iniciativa de cidadãos piracicabanos de expressão econômica-social sem vinculação política ou pertencente à administração pública municipal. Atualmente é organizada pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, oficialmente através de seu Fundo Social de Solidariedade, e tem data fixa no mês de maio, bem como local definitivo, ocupando todas as dependências livres do Engenho Central, ou seja, os antigos galpões aptos ao uso público e as áreas adjacentes livres nas quais são instaladas as barracas, os palcos e as demais dependências móveis necessárias para o funcionamento dos restaurantes e pontos de venda de alimentos, de bebidas e de produtos artesanais comercializados na semana festiva.

– Resumindo-a, é um misto de folclore e de gastronomia internacional?

– Perfeitamente. Usos e costumes, compreendendo as típicas comidas e bebidas mais populares de cada país, principalmente daqueles que se fazem presentes em nossa cidade e até influíram fortemente na

cultura piracicabana, como por exemplo, a Itália, a Espanha, os Estados Unidos, a Alemanha, Portugal, África e todos os demais europeus e asiáticos. Há desfiles de moças, meninas e rapazes, em trajes típicos e caracterizados com fidelidade, músicas e danças regionais, ritos folclóricos.

– E doces?

– Ma-ra-vi-lho-sos! De-li-ci-o-sos! Ah!...

Tudo começou com a necessidade de se angariar recursos financeiros para as entidades assistenciais e de benemerência da cidade, obras essas de caráter filantrópico e que existem admiravelmente em Piracicaba, com sua sociedade sempre aberta à solidariedade humana, herança muito bem preservada e ampliada por seguidas gerações, e, como se pode bem avaliar pelo sucesso da Festa das Nações, a cada ano que passa é melhorada e ampliada, as ações de benemerência não esmorecerão jamais.

– Foram os clubes de serviços que a iniciaram?

– Rotary Club, Lions Club e movimentos religiosos, ao lado de entidades expressivas, em 1984 deram início aos festejos gastronômicos usando as dependências amplas do Lar Franciscano de Menores, situado na Avenida Independência, ao lado da sua igreja e da Santa Casa de Misericórdia. Em 1992, passou a se realizar no Engenho Central, e é esse sucesso que já ganhou fama nacional pela grandiosidade e crescente qualidade, organizacional e de ofertas de atrações e de produtos de consumo.

– E a “Paixão de Cristo” na Semana Santa?

– Merece um capítulo em separado, pela sua grandiosidade artística...

62

Dos pontos turísticos divulgados pela municipalidade, através de sua Secretaria de Turismo – SETUR, diretamente relacionados com a Vila Rezende, além do Engenho Central que já relatamos, há a Ponte Pênsil, uma passarela pênsil suspensa sobre o rio Piracicaba, logo abaixo

do salto (outro ponto turístico), que liga as duas margens e permite o acesso de pedestres ao citado Engenho, em perfeita segurança.

Foi construída no governo de José Machado e inaugurada em 1992. É sustentada por cabos de aço – estrutura de ferro com piso em madeira – e o projeto e execução foram de responsabilidades civil e arquitetônica da Escola de Engenharia de São Carlos – USP.

Há ainda o mais antigo ponto de atração às belezas naturais de Piracicaba que é o Parque do Mirante, uma faixa de terra coberta por um bosque de árvores típicas e remanescentes da floresta que cobria toda a região de Piracicaba, milenarmente. Sofreu ao longo desses quase 250 anos mutilações sem conta e muitas reformas a título de melhoria sem, entretanto, atingir o proposto e sim a perda da sua identidade original. Quando menino, junto com os meus amigos, costumava sentar-me defronte do salto simplesmente para contemplá-lo e receber no rosto a fresca névoa que o vento soprava na direção das árvores e ali, absorto, sentir a mente viajar no tempo, ora para frente, ora para trás, embalado pelo marulhar das águas rumando forte para a Rua do Porto. Ah, como era delicioso o momento ali vivido!

O Parque do Mirante perdeu o seu sabor primitivo e foi privado de boa parte de suas centenárias árvores por desleixo da administração municipal; perdeu o bucólico mirante, como já citado; o famoso restaurante também se foi, embora sua presença, como construção destoasse do ambiente natural. Por essas e outras razões, o local perdera boa parte de seus encantos e o público piracicabano nato deixou de frequentá-lo habitualmente, passando a receber quase que só turistas de final de semana e, ainda assim, meio perdidos por lá. A Avenida dos Bambus – Avenida Maurice Allain – toda tomada, lado a lado, por soqueiras de bambus gigantes que se entrelaçavam até o topo, passou a ser uma rua comum, asfaltada e perigosamente considerada em quase todos os horários. Ah, Alameda dos Bambus, ponto de encontro de namorados apaixonados!...

Ainda como festejos anuais e incorporados pela agenda do Turismo, no distrito de Ártemis realiza-se a Festa da Mandioca, e, no distrito de Tanquinho, a Festa do Milho Verde, nacionalmente popularizada pela “Pamonha de Piracicaba”. Ambos os distritos fazem parte da nossa Vila Rezende.

– Poxa, como a Vila é grande, não!?!... até o Sema, Serviço Municipal de Água e Esgoto de Piracicaba, situou suas instalações principais no bairro Capim Fino, ali ao lado da Cruz Caiada, né?!

– Coisa de loco! A Vila tá se encostando a Rio Claro!... e da outra banda, a Limeira...

– Águas de São Pedro, Charqueada...

– É, a Vila Rezende vai, pouco a pouco, incorporando essas cidades todas! Eh, eh, eh...

– !?!? O home tá maluco, mesmo!

A “Paixão de Cristo” é encenada no Engenho Central anualmente, na Semana Santa, e o gigantesco espetáculo cênico é organizado e executado pela Associação Cultural e Teatral Guarantã, com total apoio da Secretaria Municipal de Ação Cultural.

A sua grandiosidade expressa-se no espaço que ocupa: são quase 10.000 m² de área a céu aberto, em cinco planos diferentes e doze palcos montados seguindo o roteiro da tocante apresentação artística que reúne centenas de figurantes – pessoas comuns da comunidade piracicabana – e dezenas e dezenas de artistas amadores que integram essa associação teatral, contando, ainda, com artistas profissionais de renome nacional convidados, contratados e alguns, inclusive, que fazem do evento anual seu compromisso pessoal, tal o prestígio alcançado pela brilhante realização artístico-religiosa.

São contadas aos milhares as pessoas atraídas nas seguidas apresentações noturnas. A beleza visual é de causar impacto e as emoções se fazem sentidas e ampliadas a cada passo da peça. A cada ano, o rico figurino ganha aprimoramentos e se enriquece, valorizando e incentivando a participação de tão grande número de atores, independentemente do papel de cada um.

Seus idealizadores e atuais responsáveis? Vamos por parte, para não falharmos nas citações: o início dessa montagem teatral de forte sentimento religioso se deveu ao empenho de um grupo de alunos da oficina de teatro do SESC – Serviço Social do Comércio - em 1989 e o palco foi o belíssimo gramado da principal praça da ESALQ. Em 1990, nascia o Grupo de Teatro Guarantã, e aí o projeto efetivou-se, assumindo as proporções que o fazem o segundo maior espetáculo do gênero no país, que inclui também bailarinos, peões de rodeio para as cenas da cavalaria montada, e nome de profissionais de projeção do mundo artístico teatral, como: João Prata, Dagoberto Feliz, Carlos (ABC) Bueno de Camargo, Rosana Baptistella, que citamos sem desmerecer quaisquer nomes envolvidos pela louvável realização.

– Na Vila Rezende, bem entendido!...

Os Perossi dedicaram-se ao trabalho duro nas diferentes funções que faziam mover as engrenagens das máquinas do Engenho Central e, nas horas de lazer, faziam também rolar a bola no campo de futebol com os uniformes da equipe da Sucrèrie. Aldrovandi enumera-os a partir de Ricardo Perossi, maquinista de trem, casado com Elisa Malagueta e com os filhos José, Joaquim (Nhoca), Dorival (Nino), Antônio, Mariana e Joana. Família grande, que multiplicaria e que seria referência no início da Rui Barbosa e na Maria Maniero, sempre próxima do Mirante, da ponte e do Engenho, e presentes no futebol vilarezendino amador – Sucrèrie, Atlético, River Plate, Rezende, Engenho Central. Gentil Perossi foi um dos bons jogadores que a Vila tivera e por uma fatalidade morreria durante uma partida de seu time, o River Plate, no campo de terra batida que existiu nas duas quadras que compõem o Ginásio Monsenhor Gallo e as residências atuais da Avenida Barão de Valença. A morte prematura, provocada por enfarte, chocou a cidade, pois Gentil era também uma pessoa muito estimada por todos.

Valderez Perossi é mais um vilarezendino bem sucedido no comércio da cidade, estabelecido com a SOGEMEC, Móveis para Escritórios, comerciais e empresariais, de alto padrão. Além de seu trabalho empresarial, tem sido um dos esteios da ACIPI - Associação Comercial e Industrial de Piracicaba - como diretor e conselheiro. Sua atuação se faz presente também em várias entidades assistenciais comunitárias.

63

O Zoológico e o parque Paraíso da Criança, ambos no Jardim Primavera, na Vila Rezende, localizam-se na Avenida Castelo Branco nº 426, à margem da Rodovia Rio Claro-Piracicaba, e são pontos de atração turística e áreas de entretenimento e de lazer mantidos pela municipalidade, em um terreno de 60.000 m². Em 15 de outubro de 1972 foram inaugurados e os empreendimentos tiveram a coordenação

do professor da ESALQ e presidente do Lions Club Piracicaba, Edmar José Kiehl.

O Zoológico abriga animais da fauna brasileira e exemplares de espécimes naturais de outros continentes, obedecendo a técnica adequada para bem preservá-las e, ao mesmo tempo, proporcionar informações educativas aos visitantes.

O parque Paraíso da Crinaça é área de entretenimento infanto-juvenil, com brinquedos para todas as idades nessa faixa populacional, espalhados pelos gramados entrecortados pelas alamedas sombreadas por belas e frondosas árvores da flora brasileira.

Dois outros pontos turísticos de Piracicaba, sem dúvida, que se somam aos naturais da Vila Rezende.

Dentre outras referências de interesse público local, na Vila, por muito tempo mesmo, não havia nada quanto à segurança pública além da figura mística do “inspetor de quarteirão” (sempre na pessoa de um civil residente no bairro), que, pitorescamente, tinha jurisdição sobre um enorme território urbano e até rural!

– Inspetor de quarteirão com poderes de delegado?!

– Nem tanto, nem tanto! Sequer podia portar arma de fogo! Eh, eh, eh...

E em 14 de dezembro de 1969 instalou-se no bairro Algodal o Corpo de Bombeiros e, no local, Avenida Américo Vespúcio, viria a sediar-se o quartel do 10º Batalhão da Polícia Militar de São Paulo, em instalações amplas e expressiva representatividade como, por exemplo, a sua escola de formação de policiais militares e suas especializações.

– Decorrente dessa unidade da Polícia Militar, uma série de novos serviços policiais preventivos viriam a ser criados em benefício da cidade e da região por ela abrangida, colocando Piracicaba no seu devido destaque estadual.

De simples posto policial móvel, a Vila Rezende passou a contar com um Distrito Policial Civil, com delegado permanente e toda a sua infraestrutura, na Avenida Dona Francisca, em sua segunda quadra.

– E ganhou também um “Cadeião” né?! Um enorme presídio estadual, situado na Rodovia Piracicaba-Limeira, à margem do rio, na antiga fazenda Santa Rosa, hoje um próspero bairro que se limita à Rodovia Rio Claro-Piracicaba. O presídio, enorme, faz parte do complexo

estadual de presídios-modelo e Piracicaba está nos planos de receber mais um deles sob os protestos da vereança e de algumas entidades locais. Mas, cá entre nós, se estamos reivindicando maior ação do Poder Judiciário e das autoridades policiais no combate e repressão à criminalidade, como podemos protestar para impedir a instalação desse novo e necessário presídio? Na nossa cidade, não?! E em outra, sim?! Acho que devemos ser coerentes, não?!

– No nosso entendimento, a Vila não se sente prejudicada por ser escolhida para acolher mais uma unidade prisional pelo fato de ser ele um fator de risco à segurança. Pelo contrário. O perigo está na sua falta, e não no fato de sediar-se tal estabelecimento no município, pois consigo há toda uma estrutura operacional adequada e será só assim que o grave problema social se amenizará no país.

Como falávamos de turismo e de tradições piracicabanas, devo citar aqui a Festa do Divino Espírito Santo, ou a Folia do Divino ou a Festa do Divino simplesmente, introduzida no Brasil pelos portugueses no ano de 1765, e que são realizadas no rio ou na terra, distintamente ou, em outras palavras, na água ou no seco. De seus ritos próprios distinguem-se: Folia do Divino, Pouso, Leilão, Encontro das Bandeiras e Procissão.

– Pedro, ocê não tá desviando-se demais de seu objetivo, não? A história da Vila deveria centrar-se nos fatos exclusivos dela e não divagar assim sobre as demais tradições de Piracicaba, que são muitas e importantes, bem relatadas e pesquisadas ainda por grandes nomes de nosso seleta Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

– Sim, sim, tenho consciência disso e não estou desviando-me do tema, não. A Festa do Divino tem muito a ver com a Vila Rezende, sim. Como tradição, digo que é a mais antiga e a que mais se relaciona com o nosso bairro, berço da cidade. Eu a conheço desde menino, como todos a conhecem aqui na cidade, dada a popularidade do festejo, que é, ao mesmo tempo, religioso, folclórico e uma viva manifestação cultural popular intimamente ligada ao catolicismo. E a Vila, como ocê sabe, é um torrão de terra todo abraçado pelo majestoso rio Piracicaba. E tem algo mais: o meu amigo Hugo Pedro Carradore, expoente no estudo folclórico brasileiro, simplesmente me trucidaria se eu deixasse de citar aqui essa magnífica manifestação religiosa, que reúne fé, devoção, união e solidariedade cristã. Dela se ocuparam folcloristas, historiadores

e religiosos seculares, como o citado Carradore, os piracicabanos Alceu Maynard Araújo, Marly Therezinha Germano Perecin, Guilherme e Lino Vitti, Leandro Guerrini, os bispos D. Ernesto de Paula, D. Aniger Maria Melillo e D. Eduardo Koaik.

– Há uma farta literatura sobre ela, não?

– Grande e rica, culturalmente. O ritual todo merece ser conhecido, em pormenores. É uma festa móvel no calendário católico (cinquenta dias após a Páscoa).

64

Lendas e credices piracicabanas, se já não foi, poderia ser ótimo título para um livro sobre as origens de Piracicaba e de seus primeiros tempos de existência como povoação até chegar a vila e finalmente a cidade. Esse período precisaria ser analisado em duas partes, ambas infundas e em direções opostas e, igualmente, só determinadas em um ponto comum: o da fundação do povoado – primeiro de agosto de 1767, século XVIII, não muito distante do descobrimento do Brasil. A partir desse marco, a dividir a cronologia da história piracicabana, rumaríamos separadamente, na direção do passado e na direção que compreenderia a caminhada pela evolução urbana do núcleo social piracicabano até chegar-se ao período contemporâneo e, em um exercício mental meio lógico e meio fantasioso, traçar um descompromissado prognóstico sobre o futuro desta nossa terra natal.

Passado, presente, futuro.

Em oportunidades anteriores, atrevi-me a viajar livremente no espaço e no tempo: primeiro, por ser-me fácil tomar de um lápis e papel e deixar o pensamento correr solto, escolhendo as palavras e ditando o ritmo da dissertação; segundo, por não implicar-me em nada a não ser o dispêndio de algumas horas de meu tempo, que só a mim importa, dei o primeiro passo, retrocedendo ao dia 31 de julho de 1767...

– Capitão, o senhor me chamou?

– Apronta as minhas tralhas! Reúna o pessoal e vamos terminar o trabalho, ainda hoje! Amanhã cedinho, nós funda a povoação!

– Mas, Capitão, mecê tá resolvido, mesmo?! Tamo longe, inda! E esse cachoeirão ali adiante, vai atrazá, nós!

– Eh, eh, eh... mecê num entendeu ainda?! É ali que vamo fundá o povoado, né! Eh, eh, eh...

O capitão, homem resoluto, despachado, individualista, estava decidido e ninguém o demoveria de seu fixado propósito. E levava consigo a imagem do santo de sua devoção, decidido a colocá-lo no centro do altar da capela, acima da padroeira designada pelo seu chefe, capitão-mor. E tava dito! O resto seria só questão de tempo e de oportunidade.

Antes dele e dos brancos dispersos que ali estavam, à margem direita do grande rio, inebriados pelas belezas da queda d'água e fartos de tantos quão saborosos peixes, tão fáceis de serem apanhados rentes às pedras, os índios habitavam aquelas paragens todas, senhores absolutos que eram das terras, das matas e dos rios, não dominando tão somente os ares, que às aves pertenciam e mesmo assim, teimavam em arremeter-lhes as suas flechas na vã tentativa abatê-las, coisa que, vez e outra, mais por infortúnio das pobrezinhas, logravam algum êxito.

– Pudera, com tantas, a alçarem voos a um só tempo, espantadas, tudo seria possível. Bem, deixa pra lá! Os índios, tupi-guaranis, seriam especificamente paiaguás ou caiapós? Ou de outras etnias? Há até teorias no sentido da ampla e profunda presença também dos incas nas distantes terras dessa parte do continente, baseadas nos indícios de trilhas abertas por mãos humanas, vindas nesta direção.

– Teorias, teorias... prováveis? Talvez! Afinal, o homem é um explorador nato, migrador e ávido por conquistas. O fato real, no nosso caso, é o do domínio indígena sobre a região. Paiaguás ou caiapós?! Os historiadores piracicabanos não polemizam a esse respeito por não haver necessidade científica e de relevância capaz de influir na cultura da sociedade local, pois os índios afastaram-se do território ou simplesmente foram dizimados pelos colonizadores.

– Não restaram sequer descendentes?

– Mestiços, talvez! ... mamelucos, caboclos, inexpressivos, sem referência nos apontamentos da época. A discriminação racial foi muito dura, não só em relação a eles como seria extremamente dura com os ne-

gros, muito tempo depois. Mesmo com a abolição da escravatura, o rigor persistiu até chegar ao passado recente. O perfil do povo piracicabano viria a ser moldado sob a forte presença do branco europeu, primeiro os portugueses e, posteriormente, com o fluxo imigratório, os alemães, franceses, suíços, italianos, austríacos, dinamarqueses, belgas, e, vindos de outros continentes, o negro africano em grande número, norte-americanos, japoneses, árabes e, mais recentemente, de outros asiáticos que invadiram as Américas em busca de oportunidades não só de trabalho como também de liberdade social. A enormidade do território brasileiro e suas características geográficas, associadas às boas condições de clima e de riquezas naturais, foram e continuam sendo fatores decisivos à fixação definitiva dos imigrantes. Piracicaba é prova disso: quem aqui aporta dificilmente resiste à tentação de fixar sua residência nesta cidade, preterindo as circunvizinhas, inclusive as de maior porte populacional e infraestrutura muito acima da maioria das capitais de estados do país.

Desde pequeninos ouvíamos atentamente, com doses de medo e curiosidade, os relatos de fatos que, sem dúvida, foram criados e alimentados pelas imaginações dos primitivos habitantes desta comunidade. A primeira, ou uma das primeiras, é a da padroeira raptada pelos anjos, inspiradora de belas pinturas a óleo de expoentes das artes plásticas piracicabanos, como Archimedes Dutra e Alberto Thomasi; a segunda fala-nos da paixão ardente de dois jovens, despertada em uma época muito longínqua, antes da fundação do povoado, ou melhor, sequer existia o salto nessa parte do rio.

– ?!?

– Tudo aqui era uma densa mata virgem, na qual, além dos animais, apenas os índios penetravam, valendo-se de suas habilidades natas, e dela fazendo parte à medida que iam se apegando ao sítio dadas as suas excepcionais peculiaridades, sendo a principal a tranquilidade das águas do grande rio. Não se espante não, nesse tempo, a sua configuração era outra: não havia a cachoeira e ele espraiava-se por uma planície sem fim, ou melhor, que se delimitava ao longe, lá no horizonte, com as montanhas a circunscrevê-la, como vale de rara beleza. E assim transcorriam os dias, meses e anos, em perfeita harmonia e os seres humanos, nativos, iam prosperando numericamente, enraizados ao lugar e, aos poucos, incorporando aos costumes as suas rotinas diárias – dormir, acordar, banhar-se cedinho nas águas refrescantes e tranquilos, comer, pescar, caçar,

comer, brincar, namorar, brincar, comer e dormir novamente, sob esplêndido céu povoado de cintilantes estrelas. Ah! que delícia!... o silêncio só era cortado pelos sons do vento nas folhagens, pelos cantos alegres das avezinhas, pelos pios das aves de rapina e, também, pelos rugidos das onças pintadas e pardas que aqui vagavam em plena liberdade. Assim, famílias se formavam e novos casais iam se unindo dando origem a novos rebentos. E nas conversas dos moradores do pequeno núcleo, ao redor da fogueira, os assuntos frequentes versavam sobre o corriqueiro do dia a dia e de suas crendices e do suave cantigo que se ouvia todas as noites, tão belo e melodioso que parecia vindo das profundezas das águas serenas do rio. E a curiosidade ia crescendo à medida que o mistério não se desvendava, a não ser as breves visões da linda jovem morena, de longos cabelos negros e corpo esculturalmente perfeito e sempre enfeitado de flores coloridas enfeixadas caprichosamente. Mas ninguém conseguia aproximar-se sequer da indiazinha, que escapulia entre as árvores ou desaparecia ao mergulhar no majestoso rio. Todas as buscas e horas de vigília eram infrutíferas e só aumentavam o mistério.

– Nem adianta! Ela é a noiva do rio! Ela o serena todas as noites e ele a banha gentilmente, acariciando-a sob a luz prateada da lua. Nós tão somente vislumbramos a sua silhueta e, ao pressentir-nos, desaparece!... as águas agitam-se como se estivessem enraivecidas por pertubarem o encontro do rio com a amada, dispostas a tragem quem dela se aproximasse, até que um dia, para surpresa de todos, a linda jovem surge do nada, abraçada ao jovem mais bonito da aldeia, e ambos, tocados por tórrida paixão, unem-se e fazem de um recanto oculto da mata o seu ninho de amor. O rio, ao aperceber-se disso, bravo, reage violentamente, sacudindo-se todo até transbordar, e, com força extraordinária, revolve as enormes pedras de seu leito como se fossem flocos de algodão de paineiras e amontoou-as de uma margem à outra, criando gigante barreira natural a impedir a passagem de peixes e de canoas. As águas, assim entrecortadas, precipitar-se-iam sobre as pedras estrondosamente, quebrando o costumeiro silêncio a partir de então.

– O rio estava reclamando, furioso, a sua amada. Para tanto, saltaria do leito, revolveria a densa massa rochosa e modificaria o curso de seu caudal, trocando a superfície plana e serena para um trajeto sinuoso e com as novas cascatas, de fortes correntezas e, com a convulsão que provocara,

faria o solo a sua volta ondular-se em dezenas e dezenas de colinas, mudando completamente as características primitivas do vale milenar.

– A bela noiva do rio, apavorada, abandona o amante e volta a entregar-se ao ciumento rio e desaparece nas torrentes despejadas pelo salto rugidor...

– E o moço?!

– Este, desesperado e cego pela paixão, mergulha atrás da amada e é tragado pelas águas revoltas! Os moradores da aldeia, estupefatos diante da sucessão de extraordinários quão inacreditáveis acontecimentos, não sabem no que devam acreditar de verdadeiro que estava ocorrendo na até então pacata paragem, agora totalmente mudada. Os dias, meses e anos foram se passando e até os mais jovens, que aguardavam o retorno do casal tragicamente engolido pelo rio, envelheceram à sua margem, em vã espera...

– Seria verdade então, que estariam aprisionados em uma masmorra, no meio do salto?

– E o ribombar das águas, de encontro às pedras, seria o grito sufocado do triste índio ecoado pelas reentrâncias entre as enormes pedras...

– Eh, eh, eh... pura credence! Não seria mais uma das “estórias” do capitão-povoador?!...

– Outra versão dizia que no centro das quedas d’água, onde o volume é maior, estaria escondida a entrada de uma caverna e que, no seu interior, existiria um rico tesouro...

– E perdura ainda a crença de que as enchentes anuais do rio só são contidas após o perecimento de um ser humano nas suas águas, o que infelizmente ocorre todos os anos por motivos de abuso ou de inexperiência de pescadores eventuais. No entanto, apesar de todas as medidas preventivas das autoridades ambientais, com a pesca e a natação nos locais perigosos proibidas, as mortes trágicas ocorrem.

Em relação ao majestoso rio Piracicaba, que para os vilarezinhos é o principal patrimônio da Vila Rezende, há também a farta literatura das “estórias de pescadores” nas quais, invariavelmente, os protagonistas juram, de “pés juntos”, que se tratam de fatos reais, testemunhados por eles e por uma legião de autênticos pescadores piracicabanos!...

– Tchau, mesmo! Eh, eh, eh...



Teatro Santo Estevam, ladeado na esquerda pela rua Santo Antonio e do lado direito onde é hoje a radio Difusora.

65

Quando nos referimos à Vila, temos a absoluta certeza de estarmos longe de dá-la conhecida por inteiro, e disso me certifico mais uma vez: ao invés de encerrar o terceiro volume de meus relatos sobre esse bairro maravilhoso, procurei contatar o amigo vilarezendino Euclides Ferrúcio Rizzolo, responsável por boa parte da história escrita pelo outro vilarezendino, já falecido, o médico Alcides Aldrovandi, autor do livro “A Vila e seus vilões” (A história de um bairro).

Foi um encontro emocionante, na manhã de um sábado bastante frio de início de junho, com neblina e céu encoberto desde o dia anterior, portanto, prometedora de baixa temperatura prolongada. Tínhamos, como dizíamos no linguajar comum, “trocado figurinhas” sobre os assuntos da comunidade e, agora, com um renovado esforço tentaríamos obter mais alguns subsídios para o meu intento de consolidar o volume em aberto.

De posse do “boneco” que lhe havia entregue dias antes, recebeu-me ao lado da esposa Jacyra, amiga e vizinha na nossa infância na Avenida Rui Barbosa. Sobre a mesa da cozinha, ao “boneco”, parcialmente lido, juntava-se uma pilha de papéis e de fotografias visivelmente antigas.

– Pedrinho, ocê me dá licença... vou continuar o meu trabalho, assim deixo ocêis dois aí, para falar da Vila! Tchau... volto daqui a pouco.

– Pedrinho, mas ocê, hein?!... quanta coisa ocê escreveu aqui!. Nem deu para eu ver tudo, ainda... ocê sabe, eu tenho de trabalhar no meu quintal, arrumar um montão de coisas lá no fundo!...

– Com quantos anos ocê está?

– Oitenta e cinco! Eh, eh, eh...

Ao dizer isso, estendeu-me uma folha manuscrita, acompanhada de um pedido seu para que eu a incluísse no livro como uma prova testemunhal de vida do exemplar cidadão que foi seu saudoso pai, Ângelo Rizzolo.

Poxa, eu havia buscado essas informações importantes como exemplos de vida. Reproduzo a seguir um ligeiro perfil do autêntico vilarezendo de adoção e de coração que foi o senhor Ângelo Rizzolo:

“Uma figura humanitária

Pessoa generosa e de espírito elevado. Nasceu em Rio das Pedras, SP, no dia 23/04/1898 e faleceu em São Paulo (Capital), no Sanatório Santa Catarina, às 23h20 do dia 28/05/1959. Filho de pais imigrantes, originários de Canove, província de Verona – Itália. Consta da certidão de casamento como filho legítimo de Ferrúcio Rizzolo e Amália Busato. Casou-se com Rosa Cárnio Rizzolo, em comunhão de bens, no dia 19/05/1923, e tiveram os seguintes filhos: Euclides Ferrúcio Rizzolo, contador e administrador financeiro; Sérgio Rizzolo, contador; Antônio José Rizzolo, contador e desenhista projetista; Flávio Rizzolo, contador e advogado.

Foi membro ativo da Sociedade dos Jovens, antiga Congregação Mariana de Vila Rezende da Paróquia de Imaculada Conceição. Presidente da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia Imaculada Conceição. Membro da Irmandade de São Vicente de Paula. Presidente da Cooperativa dos Funcionários das firmas Dedini. Pioneiro Mór da firma Dedini por ocasião da primeira Festa dos Pioneiros, realizada em setembro de 1957, quando recebeu como prova de reconhecimento pe-

los bons e inestimáveis serviços prestados à empresa, durante 37 anos, os seguintes presentes: Diploma de Honra ao Mérito, importância em dinheiro no valor de CR\$200.000, relógio de ouro, medalha de ouro entregue pessoalmente pelo Comendador Mário Dedini. Fundador e 1º presidente da Comissão Pró-Construção da Capela São Luis, do bairro São Luis, em Vila Rezende; membro ativo do Conselho Deliberativo da Ex-Associação Atlética Sucrère – Clube Atlético Piracicabano, em várias gestões; auxiliar do Monsenhor Jerônimo Gallo nas cerimônias religiosas, especialmente na Semana Santa quando recitava o ritual em latim; foi candidato a Vereador nas eleições municipais pelo PTB em certa ocasião, não sendo eleito; pertenceu a primeira Orquestra da Vila Rezende, dirigida pelo então Padre Julião Caravello, antecessor do saudoso Jerônimo Gallo. O bandolim era seu instrumento de corda preferido.

Ângelo Rizzolo era um católico convicto, prestativo, participativo, compenetrado, cômico de seus deveres e obrigações.

Pai dedicado e esposo amoroso. Personalidade exemplar, perseverante no trabalho, sem nunca despertar qualquer sentimento desabonador a quem quer que seja.”

– Como dissemos: o verdadeiro cidadão participativo e de iniciativas surpreendentes, como a da construção do templo católico na antiga Bimboca.

66

– Mexi no baú do Cridão! Tava dando sopa, lá na sua casa, em meio à reforma que passava o imóvel por ele construído ao se casar com a jovem Jacyra Sbravatti.

– Xii... olha só estas pastas de arquivo! São meus artigos publicados pelo Jornal de Piracicaba! Procurei por eles feito louco, sô!

– Eh, eh, eh... é coisa de véio, mesmo! Inda bem que tô aqui... agora não tem desculpa, não! Vou incluí-los no meu livro, ah se vou! Darei o devido crédito a você.

“Curiosidades da Vila”, por Euclides Rizzolo:

“Sob o título acima, na edição deste Jornal (JP, Jornal de Piracicaba), inserido no dia 12/11/91, revivemos a pessoa do Sr. Alcides Guidolim, o famigerado ‘Nhô Finca’. Hoje, com muita saudade, reverenciamos a memória do incomparável ‘Coringa’ ou ‘Velho Moura’, como queiram aceitar alguns dos nossos conterrâneos.

Enquanto Alcides Guidolim tinha o dom de implantar apelidos às pessoas que viria a conhecer, o saudoso e lembrado ‘Coringa’ se encarregava de propagá-los e difundi-los, não apenas nos ambientes de trabalho, mas também nas oportunas reuniões e acontecimentos sociais e desportivos.

Coringa era um gozador implacável. Um pândego irriquieto e incoercível, predisposto a agradar a todos aqueles que o cercavam. Gostava de estar nas rodinhas de amigos para poder pilheriar e contar suas anedotas e façanhas, mas, no fundo, era uma pessoa bastante humana e compreensiva, sempre disposta a prestar a sua colaboração a quem quer que fosse, independente de quaisquer circunstâncias. Assemelhava-se a um coadjuvante de expressiva representação e experiência. Uma espécie de celebrador de crisma.

Antes de prosseguirmos na descrição personalizada do inesquecível ‘Coringa’, vamos satisfazer a um grande número de rezedinos que desejam recordar seus velhos amigos, alguns já falecidos, e também para agitar aqueles que ainda permanecem mergulhados num renitente saudosismo, reproduzindo mais uma série de apelidos que não foram incluídos na reportagem anterior. Vejamos: Mário Bicudo, Ivo Peru, Marreco, Sanhaço, Papa-Capim, Cardeal, Correntino, Pardal, Foguinho, Bem-te-vi, Ticão, Coruja, Sardinha, Lambari, Mandilão, Camarão, Zé-Ratão, João Raposa, Cridão Macaco, Gera-Boi, Morcego, Saguí, Cachorro Louco, Cadela Branca, Lebrinha, Zebrinha, Porquinho, Carneiro, Papa-Vento, Jacaré, Jiboia, Cascavel, Boca de Sapo, Tomate, Limão, Abacaxi, Zé-Fêmia, Chato, Mistura, Peido, Saco Preto, Sabugo, Boneca, Moitão, Rojão, Buscapé, Barba, Bolacha, Asma, Zé Pirata, Limbucha, Pendó, Tabuinha, Boné, Faísca, Paçoca, Cibalena, Gutira, Dito Cueca, Bagaço, Minhoca, Sarjeta, Brecha, Imbica, Momi, Tucho, Buticão, Catatau e Leléca.

Procurando acercarmos das informações, detalhes e pormenores

sobre a vida e comportamento do velho ‘Coringa’, para informar nossos amigos leitores, anotamos:

Nome próprio: Geraldo Vieira da Silva

Natural de: Jacutinga – Estado de Minas Gerais

Data de nascimento: 20/11/1912

Signo: Escorpião

Filiação: João Pedro Vieira da Silva e Amélia Alves da Silva

Casou-se no dia 17/12/1946, com a jovem e prendada Elza Passini da Silva, de tradicional família rezendina, de cujo consórcio tiveram a única filha chamada Marina.

Sua vida matrimonial foi pontilhada de muitos acertos, permitindo ao casal viverem muitos anos felizes e em completa harmonia.

Quando e como veio à Vila Rezende – Piracicaba. Chegou à Vila Rezende no ano de 1936, a convite do então Vice-presidente da A. A. Sucrèrie, Bel. Jonas Leme de Camargo, justamente na gestão do Sr. Abério Sampaio que, como presidente, foi um dos maiores incentivadores do esporte em Vila Rezende.

Naquele tempo Coringa jogava para o Mogi-Mirim, principal agremiação da cidade, que lhe empresta o nome. O Sr. Jonas, que era cartorário em Piracicaba, viajava semanalmente àquela cidade para visitar seus familiares. Daí então a oportunidade de contatar com o jogador Coringa e persuadi-lo a vir para Piracicaba e jogar na equipe do Sucrèrie.

No começo, enquanto aguardava a fase de adaptação, inclusive a decisão sobre a sua permanência, por algum tempo a Diretoria do Clube resolveu subsidiá-lo, pagando mensalmente o aluguel de um quarto na residência do diretor Pedro Bálico, na Avenida Rui Barbosa, nas proximidades da antiga chapelaria do Sr. Luiz Abel Moretti (Gigim). O valor do aluguel era de 30\$000 (trinta mil réis), sem correção e sem mais acréscimos.

Admissão nas Oficinas Dedini

Uma carta de apresentação do nosso antigo pároco Monsenhor Jerônimo Gallo, entregue pessoalmente e em mãos do Sr. Mário Dedini fizera com que o nosso Coringa fosse admitido no dia 03/03/1936, para trabalhar como ajudante na Seção denominada Carpintaria. Foram seus

companheiros e colegas de serviço os seguintes profissionais: Pedro Segatto, Antônio Magagnatto, Virgínio Magagnatto (Lagartixa), Ledemar Castelani, Júlio Corrêa Lemos, José Segatto, Raul Bacchin, Luiz Antônio Gobatto, Ambrósio Ficher Filho (Tóta), José Camolesi (Cabreúva), José Atizano e Guerino Spessotti.

Mais tarde, tendo conquistado a confiança de seus patrões e superiores, viera a trabalhar na Portaria como auxiliar de expedição de materiais, função que desempenhou a contento, até o dia em que completou o tempo para sua aposentadoria. Nessa nova função teve como companheiros: Srs. Ângelo Rizzolo (Chefe), Irineu de Oliveira Diniz, José Oss, e, tempo mais tarde, os srs. Ivanil Rossin, Sérgio Capaldi, Humberto Spolidório Sobrinho e outros não recordados.

Carreira Futebolística

Depois de passar por vários clubes da nossa hinterlândia, veio a se integrar na Vila Rezende – Piracicaba, tomando esta cidade como sendo a sua segunda terra natal.

Defendeu a A. A. Sucrerie de 1936 até 1940, depois a A. A. Sucrerie até 1942 e, finalmente, o Clube Atlético Piracicabano, onde encerrou com brilhantismo a sua invejável carreira futebolística.

Condecoração

Considerado pela crônica esportiva como um jogador excelente e de exemplar comportamento, praticando o esporte com lealdade e sem nunca ter sido punido por ato de indisciplina, recebera com todo o mérito o prêmio ‘Belfort Duarte’, uma condecoração muito honrosa que lhe foi outorgada pela Confederação Brasileira de Desportos. Trata-se de uma comenda de raríssima outorga no futebol brasileiro.

Falecimento

Veio a falecer no dia 17/07/1991. A notícia do seu falecimento correu célere, causando grande consternação entre familiares, parentes e amigos. A bandeira do C. A. Piracicabano foi hasteada a meio pau, em sinal de pesar. As homenagens póstumas se encerraram com o último adeus daqueles que o tinham como um símbolo da dignidade esportiva.”

Em sequência incluímos as matérias consideradas oportunas e de interesse à comunidade, publicadas no JP no período de 1 a 8 de agosto de 1996, e que fazem parte da história do futebol piracicabano. Vem bem a propósito, nesse período de crise pelo qual o nosso valente XV de Novembro atravessa por anos a fio, quase sem solução.

O tema futebol destaca duas facções rivais – Clube Atlético Piracicabano e E. C. XV de Novembro – que não perdura mais pela renúncia do primeiro às modalidades profissionais federadas.

– Ocê tá enrolando!

– Vamos lá!...

“O Sucrèrie, Sua Gente e Seu Passado”

“O Local (excelente escolha)”

Era antes um terreno baldio, coberto por vegetação rasteira e grande quantidade de arbustos. Pertencia ao então diretor superintendente da Sociètè de Sucrèries Brèsiliennes – Engenho Central – Dr. Holger Jensen Kok, uma personalidade importante, de grande prestígio e projeção nos meios sociais e políticos da cidade, porém de temperamento forte e de rígido caráter.

A área, propícia para pastagem dos animais, que na época viviam soltos pelas ruas do bairro, servia ao mesmo tempo de paragem da cavalaria que, nos feriados, domingos e dias santos, era encilhada para as disputas das grandes “carreiras”, um desafio que se convertia em polpudas apostas pelos cavaleiros e montadores, cada qual desejando mostrar a agilidade e destreza do seu estimado animal. A corrida se desenrolava na Av. Dona Francisca, onde os frequentadores do local, chamavam-na de rua da raia. Os páreos iniciavam-se logo pela manhã e se estendiam até o entardecer. Com o crescimento do bairro e, principalmente, devido ao perigo a que se expunham as crianças, acercando-se dos cavalos, a polícia resolvera abolir, de uma vez por todas, esse esdrúxulo torneio hípico.

Aluguel do terreno (uma necessidade)

Algum tempo depois, abnegados desportistas, destacando-se dentre eles as pessoas dos saudosos: Ângelo Filippini, Antônio Petta, Fioravante Cenedese, Romano Bertini e outras, decidiram interceder junto ao Dr. Kok no sentido de persuadi-lo a ceder aquela área para que pudessem construir um campo de futebol. Mantido o contato com o ilustre cidadão, este acabou concordando em locar a citada área por um valor bastante ínfimo, quase simbólico, pelo simples fato de que a maioria dos componentes do grupo interessado pertencia ao corpo de funcionários do Engenho.

Depois da assinatura do contrato de locação, entusiasmados e felizes por terem realizado um grande sonho e contidos no firme propósito de concretizar a idéia da fundação de um clube esportivo, resolveram convidar os amigos e colegas de serviço para colaborarem na eleição da primeira diretoria, escolherem o nome da novel agremiação, comporem o quadro de jogadores e, além de tudo, ajudarem no trabalho de capinação, derrubada dos arbustos, destocamento e limpeza geral da referida área, de modo a deixá-la em boas condições para a prática do futebol.

Primeira Diretoria (uma grande esperança)

Com a realização da primeira reunião, ocorrida no dia 08/02/1914 (data da fundação), na residência de um dos componentes do grupo, foram eleitos os primeiros diretores e, como não poderia deixar de ser, a escolha recaía nas mesmas pessoas que propugnaram pela criação de um novo clube em Vila Rezende. Assim é que foram escolhidos e empossados em seus respectivos cargos, os seguintes cidadãos: Presidente de Honra: Dr. Holger Jansen Kok; Presidente da Diretoria: Sr. Antônio Petta; para Secretário: Sr. Ângelo Filippini; para Tesoureiro: Sr. Romano Bertini; para Diretor Esportivo: Sr. Fioravante Cenedese.

Adoção do Nome (uma preferência)

Nessa mesma reunião foi também escolhido e adotado o nome da novel associação que passara a chamar-se A. A. Sucrèrie, denominação essa de origem francesa e derivada da mesma companhia onde mourejava a grande maioria dos esportistas rezendinos. Além desse nome, aprovado por unanimidade, foram ainda sugeridos dois outros que não tiveram aceitação.

Recomposição da Diretoria (uma medida acertada)

Posteriormente houve uma segunda reunião para complementação de cargos, ocasião em que foram incluídos mais alguns diretores, os quais tiveram sua posse no dia 07/07/1914. Em decorrência dessa medida, a Diretoria ficara com a seguinte constituição: Presidente de Honra: Dr. Holger Jansen Kok; Presidente da Diretoria: Sr. Antônio Petta; Vice-Presidente: Sr. Jehns Flindt; 1º Secretário: Sr. João Godoy; 2º Secretário: Sr. Luiz Tordim; 1º Tesoureiro: Sr. Ângelo Filippini; 2º Tesoureiro: Sr. Romano Bertini; Departamento Esportivo: Diretor Esportivo: Sr. Fioravante Cenedese; 1º Capitão: Sr. Ângelo Segá; 2º Capitão: Sr. Lourenço Gramático; 1º Fiscal: Sr. Casimiro Sampronha; 2º Fiscal: Sr. João Américo.

A posse dos eleitos foi bastante comemorada. A tradicional Banda União Operária, desejando prestar-lhes uma significativa homenagem, se dispôs a executar, na praça pública de Piracicaba, a marcha “Sucrèrie”, um excelente arranjo de autoria do músico e compositor Martinho Fischer.

Primeiro Quadro de Futebol (uma alegria)

Os jogadores que se inscreveram para a formação da primeira equipe sucrieriana foram os seguintes: João Bachim, Mário Pavan, João Bassi, Martim Petta, Júlio Maia, Benedito Amaral (Tango), Lagreca, Fioravante Cenedese, Domingos Bachim, Ângelo Segá e Francisco Sápia.

Beneméritos Fundadores (um merecido reconhecimento)

Além dos componentes da Diretoria, figuraram como fundadores os seguintes esportistas, cujos nomes estão indelevelmente inseridos nos anais do clube de além-rio: Virgílio de Oliveira, João Mayrink, Ângelo Segá, Lourenço Gramático, Casimiro Sampronha, João Américo e Fioravante Cenedese.

O Campo (um espaço acolhedor)

Além dos problemas de ordem burocrática, visando agilizar a documentação necessária à filiação do clube nos órgãos oficiais, inclusive nas federações e ligas desportivas, a diretoria, com o auxílio de inúmeras pessoas que se dispuseram a trabalhar espontaneamente,

decidira atacar com arrojo e determinação as obras de preparação do terreno, a fim de transformá-lo em um campo de futebol oficial com condições de disputar os campeonatos citadinos e regionais. Embora fosse dispensável, é de suma importância esclarecer que todo o serviço executado na área fora feito com o emprego de ferramentas de sapa, um trabalho duro e penoso que somente mãos abençoadas e benfazejas seriam capazes de realizá-lo.

A Expulsão (uma triste recordação)

Quando o Sucrèrie já estava com o seu campo em ordem, inteiramente fechado e protegido contra a invasão de animais que o circundavam, realizando seus jogos na mais tranquila normalidade, portanto, sem nenhum problema, eis que surgiram alguns acontecimentos inesperados e de séria gravidade:

No ano – 1922

Em consequência de algumas controvérsias e divergências de opiniões entre diretores e jogadores, as atividades esportivas do clube ficaram temporariamente interrompidas. Os dissidentes trataram logo de montar um outro time com o nome de Rezendópolis, cuja agremiação, infelizmente, não teve progresso, pois o seu tempo de vida foi de pouca duração; cerca de um ano aproximadamente. Passado o período da persistente animosidade, jogadores e diretores se harmonizaram e o Sucrèrie voltou à sua normalidade.

No ano – 1927

Não podemos precisar o dia, mês, mas foi exatamente nesse ano que o Dr. Kok tomara a decisão de ir pessoalmente até ao campo, para tentar receber o valor dos aluguéis que estavam por demais atrasados. Chegou ao local justamente na hora em que os jogadores se preparavam para um habitual treino. Como era velho costume em suas andanças pelas ruas do bairro, levava consigo um dos seus cães prediletos, o adestrado cão dinamarquês que atendia pelo nome de ‘Lupo’. É bom que se diga que não era do seu feitio fazer a cobrança de aluguéis de seus imóveis, pois para isso sempre tivera uma pessoa de sua inteira confiança, o não menos conhecido Hélio Alves Fêo.

Ao efetuar a cobrança, os jogadores alegaram que o clube não

dispunha de dinheiro, pois o pouco que restara fora gasto com as benfeitorias realizadas no campo. Disseram ainda que não podiam se cozinhar porque ganhavam muito pouco e o ordenado que recebiam, no final do mês, mal dava para o sustento de seus familiares. Bastou essa resposta para que o Dr. Kok ficasse irritado e, numa atitude abrupta e pouco cortês, dissesse: ‘Eu não vai dexá mais os senhorres jogá bala nesta campo. Chocatorras não paga, vai emborra. Eu vai manda prantá foragerra nesta terreno’. Com essa fala complicada e cheia de sotaque estrangeiro, os jogadores abandonaram o campo, saindo cabisbaixos e sem esboçar qualquer tipo de reação. O portão de entrada, que segundo Dona Paulina Bonsi (90), ficava ao lado da Av. Dr. Eulálio (hoje Jerônimo Gallo), foi lacrado com corrente e cadeado. Alguns integrantes da equipe, para não perder a forma física e atlética, foram engrossar as fileiras de um dos antigos clubes da Vila Rezende, o aguerrido E.C. Ypiranga, o qual ocupava um pequeno campo nas imediações da Vila Areão, próximo da saída para Rio Claro. O referido campo era o conhecido ‘Campo Espalha Brasa’. Dentre os jogadores que se incorporaram aquele clube, destacamos: Franco, Almofadão, Pedro Natale (Nanico), Zé Valer, Nenê Pereira, Zé Polenta, Miro, Rehder, Joel, Rocha, Mão-de-Onça, Rude, Ângelo Bonsi, Lauro, Luiz Dias, Oriente Fecchio, Romeu Pescarim, Conforto e outros. Esses jogadores, depois que se integraram à nova agremiação, conseguiram levantar o honroso título de campeão da cidade no ano de 1929.”

– Ufa! Bela jornada desse pessoal, não?!

– Abnegados esportistas, reconheçamos. Todos tinham de trabalhar duramente, para o sustento das famílias. A Vila, à época, estava nascendo e na dependência da única empresa, a Sucrerie – Engenho Central. O bairro provinha do loteamento das terras do Barão de Rezende, com poucas casas ao longo de ruas largas e bem traçadas, e quase todas construídas pela usina e o loteador.

– E temos mais a falar do futebol, não é?!

– Craro, craro!...

A Praça Imaculada Conceição, construída no terreno que outrora pertencera ao Barão de Rezende e por último foi a “chácara” onde morava o Dr. Kok, teve no seu traçado urbanístico a participação do insigne catedrático da ESALQ, Prof. Phelipe Westin Cabral de Vasconcellos, também responsável por toda urbanização da famosa “Escola Agrícola Luiz de Queiroz”, modelar no ensino superior de agricultura do País.

Nessa praça ajardinada, primeira da Vila Rezende, namorávamos, eu e minha esposa, a jovem Aparecida Everaldo, filha de Leandro Everaldo e de Rita Ramos Pedroso, e, como nós, outros casais amigos de infância e de velho conhecimento, inclusive quadravam o belo jardim, de mãos dadas e até abraçados, preparando-se para os futuros casórios.

– Eu e Jacyra estávamos lá!

– Craro! E sob os olhares atentos dos familiares das meninas, não é?!

– Na marcação cerrada da italianada ciumenta... i ocê si lembra dos apertos que os vilarezendinos davam nos moços da cidade que se atreviam a querer namorar as “nossas meninas”?!?

– Si mi lembro! Era uma “paulêra” só! Eh, eh, eh... mas veja esse recorte do Jornal de Piracicaba, do dia 18 de maio de 1993, artigo também escrito por Euclides Rizzollo:

“A. A. Sucrèrie vs E.C. XV de Novembro - Rivalidade Irreversível”

“Fomos persuadidos a contar um pouco da história do nosso futebol no tempo do Amadorismo, destacando com exclusividade a rivalidade que existia entre as duas principais agremiações da cidade: Sucrèrie e E.C. XV de Novembro. As disputas entre esses dois aguerridos clubes eram, na maioria das vezes, marcadas sob um clima de intensa hostilidade. Não havia um jogo sequer que não estivesse propenso a um quebra-pau. Às vezes, entre jogadores, outras vezes, entre torcedores, envolvendo sobretudo aqueles mais afoitos e fanáticos.

Embora não tivesse nenhum motivo para o relacionamento de um fato com outro completamente diferente, a rivalidade se mostrava

tão perversa que chegava a ter seus reflexos até mesmo no cotidiano. Um jovem, por exemplo, que desejasse namorar uma garota da Vila, precisava pensar dez vezes antes de atravessar a ponte, a não ser que trabalhasse nas Oficinas Dedini ou em qualquer estabelecimento comercial da Vila.

Do lado do Sucrèrie tínhamos alguns torcedores mais obstinados, os quais se enfureciam e iam à desforra, sempre que seu clube era prejudicado pelas atuações dos juizes ou sofresse qualquer tipo de injustiça.

Chegavam a transformar a praça de esporte n'um autêntico palco de pugilato. Dentre os que assomavam com atitudes de revolta, recordamos dos seguintes: Alberto Seghesi, Abílio Dick, Mário Bicudo, Jorge Mariano, Amantino de Campos, Jayme Sampronha, João Guarda, José e Hermes Atizano, Tone Bergamin, Aristides Cazelatto, Irineu Sampronha (Joréca), Serafim Bacchim, Agenor Galvani (Pedro Carniça), Adelino Fabretti (Gabardo), Antenor Lazaretto (Fiotão).

Ainda nas hostes Sucrierianas, tínhamos alguns paredros e renomados atletas de muita coragem e bravura. Lembramos e, com muita saudade, dos irmãos Joel e Nelson Fogaça, uma dupla que nunca levou desaforo pra casa.

Ricardo de Moraes, o Velho 'Carioca', jogador de porte físico avantajado, que nas horas de aperto sempre estava presente para defender seus companheiros de equipe. Oriente Fecchio, esportista de primeira linha que, com muito brilhantismo defendeu durante muito tempo as cores do clube de além-rio. Merece, portanto, todo o nosso respeito e carinho, por isso dedicamos a ele um capítulo à parte: atleta de compleição física robusta, dada a sua experiência como 'boxeur', pois chegou a trocar luvas com pugilistas do passado, dentre eles o não menos famoso Marco Pólo. Em 1937 assumiu a presidência do clube, justamente no momento em que a agremiação mais necessitava de apoio e ajuda financeira. Não decepcionou, pois espontaneamente se prontificou a ajudar, oferecendo um empréstimo da ordem de 708\$000 (setecentos e oito mil réis), valor que permitiu estabilizar as finanças do clube. Ao término do seu mandato, foi muito elogiado e cumprimentado pelos seus companheiros de diretoria. Hoje, com 85 anos de idade, residindo em São Paulo (capital), desfruta de merecida aposentadoria.

Dando continuidade ao trato com a rivalidade anteriormente comentada, queremos esclarecer aos nossos amigos leitores que do lado do XV de Novembro havia também alguns que não titubeavam em arregaçar as mangas e esquentar os punhos, sempre prontos a enfrentar qualquer tipo de arranca-rabo. Na galera quinzista havia um cidadão que, pelas suas peculiaridades, se destacava dos demais torcedores. Era uma pessoa conhecida e muito popular. Chamavam-no de Maiolino. Trabalhava como motorista n'um dos estabelecimentos atacadistas da cidade, a tradicional casa centenária dos Irmãos Falzoni. Era um senhor de cor, forte e musculoso que, principalmente aos domingos, se vestia razoavelmente bem, usando chapéu, paletó e gravata. Como complemento à sua indumentária, um velho guarda-chuva que ele fazia questão de carregar para se proteger da chuva ou do sol, mas também de uma inesperada agressão.

Ao comparecer aos estádios para assistir aos jogos do clube favorito, levava consigo uma gaitinha de assopro, especialmente para festejar os resultados favoráveis. Era uma gaitinha semelhante àquela usada pelo saudoso locutor esportivo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, o consagrado Ary Barroso.

De certa feita, n'um jogo realizado no estádio Dr. Kok, em Vila Rezende, um torcedor rezendino, irritado com o fri-fri daquele instrumento de assopro, tentou impedir o incômodo ruído, exigindo do Sr. Maiolino que parasse de tocá-lo. Diante da estranha e surpreendente exigência, os dois entraram em acirrada discussão, ofendendo-se mutuamente e chegando às vias de fato. Maiolino, para se defender, tomou do seu guarda-chuva e desferiu violenta guardachuvada na cabeça do seu desafeto. Com a chegada dos amigos do 'deixa disso', os briguentos foram separados e o ferido conduzido a uma farmácia mais próxima.

Antes de finalizarmos, queremos ainda acrescentar que em razão dessas intrigas e malquerenças, Vila Rezende passou a ser chamada de 'Sibéria', ou quando não de 'Paraguay', uma denominação acintosa, sempre eivada de gozação e zombaria, fato que concorreu seriamente e, durante muitos anos, para um afastamento de amizade cada vez maior entre rezendinos e cidadãos. Essa desarmonia felizmente o tempo conseguiu afastar definitivamente do nosso conceito, dando lugar à soli-

dariedade, um sentimento que contribui de forma significativa para o desenvolvimento e progresso de uma cidade como Piracicaba. Nunca é demais repetir: Piracicaba nasceu na Vila. A Vila é Piracicaba.”

69

Quando os velhos amigos velhos se encontram, via-de-regra, a conversa tem as características que costumam predominar nas conversas entre as pessoas com certa idade (para não dizermos “velhos”!)...

– Puta merda! Tá me doendo por tudo hoje!... é um mardito frio!

– Eh, eh, eh... pra mim tá bão! É o melhor dos tempos... o inverno é saúde!

– É, é, é... tô vendo mesmo! Com toda essa roupa de lã, dá pra sentir o cheiro de queimado! Ocê tá andando todo duro feito robô!

Depois da troca de amabilidades de praxe, vem o “saudosismo”... lembranças do bucólico bonde, tocando a sua sineta nas proximidades das esquinas e nas partidas de seus pontos de parada, dos primeiros ônibus das linhas urbanas e intermunicipais, dos automóveis e dos veículos de tração animal que se prestavam para múltiplos fins – carroças, carinhos, troles, carroções de coleta de lixo – e também dos animais de montaria, utilizados por bom número de homens do bairro e dos sítios próximos.

– Ocê si lembra das boiadas que passavam por aqui, indo pro Matadouro do Corumbataí?

– Minha nossa! Quanto susto a gente levava com os bois e vacas brabas! Eh, eh, eh...

– Por falar em bonde, me vem sempre à mente o quanto o apreciávamos. Todo mundo servia-se dele pela comodidade que oferecia e pela pontualidade de suas idas e vindas, ligando os principais pontos de Piracicaba: Vila Rezende, Paulista, Agronomia e o ponto central comum, que se situava ao lado da Catedral de Santo Antônio, esquina das ruas Boa Morte e XV de Novembro. Um serviço exemplar, além de

barato, seguro, não poluente, promovia também a sociabilidade entre os usuários.

– Verdade! Você se recorda das publicidades fixadas nos bondes?

– Tenho até umas anotadas aqui neste caderninho... olha só:

Publicidades através de cartazes afixados na parte superior e interna dos bondes, a fim de divulgar a qualidade de certos produtos, especialmente medicamentos:

“Veja ilustre passageiro o belo tipo faceiro
que o sr. tem ao seu lado,
mas no entretanto acredite,
quase morreu de bronquite,
salvou-o o **Rum Creosotado**”

“Se o garoto é fraco raquítico,
se não tem disposição para os
folguedos próprios de sua
idade, dai-lhe **Lactagil**,
poderoso medicamento no
tratamento de Sífilis Infantil”

“Para o Bum-Bum do Ne-Ném
talco Ross”

– E o costume de se saltar do bonde andando?

– Todos nós, rapazes, fazíamos isso, sempre, até com chuva!

– Havia aqueles que se destacavam pelos seus estilos, de arrojo e de elegância, né?

– Néis Bertini, as moças Ignês Sampaio, Janeth Morlet, Neidona, esta famosa pela sua formosura e beleza negra ímpares. Chamava-se Neide de Campos, filha de Nhô Prudente e Dona Lina benzedeira, que moravam na Avenida Dona Lidia bem em frente do portão do Estádio Dr. Kok, na casa em que morou o meu pai, Ângelo Rizzolo... ah, que saudade!

– Nem me diga!...



Vista do primeiro Mirante, em 1958.

70

– Rizzolino, ocê pensou em escrever o seu próprio livro ao invés de ficar nos dando todos esses subsídios?

– Já, já... e não me decidi. Mas quero ajudar ocê, como eu fiz com o Alcidãoho...

– ???

– ... assim como auxiliei inúmeros jornalistas para as reportagens que são feitas nas datas expressivas da cidade... tenho enorme prazer em servir de base às pesquisas e aos relatos da nossa terra e da nossa gente. Dá gosto de ver a moçada se deleitando com a prosa, não é vero?!? Eh, eh, eh...

– Tá rindo como eu! Eh, eh, eh... Realmente, sempre nos agrada ouvir e ler os fatos que envolvem as pessoas e entidades da comunidade a qual pertencemos, como por exemplo, esse seu “apanhado” sobre o Sucrêrie:

“O Retorno (uma sorte grande)

Foi realmente uma sorte grande que fez com que o Sucrèrie retornasse a sua velha e preferida praça esportiva.

Um cidadão de nome Jacob Maule, ganhador da Loteria Federal, que na ocasião dividira um prêmio de 600:000\$000 (seiscentos contos de réis) com dois outros felizardos, sensibilizado com a situação dos jogadores sucrerianos, tomou a decisão de, às suas expensas, liquidar de vez com a pendência com o Dr. Kok, pagando-lhe todos os aluguéis vencidos.

Estiveram juntos nessa negociação, como mediadores, os irmãos Alberto e Hans Rehder, os quais, além de batalharem incansavelmente para a volta do Sucrèrie às lides futebolísticas, ainda se prontificaram a assumir a responsabilidade como fiadores, quando da assinatura do novo contrato de locação.

O retorno, embora festejado com grande júbilo, impôs aos jogadores e esportistas o desdobramento de um trabalho de mútua cooperação, com aproveitamento dos dias de folga e descanso para a retirada de todo o capim elefante (a dita ‘forrageira’) que o nobre senhorio mandara plantar no campo.

Festival de Glórias (uma bandeira desfraldada)

Depois que a paz e a serenidade voltaram a reinar no seio da A. A. Sucrèrie, a equipe de futebol melhorou consideravelmente de produção e, a partir de 1930, chegou a alcançar posições invejáveis no cenário futebolístico, inclusive ostentando algumas vezes o título de vice-campeã. Em 1939, a gloriosa equipe, intitulada na época de ‘Esquadrão de Aço’, sagrou-se campeã absoluta do campeonato citadino promovido pela A.P.E. (Associação Piracicabana de Esportes). A equipe campeã esteve assim formada: Goleiros: Genóca e Travessa; Zagueiros: Pedrinho, Augusto Gutierrez e Jorge Castelani; Médios e Centro-Médios: Coringa, Straus, Zi e Zé dos Santos; Linha de Frente: Nino Perossi, Rebeca, Nenso, Tito Ducatti e Dema.

Campeonato Regional (grande conquista)

No mesmo ano, na região de Capivari, ficou campeã a União Rafardense F.C.. A A.P.E., desejando conferir o cetro de campeão absoluto e, portanto, descobrir qual a melhor equipe, determinou, então, que o Sucrèrie e Rafardense disputassem, entre si, a ‘melhor de três partidas’. Na primeira peleja disputada, o Sucrèrie abateu seu contedor pela elevada contagem de 5 a 0; na segunda partida o revés foi ainda maior, 6 a 0,

numa induscutível demonstração de superioridade técnica, fato que permitiu fosse o título comemorado com todas as honras. No dia 7/04/1940 a equipe campeã voltou a se defrontar com a Seleção da cidade, ganhando a partida pela significativa contagem de 4 a 2.

Troca de Nome (uma imposição legal)

Quando da Segunda Guerra Mundial, que durara seis anos (de 3 de setembro de 1939 a 15 de agosto de 1945), onde nosso país tornou-se beligerante, o então presidente da República, S. Exa. Getúlio Vargas, assinou uma lei exigindo que todos os clubes, associações, entidades, grêmios, federações, ligas e tantas outras agremiações que tivessem seus nomes gravados com denominações, insígnias ou símbolos estrangeiros, seriam obrigados a trocá-los por nomes nacionais, sob pena de perderem seus direitos civis e constitucionais.

O Sucrèrie, tendo em vista o prazo para o cumprimento dessa disposição legal, a título precário e até que se escolhesse um nome mais apropriado, fizera realizar no dia 16/06/1941 uma Assembléia Geral Extraordinária para referendar a decisão do Conselho Deliberativo, que aprovou a mudança de denominação de A. A. Sucrèrie para A. A. Sucrere, alteração essa que consistiu apenas na exclusão da vogal ‘i’, do vocábulo estrangeiro ‘Sucrèrie’. Entrementes, o sr. presidente da assembléia explicou que a nova denominação já havia sido anteriormente acolhida e aprovada pela Secretaria de Esportes dos Estado de São Paulo, tendo inclusive expedido o certificado de registro nº 726, datado de 22 (vinte e dois) de junho de 1940.

No dia 14 de junho de 1942, portanto um ano depois, na antiga sede social, cujo endereço era na Av. Manoel Conceição nº 196, em Vila Rezende, realizara-se uma segunda Assembléia, desta feita para escolher definitivamente o nome a que seria dado a nossa gloriosa e tradicional associação esportiva.

Dentre os nomes sugeridos, o que mais se tornara simpático à maioria dos associados, foi ‘Clube Atlético Piracicabano’. Diante da vontade soberana e unânime dos presentes, foi aceita e aprovada a nova denominação, para que, daquela data em diante e para o futuro, passasse a constar de todos os atos oficiais e administrativos.

Compra do Estádio (um extraordinário negócio)

O personagem principal dessa arrojada iniciativa foi o saudoso

e sempre lembrado Contador Lázaro Pinto Sampaio. Foi quem dera os primeiros passos para a compra do estádio, justamente na época em que fora investido no cargo de presidente do clube rezendino, gestão de 1941 a 1943 (período de transição). Era ele uma pessoa benquista nos meios sociais, empresariais, políticos, econômicos e administrativos de nossa cidade e região. Um profissional competente, sempre predisposto às grandes realizações. Essa grande virtude o levou a lançar uma campanha destinada a arrecadar fundos para a aquisição do tão ambicionado imóvel. Lázaro era considerado um 'leader' e, quando fosse preciso, aplicava com maestria a sua tática de influência para convencer as pessoas e ajudá-lo em qualquer tipo de empreendimento.

Depois de receber da Assembléia realizada no dia 16/06/1941 amplos e ilimitados poderes, bem como a incumbência de efetivar o negócio com a viúva herdeira Dona Corina Duvivier Kok, tomando as primeiras providências, fez a abertura de um Livro de Ouro para registro e anotações das contribuições e donativos que porventura viesse a receber.

Trabalhando nas Oficinas Dedini como chefe da contabilidade, tinha quase sempre a 'chance' de contatar com homens de negócios, fornecedores, industriais, comerciantes, sitiantes, proprietários de engenhos de pinga, usineiros etc... Os contatos aconteciam exatamente quando essas pessoas compareciam aos escritórios da firma para acerto de contas, ou, quando não, encomendar serviços ou efetuar compras de máquinas e equipamentos. Era esse o momento propício em que o amigo Lázaro, aliando-se a uma conversação amistosa e saudável, ao sabor de um delicioso cafezinho (*), conseguia abocar as verbas para a sua confiante e esperançosa campanha.

Não podemos deixar passar em brancas nuvens neste relato, sem antes comentar a respeito da contribuição feita pelos empregados da Dedini, autorizando o desconto em folha de pagamento de um dia de serviço de cada um. Os chefes de seções também se dispuseram a colaborar, porém de forma totalmente diferente, ou seja, através de empréstimos hipotecários, os quais, depois de algum tempo, foram transformados em doações. Dos que optaram por essa modalidade, recordamos: José Stockmann, Antônio Pasqual Magagnatto, Luiz Paulino e Carlos Mahn. Essa espontaneidade foi marcada por referências elogiosas, a ponto de ser considerada um exemplo de solidariedade a uma justa e meritória causa.

Com a expressiva manifestação de apoio e a maneira pela qual foi desenvolvida a campanha, a arrecadação, se não alcançou o valor pretendido pela viúva proprietária, ou seja, 50:000\$000 (cincoenta contos de réis), pelo menos chegou a um índice aproximado de 80% (oitenta por cento), considerado altamente satisfatório. Com esse dinheiro e a imprescindível ajuda de três outros vanguardeiros sucrierianos (Hans Rehder, Mário Teles, Ângelo Filippini, este íntimo da família Kok), foi possível convencê-la a reduzir o valor para 40:000\$000 (quarenta contos de réis), uma substancial ajuda que a Diretoria, em reconhecimento, se prontificou a perpetuar a memória do nobre e ilustre patriarca, dando ao estádio a denominação de ‘Estádio Dr. Kok’, uma insígnia honorífica consumada logo após a lavratura da escritura, cujo assentamento se fizera gratuitamente no 3º Cartório de Notas e Ofícios de Justiça no dia 05/08/1941 (livro I, fls. 42V), por nímia gentileza do saudoso tabelião Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

O Clube na Atualidade

Atualmente a diretoria do Clube Atlético Piracicabano procura, de maneira exemplar, enaltecer a atuação dos dirigentes anteriores, atribuindo-lhes a responsabilidade pelo crescimento patrimonial da sociedade, especialmente dos que cumpriram seus mandatos com fidelidade e total desprendimento, dando prioridade às obras de vulto, como aquelas realizadas no ‘Parque Recreativo Gr. Oficial Mário Dedini’.

Palavras do atual Presidente

‘O exemplo deixado pelos ex-dirigentes, valorizando consideravelmente o invejável e sólido patrimônio desta que é uma das maiores associações poli-esportivas de nossa ‘hinterland’, serviu evidentemente de estímulo e encorajamento para que pudessemos, com otimismo e perseverança, dar continuidade e levar avante um projeto com promissoras perspectivas para o futuro. Uma prova dessa dinâmica administrativa foi a construção de um enorme edifício que se encontra no momento em fase de acabamento. O referido prédio que cobre uma área construída de 1.280 m², no próprio estádio Dr. Kok, ao lado da Av. Dona Francisca (Vila Rezende), e que, para todos os efeitos, chamar-se-á de Academia do Atlético, será brevemente inaugurado e entregue aos associados praticantes do Judô/Karatê, Ginástica Aeróbica, Ballet/Dança, Musculação, Hidromassagem e Piscina. Todo esse conjunto está associado a uma

infra-estrutura organizacional, capaz de assegurar o seu funcionamento dentro do aspecto de economia e segurança, uma das principais diretrizes da nossa administração’.

Ao finalizarmos este trabalho, queremos render um preito de gratidão aos diretores, conselheiros, funcionários, enfim a todos que, de uma forma ou outra, emprestaram sua valiosa colaboração em favor do clube. Aos jogadores que vestiram sua camisa, glorificando seu nome, as nossas sinceras e imorredouras homenagens. Aos que partiram desta vida, o nosso sentimento de saudade.”

– Parabéns! Você resgatou dados importantes do passado rezendino. A propósito, esse prédio na Dona Francisca é o que ainda funciona... já o da antiga sede, na Praça Imaculada, foi todo demolido...

(*) *Nota do autor:* o cafezinho era preparado pela Dona Amália Dedini, mãe do industrial Mário Dedini, e servido em finas xícaras de porcelana sobre salva de prata, portanto, no maior requinte.

71

Mais uma sessão de gostoso bate-papo matinal, de primeiro dia de inverno, de 20 de junho de 2009, com fortíssima neblina a limitar-nos a visão para menos de cem metros. Na Vila, o frio é aparentemente mais intenso devido ao rio Piracicaba contorná-la toda, como se a abraçasse literalmente, e o seu leito se parece como um enorme duto condutor dos ventos.

– É, mas hoje não só aparenta, não! Tá um frio danado, sô! Num dava vontade de sair da cama, não! Inda mais, véios como nós! Eh, eh, eh...

– Frio nada! Lá na minha terra é que faiz frio!

– !?! Sua terra !?! i ocê num é vilarezendino, não?!?

– Eh, eh, eh... tô te provocando... tá um gelo, mesmo! Vim perturbá-lo novamente e estou devolvendo-lhe as matérias publicadas já refeitas e com novas cópias para seu arquivo...

– Ótimo! Leia o que ocê escreveu... enquanto isso vou passando-lhe mais alguns recortes também meus.

Dito e feito. A nova (velha) papelada inclui o relato sobre um homem bastante popular, estimado pela sua simplicidade e simpatia e sempre bem humorada participação na comunidade. Por coincidência, esse senhor foi meu tio-avô, irmão caçula de minha nona Carolina, morador, no final da vida, da Bimboca, na Avenida dona Santina, à época, a última rua da Vila Rezende, além da qual só havia pastos e lavouras à margem direita do rio.

“Limão, o carapeteiro” – Euclýdes Rizzolo

“Com jeito acaipirado, claudicando nas articulações das palavras, Antônio Bottene, mais conhecido pela alcunha de ‘Limão’, vivia na companhia de seus colegas de serviço, a maioria cortadores de cana, contando suas lorotas, façanhas e aventuras.

Era sempre motivo de alegria a sua presença nas horas de lazer e descanso, mormente nas tardes domingueiras e nas noites enlouradas, quando o pessoal se reunia, sentando-se na relva e em frente às moradias dos colonos.

O ambiente, considerado de aconchegante prazer, revestia-se de maior e mais intensa alegria quando Antonio Bottene comparecia, trazendo a tiracolo a sua velha e surrada sanfona de oito baixos. Tocando suas antigas e inesquecíveis modinhas, motivava a moçada da redondeza para um bailinho de arrasta-pé.

Era ele uma pessoa pachorrenta que, com muita calma e paciência, conseguia atrair as pessoas, algumas até certo ponto ingênuas, para poder narrar suas fantasiosas estórias, por vezes das mais extravagantes e jocosas.

Certa vez, abusando como sempre da credulidade da gente mais simples e humilde, contou que fora pescar lambaris na cachoeira próxima à Usina Monte Alegre. Depois de algumas horas pescando, já com uma razoável quantidade de peixes em seu bernal, o pequeno anzol acabara se enroscando. Como não havia possibilidade de desenroscá-lo, apesar de várias tentativas, resolvera descer e se aproximar até o local para desprendê-lo de alguma pedra ou algo estranho. Chegando ao ponto desejado e com muito cuidado, qual não fora sua inesperada surpresa quando avistara, submersa nas águas do rio, u’a máquina de costura, de sete gavetas, em perfeito estado de conservação. Por incrível que possa

parecer, tivera ainda a coragem de dizer que no interior de uma das gavetas havia um peixe vivo, o conhecido e feioso cascudo.

Outro caso interessante sucedera por ocasião de uma das maiores enchentes do nosso rio. Dissera que a enchente fora tão violenta que as águas invadiram casas, terrenos, quintais etc, levando de roldão tudo que encontrassem pela frente. O galinheiro, que ele havia construído com tanto carinho, fora arrastado rio abaixo, feito uma embarcação. O galo de estimação da família, para se proteger da fúria das águas, ficara empoleirado em cima da cumeeira do galinheiro, batendo as asas e cantando tranquilamente o seu ‘co-có-rô-có’.

De outra feita, contara com a maior naturalidade deste mundo que quando tocava no Bairro Monte Alegre, o pessoal da Fazenda Santa Rosa, que ficava do outro lado do rio, à distância de mais de um quilômetro, dançava, aplaudia e pedia bis.

Numa outra ocasião um inédito e surpreendente caso acontecera com um pé de mamão plantado no quintal de sua casa. A carga de mamão fora tão grande, mas tão grande, que o terreno, não suportando o peso, acabara cedendo e abrindo um buraco de mais de dez metros de profundidade, fazendo desaparecer por completo o pé de mamão. O mais difícil depois, fora arranjar os dois caminhões de terra para tapar o enorme buraco deixado pelo extraordinário fenômeno.

O mais engraçado é que as pessoas escutavam essas troças e estapafúrdias estórias, todas cercadas de disfarçada seriedade, se viam constrangidas e acabavam aceitando como contos verídicos, para não decepcionar o estimado amigo e companheiro.

Antonio Bottene, depois de algum tempo deixara definitivamente a Fazenda Monte Alegre para vir morar em Vila Rezende, conseguindo por intermédio de parentes e amigos mais chegados arrumar um emprego de guarda-noturno nas oficinas Dedini, atividade que desempenhara com muita dedicação, perseverança e pontualidade.

Veio a falecer aos 73 anos de idade. Na oportunidade recebera as homenagens póstumas de seus familiares e de todos aqueles que o estimavam de coração aberto e com sinceridade.”

Enquanto escrevíamos este capítulo, no dia 18 de Junho de 2009 falecia o ilustre professor Dr. Ernesto Paterniani, aos 81 anos de idade, catedrático emérito da ESALQ, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, na área de Genética e mais especificamente na pesquisa aplicada ao melhoramento genético do milho – seus trabalhos renderam a si e à instituição universitária os maiores prêmios e laureas acadêmicas nacionais e internacionais. A ESALQ rendeu-lhe as últimas homenagens velando o seu corpo no Salão Nobre da faculdade que ele, em vida, como aluno e mestre, soubera honrar com amor, dedicação abnegada e profundo orgulho. O seu sepultamento deu-se às 10 horas do dia 19, no Cemitério da Saudade.

Casado com a Sra. Yanned Paulina Stipp, é filho de José Paterniani e Almerinda de Vita, e deixou os filhos: Dra. Maria Lídia; Dr. José Euclides, casado com Maria Elisa Guidetti Zagatto; Dra. Ana Lúcia; Dr. Paulo Ernesto e Dr. Ricardo, e os netos João Paulo, Luísa, Felipe, Stela e Alice Teresinha.

Nesse curto espaço de tempo, de menos de sessenta dias, a Vila Rezende sofreu o impacto dos falecimentos de três ilustres cidadãos: Prof. Deoclécio Soave, esportista Oswaldo Raymundo da Silva e o acima reverenciado, Ernesto Paterniani, todos eles membros do Rotary Club Piracicaba Vila Rezende.

– Pedrinho, a Dona Cidinha sabe do quê ocê anda escrevendo?!
Ocê dá atenção pra esse pessoal todo, e eles?! Colaborou consigo?!

– Cride, ocê sabe muito bem, até melhor do que eu, da nossa preocupação para com o passado da nossa gente! Não esmorecemos, nunca... é sempre difícil obter apoio para esse tipo de trabalho que, na verdade, costuma remexer nas lembranças adormecidas e despertar antigos sentimentos.

– Verdade! Quando mencionei a saudosa Neidona, veio-me à mente aquela sensação gostosa da juventude, quando nos aprazia sair andando pelas cercanias da Vila, na direção da fazenda Santa Rosa ou, do outro lado, nas terras ainda despovoadas da antiga chácara da Baronesa, rumo ao Corumbataí...

– Isso é frequente em mim... caminhar pelas redondezas da Vila e também do outro lado do rio, onde hoje moro... mas é do chão de

terra que sinto imensa saudade, mesmo! Sim, de ir caminhando pela estradinha salpicada de pedriscos e de pedregulhos soltos, com touceiras de capim e de ervas daninhas que costumam crescer e, mesmo na seca, resistir sem aquele viço normal, e, à medida do avanço das passadas um tanto preguiçosas, a gente vai se dando conta do quanto nos alegrávamos com pouquíssimas coisas encontradas na própria natureza.

– Indo lá pelas margens do rio, víamos a passarada toda, rica em variedades de cores e de portes, com as espécimes cobiçadas pelos seus belos cantos, como papa-capim, curió, correntino, fogueiro, azulão, canário da terra, bicudo, trinca ferro, pássaro preto, coleira, coleira do brejo, caboclinho, pintassilgo, cardeal, tico-tico e outros mais. Hoje, infelizmente, o asfalto assinala o avanço da área urbana, significando-nos o crescimento horizontal da cidade e consequente diminuição do espaço outrora naturalmente preservado e reduto das aves e animais silvestres.

– É, ainda imagino-me próximo daquela curva que antecedia a pequena ponte de troncos de árvores e de piso recoberta de terra batida, ou melhor, de terra socada firmemente, sem beirais e sobre o riacho que era capaz de até transbordar por ocasião das chuvas, quando então, munidos de improvisadas varas de pescas, íamos tentar apanhar as piavas e traíras, que milagrosamente surgiam em suas águas barrentas. Ultrapassada a pontinha, forte o suficiente para a passagem das carroças carregadas de cana-de-açúcar, a estrada seguia tortuosamente na direção dos sítios de meus outros tios e primas, ladeada de canaviais e das apreciadas árvores frutíferas, principalmente de mangas e de abacate, e conforme os declives do terreno, tínhamos os barrancos, ora desnudos, ora com capim e arbustos, a convidar-nos para rápidas escaladas e seguidas escorregadelas para a loucura de nossas mães ao ver-nos retornar com os fundos das calças sujos e, às vezes, rasgados. Ah, que saudades!

– Quando falamos da Vila, o nosso coração bate mais forte e as energias se fortalecem, dando-nos a sensação de rejuvenescimento que, guardadas as limitações entre a realidade e a imaginação, se não nos faz mais jovens, pelo menos nos prolonga a vida, o que nos resulta em um significativo lucro. Revirando o bolso da velha blusa de frio, encontrei uma papeleta contendo uma das tantas anotações que faço ao deparar-me com algo de valor: “Deus não deduz da nossa existência terrena o tempo que passamos a pescar”. Não sei se a frase original é exatamente

assim, mas será, certamente, muito semelhante. E eu digo que também é semelhante em relação ao tempo que o homem dispende ao avocar as boas lembranças de seu passado. Estou, ou não, certo ao assim raciocinar?

73

– “Uma colcha de retalhos”... expressão comumente empregada quando se quer definir um conjunto heterogêneo de unidades que contribuem para consolidar um único conglomerado que, neste nosso caso, é a Vila Rezende. Também se aplica em relação a Piracicaba como cidade ao unir sob o seu único nome, todos os bairros do município: “uma colcha de retalhos”. Aplica-se até às famílias, à medida que ela cresce e se desenvolve.

Na Vila, com a família Rezende registrou-se a união das casas da nobreza do Segundo Império – Rezende, Valença, Serra Negra – e por presença na comunidade como força de trabalho, os negros escravos de origem africana e os imigrantes europeus – ainda no século XIX. A miscigenação dessas nacionalidades todas estava desencadeada e prosseguiria durante o século XX e até os dias atuais esse processo é ainda fator de relevância nacional.

Do ponto de vista econômico contemplamos a cultura da cana-de-açúcar, a rudimentar fabricação do açúcar mascavo e da rapadura e das primeiras alambicadas de aguardente e, em seguida, a criação do precursor dos engenhos centrais açucareiros – o Engenho Central – com seu maquinário importado da Europa, a alavancar o início de uma fase de desenvolvimento econômico e social da cidade e região. Com o Engenho e a vinda dos técnicos e empresários franceses para Piracicaba, descortinaram-se os horizontes da sociedade piracicabana em todos os sentidos.

– Agora entendo melhor a presença do cidadão dinamarquês nas terras vilarezendinas!

– Dr. Holger Jensen Kok?

– Justamente! Para muitos, esse nome ligava-se ao Estádio Dr. Kok, do Clube Atlético Piracicabano, né? No mais, quase que um desconhecido!

– Um notável personagem da história vilarezendina, que eu tive o prazer de conhecer e de relatar alguns fatos de sua vida. Tá aqui, o artigo publicado no jornal “A Tribuna Piracicabana”, de 19 de junho de 1999, por mim, Euclides Ferrúcio Rizzolo:

“Holger Jansen Kok

Nasceu em Korsôr, na Dinamarca em 20/10/1868. Concluiu seus estudos universitários na Escola Politécnica de Copenhague, formando-se engenheiro civil em 1893. Após o serviço militar na Marinha, seguiu para Paris (França), onde em 1895 foi contratado para dirigir a Usina São João, no Recife (Pernambuco). Terminado o contrato com aquela usina, foi convidado para gerenciar o Engenho Central de Piracicaba, onde chegara em meados de 1899 (seguramente há 100 anos).

Em 18 de maio de 1901, casara-se no Rio de Janeiro com Corina Duvivier, de tradicional família carioca. Desse casamento originaram-se três filhas e três filhos, dentre eles o conhecido Dr. Einar Kok, que foi secretário da Indústria e Comércio de S. Paulo, no governo Montoro. O Engenho Central de Piracicaba foi adquirido por uma Companhia francesa que, juntamente com os Engenhos de Porto Feliz, Rafard, Cupim e Tocos (estes dois últimos instalados no Estado do Rio), constituíram a empresa denominada Société des Sucrerie Brésiliennes. Dirigira o Engenho Central até 1927. Durante esse período, integrara-se à sociedade piracicabana, granjeando a simpatia e amizade de tradicionais famílias locais, inclusive dos estudantes e docentes da nossa conceituada e pioneira ‘Escola Agrícola’, a internacionalmente conhecida Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’. Era uma pessoa dinâmica e empreendedora. Afeito às grandes obras e realizações, decidira instalar em Piracicaba a serraria ‘Aliança’, importante empreendimento que chegara a funcionar por vários anos nas proximidades da antiga Estação da Sorocabana; fundou, também, uma companhia de navegação fluvial, com dois rebocadores e quatro chatas, as quais transportavam toras até o Porto João Alfredo (hoje Ártemis) e depois levadas até Piracicaba pela Estrada de Ferro Sorocabana. Dos inúmeros investimentos realizados em Vila Rezende, destacamos apenas os que revelam fatos puramente desconhecidos da população rezendina. Citamos, portanto, os seguintes: 1. sua antiga mansão na Avenida Dona Maria Eliza nº 296, prédio que hoje pertence ao casal Marcos/Lucely Teixeira Cardinali. Além dessa majestosa residência, que ainda conserva estilo arquitetônico genuinamente francês, tivera ainda como

posse legítima: a área onde atualmente se localiza a principal praça de Vila Rezende, a oficialmente conhecida Praça Imaculada Conceição. A referida área que, para os efeitos legais, era identificada como Jardim Novo, mais popularmente, como Jardim do Kok, foi objeto de negociação amigável e transferida à Prefeitura Municipal de Piracicaba. Notabilizou-se como articulador dessa negociação, a figura inesquecível de Josué Blumer que, na qualidade de legítimo representante do bairro à Câmara Municipal, empenhara-se bravamente e sem tréguas no sentido de conquistar e incorporar tão valioso e acolhedor recanto ao Patrimônio Público Municipal; 2. o campo de futebol localizado na Avenida Dona Lidia, foi também negociado com a Associação Atlética Sucrèrie (atual C.A. Piracicabano), o qual ostenta até hoje o nome de estádio Dr. Kok, em homenagem ao respeitável e honrado cidadão; 3. as casas iguais e geminadas construídas na Avenida Dona Francisca, trecho entre a Avenida Manoel Conceição e Barão de Serra Negra que, em virtude de reformas e modificações levadas a efeito, não mais se apresentam com suas aparências externas primitivas. Essas casas foram habitadas por famílias das mais antigas de Vila Rezende, dentre elas as seguintes: famílias Domingos Furlan, João Mainardi, Baptista Seghesi, Leonardo Sarcedo, Leodônio de Oliveira Diniz, Albino Orlandim, Ottorino Marchezoni, Ângelo Rizzolo e Luiz Samprogna (este último, pai do aposentado José Samprogna, vulgo ‘Zé Ratão’).

Um fato curioso e interessante que devemos relatar neste trabalho, refere-se à generosidade do Dr. Kok em fazer constar do seu testamento um legado, isto é, a doação de uma das casas desse grupo, a de número 654, à família Seghesi, foi, sem dúvida alguma, um ato de benevolência e reconhecimento pelos inestimáveis e relevantes serviços prestados pelo prestimoso Baptista Seghesi, ao longo de muitos anos, à família Kok. O dedicado Baptista se encarregava de diversas tarefas na antiga morada da família: era jardineiro, hortelão, cozinheiro, confeitiro, e, às vezes, fazia o papel de mordomo em ocasiões especiais; 4. as duas últimas propriedades que possuiu em Vila Rezende foram negociadas pelos seus herdeiros com a Cooperativa Piracicaba de Usinas de Açúcar e Álcool do Estado de S.Paulo – COOPIRA, assim descritas: a) ‘um imóvel constituído de terreno e prédio, localizado na Avenida Dona Maria Eliza nº 352’; nesse local funcionou, durante muitos anos, uma escola primária, o não menos conhecido e glorioso Grupo Escolar ‘José Romão’;

b) ‘um terreno de forma irregular, com 2.020,00 m² de área, localizado na Avenida Dona Lidia de Rezende, esquina com a Avenida Américo Brasiliense.’ Nesse terreno a família Kok mantinha uma horta, por sinal muito bem cuidada. Dr. Kok era uma pessoa por demais conhecida e, por muitas razões e motivos, mereceu o seu nome numa das ruas de Vila Rezende. Faleceu no dia 18 de abril de 1936. Seus descendentes são hoje muito mais numerosos no Brasil do que seus parentes na Dinamarca.

Fatos Curiosos e Pitorescos

Cidinho era um menino de apenas treze anos, mas muito levado da breca. Depois que retornava da escola, não via hora de botar os pés fora da porta a sair à procura dos amiguinhos da vizinhança para mais um dia de travessuras, acabando por deixar seus pais bastante preocupados, os quais, na maioria das vezes, nem mesmo sabiam do seu paradeiro.

Certo dia, vestindo calça pula-brejo feita de pano de saco de açúcar, suspensórios em viés, boné inclinado na cabeça, descalço como sempre, levando na algibeira de trás o seu inseparável bodoque e uma porção de pedras miúdas, passou a rondar o encantado Jardim do Kok que ficava bem próximo de sua casa.

O jardim era todo fechado de muros. Do lado da Avenida Manoel Conceição o muro era mais alto. A avenida era de terra batida e pouco conservada. No interior do jardim um pé de corrupio pendia seus galhos para o lado de fora da avenida. Ali postado, o menino passou a atirar pedras com o seu bodoque para derrubar da árvore as cobiçadas bolinhas cor de cera. Eram os chamados corrupios. Essas bolinhas eram muito procuradas pelos meninos da redondeza, pois, com certa habilidade, transformavam-nas em apito, cujo silvo se assemelhava àqueles emitidos pelos juízes de futebol.

O menino, que tranquilamente atirava as pedras na árvore, de repente foi surpreendido com uma voz que dizia: ‘peca Lupo, peca Lupo’. Olhando de soslaio, percebeu que a voz partia de um senhor vestido de branco, com quase dois metros de altura. Era o Dr. Kok, que trazia junto de si, preso a uma correia, o seu estimado cão dinamarquês. O menino, apavorado com o que via, desembestara-se rua abaixo, vindo a tropeçar e cair logo na primeira valeta encontrada. O Dr. Kok, movido por um sentimento de culpa e arrependido por ter pregado um grande susto no insólito rapaz, pergunta: ‘Machucô?, machucô?’

O menino, que já havia se levantado, estando com a roupa suja

de terra e com algumas escoriações nas pernas e nos braços, talvez com medo, disse que estava bem e que desejava ir para casa. O Dr. Kok, no entanto, não quis saber de conversa e falou ao encabulado rapazote: ‘Vá ali no botica da Pacheco que eu paga o curativa’.

O Dr. Kok tinha por costume percorrer, de vez em quando, as dependências do Engenho e outros setores de atividades, inclusive algumas frentes de trabalho na lavoura. Era, por assim dizer, um autêntico administrador, idêntico aos saudosos Com. Mário Dedini e Prefeito Com. Luciano Guidotti.

Certo dia, logo pela manhã, apareceu no galpão da Cavalaria (Cocheira), justamente no momento em que os empregados manejavam os animais que seriam liberados para o serviço de cultura e pastagens.

Ao se aproximar do local, fez um gesto discreto, tirando levemente o chapéu, com a intenção de cumprimentar a todos de uma só vez. Como a maioria dos empregados desse setor também usava chapéu, a recíproca ao cumprimento do patrão se fez de maneira semelhante e muito respeitosa.

Naquele instante, um dos empregados, por apresentar um pequeno defeito no braço direito, deformidade que comprometia parcialmente a sua articulação, teve, forçosamente, que utilizar o braço esquerdo para levantar o direito e assim alcançar a aba do chapéu e retribuir a saudação recebida.

Pressentiram os que ali se encontravam que o patrão de repente abandonou o local com uma cara de ‘quem comeu e não gostou’, deixando transparecer que teria ficado aborrecido com algum procedimento inconveniente praticado por alguém naquele momento.

Pouco tempo depois, era chamado para comparecer aos escritórios do Engenho o encarregado da cavaliária, a fim de prestar esclarecimentos sobre o desagradável acontecimento verificado no setor de sua responsabilidade.

Ao comparecer aos escritórios, deparou novamente com a figura do ilustre diretor sentado a pouca distância. Cumprimentou-o, repetindo o mesmo gesto da vez anterior, fato que serviu para revelar o verdadeiro protagonista do suposto ato de insolência. O Dr. Kok, sentindo-se ainda mais ofendido, pediu de imediato a presença do seu auxiliar direto, a fim de ordenar a dispensa do referido empregado. Ao seu imediato, que nada mais era que o jovem Ângelo Filippini, disse categoricamente: ‘Este é o homo que me deu o banana parra mim. Eu não quer mais este homo na serviço. Mande emborra’.

O auxiliar administrativo, que já conhecia de sobejo a pessoa do pretense acusado, respondeu: ‘Dr.?! O senhor está cometendo uma grande injustiça com o Sr. Ferrúcio. Ele é uma pessoa íntegra, recatada e de ótima reputação. Além disso, um experiente cocheiro, pois tem correspondido plenamente no desempenho de suas funções, nada deixando a desejar. Conheço inclusive seus familiares, cujas pessoas são dignas de todo o nosso respeito e carinho. A esposa dele, Dona Amália, foi a minha primeira professora, onde aprendi as primeiras lições e um pouco da gramática italiana. Além disso, devo ainda informar ao prezado diretor que o Sr. Ferrúcio sofreu um grave acidente, caindo do lombo de um cavalo. Teve em consequência uma fratura exposta no braço direito que, infelizmente, a medicina não pode lhe dar uma cura satisfatória. Portanto, é esse o motivo pelo qual o Sr. Ferrúcio não consegue erguer o braço direito sem a ajuda do braço esquerdo, deixando, toda vez, a impressão de estar dando ‘banana’ às pessoas conhecidas e amigas.’

Diante dos incontestáveis argumentos do Sr. Filippini, o Dr. Kok, demonstrando constrangimento, não teve outra alternativa a não ser acatar as ponderações e aceitar que o italiano Ferrúcio retornasse ao seu posto de trabalho.

Terminado o acidental acontecimento, o Sr. Ferrúcio despediu-se agradecendo o apoio e a solidariedade manifestada pelo Sr. Filippini a seu favor, finalizando com a seguinte exaltação patriótica: ‘Sento che i braccio destro non posso fare molte cose, ma com l’appoggio del sinistro posso alzare lê bandiera del nostra Itália e sventolare le bandiera della nazione brasiliana’.

Outro rumoroso caso que despertara atenção dos moradores do bairro foi o acidente que provocou com o seu veículo, um ‘Ford’ ano 1928. Dr. Kok perdeu a direção, atropelando um senhor bastante idoso. No mesmo instante brecou o carro, descendo rapidamente para socorrer a vítima. Vendo-a em estado de lucidez e aparentemente sem nenhum ferimento, ergueu-a do chão, a fim de levá-la a uma farmácia mais próxima, mas não deixou de espicaçar com mais umas das suas arremetidas: ‘Ó!! Mas o senhor também non pula!!!’”

A Vila Rezende, como já afirmamos, politicamente não ocupou o espaço que poderia ser seu por deter o poder econômico na cidade, e também por questão de herança; afinal, o seu fundador e influente homem público foi o sempre respeitado Barão de Rezende, amplamente relatado nesta modesta obra.

– Pedro, eu fui anotando os nomes dos vilarezendinos que ocuparam os cargos de vereador na Câmara Municipal de Piracicaba... interessa-lhe?!

– Sim, Rizzolo... vamos registrar aqui:

“Vereadores por Vila Rezende:

Nome	Legislatura
Ângelo Filippini	1952/1955
Armando Pizelli	1960/1963
Aristides Giusti	1948/1951
Benedito Fernandes Faganello	1973/1977
Bruno Prata	1983/1988 – 2008/2012
Domingos José Aldrovandi	1952/1955 – 1956/1959
Estevão Ribeiro de Souza Rezende	1873/1876 – 1876/1880 1887/1889 – 1893/1895 1898/1901 – 1905/1907
Francisco Cesta Neto	1948/1951
Guerino Trevisan	1969/1972
João Vendemiatti	1956/1959
Josué Blumer (Jeová)	1948/1951
Luiz Paulino (suplente)	1948/1951
Lázaro Pinto Sampaio	1952/1955 – 1956/1959 1964/1969
Newton da Silva	1964/1969 – 1973/1976 1977/1980 – 1981/1988
Natal Vello (suplente)	1952/1955
Oscar Manoel Schiavon	1952/1955 – 1956/1959 1960/1963
Sidney Bonachella	1983/1988

Waldomiro Perissinotto	1948/1951
Dovílio Ometto	1948/1951
José Coral	1977/1980 – 1983/1988

– O meu amigo Américo Perissinotto, quando se aposentou, por ser um homem afeito ao trabalho não se acomodou e foi prestar serviço à comunidade como político ativo, no cargo de primeiro vice-prefeito de Piracicaba vilarezendino, no período de 1973 a 1977. Instalou o seu gabinete na casa que morou o Sr. Genoca Cenedese, nas esquinas de Dona Francisca – Mário Dedini – Rui Barbosa, onde deu expediente diário para os assuntos exclusivos da Vila Rezende.

– Você observou o número de anos de permanência do Barão na Câmara?

– E naquela época, não havia a tal da remuneração, não! Nadinha!... tinham por paga a dignidade do cargo e, conseqüentemente, o respeito do povo e o seu destaque nos meios sociais.

– Por falar nesse respeito, veja na relação os nomes de Lázaro Pinto Sampaio e de Newton da Silva.

– Sim, dois representantes da Vila no Legislativo.

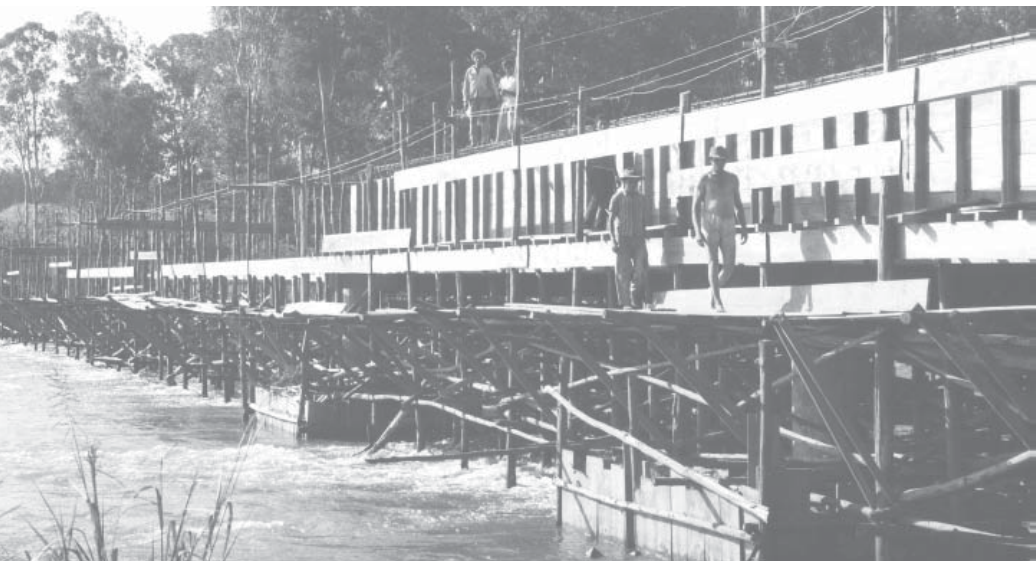
– Dois empregados da Dedini! Lázaro foi seu diretor e acionista em várias das empresas do grupo. Já o Newtinho – como era carinhosamente chamado pelos vilarezendinos – teve papel importante na fundação do Sindicato dos Empregados das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Piracicaba e de Rio das Pedras, por certo o primeiro da cidade.

– O Newton da Silva, no Sindicato, exerceu dignamente as funções de representante dos operários piracicabanos, prestando-lhes relevantes serviços, principalmente assistenciais – saúde, educação e judicial trabalhista – por décadas, com extremada dedicação. Atendia a todos com solicitude e empenhava-se na solução de seus problemas, gratuitamente...

– Incondicionalmente!

– Não tinha sequer automóvel... percorria a Vila na “sola de sapato”, confundindo-se com o cidadão comum. Sua vida exemplar, familiar e profissional, merece ser enaltecida e referenciada por todos os piracicabanos.

– Amém!



Ponte sobre o rio Piracicaba.

75

Os registros das atividades religiosas paroquiais, não apenas da Igreja Católica Apostólica Romana, têm sido valiosas contribuições aos estudos históricos das comunidades, principalmente nos seus primórdios, quando então eram poucos os que se dedicavam a tal mister. Os párocos mantinham os seus livros de registros com razoável precisão e de modo organizado em decorrência da educação religiosa, sem dúvida superior à grande maioria da população.

Na Vila Rezende, na paróquia da Imaculada Conceição, os vigários habituaram-se a editar regularmente as notícias das suas atividades religiosas comunitárias, imprimindo-as sob a forma de folhetos muito bem elaborados, inclusive com fotografias expressivas. E é através desses folhetos que resgatamos parte da história do bairro, de um exemplar datado de dezembro de 1917 – pertencente ao arquivo do Sr. Euclides Ferrúcio Rizzolo.

Empenhado na elaboração do terceiro volume do livro “Memória da Vila”, dei-me conta, em tempo, da necessidade de enaltecer o trabalho de um dos mais expressivos filhos da Vila Rezende, mencionado por mim e por todos quantos se ocuparam com os assuntos desse importante bairro piracicabano.

Euclides Ferrúcio Rizzolo poderia perfeitamente ser o autor de um bom livro sobre a Vila Rezende, pelos seus conhecimentos e privilegiada memória e, indiscutivelmente, em função das atividades que desenvolvera ao longo de sua existência dentro dos limites geográficos da Vila. Ao invés de elaborar uma obra sua, prefere oferecer os seus registros valiosos aos amigos, como eu, e aos jornais que o procuram para edição de reportagens regionais.

Nascido em 1924, Rizzolino percorreu o longo caminho de um profissional autêntico, que iniciou como aprendiz de escritório até chegar ao alto posto de administrador de empresa privada, trabalhando sempre ao lado de grandes nomes da indústria piracicabana, mercê de suas qualidades de competente profissional, conhecedor de todos os trâmites operacionais das empresas de porte. Da Dedini nunca se desligou umbilicalmente, transferindo-se às Cooperativas Centrais de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo por vinculações de interesses comuns corporativos, nelas permanecendo até exceder o limite da idade regimental.

Participativo espontâneo, sempre integrou os movimentos que objetivaram atender as necessidades da comunidade sem se preocupar consigo mesmo, ou seja, com as suas horas de lazer e de entretenimento, salvo o tempo diário que sempre dedicou aos pássaros canoros, principalmente curiós e papa-capins para não negar a tradição vilarezendina. Assim sendo, lá encontramos o Cridão batalhando como diretor de clubes e associações desportivas, de sociedades de benemerência e caridade, de instituições educacionais e culturais como associações de pais e mestres, bibliotecas e creches etc. e tal, com disposição e vigorosa dedicação de dar inveja a qualquer um. Mesmo após merecida aposentadoria, o caro amigo não declina dessas atividades comunitárias, ocupando-se delas com admirável entusiasmo.

Prestativo e atencioso, só se lamenta da perda de fotografias e de documentos levados como “empréstimos” por consulentes, que não são mais “devolvidos”. Aliás, essas atitudes voltam-se contra os reais pesquisadores injustamente, dificultando-lhes a obtenção de subsídios para os seus trabalhos, por mim sentida ao solicitar o auxílio das famílias tradicionais do bairro.

77

Mário Neme, brilhante historiador piracicabano, publica em agosto de 1952 a separata da Revista “Investigações” (Ano IV – nº 44), na qual nos fala sobre “O primeiro colonizador de Piracicaba”, com o propósito de enaltecer a memória daquele que, sem dúvida, foi o primeiro cidadão a estabelecer-se nas terras piracicabanas, muitos anos antes de qualquer outro homem branco firmar-se por estas paragens. O pioneiro foi o ituano Felipe Cardoso que, em 1721, por razões não desvendadas, inclinou-se à vontade de assentar-se nesta parte do sertão paulista. Não caberia a ele o termo de “colonizador” ou de “povoador”, mas certamente o qualificativo de “sertanista”. Há até nas entrelinhas do respeitável Neme, o tom mágico de misteriosa trama romancesca, envolvendo um casal de jovens apaixonados, suas famílias e amigos bandeirantes que resolveram intervir a favor dos namorados e, por certo, seria assunto para interessante livro.

Felipe Cardoso morou no alto da colina onde é hoje a Catedral de Santo Antônio, ocupando toda a área central da cidade, de 1721 a 1767, portanto, pelo espaço de quarenta e um anos, bastante para a época, quando a vida das pessoas era relativamente curta devido às doenças. Sesmaria pedida em 26/06/1726 e confirmada em 26/6/1728.

Mais uma vez nos deparamos com evidências da intencionalidade de se fundar a povoação de Piracicaba onde nos encontramos realmente e do interesse do Capitão Antônio Corrêa Barbosa pela exploração da madeira da árvore Tamboril – orelha de macaco – apropriada

à construção de barcos e abundantemente encontrada nessa parte da floresta.

Fundada a povoação, perde-se a referência ao sertanista Felipe Cardoso e sabe-se que, dezessete anos depois, a mudança da base oficial da ocupação do solo se faz, passando-se da margem direita à margem esquerda, e se registram as contrariedades sociais e políticas que o impetuoso capitão protagoniza ensejando uma biografia conturbada e ainda longe de ser devidamente escrita, pelo menos melhor esclarecida àqueles que desejam inteirar-se da realidade dos fatos históricos de sua cidade. Infelizmente, é sensível o empobrecimento cultural na base da sociedade brasileira e, até aqui, considerada berço e celeiro da cultura paulista, constata-se a diminuição da intelectualidade piracicabana. Lamentável, simplesmente.

Capitão Povoador, Antônio Corrêa Barbosa. Onde morrera e fora sepultado? Sua família e sua descendência? Felipe Cardoso? E outras personalidades mais que, de uma forma ou outra, contribuíram à formação do passado piracicabano. Vila Rezende, depois da mudança da povoação, em 1784, ficou esquecida até ressurgir atrelada ao Barão de Rezende, proprietário legítimo das ricas terras de além-rio.

Finalmente...

DEDICATÓRIA

Encerro aqui este meu terceiro volume sobre a história da Vila Rezende e faço dela singela homenagem às personalidades por mim enumeradas, e como tributo de respeito e agradecimento, dedico-o à minha família – esposa, filho e nora; filhas e genros, netos e netas – e aos caros amigos conterrâneos.

“In memoriam” a reverência aos meus familiares e aos vilarezen-dinos falecidos, como pleito de saudade e sentimento de profundo respeito.

Tchau! Até algum dia...



Diretoria Executiva IHGP 2014 – 2016

PRESIDENTE: *Vítor Pires Vencovsky*

VICE-PRESIDENTE: *Toshio Iczuca*

1º SECRETÁRIO: *Valdiza Maria Capranico*

2º SECRETÁRIO: *Pedro Caldari*

1º TESOUREIRO: *José Carlos Esquierro*

2º TESOUREIRO: *Moacir Nazareno Monteiro*

ORADOR: *Gustavo Jacques Dias Alvim*

DIRETOR ACERVO: *Renata Gava*

Suplentes:

1º *Almir de Souza Maia*

2º *Luiz Antonio Balamint*

3º *Alexandre Sarkis Neder*

Conselho Fiscal

1º *Antonio Messias Galdino*

2º *Claudinei Pollesel*

3º *Legardeth Consolmagno*

Suplentes Conselho Fiscal:

1º *Noedi Monteiro*

2º *Antonio Carlos Neder*

3º *Geraldo Claret de Mello Ayres*

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Rua do Rosário 781

Centro | Piracicaba SP

Tel.: 19 3434-8811

E-mail: ihgp@ihgp.org.br

Site: www.ihgp.org.br



“... a história da Vila Rezende registrada na maneira mais prazerosa que escritores poderiam encontrar para fazê-lo: através de histórias reais, de gente que amou, chorou, se esforçou, muitas vezes chegou onde queria, e outras nem tanto...”



Ação Cultural



PIRACICABA
Prefeitura do Município

ISBN 978-85-65657-07-5



9 788565 657075